UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO Doutorado em Educação

CLAUDINO GILZ

LIVROS DE LEITURA DA ESCOLA GRATUITA SÃO JOSÉ: A PRESENÇA DOS FRANCISCANOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E NA INSTRUÇÃO PRIMÁRIA EM PETRÓPOLIS – RJ (1896-1925)

Itatiba

CLAUDINO GILZ - R.A. 002201401034

LIVROS DE LEITURA DA ESCOLA GRATUITA SÃO JOSÉ: A PRESENÇA DOS FRANCISCANOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E NA INSTRUÇÃO PRIMÁRIA EM PETRÓPOLIS - RJ (1896-1925)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutorado em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Processos Formativos

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães

Coorientadora: Profa. Dra. Cleonice Aparecida de

Souza

Itatiba

2018

37(81)(091) Gilz, Claudino.

G398L

Livros de leitura da Escola Gratuita São José: a presença dos franciscanos na educação brasileira e na instrução primária em Petrópolis - RJ (1896-1925) / Claudino Gilz. -- Itatiba, 2018. 288 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.

Orientação de: Maria de Fátima Guimarães Coorientação de: Cleonice Aparecida de Souza

1. Livros de leitura. 2. Franciscanos - Educação. 3. Escola Gratuita São José. 4. Instrução primária. 5. Educação - História -Brasil. I. Guimarães, Maria de Fátima. II. Souza, Cleonice Aparecida de. III. Título.

Sistema de Bibliotecas da Universidade São Francisco - USF Ficha catalográfica elaborada por: Denise Isabel Arten - CRB-08/5823



UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*EM EDUCAÇÃO

Claudino Gilz defendeu a tese "LIVROS DE LEITURA DA ESCOLA GRATUITA SÃO JOSÉ: A PRESENÇA DOS FRANCISCANOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E NA INSTRUÇÃO PRIMÁRIA EM PETRÓPOLIS – RJ (1896-1925)" aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 31 de agosto de 2018 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. D	ra. N	lar	a de Fátima Guimarães
Orienta	Hora	0	Presidente

Silentadora e i residente

Profa. Dra. Cleonice Aparecida de Souza - Coorientadora **Examinadora**

Profa. Dra. Luzia Batista de Oliveira Silva

Examinadora

Profa. Dra. Katia Diolina Gomes

Examinadora

Profa. Dra. Cyntia Simioni França

Examinadora

(participação por videoconferência)

Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, Sumamente Bom.

Aos meus pais, Irineu Gilz e Nair Tholl Gilz, in memoriam.

A Maria de Lourdes Gilz Jeremias, minha irmã.

A meus irmãos, familiares e amigos.

À professora Maria de Fátima Guimarães, orientadora dessa pesquisa, sincera gratidão por toda orientação recebida durante o doutorado.

À professora Cleonice Aparecida de Souza, coorientadora, imensa consideração como pessoa e pesquisadora e sincera gratidão pelas relevantes contribuições à pesquisa.

Às professoras Luzia Bueno e Kátia Diolina Gomes e ao professor João Batista Gonçalves Bueno que muito contribuíram com suas sugestões para o aprimoramento desta tese na banca de qualificação.

Aos professores do PPGSS em Educação da USF com os quais convivi em diferentes disciplinas no transcorrer do doutorado: Paula Leonardi, Moysés Kuhlmann Jr., Jackeline Rodrigues Mendes, Márcia Aparecida Amador Mascia e Carlos Roberto da Silveira.

Aos demais professores, especialmente a Frei Lauro Both pela tradução realizada de algumas obras do alemão para o português, de suma importância para esta pesquisa.

Aos colegas e amigos de doutorado com os quais tive grata satisfação de cursar as aulas, compartilhar sonhos, perguntas, leituras, descobertas, reflexões, histórias e boas alegrias.

A Frei César Külkamp pelo apoio à pesquisa, inclusive disponibilizando alguns dos acervos da pesquisa que ele havia realizado durante o Mestrado em Educação (1999-2000) a respeito da história da Escola Gratuita São José, atualmente Colégio Bom Jesus Canarinhos.

À direção da Editora Vozes, especialmente a Frei Volney José Berkenbrock, pela autorização irrestrita de consulta aos acervos da Editora Vozes.

Às bibliotecárias da USF (Campus de Itatiba e de Bragança Paulista – SP), do Instituto Teológico Franciscano (Petrópolis – RJ), da FAE Centro Universitário, do Colégio Bom Jesus Centro (Curitiba – PR), do Colégio Bom Jesus Santo Antônio (Blumenau – SC), bem como aos profissionais do CDAPH dessa Universidade e da Editora Bom Jesus (Curitiba – PR) que digitalizaram alguns dos documentos privilegiados nesta pesquisa.

A quem durante esta pesquisa ofereceu os mais diversos tipos de apoio de que precisava.

A quem me desejava boa viagem a Itatiba (SP) para as aulas do doutorado na USF.

À Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil.

À Fraternidade Bom Jesus Aldeia.

A leitura de um livro é ato contraditório e estudar seu uso é fundamental para o historiador compreender a dimensão desse objeto cultural.

(BITTENCOURT, 1993, p. 5).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de investigação os Livros de Leitura da Escola Gratuita São José, fundada pelos Franciscanos em Petrópolis (RJ) no ano de 1897. Três são os objetivos: pesquisar, com base nos Livros de Leitura da Escola Gratuita São José, a presença dos Franciscanos na história da educação brasileira e na instrução primária em Petrópolis (1896-1925); identificar os elementos relacionados tanto às temáticas valorizadas e disseminadas pelos Franciscanos por meio desses livros na conexão com o contexto sociocultural da época como à materialidade dos Livros de Leitura; analisar se as temáticas privilegiadas nos Livros de Leitura pelos Franciscanos estavam tensionadas em relação às demandas educacionais dos liberais, positivistas e republicanos, defensores de uma educação laica. Em face do objeto e dos objetivos da pesquisa, a abordagem teórica privilegiou o cotejo com os estudos de história da leitura (CHARTIER, 1996, 1999, 2002 e 2007; DARNTON, 1992 e 2010), com o contexto sociocultural do período (BENJAMIN, 1984, 1985, 1992 e 1994; THOMPSON, 1998; HOBSBAWM, 2010), com a história do livro didático, suas formas de produção, difusão e circulação (BITTENCOURT, 1993 e 1998; MUNAKATA, 1997, 2016 e 2017), com as lutas e resistências da Igreja Católica em relação ao ensino laico (LEÃO XIII, 1878, 1880, 1884 e 1891) e com a presença dos Franciscanos na história da educação brasileira (SCHAETTE, 1922; RÖWER, 1941, 1947 e 1951; SINZIG, 1910). A metodologia atentou para a identificação da materialidade dos Livros de Leitura da Escola Gratuita São José e das temáticas neles privilegiadas. A análise da materialidade e das temáticas desses livros expôs a presença dos Franciscanos na instrução primária no país, atravessada por silêncios, lutas, resistências e embates em relação às ações do regime republicano, propositor de um ensino laico, cujos rastros acenam para uma influência na formação da cultura brasileira, alinhada às prerrogativas da Igreja Católica. Embora suscetível a tensões, a pesquisa dos Livros de Leitura da Escola Gratuita São José foi fundamental para compreender a dimensão desse objeto no escopo da história da educação brasileira, da produção e de uso do material impresso nas escolas confessionais católicas, inclusive da adoção do método intuitivo por meio desses impressos.

Palavras-chave: Livros de Leitura. Franciscanos. Escola Gratuita São José. Instrução primária. História da Educação Brasileira.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate the *Reading Books* of Escola Gratuita São José (Free Education), founded by the Franciscans in Petrópolis (RJ), in 1897. It consists of three objectives: to research, based on the *Reading Books* of Escola Gratuita São José, the presence of Franciscans in the history of Brazilian education and primary education in Petrópolis (1896-1925); to identify the elements related to both the materiality of the Reading Books and the themes valued and disseminated by the Franciscans through these *Books* in connection with the socio-cultural context of the time as to the materiality of the *Reading Books*; and to analyze whether the privileged themes in the Reading Books by the Franciscans were tensioned in relation to the educational demands of the liberals, positivists and republicans, defenders of a secular education. In face of the object and objectives of the research, the theoretical approach favored the comparison with the studies of history of reading (CHARTIER, 1996, 1999, 2002 and 2007; DARNTON, 1992 and 2010), with the socio-cultural context of the period (BENJAMIN, 1984, 1985, 1992 and 1994; THOMPSON, 1998; HOBSBAWM, 2010), with the history of textbooks, its forms of production, dissemination and circulation (BITTENCOURT, 1993 and 1998; MUNAKATA, 1997 2016 and 2017), with the struggles and resistances of the Catholic Church in relation to secular education (LEO XIII, 1878, 1880, 1884 and 1891) and with the presence of Franciscans in the history of Brazilian education (SCHAETTE, 1922; RÖWER, 1941, 1947 and 1951; SINZIG, 1910). The methodology focused on the identification of the materiality of the *Reading Books* of Escola Gratuita São José and the topics they privileged. The analysis of materiality and of the themes of these books exposed a presence of Franciscans in primary education in the country, undergone by silences, struggles, resistances and clashes in relation to the actions of the republican regime, proposer of a secular education, whose traces point to an influence in the formation of the Brazilian culture, aligned with the prerogatives of the Catholic Church. Although susceptible to tensions, the research of the Reading Books of Escola Gratuita São José was essential to understand the scale of this object in the scope of the history of Brazilian education, of production and of use of the printed material in the Catholic confessional schools, including the adoption of the intuitive method through these materials.

Key words: Reading Books. Franciscans. Escola Gratuita São José (Free Education). Primary education. History of Brazilian Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM VISUAL 01: Revista Careta de 1919, p. 8-9	62
IMAGEM VISUAL 02: Revista Careta de 1919, p. 14-15.	63
IMAGEM VISUAL 03: Revista Careta de 1919, p. 18-19.	64
IMAGEM VISUAL 04: Revista Fon Fon - I - 04 de julho de 1914,VIII (27)	65
IMAGEM VISUAL 05: Revista Fon Fon - II - 04 de julho de 1914,VIII (27)	66
IMAGEM VISUAL 06: Revista Fon Fon - III - 04 de julho de 1914,VIII (27)	67
IMAGEM VISUAL 07: Revista Fon Fon - I - 30 de agosto de 1924, XVIII (35)	68
IMAGEM VISUAL 08: Revista Fon Fon - II - 30 de agosto de 1924, XVIII (35)	69
IMAGEM VISUAL 09: Revista Fon Fon - III - 30 de agosto de 1924, XVIII (35)	70
IMAGEM VISUAL 10: Desenho da primeira parte do Convento do Sagrado Coração de	Jesus.
construída em 1896.	84
IMAGEM VISUAL 11: Uma das duas primeiras turmas da Escola Gratuita São José, em	ı 1897.
A turma era formada por meninos pobres, filhos de famílias de imigrantes alemães. O profes	ssor na
foto é Frei Zeno Walbroehl, que lecionava alemão.	86
IMAGEM VISUAL 12: Outra turma da Escola Gratuita São José de 1897, esta formada	a pelos
meninos brasileiros	87
IMAGEM VISUAL 13: Turma da Escola Gratuita São José com Frei Pacômio Sc	hulten.
ano 1904.	88
IMAGEM VISUAL 14: Frei Bruno Heuser com um grupo de alunos, ano 1914	91
IMAGEM VISUAL 15: Capa do <i>Primeiro Livro de Leitura</i> de 1919, 13.ª edição	112
IMAGEM VISUAL 16: Página 1 do Primeiro Livro de Leitura	114
IMAGEM VISUAL 17: Página 2 do Primeiro Livro de Leitura	115
IMAGEM VISUAL 18: Cartinha, página 76 do Primeiro Livro de Leitura	
IMAGEM VISUAL 19: Capa do Segundo Livro de Leitura de 1917, 5.ª edição	120
IMAGEM VISUAL 20: O Anjo da Guarda, p. 68	121
IMAGEM VISUAL 21: A menina e o gatinho, p. 89	122
IMAGEM VISUAL 22: Não se deve tirar o alheio nem fazer mal aos animais, p. 92	123
IMAGEM VISUAL 23: Capa do Terceiro Livro de Leitura, de 1917, 4.ª edição	124

IMAGEM VISUAL 24: Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Terceiro Livro	de Leitura
p. 201	127
IMAGEM VISUAL 25: Viaduto de Santa Tereza - Rio de Janeiro, Terceiro Livro	de Leitura
p. 205	128
IMAGEM VISUAL 26: Avenida Beira Mar, Largo da Glória -Rio de Janeiro, Te	rceiro Livro
de Leitura, p. 218	129
IMAGEM VISUAL 27: Capa do <i>Quarto Livro de Leitura</i> , de 1917, 3.ª edição	130
IMAGEM VISUAL 28: Quarto Livro de Leitura, abertura da primeira parte, p. 5	131
IMAGEM VISUAL 29: Quarto Livro de Leitura, abertura da segunda parte, p. 169	132
IMAGEM VISUAL 30: Índice do Segundo Livro de Leitura.	140
IMAGEM VISUAL 31: Índice do Segundo Livro de Leitura, p. II	141
IMAGEM VISUAL 32: Índice do Segundo Livro de Leitura, p. III	142
IMAGEM VISUAL 33: Índice do Terceiro Livro de Leitura	151
IMAGEM VISUAL 34: Índice do Terceiro Livro de Leitura, p. II	152
IMAGEM VISUAL 35: Índice do Terceiro Livro de Leitura, p. III	153
IMAGEM VISUAL 36: Índice do Terceiro Livro de Leitura, p. IV	154
IMAGEM VISUAL 37: Índice do Quarto Livro de Leitura	156
IMAGEM VISUAL 38: Índice do Quarto Livro de Leitura, p. II	157
IMAGEM VISUAL 39: Índice do Quarto Livro de Leitura, p. III	158
IMAGEM VISUAL 40: Índice do Quarto Livro de Leitura, p. IV	159

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Professores da Escola Gratuita São José 1897-1905	89
QUADRO 02: Número de exemplares publicados	103
QUADRO 03: Levantamento dos títulos e imagens visuais da última parte do Primeiro	Livro
de Leitura páginas 56-76	116
QUADRO 04: Temática sobre Deus do Primeiro Livro de Leitura	135
QUADRO 05: Temática sobre Família do Primeiro Livro de Leitura	136
QUADRO 06: Temática sobre escola do Primeiro Livro de Leitura	137
QUADRO 07: Temática sobre deveres do Primeiro Livro de Leitura	138
QUADRO 08: Levantamento dos autores dos Breves Textos do Segundo Livro de Leitura	138
QUADRO 09: Levantamento das temáticas e imagens visuais do Segundo Livro de Leitura.	139
QUADRO 10: Levantamento das temáticas do Terceiro Livro de Leitura	146
QUADRO 11: Levantamento dos autores e Textos do Terceiro Livro de Leitura	147
QUADRO 12: Levantamento dos autores dos Livros de Leitura	161

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFESBJ – Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus

ITF – Instituto Teológico Franciscano

PUCPR- Pontifícia Universidade Católica do Paraná

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USF – Universidade São Francisco

RJ - Rio de Janeiro

SC - Santa Catarina

PR - Paraná

SP - São Paulo

RS - Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Percursos investigativos	18
Os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa	26
A delimitação do tema, dos objetivos da pesquisa e a estruturação dos capítulos	32
CAPÍTULO I: DO GERMINAL À ESCOLARIZAÇÃO REDENTORA	34
1.1 O contexto sociocultural e as ambiguidades da modernidade	34
1.2 A escola como uma das demandas da modernização do Brasil no século XIX	47
1.3 As reformas educacionais no Brasil - século XIX e início do XX	53
1.4 Frei Pedro Sinzig	59
1.5 Uma provocação salutar: por entre temáticas, imagens e potencialidades de leitura	61
CAPÍTULO II: A PRESENÇA DOS FRANCISCANOS NA HISTÓRIA DA EDU BRASILEIRA	_
2.1 A Igreja Católica – lutas e resistências	72
2.2 A Carta Pastoral Coletiva: a reação do Episcopado Brasileiro	79
2.3 A educação franciscana em Petrópolis: os primeiros anos da Escola Gratuita São instauração de sua tipografia	
2.4 A educação franciscana em Petrópolis na perspectiva do Regulamento de 1925	93
CAPÍTULO III: OS <i>LIVROS DE LEITURA</i>	102
3.1 Os <i>Livros de Leitura</i> da Escola Gratuita São José	109
3.1.1 O Primeiro Livro de Leitura	110
3.1.2 O Segundo Livro de Leitura	119
3.1.3 O Terceiro Livro de Leitura	124
3.1.4 O Quarto Livro de Leitura	130
CAPÍTULO IV: AS TEMÁTICAS PRIVILEGIADAS NOS <i>LIVROS DE LEITURA</i>	133
4.1 Primeiro Livro de Leitura	134
4.2 Segundo Livro de Leitura	138
4.3 Terceiro Livro de Leitura	146
4.4 Quarto Livro de Leitura	156
4.5 Os autores mais publicados	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS	172

ANEXOS	188
ANEXO A: Regulamento e Distribuição das Matérias: Compilados para Escolas Católicas do ano de 1925	Primárias
ANEXO B: Quatro horas entre os anarchistas. Ferrer: martyr ou patife	258
ANEXO C: Capas dos Livros de Leitura das edições posteriores encontradas	270
APÊNDICE	281
APÊNDICE A: Levantamento dos títulos e dos autores do Quarto Livro de Leitura	281

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa privilegiou os *Livros de Leitura* impressos na tipografia da Escola Gratuita São José, fundada pelos Franciscanos da Província¹ da Imaculada Conceição do Brasil, em janeiro de 1897, em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. Eles foram escritos, editados e impressos em primeira edição na própria tipografia² dessa escola (hoje Editora Vozes), no período de 1896 a 1925.

Os *Livros de Leitura* foram elaborados pelos professores da Escola Gratuita São José e impressos para o então ensino primário, para atender às demandas internas dessa escola. Demandas estas relacionadas principalmente à necessidade de dispor de livros alinhados às orientações da Igreja Católica e aos ensinamentos apregoados pelo catolicismo. "Os livros didáticos que então saíam dos prelos do país eram, na maior parte, de inspiração materialista ou, pelo menos, agnosticista. A tipografia dos Franciscanos tratou de suprir essa falta. [...] Em breve estavam prontos [...] os livros de leitura." (PIMENTEL, 1951, p. 8).

Nos anos seguintes, de acordo com outra fonte, tais *Livros* vieram a ser amplamente adotados em diferentes escolas do Brasil, disseminando ideais, padrões de comportamento e valores Franciscanos junto às gerações escolares de diferentes segmentos sociais do período: "Desde 1904 os professores [da Escola Gratuita São José] editaram livros escolares de leitura, que tiveram extraordinária aceitação em todo o Brasil, como se vê pelas frequentes edições." (SCHAETTE, 1922, p. 218).

Percebeu-se, ao longo da investigação, que diferentes autores Franciscanos também relacionam as seguidas reimpressões dos *Livros de Leitura* ao suposto acolhimento destas obras

¹ Província é o conjunto de fraternidades circunscritas numa determinada região geográfica e constituída a partir de uma unidade de governo, cujo superior-mor é denominado de provincial. O Papa Clemente X erigiu oficialmente a Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, mediante a Bula *Pastoralis Officii*, no dia 15 de julho de 1675. Tal Província Franciscana dispunha na época de 10 moradias (conventos) apenas, lugares a partir dos quais os frades serviam a população como missionários e educadores (RÖWER, 1941). Durante o período imperial, a sede desta Província foi o Convento Santo Antônio no Rio de Janeiro. Em 1899, a sede foi transferida para Blumenau. De Blumenau a sede seria transferida para Petrópolis, em 1906. No ano seguinte, 1907, transferida para São José, Santa Catarina e, em 1911, para Curitiba, Paraná, cidades essas com forte imigração alemã. Desde 1941, a sede da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil tem sido na Vila Clementino, cidade de São Paulo. Em 15 de julho de 2017, a Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil completou 342 anos de história, com 385 frades atuando em 87 Fraternidades Evangelizadoras nos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo e também em Angola (África).

² Tipografia – do grego *typos*: forma e *graphein*: escrita – é a técnica ou o processo que se constitui de diversas etapas da produção gráfica de um texto ou obra (desde a criação e composição dos caracteres até a impressão destes).

pelas escolas católicas (SINZIG, 1910; CATÁLOGO..., 1911; RÖWER, 1947; PIMENTEL, 1951; PRIM, 1985; NEOTI, 1991; KÜLKAMP, 2000; ANDRADES, 2001). Isto me possibilita pressupor que estes livros tenham sido adotados até mesmo por escolas laicas. Contudo, não localizei documentos que me autorizem a endossar prontamente as afirmativas de Pimentel (1951) e Schaette (1922), posto que cabe ao pesquisador não ser ingênuo no diálogo com as fontes, perguntando-se sempre: qual entidade ou quem produziu tais informações? Por que produziu? Para que produziu?

Atentar para tais questões, deflagrando as possíveis intencionalidades que as fontes registram, possibilita tanto identificar as tensões que parecem ter mobilizado cada um de seus autores como não tomar ingenuamente essas fontes, mesmo sem o confronto com outras fontes documentais. Trata-se de tensões que se desvelam primeiramente em Pimentel ao contrapor os *Livros de Leitura* impressos, utilizados na Escola Gratuita São José dos Franciscanos em Petrópolis, permeados pelas verdades fundamentais do "catolicismo" (1951, p. 8) aos livros escolares "materialistas" ou "agnosticistas". Em segundo lugar, flagram-se tensões também na necessidade de Schaette (1922, p. 218) afirmar que tais *Livros de Leitura* tiveram "[...] extraordinária aceitação em todo o Brasil [...].".

Ao ler, no entanto, documentos postos em circulação pela Igreja Católica no período, algumas dessas tensões já se mostraram latentes previamente nas preocupações enunciadas pelo então Papa Leão XIII (1878) na sua primeira Carta Encíclica *Inscrutabili Dei Consilio*³, de 1878, tais como: a subversão dos princípios postos pelo Cristianismo como fundamento da ordem social; a liberdade desenfreada da imprensa e o fomento ao ensino laico; o desprezo às autoridades episcopais nos Estados e os obstáculos ao exercício do ministério eclesiástico; o cerceamento ao direito de a Igreja instruir, educar as crianças e a juventude; a redução do sacramento⁴ do matrimônio à condição de contrato civil, entre outras.

2

³ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Inscrutabili Dei Consilio* – início do pontificado, 21 de abril de 1878. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 13-23.

⁴ Sacramento é o sinal de uma graça divina que o cristão, na fé, pede e recebe. "[...] os escritores profanos empregavam o termo 'sacramento' noutro sentido que os escritores eclesiásticos. Aqueles o tomavam para designar a obrigação de quem jura prestar algum serviço. [...] Chama-se 'sacramentos' certos sinais sensíveis, que produzem a graça, ao mesmo tempo que a designam exteriormente e a tornam quase visível aos olhos. [...] os sacramentos pertencem à categoria dos meios pelos quais se logra a salvação e a justificação." (MARTINS, Leopoldo Pires. **Catecismo Romano**: serviço de animação eucarística mariana - nova versão portuguesa baseada na edição autêntica de 1566. Anápolis: Múltipla gráfica Ltda. [1950?], p. 197-198. Disponível em http://www.obrascatolicas.com/livros/Catecismo/Catecismo/Catecismo%20Romano%20Sao%20Pio%20V%20Ed%20Servico%20de%20Animacao%20Eucaristica%20Mariana.pdf>. Acesso

Materialistas e agnosticistas que literalmente eram tidos, pelo Papa Leão XIII⁵, como alguns dos 'inimigos' da Igreja Católica, principalmente por eles se mostrarem avessos ao princípio da revelação divina (expresso de modo especial na Sagrada Escritura) a balizar algumas das verdades defendidas pela Igreja Católica relacionadas à fé cristã (a Cruz⁶, o Pai-Nosso, os Mandamentos da Lei de Deus⁷, os Mandamentos da Igreja⁸, o Credo⁹ e os Sacramentos¹⁰), aos valores a serem considerados em âmbito familiar e social, entre outras. Eis por que o Pontífice conclama os cristãos católicos a militar no discernimento dos que na época estavam a propagar ideias contestadas pela Igreja, inclusive em âmbito escolar, nos livros didáticos disponibilizados às crianças, aos jovens e à população.

À Igreja Católica no período, o materialismo apregoava que tão só a matéria é – e não um Ser Superior – a origem de toda a realidade fundamental do universo, da qual se podem exaurir as razões pelas quais ocorrem ou se sucedem os fenômenos naturais, mentais e até sociais. Com base em tal concepção, o ser humano permite-se dispor da própria vida como um fim em si mesmo, sendo ele o único mentor – sem nenhuma aliança com um Ser Superior – de sua trajetória histórica, inclusive de sua emancipação socioeconômica.

Agnóstico, do grego, significa não conhecimento, o que não conhece. O agnosticismo para a Igreja Católica se apresenta de diferentes maneiras: uma dessas maneiras é pela indiferença, ou

em: 19 maio 2018. O estudo e o uso deste Catecismo eram ainda recomendados, ao final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, nas escolas católicas e nas Igrejas pelo Papa Leão XIII e seus sucessores.

_

⁵ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Inscrutabili Dei Consilio* – início do pontificado, 21 de abril de 1878. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 13-23.

⁶ A Cruz por ser o símbolo a remeter para os principais mistérios da fé cristã católica: "1.º) Unidade e Trindade de Deus; 2.º) Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo." (PRIMEIRO CATECISMO DA DOUTRINA CRISTÃ PARA USO DAS DIOCESES DAS PROVÍNCIAS ECLESIÁSTICAS MERIDIONAIS DO BRASIL. 2.ª ed. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1924, p. 14).

⁷ Amar a Deus sobre todas as coisas; não tomar seu santo nome em vão; guardar os domingos e festas; honrar pai e mãe; não matar; não pecar contra a castidade; não furtar; não levantar falso testemunho; não desejar a mulher do próximo; e não cobiçar as coisas alheias.

⁸ Ouvir Missa inteira nos domingos e festas de guarda; confessar-se ao menos uma vez a cada ano; comungar ao menos pela Páscoa da Ressurreição; jejuar e abster-se de carne, quando manda a santa madre Igreja; e pagar dízimos, segundo o costume.

⁹ Creio em Deus Pai, todo-poderoso, Criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, um só seu Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido do Espírito Santo, nasceu de Maria Virgem; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos; ao terceiro dia ressurgiu dos mortos; subiu aos céus, está sentado à mão direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos; creio no Espírito Santo; na santa Igreja Católica; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna.

¹⁰ Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência (Confissão), Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio.

seja, quando sequer o ser humano se pronuncia sobre a existência de Deus; outra maneira é quando o ser humano atenta para a impossibilidade de negar, afirmar ou até provar a existência de Deus¹¹.

Além dos *Livros de Leitura*, os Franciscanos de Petrópolis foram aos poucos imprimindo outros livros escolares (compêndios de gramática, de aritmética, de geografia, de História do Brasil, de silabários, de História Sagrada, Catecismos etc.) e obras de outros gêneros (livros hagiológicos, livros de piedade, livros ascéticos, romances, revista Vozes de Petrópolis etc.).

A primeira edição da revista *Vozes de Petrópolis*¹² se deu em julho de 1907. Este periódico ficou de tal modo conhecido que a tipografia passou a chamar-se *Administração das Vozes de Petrópolis*. A publicação dessa revista constituiu importante fator no desenvolvimento da tipografia da Escola Gratuita São José. A divulgação da revista em diferentes Estados brasileiros influenciou na valorização da atuação editorial dos Franciscanos (PIMENTEL, 1951), muito embora a Primeira Guerra Mundial (1914) tenha trazido dificuldades para as editoras brasileiras. Andrades (2001) faz menção a duas delas: dificuldade na importação de papel, de máquinas e de material gráfico; inimizades impetradas a tal instituição devido ao fato de os dirigentes das *Vozes de Petrópolis* na época serem de origem alemã, vindo, por tal pretexto, a ser saqueada em novembro de 1917.

Percursos investigativos

Os percursos investigativos que me mobilizaram a empreender esta pesquisa remontam às memórias do primeiro contato que tive com livros escolares no ano de 1976, quando aos seis anos de idade fui apresentado à professora Maria Ivone Lückmann Rengel do então ensino primário na Escola Isolada de Três Barras do município de Ituporanga, Estado de Santa Catarina. Lembro-me como, por meio deles, mesmo que vagamente, aprendi a conhecer as letras do alfabeto, a perscrutar o significado das palavras e, com o tempo, até mesmo modestamente a desconfiar do que – sobre determinados temas ou questões – neles já se encontrava escrito, afirmado, silenciado ou negligenciado.

¹¹ Cf. MARTINS, Leopoldo Pires. **Catecismo Romano**: serviço de animação eucarística mariana - nova versão portuguesa baseada na edição autêntica de 1566. Anápolis: Múltipla gráfica Ltda. [1950?]. Disponível em http://www.obrascatolicas.com/livros/Catecismo/Catecismo%20Romano%20Sao%20Pio%20V%20Ed%20Servico%20de%20Animacao%20Eucaristica%20Mariana.pdf. Acesso em: 19 maio 2018.

¹² Uma revista de cunho, a princípio, mensal, religiosa, científica e literária e uma resposta à necessidade de oferecer para a população uma leitura civilizadora e moralizadora, de artigos variados e de interesse geral (EDITORIAL. *Quo vadis?* In: **Vozes de Petrópolis**, Petrópolis, v. 1, n. 1, p. 1-2, jun., 1908).

Ao final dos estudos no âmbito do que atualmente se denomina como Educação Básica, o manuseio de *Livros de Leitura* teve continuidade ao cursar duas graduações em instituições de ensino superior franciscanas. Instituições essas que não faziam questão, na década de 90 do século XX, de adequar a grade curricular às exigências do Ministério da Educação para o devido reconhecimento, "supostamente" para se obter uma certa autonomia frente aos ditames das políticas educacionais do Estado: Filosofia no Instituto São Boaventura, Campo Largo – PR, entre os anos 1991 e 1993, e Teologia no Instituto Teológico Franciscano, Petrópolis – RJ, entre os anos 1994 e 1997.

A concomitância dos estudos em Pedagogia – iniciados em 2002 na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) – e o trabalho de auxílio em sala de aula aos professores da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus (AFESBJ) despertou-me pela primeira vez o interesse pela investigação de livros escolares. A delimitação do tema do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia esteve, por exemplo, relacionado ao inventário dos elementos históricos e legislativos que culminaram na elaboração e publicação, pela Editora Vozes, da *Coleção Redescobrindo o Universo Religioso*, composta de onze volumes de livros didáticos.

O projeto apresentado no final de 2005 ao processo seletivo de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação na PUCPR teve como objeto de estudo essa mesma coleção de livros didáticos de Ensino Religioso investigada nos anos finais do curso de Pedagogia. No entanto, tal investigação se ateve aos elementos relacionados à formação docente imbricados ou não à *Coleção Redescobrindo o Universo Religioso*. A pesquisa abrangeu o período de 1997 a 2007.

A análise relacionada a tal objeto de estudo¹³ levou-me a constatar alguns elementos a respeito do livro didático privilegiados por diversos pesquisadores, tais como: Bittencourt (1998), Baldissera (1994), Nosella (2005), Eco e Bonazzi (1980), Faria (2002), Moysés e Aquino (1987), Corrêa (2000), Cirigliano (1969), Junqueira (2002), Figueiredo (1996), Eisenstein (1998), Darnton (1990), entre outros. Com base no estudo desenvolvido por esses pesquisadores, observei que o livro didático é um dos instrumentos auxiliares de ensino e de aprendizagem em sala de aula de uma determinada disciplina escolar. E, por isso, ele é composto de textos explicativos, atividades

1

¹³ A dissertação de Mestrado defendida em 17 de dezembro de 2007 teve como título A Coleção Redescobrindo o Universo Religioso na formação do professor. Tal dissertação veio a ser publicada dois anos depois pela Editora Vozes: GILZ, Claudino. O livro didático na formação do professor de ensino religioso. Petrópolis: Vozes, 2009.

diversas, iconografias, ilustrações, legendas, tabelas explicativas, metodologias, entre outras seções.

Posto que o livro didático se constitui por meio de elaborações de conteúdos de naturezas diversas – conteúdos esses permeados por tendências pedagógicas e imbricados na cultura escolar, próprias da época em que é editado –, ele é passível de erros, de constantes complementações com outros recursos de aprendizagem e fontes de investigação dos conteúdos escolares. O livro didático tende também a ter sua elaboração e produção voltadas às demandas das políticas educacionais nacionais, alinhado aos interesses e visões de mundo de seus editores.

Na pesquisa que desenvolveu durante o seu doutorado, Livro Didático e Conhecimento Histórico: uma história do saber escolar, Circe Bittencourt (1993) aponta para elementos das funções atribuídas aos livros didáticos no desenvolvimento dos projetos educacionais situados desde o período de instalação do Estado Nacional e a primeira década do século XX, privilegiado por ela em suas investigações, seja nas políticas educacionais do Estado, seja nas iniciativas da Igreja Católica. Realço aqui o modo peculiar como a pesquisadora abordou a história do livro didático no processo do ensino escolar do Brasil do século XIX, não se restringindo aos limites de estudos desenvolvidos sobre a produção didática que, no entender dela, abordam tal recurso de forma fragmentária. Para a historiadora, houve durante o século XIX no Brasil uma proeminência do livro didático privilegiada pela indústria editorial, seja pela impressão de novos títulos, seja pela reedição dos mais vendidos. Bittencourt considera ter ocorrido em neste período dois processos relevantes às investigações sobre a história do saber escolar: a criação das escolas públicas elementares e secundárias pelo governo imperial e as tratativas de ampliação da rede escolar pelo governo republicano, ambas contíguas ao saber escolar acadêmico oferecido nas escolas católicas; o início da edição de manuais escolares para o ensino primário em tipografias brasileiras, cujo processo passou a ter maior efetivação em termos de produção nas décadas de 60 a 80 do século XIX, em meio às questões políticas e sociais.

O livro didático é um objeto de investigação de múltiplas facetas, atrelado a uma tradição cultural, escolar e metodológica. Tal recurso escolar é constituído a partir de técnicas de editoração estipuladas pelo mercado, o que não inviabiliza ele também ser compreendido como "[...] um depositário dos diversos conteúdos educacionais, suporte privilegiado para se recuperar os conhecimentos e técnicas consideradas fundamentais por uma sociedade em uma determinada época." (BITTENCOURT, 1993, p. 3).

Os movimentos que abrangem o processo de concepção do livro didático, ao uso feito em sala de aula e aos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos associados a tal instrumento pedagógico o transformam num assunto polêmico, lembra a pesquisadora. Polêmico tanto em relação ao papel exercido por ele no âmbito escolar, como no que tange às ressalvas docentes em termos de alternativas de aprendizagem em sala de aula por meio de outros recursos didáticos. Esses e outros aspectos abordados pela pesquisadora situaram-me ainda mais na complexidade da investigação inerente aos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José de Petrópolis, objeto desta pesquisa.

Kazumi Munakata (1997), na sua tese *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*, destaca três tendências de análise dos livros didáticos produzidos historicamente no Brasil: a que acusa o livro didático como um dos fatores responsáveis pelas mazelas da educação nacional; a que caracteriza os livros didáticos como recursos de aprendizagem à mercê de ideologias capitalistas hegemônicas; e, a terceira, a que reluta em perceber uma historicidade própria dos livros didáticos, subsumidos pela improbidade das ações governamentais. O livro impresso em si, didático ou de outra natureza, "[...] é um desses raros objetos em que o conceito e a representação imediata parecem coincidir." (MUNAKATA, 1997, p. 83).

O livro não é uma mera evolução histórica do manuscrito, nem um simples conjunto de ideias, significados, imagens, percepções reunidas abstrata e homogeneamente numa sequência textual (BUENO, 2011; PINTO JUNIOR, 2010). O livro é compreendido, de acordo com Munakata (1997, p. 83-84), como

[...] um objeto material [...], cuja invenção data do século XV; esse objeto produzse segundo um processo de trabalho bem definido e aparece primordialmente como mercadoria, mesmo que as intenções de seus artífices sejam de outra ordem que não a mercantil.

Logo, o livro didático é um material escolar impresso, sistematizado e propício a um processo metodológico de formação ou de aprendizagem, sem desconsiderar elementos, tais como a legibilidade e a inteligibilidade do público-alvo para o qual foi elaborado.

No ano de 2012, a convite da Prof.ª Cleonice Aparecida de Souza, passei a participar dos encontros do Grupo de Pesquisa *Kairós – educação das sensibilidades, história e memória*. Os encontros desse Grupo de Pesquisa aconteciam no Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas (CMU/Unicamp) que estava sob a direção da Prof.ª Maria Carolina Bovério

Galzerani. As discussões desenvolvidas em cada um dos encontros desse Grupo de Pesquisa mobilizaram-me a retomar as pesquisas realizadas de modo especial durante o mestrado sobre livros didáticos. Ao compartilhar isso alguns meses depois com as professoras Maria de Fátima Guimarães e Cleonice Aparecida de Souza, após um desses encontros do Grupo de Pesquisa *Kairós*, fui instigado por elas a voltar as atenções para os acervos da Editora Vozes, em Petrópolis (RJ), nos quais poderiam ser encontrados os originais dos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José fundada por Franciscanos naquela cidade, no final do século XIX. Este foi o ponto de partida das investigações desenvolvidas a respeito desses quatro *Livros de Leitura*.

Semanas após ter entrado em contato por telefone com a Editora Vozes, recebi cópias incompletas do *Primeiro* e do *Terceiro Livro de Leitura* impressos na então tipografia da Escola Gratuita São José. Tratava-se, na ocasião, das cópias incompletas do *Primeiro Livro de Leitura* (47.ª edição impressa, ano 1947) e do *Terceiro Livro de Leitura* (8.ª edição impressa, ano 1923). As cópias recebidas vieram acompanhadas de um pequeno bilhete manuscrito, de autoria desconhecida, informando que não se tinham encontrado exemplares nem do *Segundo* nem do *Quarto Livro de Leitura* para a realização das cópias requeridas, o que de certa maneira sinaliza o desconhecimento que se tem da potencialidade dessa fonte documental para a pesquisa em história da educação brasileira.

De posse apenas dessas duas cópias incompletas do *Primeiro* e do *Terceiro Livro de Leitura*, passei a delinear indagações que me mobilizaram na elaboração do projeto de pesquisa aprovado no processo seletivo de Doutorado no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco (USF), Itatiba (SP) no final de 2013.

Levando-se em conta de que dispunha, no ano de 2014, somente de cópias incompletas do *Primeiro* e do *Terceiro Livro de Leitura* da Escola Gratuita São José, já em janeiro do mesmo ano fui a Blumenau (SC). Para lá me dirigi, a princípio, no intuito de tomar conhecimento se – nos antigos acervos do Colégio Franciscano Santo Antônio, fundado em 1876 – não seria possível encontrar algum exemplar completo dos *Livros de Leitura*.

Lá chegando, a bibliotecária do colégio logo me informou que tal intento não teria êxito algum, a menos que quisesse visitar uma sala usada como depósito de livros antigos ao lado esquerdo do palco do teatro desse colégio. Livros esses não catalogados na biblioteca, à mercê de doação ou de iminente envio à reciclagem. Não encontrei lá, após demorada busca, nenhum dos *Livros de Leitura* impressos na tipografia da Escola Gratuita São José. Encontrei, sim, três livros

que na ocasião presumia poderem me servir diretamente nos estudos que almejava desenvolver sobre os *Livros de Leitura*¹⁴. Por tais livros não fazerem mais parte da biblioteca e à mercê de doação ou de envio à reciclagem, resolvi, com a permissão da bibliotecária, dispor deles em particular durante o período do Doutorado em Educação. Trabalho semelhante desenvolvi, sem sucesso algum, na biblioteca do Colégio Bom Jesus e do Centro Universitário Franciscano do Paraná¹⁵, em Curitiba. Ficava cada vez mais evidente a necessidade de, ao modo do trabalho dos arqueólogos, me dispor a rastrear dados históricos e documentos acerca dos *Livros de Leitura*, mesmo que perdidos ou deixados em diferentes sítios.

No ano de 2014, em franco diálogo com pesquisadores do Grupo de Pesquisa *Rastros: História, Memória e Educação* ¹⁶, delimitei algumas indagações norteadoras e preliminares da pesquisa:

- Seria possível pesquisar e analisar, por meio dos Livros de Leitura da Escola Gratuita São José, a presença dos franciscanos na educação brasileira e na instrução primária em Petrópolis no período de 1896-1925?
- Estes *Livros de Leitura* teriam vínculos com orientações papais?
- Quais foram as temáticas privilegiadas nesses *Livros de Leitura*?
- As temáticas privilegiadas teriam relação com as demandas educacionais republicanas?

Foram essas as indagações que, de início, me mobilizaram na pesquisa. Para além dessas indagações, pairava também a dúvida se seria possível encontrar no acervo da Editora Vozes em Petrópolis (RJ), senão os originais dos quatro *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José, ao menos exemplares impressos de edições próximas ao ano de primeira publicação de cada um deles.

A estada em Petrópolis no início de janeiro de 2015 possibilitou-me empreender buscas tanto nos acervos da Editora Vozes como no da biblioteca do Instituto Teológico Franciscano (ITF). As investigações se deram nos primeiros dias nos acervos da Editora Vozes, em Petrópolis (RJ),

¹⁴ ROMAG, D.. **História dos Franciscanos no Brasil**: 1500-1659. Curitiba: Tipografia João Haupt & Cia., 1940; RÖWER, B. **História da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil** – por meio da atuação de seus provinciais de 1677 a 1901. Petrópolis: Vozes, 1951; AZEVEDO, F.. **A cultura brasileira** – introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4.ª edição revista e ampliada. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

¹⁵ Também conhecido como FAE Centro Universitário ou FAE Business School.

¹⁶ Locado no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da USF, pertence à linha de Pesquisa Educação, Sociedade e Processos Formativos, certificado pelo CNPq. Seus líderes são a Prof. Dra. Maria de Fátima Guimarães (Universidade São Francisco – USF), orientadora desta pesquisa, e o Prof. Dr. Elison Antonio Paim (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC).

por meio da leitura dos exemplares da revista *Vozes de Petrópolis*, a começar pela sua primeira edição anual de 1908, até o ano de 1922, ano esse em que a Escola Gratuita São José havia completado seus vinte e cinco anos de fundação. Ao folhear a página 315 da edição quinzenal da revista *Vozes de Petrópolis* de 1.º de março de 1918, seção *Bibliografia*, me deparei com as seguintes informações: *Regulamento* da Escola Gratuita São José, de Petrópolis. Tipografia das Vozes de Petrópolis, 1918.

Dias depois, em meio às pesquisas nos acervos da biblioteca do Instituto Teológico Franciscano (ITF) em Petrópolis (RJ), encontraria num único volume impresso o *Regulamento e Distribuição* ¹⁸ das Matérias: compilação para Escolas Primárias Católicas do ano de 1925.

A autoria dessa fonte documental é atribuída ao nome de uma pessoa, cujas iniciais assim constam: F. B. H., o que denota se tratar de Frei Bruno Heuser, diretor e professor da Escola Gratuita São José na época. Expõe ela, enquanto fonte documental, os fins que se pode pressupor da Escola Gratuita São José e, por sua vez, das demais escolas primárias católicas que estivessem a utilizar os mesmos *Livros de Leitura* e outros livros escolares impressos na tipografia dessa mesma escola. Apresenta dados do regulamento interno desta escola, horário das aulas, férias, disciplina e discrimina as matérias. Faz diversas e importantes recomendações ao corpo docente, entre outros.

Caso não tivesse descoberto em janeiro de 2015 o *Regulamento* datado de 1925, elaborado por Frei Bruno Heuser, sequer teria acesso de modo explícito e detalhado a informações, tais como: a finalidade da Escola Gratuita São José; os pré-requisitos de matrícula, da disciplina a ser observada por alunos e professores, da metodologia de ensino intuitivo (HEUSER, 1925); o começo e o fim do ano letivo, o horário das aulas, as responsabilidades dos pais e as funções do professor na escola; a disposição das disciplinas ensinadas na escola, seus arcabouços de conteúdos

p. 315, março, 1918).

¹⁷ Regulamento este que "expõe os fins do benemérito estabelecimento, onde mais de 500 crianças recebem instrução gratuitamente. Publica o regulamento interno, horário das aulas, férias, disciplina e discrimina as matérias. Dá algumas recomendações ao corpo docente, que se me afiguram de suma importância. Enfim, quem quiser conhecer o que é, e a que se destina a excelente escola gratuita dos padres Franciscanos de Petrópolis, basta passar os olhos por este folheto elucidativo, que ao mesmo tempo serve de estatuto." (BIBLIOGRAFIA. In: **Vozes de Petrópolis**, Petrópolis, v. 1, n. 1,

^{18 &}quot;É um apêndice ao regulamento [...]. Tem interesse apenas para os professores e as famílias dos alunos beneficiados. O ensino da religião está dividido em três partes: História sagrada, catecismo e liturgia. O de português em quatro: leitura, gramática, ortografia e lição de cousas. Seguem-se depois as matérias: aritmética, geometria, história universal e do Brasil, geografia, história natural, física, canto e caligrafia. Como se vê, muito completo. Há um certo número de pontos para cada matéria, simples e resumidos." (BIBLIOGRAFIA. In: **Vozes de Petrópolis**, Petrópolis, v. 1, n. 1, p. 315, março, 1918).

da instrução primária oferecido pela Escola Gratuita São José, abrangendo o curso elementar (1.º e 2.º anos), o curso médio (3.º ano) e o curso complementar (4.º e 5.º anos). Dados estes fundamentais para a pesquisa em curso na época e também para se compreender como a educação franciscana se viabilizava no cotidiano letivo em tal escola no período de 1896-1925.

Foi também em um desses dias de investigação de janeiro de 2015 que vim a encontrar – nos acervos da Editora Vozes – apenas exemplares de edições posteriores à primeira edição de cada um dos quatro *Livros de Leitura*, não mais os originais deles. Optei, na ocasião, por tomar como objeto de pesquisa os exemplares encontrados o quanto possível mais próximos à primeira edição (*Primeiro Livro de Leitura* – 1919; *Segundo Livro de Leitura* – 1917; *Terceiro Livro de Leitura* – 1917; e *Quarto Livro de Leitura* – 1917).

Os exemplares de tais *Livros*¹⁹ foram utilizados como objeto de estudo nesta pesquisa. São estes:

- PRIMEIRO LIVRO DE LEITURA. Editado pelos professores da Escola Gratuita São José em Petrópolis. 13.ª ed. Petrópolis: Tipografia das "Vozes de Petrópolis", 1919.
- *SEGUNDO LIVRO DE LEITURA*. Editado pelos professores da Escola Gratuita São José em Petrópolis. 5.ª ed. Petrópolis: Tipografia das "Vozes de Petrópolis", 1917.
- TERCEIRO LIVRO DE LEITURA. Editado pelos professores da Escola Gratuita São José em Petrópolis. 4.ª ed. Petrópolis: Tipografia das "Vozes de Petrópolis", 1917.
- *QUARTO LIVRO DE LEITURA*. Editado pelos professores da Escola Gratuita São José em Petrópolis. 3.ª ed. Petrópolis: Tipografia das "Vozes de Petrópolis", 1917.

O recorte temporal do objeto de estudo da presente pesquisa (1896-1925) emerge, nesse sentido, de alguns eventos afins nos quais ocorreram: a chegada dos Franciscanos da Província da Imaculada Conceição em 1896 à cidade de Petrópolis (RJ); a fundação da Escola Gratuita São José em 7 de janeiro de 1897 e da sua tipografia em março de 1901; a elaboração e impressão dos quatro *Livros de Leitura* entre 1904 e meados da segunda década do século XX; os primeiros vinte e cinco anos da Escola Gratuita São José²⁰ ocorridos em 1922; a publicação em 1918 do *Regulamento da*

¹⁹ Entendo que a digitalização posterior dos *Livros de Leitura* impressos pelos Franciscanos na tipografia da Escola Gratuita São José viabilizará o acesso, a consulta *online* dessas obras por diferentes pesquisadores da temática, bem como a realização de futuras pesquisas em âmbito de pós-doutoramento pelo autor desta tese.

^{20 &}quot;Desde seu início a Editora Vozes teve sua história vinculada à Escola Gratuita São José. Os livros didáticos da época, vazados na mentalidade positivista de fim do século, não serviam aos ideais de apostolado por meio do ensino. Era necessário redigir novos livros, expurgados da mentalidade positivista, portadores de mensagem e mundivisão

Escola Gratuita São José e do apêndice Distribuição das matérias compiladas para Escolas Primárias Católicas por Frei Bruno Heuser, professor da Escola Gratuita São José de Petrópolis, cujo exemplar encontrado nos acervos da biblioteca do Instituto Teológico Franciscano (ITF) data de 1925, dentre outros acontecimentos. (ANEXO A).

O recorte temporal da pesquisa foi também delimitado (1896-1925) considerando-se o período de produção das fontes privilegiadas - os *Livros de Leitura*, enquanto objeto desta pesquisa, e o *Regulamento e Distribuição das Matérias: compilação para Escolas Primárias Católicas* do ano de 1925. Pontuo ainda que tais fontes foram mobilizadas em franco diálogo com outras fontes, dentre as quais destaco: *Revista Vozes de Petrópolis*, fotografias, periódicos de circulação nacional da época (Fon Fon, Careta...), livros crônicas da casa dos Franciscanos, obras de autores Franciscanos que atuaram na Editora Vozes, impressos comemorativos de efemérides franciscanas, Cartas Encíclicas Papais. Busquei também subsídios em diferentes autores que pesquisaram a temática dos livros didáticos e a presença dos Franciscanos na história da educação brasileira.

Os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa

A história da leitura atenta para a compreensão do modo como o ser humano tem lido e atribuído sentido aos textos de natureza diversa. Trata-se, antes de tudo, de um desafio real com o qual Darnton (1992, p. 200) já se confrontou ao assinalar que "[...] a leitura possui uma história. Mas como recuperá-la?".

Confronto este assumido por Darnton (1992) em busca do acesso ao modo não linear e, sim, sinuoso de ler dos leitores. Sinuoso, pois implica considerar como cada leitor tem lido, assimilado e se apropriado da leitura em cada época e contexto em conexão com os aspectos cultural, social, político e econômico. À proporção dos desafios que compreendem os estudos sobre a leitura somase ainda a disposição pessoal de cada leitor em relação à leitura, o que é suscetível de variações, levando-se em conta questões também passíveis de serem consideradas, tais como: quem lê, como lê, onde lê, quando lê e por que lê?

.

cristã. Foi este o motivo para que Frei Ciríaco Hielscher [...], se lançasse à procura de uma [...] tipografia destinada a imprimir os livros para a Escola Gratuita São José e, com os livros e outro material impresso que se vendesse, obter fundos para pagar os Professores leigos dessa escola para os pobres. Devido a esta vinculação, nos primeiros anos de existência a Vozes foi chamada de Tipografia da Escola Gratuita São José. Naquele tempo, eram os Professores da Escola que elaboravam os manuais, impressos na tipografia da Escola." (PRIM, 1985, p. 2-3).

Darnton (1992) assinala ainda que a compreensão do modo como os livros se relacionam com o mundo à volta deles precisa levar em conta elementos ligados à tipografia, às palavras e até às expressões oriundas de diferentes áreas do conhecimento. Adiciona a estes elementos a tecnologia e o suporte usados na escrita e leitura, considerando as diferentes possibilidades que existem na contemporaneidade, as quais sugerem uma complexidade crescente em termos de problemáticas que se abrem para pesquisas futuras, dentre as quais destaco aquelas voltadas ao letramento digital. (SOUZA, GUIMARÃES, 2017; GUIMARÃES, SOUZA, GILZ, 2017).

Já para Chartier (1990, p. 127), a leitura compreende três aspectos inter-relacionados: "[...] o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera". A leitura não se reduz, por assim dizer, a um ato abstrato do intelecto do sujeito e, sim, a um jogo interativo entre o leitor e os diversos cenários que a ele se apresentam à medida que é tomado pelo dito e pelo não dito no texto.

Hobsbawm (1998) aponta tanto para a importância do estudo de registros marginais como para as diferentes modulações de análise contíguas a um objeto de pesquisa. Os Livros de Leitura elaborados e impressos na tipografia da Escola Gratuita São José são – em relação a duas obras encontradas (ANDRADES, 2001; PIMENTEL, 1951) sobre a história dessa tipografia – registros marginais. São registros marginais, porque tais obras tão só privilegiam uma frisa histórica ou linha do tempo da instituição e dos seus feitos editoriais em si. Realçam apenas aspectos da vida e das ações de personagens que, por algum motivo, tiveram um posto de destaque (fundador, diretor, entre outros na Vozes). Silenciam, por sua vez, com relação às ações dos demais envolvidos nos trabalhos editoriais atravessadas por embates e tensões, por exemplo, entre a Igreja Católica e o Estado Laico, entre outros. Silenciam a respeito da presença dos Franciscanos na história da educação brasileira e na instrução primária em Petrópolis no período de 1896 a 1925. Silenciam sobre o impacto da publicação de seus livros didáticos, sobre a utilização dos recursos e avanços técnicos da imprensa na modernidade, enquanto um recurso destinado à educação, a partir de princípios do método intuitivo, defendido e propalado pelos republicanos. De maneira ambivalente, os religiosos no período mobilizam avanços técnicos e práticas que emergiram na consolidação da modernidade a seu favor (a imprensa, a produção de periódicos, de obras didáticas etc.) para reafirmarem valores defendidos em Cartas Encíclicas Papais.

Outro historiador inglês, Thompson realçou – em 1976, no Congresso de História em Calicute (Índia) – a necessidade de o historiador servir-se do modo antropológico de olhar e de circunscrever os problemas, sistemas de valores, rituais, simbolismos associados à autoridade,

controle e hegemonia. Ou seja, para Thompson (2001, p. 234-235) cabe ao historiador "[...] reexaminar o velho material há muito recolhido e fazer novas perguntas, procurando recuperar os costumes perdidos e as crenças que os embasavam.".

Oliveira (2008) localiza na obra de Thompson um conjunto de conceitos, noções, premissas e hipóteses que possibilitam identificar a escola como lugar de sistematização da cultura, lugar de produção-circulação-reprodução cultural. Possibilitam perscrutar a escola também como um lugar de conflito, da luta hegemônica, da luta de classes, da resistência e dos embates ideológicos. Um lugar tensionado por processos e estruturas, determinação histórica e ideologia, controle e disciplina, hábitos, costumes, ritos, histórias de vida, formação, sociabilidades, inovação e cultura²¹.

Um estudo sobre a história das culturas escolares, com base nos pressupostos teóricos de Thompson, não pode, de acordo com Oliveira (2008), prescindir de levar em consideração pelo menos dois conjuntos de fatores: 1.º) o movimento interno de cada unidade escolar (os fins da escola, a disposição das disciplinas em cada etapa da instrução, os dias e horários das atividades escolares etc.) na conexão com o contexto social que extrapola os seus muros em âmbito local, nacional e internacional; 2.º) o aspecto das expectativas, dos interesses, das necessidades, das resistências, dos valores, das modulações de humor (riso, choro, dor, prazer, raiva, alegria etc.) por parte dos sujeitos do espaço escolar.

Em relação à investigação sobre os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José, publicados no período de 1896 a 1925, a consideração desses pressupostos teórico-metodológicos me autoriza a averiguar os possíveis critérios adotados pelos autores na organização e na publicação dos livros, os temas e os autores privilegiados, bem como as imagens e a diagramação privilegiadas. Postulam a necessidade de se remontar os diversos elementos que dizem respeito ao objeto de estudo (desde sua autoria até sua materialidade etc.), assim como os diversos documentos encontrados afins aos objetivos da pesquisa.

O estudo sobre os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José remete a um cenário historiográfico da educação brasileira complexo que não pode ser ignorado, a começar pelo

_

²¹ Cultura enunciada como "[...] um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; [...] uma arena de elementos conflitivos." (THOMPSON, 1998, p. 17).

rastreamento de aspectos negligenciados ou deixados à margem. Um desses aspectos diz respeito à cultura escolar e a seus pressupostos (SILVA, 2006).

Ao se reportar à cultura escolar, um refinamento conceitual mínimo se faz necessário, visto que uma das dificuldades que se manifesta com relação a tal intento diz respeito à polissemia inerente ao próprio conceito de cultura. Cultura entendida, segundo Chartier (1999, p. 8-9), como

[...] aquela que designa as obras e os gestos que numa dada sociedade justificam uma apreensão estética e intelectual; e aquela que trata das práticas comuns, 'sem qualidades', que exprimem a maneira por meio da qual uma comunidade – não importa em que escala – vive e pensa a sua relação com o mundo, com os outros e com ela mesma.

A cultura escolar é, antes de tudo, uma das categorias de investigação e análise em história da educação (FARIA FILHO *et al.*, 2004). A cultura escolar está atrelada à ideia de educação como prática cultural e social, onde a escola se constitui como o lugar por excelência da produção de uma cultura específica.

A cultura escolar volta-se à iniciação e à familiaridade com o universo das letras, das palavras e de decodificação do mundo por meio da leitura e da escrita. Cultura escolar que na escola tem sua origem, na escola se adquire e a partir da escola se difunde (CHERVEL, 1988). Porém, é preciso dar maior abrangência ao significado de leitura, considerando-se que existem diferentes possibilidades de interpretação dessa expressão. Tudo o que é produzido pelo ser humano, em suas diferentes manifestações culturais (imagem fotográfica, linguagem arquitetônica, cinema, teatro etc.) permite uma leitura também ensinada na escola.

Dominique Julia (2001, p. 10-11) compreende a cultura escolar como

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). [...] Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares.

Cunha (2007, p. 80) sinaliza que a cultura escolar se constitui de "[...] documentos/materiais escritos produzidos em âmbito escolar e materializados em objetos como cadernos, boletins, quadros de formatura, manuais, álbuns de poesias, fotografías.", pois tais documentos/materiais

conservam memórias de uma educação escolarizada de diferentes temporalidades e códigos culturais neles inscritos.

Souza (2007, p. 163) lembra que

[...] a ampliação significativa da composição material da escola primária ocorreu, não por acaso, a partir de meados do século XIX, no bojo do processo de constituição dos sistemas nacionais de ensino e de desenvolvimento do capitalismo. A preocupação com materiais de uso escolar remonta a período anteriores, como se pode perceber nos textos de Comenius no século XVI, [...]. Mas foi no século XIX que a construção de prédios escolares, o surgimento de moderno mobiliário escolar e novos materiais de ensino proliferaram de forma considerável articulando-se com a moderna pedagogia, o processo de escolarização em massa e a expansão do mercado industrial.

A cultura escolar está, segundo Souza (2007), atrelada a um espaço povoado de coisas, de saberes e de práticas, entrelaçadas pelas finalidades culturais da escola. Entre coisas, saberes e práticas, pode-se mencionar: métodos, programas de ensino, plantas de prédios escolares, museus, laboratórios, móveis e acessórios, materiais de uso em sala de aula para finalidades diretas do ensino, sistema de ensino, metodologias, notas, sanções, controles, bibliotecas, lousas, quadrosnegros, mapas, cadernos, livros, cartilhas²², almanaques, manuais didáticos, compassos, globo terrestre, bússola, periódicos educacionais, panfletos, livros de leitura, livros de literatura infantojuvenil, anuários, laboratórios etc. O espaço escolar, com sua diversidade de utensílios, saberes e práticas, é revelador dos múltiplos sentidos da expressão 'cultura escolar'.

A cultura escolar é, então, mais do que um mero pressuposto. Segundo Faria Filho (2007, p. 198), trata-se do processo e do resultado "[...] das experiências dos sujeitos, dos sentidos construídos e compartilhados e/ou disputados pelos atores que fazem a escola.". A cultura escolar é aquela que se apresenta como indício de práticas humanas e suas variações, suas possibilidades, prescrições e apropriações no uso dos objetos com fins educativos na escola, nos conteúdos das disciplinas ministrados, na metodologia empregada, nas atividades desenvolvidas etc., sendo assim

²² "[...] o termo cartilha constitui um desdobramento da palavra 'cartinha' que, por sua vez, era usada – em língua portuguesa – desde o princípio da Idade Moderna, para identificar aqueles textos impressos cujo propósito explícito seria o de ensinar a ler, escrever e contar." (BOTO, 2004, p. 495).

[...] a noção de cultura escolar refere-se não apenas a normas e regras, explícitas ou não, símbolos e representações, além dos saberes prescritos, mas também, e sobretudo, a práticas, apropriações, atribuições de novos significados, resistências, o que produz configurações múltiplas e variadas, que ocorrem tipicamente na escola. Afinal, não há como negar que haja coisas que só existem na escola. (MUNAKATA, 2016, p. 122).

O livro didático, para Munakata, é uma das 'coisas' peculiares à escola. O livro didático é portador dos saberes escolares, das terminologias adotadas, dos registros do que e do modo como era ensinado em determinado período da história da escolarização e, por isso, um dos componentes explícitos da cultura escolar.

O *Livro de Leitura* foi um dos modelos de livros didáticos típico do final do século XIX e início do século XX. No período pesquisado, Abílio César Borges publicou, entre 1868 e 1890, uma série destes livros: o *Primeiro Livro de Leitura*²³ (1868), o *Segundo Livro de Leitura* (1868), o *Terceiro Livro de Leitura* (1868) e o *Quarto Livro de Leitura* (1890). Assim como, João Köpke, Thomas Galhardo, César Martines, Puiggari-Barreto e Felisberto de Carvalho também publicaram, entre 1890 e 1920, obras cujos títulos eram *Livros de Leitura*, utilizados nas escolas primárias brasileiras. (OLIVEIRA e SOUZA, 2000). Destaco que João Köpke e Abílio César Borges foram dois dos autores utilizados nos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José pesquisados.

Com relação ao *Livro de Leitura*, trata-se de um impresso "[...] constituído de narrativas sobre assuntos variados, sempre edificantes e moralizantes. Um dos temas frequentes é o cotidiano escolar, o que torna esses livros fontes imprescindíveis para pesquisas sobre a cultura escolar." (MUNAKATA, 2016, p. 127).

E, nessa perspectiva, os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José se inscrevem na cultura escolar e, por conseguinte, na história da educação no Brasil como fontes documentais cujas potencialidades para a pesquisa ainda estão por ser exploradas com mais vigor. Eles foram – enquanto livros didáticos – elaborados, editados, impressos e postos em circulação para serem utilizados no âmbito escolar atendendo a um dado escopo cultural, o que não significa que sua circulação tenha ficado restrita tão somente aos espaços escolares. É possível que alguns exemplares tenham sido disponibilizados em bibliotecas para além das escolares e subsidiado práticas de leitura em diferentes espaços sociais e ocasiões.

-

²³ Houve também em 1888 a publicação do *Novo Primeiro Livro de Leitura – leitura universal*, de autoria de Abílio César Borges. Não consegui apurar se chegou a ser uma reedição do volume já publicado em 1868.

A delimitação do tema, dos objetivos da pesquisa e a estruturação dos capítulos

A partir das considerações acima, o tema da pesquisa ficou assim definido: *Livros de Leitura da Escola Gratuita São José:* a presença dos Franciscanos na educação brasileira e na instrução primária em Petrópolis – RJ (1896-1925). Considerando-se o tema definido, formulei três objetivos para a pesquisa:

- Pesquisar, com base nos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José, a presença dos Franciscanos na educação brasileira e na instrução primária em Petrópolis (1896-1925).
- Identificar os elementos relacionados tanto à materialidade dos *Livros de Leitura* como
 às temáticas valorizadas e disseminadas pelos Franciscanos por meio desses livros na
 conexão com o contexto sociocultural da época;
- Analisar as temáticas privilegiadas nos Livros de Leitura pelos Franciscanos em relação às demandas educacionais dos liberais e positivistas do regime republicano, defensores de uma educação laica.

O inventário de fontes documentais e bibliográficas sobre a educação brasileira levou-me a identificar um predomínio de uma narrativa histórica que faz silêncio acerca da presença dos Franciscanos na educação brasileira (SANGENIS, 2004; SOUZA, 2012; SOUZA e MARTINS, 2017). O que dizer então a respeito da presença dos Franciscanos na instrução primária, em Petrópolis, no período de 1896 a 1925, com base nos *Livros de Leitura* impressos na tipografia da Escola Gratuita São José?

A justificativa desta pesquisa assenta-se, assim, no fato de que há poucas pesquisas voltadas à história da educação franciscana no Brasil, bem como o fato de tais *Livros de Leitura* não terem sido tomados como objetos de pesquisa, o que, dado o ineditismo da temática, remete à pertinência desta investigação.

Considerando a delimitação do tema e dos objetivos desta pesquisa, organizei os resultados da pesquisa em quatro capítulos distintos, precedidos por uma introdução e finalizado por algumas considerações finais. No capítulo I, focalizo o contexto sociocultural do período, dando ênfase à modernidade e seu impacto social. No capítulo II, focalizo a presença dos Franciscanos na história da educação brasileira, em particular na instrução primária em Petrópolis – RJ, trazendo como mote a intersecção entre uma iniciativa educacional e a fundação de uma tipografia, registrando a

importância da imprensa para a escolarização crescente no país²⁴. No terceiro capítulo, trago os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José de Petrópolis (RJ) e os elementos relacionados à materialidade deles. E no Quarto capítulo IV, analiso os *Livros de Leitura* a partir de quatro temáticas identificadas como as mais privilegiadas pelos Franciscanos na edição destes *Livros*.

-

 $^{^{24}}$ É preciso atentar para este aspecto e para a sua potencialidade como temáticas de futuras pesquisas.

CAPÍTULO I: DO GERMINAL À ESCOLARIZAÇÃO REDENTORA

Neste capítulo, abordo o contexto sociocultural atravessado e mobilizado por tensões, conflitos, lutas e apagamentos da modernidade em franca conexão com as resistências da Igreja Católica aos seus opositores.

1.1 O contexto sociocultural e as ambiguidades da modernidade

A modernidade não designa apenas uma época histórica que rompeu e ou que se diferenciou daquela que lhe antecedeu²⁵. A modernidade caracteriza-se por transformações socioculturais e econômicas

[...] em uma determinada região geográfica do mundo (parte da Europa e alguns trechos da América do Norte), cujo centro eram os Estados rivais e vizinhos da Grã-Bretanha e França. A transformação de 1789-1848 é essencialmente o levante gêmeo que se deu naqueles dois países e que dali se propagou por todo o mundo. Mas não seria exagerado considerarmos esta dupla revolução – a francesa, bem mais política, e a industrial (inglesa) – não tanto como um fato que pertença à história dos dois países que foram seus principais suportes e símbolos, mas sim como a cratera gêmea de um vulcão regional bem maior. (HOBSBAWM, 2010, p. 20).

Levante gêmeo este não só em âmbito europeu que deu origem a diversas transformações, não deixando praticamente intacto nenhum aspecto da vida humana, cultural, política, educacional, econômica, religiosa, moral, literária e filosófica. Transformações imbricadas por tensões, conflitos, lutas e apagamentos por vários motivos: primeiro, porque tais transformações não aconteceram ao mesmo tempo em todos os lugares e nem para toda a população; segundo, porque somente uma parte da população – a com maior poder aquisitivo ou a com certo prestígio político – podia dispor das benesses do suposto levante gêmeo; terceiro, porque estas transformações significaram também artifícios de inculcação de modos de ser, pensar e de apreciar a vida alheios aos que se viram atravessados por tal levante gêmeo, lesados pelo apagamento de seus saberes, costumes e valores.

A humanidade não chegou a ser inteiramente moderna ao final do século XVIII e ao início do século XIX. As áreas comerciais e industriais desenvolvidas eram ainda uma exceção. O mundo era essencialmente rural e pouca gente sabia ler. "As notícias chegavam à maioria das pessoas por

_

²⁵ Cf. DUBOIS, C. G. **O imaginário da renascença**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: UnB, 1995.

meio dos viajantes e do setor móvel da população: mercadores e mascates, artesãos itinerantes, trabalhadores de temporada, grande e confusa população de andarilhos que ia desde frades ou peregrinos até contrabandistas.". (HOBSBAWM, 2010, p. 32).

No século XIX ocorreu um significativo crescimento da população mundial, o aumento de novos centros urbano-industriais e, consequentemente, dos círculos mercantis, das atividades comerciais e manufatureiras. As atividades agrícolas nas cercanias desses centros urbano-industriais que iam se configurando convergiam pelo menos para duas de suas funções elementares: alcançar uma produtividade significativa a ponto de atender às demandas da população urbana em rápido crescimento e fornecer mão de obra a baixo custo às fábricas das cidades.

Hobsbawm, em suas obras *A Era das Revoluções* (1789-1848), *A Era do Capital* (1848-1875) e a *Era dos Impérios* (1875-1914), mobilizou-me no sentido de atentar para o imbricamento da ciência com as transformações políticas, econômicas e culturais que ocorreram no transcorrer dos séculos XVIII, XIX e nas primeiras décadas do século XX. A par de tal imbricamento, estabeleci conexões entre documentos pontifícios em que estão explícitas algumas das iniciativas papais, relativas à atuação da Igreja frente ao avanço das relações capitalistas de produção que impuseram drásticas mudanças sociais na modernidade. Mudanças estas voltadas às iniciativas educacionais, ao uso da imprensa e de seus recorrentes avanços técnicos como uma das estratégias necessárias para garantir o sucesso de tais iniciativas, assim como para a divulgação e a circulação dos princípios católicos em diferentes materiais impressos, destinado a um público diversificado em diferentes países.

Particularmente na Carta Encíclica *Rerum Novarum*²⁶, de 15 de maio de 1891, o Papa Leão XIII discute a questão da condição desfavorável dos operários em relação aos patrões. Afirma ser um dever dos membros da Igreja Católica e também da autoridade pública "[...] subtrair o pobre operário à desumanidade de ávidos especuladores, que abusam, sem nenhuma descrição, das pessoas como das coisas." (LEÃO XIII, 1891, p. 447).

No capítulo V de sua obra *A Doutrina Social da* Igreja, Bigo (1969), ao apresentar aspectos de seus estudos sobre as Cartas Encíclicas Papais, realça que pelo menos três pontífices sucessivos – Pio XI (em 1931), Pio XII (1941) e João XXIII (1961) – fizeram questão de enaltecer

_

²⁶ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Rerum Novarum* – sobre a condição dos operários, de 15 de maio de 1891. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 419-461.

a publicação da encíclica *Rerum Novarum* por Leão XIII; na qual o pontífice expôs o posicionamento da Igreja Católica a respeito do problema social da época.

Ressalto que a Igreja Católica não estabeleceu diálogo em si com o marxismo²⁷ na virada do século XIX para o século XX. Defendeu a Igreja – movida pelo que compreende como justiça e equidade social – e que o Estado zele pela prosperidade dos bens públicos para melhor servir ao interesse comum de todas as classes. Defendeu que o Estado fiscalizasse tanto as condições de trabalho como a retribuição salarial ao trabalho dos operários para que não se reduzisse a uma quantia mesquinha e irrisória paga pelos patrões. Defendeu que os patrões detentores dos meios de produção não tratassem os trabalhadores como escravos, respeitando-lhes o direito ao descanso dominical. Propôs aos trabalhadores que se educassem para a poupança de parte dos salários recebidos, precavendo-se assim da indigência e de outros infortúnios de ordem material. Propôs aos operários que apoiassem e participassem de congressos católicos, cuja organização visavam defender relações de trabalho equitativas, condenar abusos e exploração por parte dos patrões. Propôs aos operários que se filiassem a associações que lhes pudessem auxiliar em caso de morte, de acidentes de trabalho, enfermidades, entre outros. Associações estas fundadas de modo especial pela Igreja Católica por meio de suas Confrarias, Congregações e Ordens Religiosas e alinhadas aos direitos das diversas profissões, inclusive a dos artistas. (LEÃO XIII, 1891).

O processo de industrialização da produção escondia, por exemplo, as graves epidemias que assolavam as metrópoles (BRESCIANI, 1982), a poluição no interior e condições insalubres de trabalho das minas de carvão do século XIX na França. Engendrou manifestações sociais e movimentos de trabalhadores grevistas relegados pelos seus patrões às miseráveis condições de vida, a riscos de enfermidade e de morte, além das tensões ante a baixa remuneração, a fome e a ameaça de desemprego de várias famílias. Diferentes literatos registram em suas obras a miséria que se desnudava aos olhos dos contemporâneos daquela época. Em O Germinal Zola (2014) narra que

2

²⁷ "É difícil precisar com exatidão os direitos e os deveres que devem ao mesmo tempo reger a riqueza e o proletariado, o capital e o trabalho. [...] nós estamos persuadidos de que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida. [...] os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça de uma concorrência desenfreada." (LEÃO XIII. Carta Encíclica *Rerum Novarum* – sobre a condição dos operários, de 15 de maio de 1891. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 420).

Trabalhava-se como asno num trabalho que era dantes o castigo dos grilhetas, esticava-se a canela mais do que era preciso, e nem assim havia carne para comer, à noite. Comia-se, é claro, mas [...] esmagado de dívidas, perseguido como se roubasse o pão. Ao domingo, dormia-se de cansaço. [...] Então, a mulher do Maheu metia o seu bedelho: — o pior é quando a gente se convence de que não há mudança possível. Enquanto se é moço, imagina-se que há de vir a felicidade, [...]; e depois, a miséria não tem fim, é um desespero. [...] às vezes revolta-me esta injustiça [...]. — No momento em que a gente dá um pio é despedido, disse Maheu. [...] o mineiro será sempre a vítima, sem esperança de receber pelo menos uma perna de carneiro como recompensa. (ZOLA, 2014, p. 177-178).

O literato registrou a abastança desfrutada pela burguesia, e, por outro, a miséria dos trabalhadores das minas de carvão. É possível identificar nessa obra o estranhamento desse autor em face das tensões e dos conflitos decorrentes da insatisfação dos trabalhadores explorados e à mercê de fatores, tais como: condições inóspitas nos locais de trabalho; acidentes e mortes frequentes; necessidade imperiosa de todos os membros das famílias trabalharem, independentemente da idade e das condições de saúde, para se garantir o mínimo necessário à subsistência, inexistência e fragilidade de uma legislação que regulasse as relações de trabalho das classes assalariadas que haviam emergido com o capitalismo e que estavam a se consolidar.

Eram nítidos os extremos entre a miséria (os trabalhadores) e a opulência dos donos dos meios de produção. Com o avanço da modernidade e a consolidação capitalista, em meados do século XIX é possível perceber que

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: [...] a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; [...] enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão. (BERMAN, 2007, p. 25).

A modernidade alterou modos e ritmos de vida, desencadeou novas demandas de produção e o desprestígio de certas atividades não ligadas ao modo de organização industrial e urbana, o camponês começou a ser visto como um sujeito sem cultura e atrasado porque muitos não haviam passado pela experiência da escolarização. Nessa perspectiva, "[...] é suspeita a tentativa de fornecer modelos simples para um processo único, supostamente neutro, tecnologicamente determinado, conhecido como 'industrialização'." (THOMPSON, 1998, p. 288).

Para além do que, Thompson (1998), ao tratar da mudança da percepção de tempo da natureza para tempo dinheiro, alerta que tal mudança está em franca conexão com a regulação do tempo do trabalho e a disciplinarização do trabalhador, ocorrida no transcorrer do processo que deu origem ao capitalismo. Processo que pressupõe, no transcorrer de alguns séculos, a expropriação tanto de saberes e práticas do trabalhador quanto de seus meios e instrumentos de trabalho.

Expropriação imbricada em uma nova percepção do tempo que deixou de se orientar pelos ciclos da natureza e das atividades produtivas de diferentes comunidades. Essa percepção foi paulatina e hegemonicamente tomada pelo ritmo fabril, matematicamente cronometrado pelo relógio, com o fito de garantir o lucro dos proprietários.

À medida que o tempo começa a ser fracionado em horas, minutos, segundos, as pessoas começam a experienciar o tempo de diferentes maneiras, presentes não só na percepção do tempo dinheiro quanto na percepção de quanto o relógio vem a ser útil para garantir a disciplinarização e o controle, inicialmente do trabalho nas manufaturas, depois da própria vida na modernidade.

No momento de emergência e consolidação do tempo dinheiro, a propriedade de um relógio aferia prestígio ao seu dono.

[...] o pequeno instrumento que regulava os novos ritmos da vida industrial era ao mesmo tempo uma das mais urgentes dentre as novas necessidades que o capitalismo industrial exigia para impulsionar o seu avanço. Um relógio não era apenas útil; conferia prestígio ao seu dono, e um homem podia se dispor a fazer economia para comprar um. (THOMPSON, 1998, p. 279).

O engodo do prestígio que um relógio pudesse aferir ao seu dono escondia na época o processo de fracionamento do tempo que, por sua vez, começava a conformar os indivíduos aos condicionamentos das máquinas, à sincronização de rotinas e trabalhos, à exploração da mão de obra²⁸, nada mais do que endossos à sociedade capitalista industrial nascente. Escondia a divisão de trabalho, as multas, o *stress* das sirenes das fábricas, a supressão das feiras e dos esportes. Escondia contestações à severidade das doutrinas mercantis cujas justificativas de manutenção dos salários baixos dos trabalhadores seriam para afastá-los da vadiagem e do alcoolismo.

_

²⁸ "Materialmente, é provável que o novo proletariado fabril [...] encontrava-se sob o rígido controle e a disciplina ainda mais rígida imposta pelo patrão ou por seus supervisores, contra quem realmente não tinham quaisquer recursos legais [...]. Eles tinham de trabalhar por horas ou turnos, aceitar os castigos e multas com as quais os patrões impunham suas ordens e aumentavam seus lucros." (HOBSBAWM, 2010, p. 331).

É significativo que toda a rotina escolar²⁹ pauta-se pelo tempo matematicamente controlado pelo relógio.

O desenvolvimento das ciências no período voltava-se à busca de solução dos problemas produtivos e das necessidades da indústria. Posto que

[...] o 'iluminismo', a convição no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza [...] derivou sua força primordialmente do evidente progresso da produção, do comércio e da racionalidade econômica e científica que se acreditava estar associada a ambos. E seus maiores campeões eram as classes economicamente mais progressistas, as que mais diretamente se envolviam nos avanços tangíveis da época: os círculos mercantis e os financistas e proprietários economicamente iluminados, os administradores sociais e econômicos do espírito científico, a classe média instruída, os fabricantes e os empresários. (HOBSBAWM, 2010, p. 47).

A ferrovia é identificada como uma das principais inovações modernas do século XIX. "Tecnologicamente, a ferrovia é filha das minas e especialmente das minas de carvão do norte da Inglaterra." (HOBSBAWM, 2010, p. 83). Tão logo tida como viável e rentável na Inglaterra, a construção de ferrovias em outros países do mundo, incluindo o Brasil, mais ao término do século XIX, aconteceu e simbolizou tanto um dos engenhos propulsores de modernidade e desenvolvimento econômico quanto a própria modernidade e o progresso se entendia afeito à sua racionalidade.

Ferrovias que foram nas três últimas décadas do século XIX não só um dos meios de transporte, por exemplo, do complexo carbonífero catarinense do Brasil. Ferrovias cujas estações abrigaram trabalhadores em greve devido às péssimas condições de trabalho nos subterrâneos das minas. Ferrovias que foram também o meio de transporte de trabalhadores às bocas das minas, em cujos subterrâneos um número considerável deles contraiu a pneumoconiose, entre outras enfermidades oriundas da inalação de poeira residual das escavações e das explosões a dinamite. (GOULARTI FILHO, 2017).

As ferrovias viabilizaram, entretanto, não só uma forma de transporte rentável de um lado para o outro de mercadorias, como também deram vazão de modo desmedido à lucratividade do empreendimento. Primeiro, as ferrovias, depois os avanços da construção naval da marinha

_

²⁹ "A escola é um lugar de memória. Quando o olhar pode atravessar a espessura do tempo, distingue vestígios reconhecíveis de sua história. [...] o ensinamento em grupo a partir do horário e o programa preestabelecidos, têm parentesco direto com as oficinas dos primeiros tempos da revolução industrial. (CORTEZ e SOUZA, 2004, p. 7).

mercante e, por último, já na segunda década do século XX da aviação garantiram a emergência de outra percepção do tempo em relação às distâncias: é como se o tempo se acelerasse e as distâncias encurtassem por conta do desenvolvimento desses meios de transporte, que, para além de mercadorias, transportavam pessoas e informações. (HOBSBAWM, 2010). No *Quarto Livro de Leitura*³⁰ observa-se, por exemplo, a presença desta temática nos textos "A máquina a vapor" (p. 254-256) e o "O trem de ferro" (p. 256-257), objeto de ensino dos professores da Escola Gratuita São José aos seus respectivos alunos.

As várias Exposições internacionais que foram organizadas na época também estão, a seu modo, imbricadas ao contexto sociocultural da pesquisa sobre os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José. A organização destas Exposições atendia a uma intenção educacional civilizadora, normatizadora e até didática junto aos mais diversos setores sociais. Nelas, a educação era vista como um símbolo de modernidade a propagar metodologias, recursos didáticos e instituições de ensino. Tais eventos ocorreram também no Brasil à mercê dos condicionantes sociais (desigualdades), políticos (transição do regime imperial para o republicano) e internacionais. Estes três aspectos Kuhlmann Júnior discute em uma de suas pesquisas para propor que não restam dúvidas de que a preocupação com a educação esteve presente nessas Exposições desde a primeira delas, no ano de 1862, em Londres.

As Exposições foram um palco para a representação de espetáculos de crença acrítica no progresso, na técnica e na ciência. Na sua arquitetura e organização, na sua idealização modelar e utópica da vida social, expressaram-se as tendências e conflitos existentes na sociedade de seu tempo. [...] lá as pessoas entravam para deixar-se dissipar, abandonadas às manipulações e desfrutando da alienação de si e dos demais. (KUHLMANN JR., 2001, p. 11).

À luz dessas tendências, a educação passava a ser um dos signos de civilização, de progresso e de sociedade moderna. Era ela "[...] vista como um dos alicerces da vida civilizada: ela seria a produtora do progresso e não uma consequência do desenvolvimento econômico e social." (KUHLMANN JR., 2001, p. 20). Tais Exposições tinham, por sua vez, também uma concepção social pautada no modelo biológico do corpo, cujo Estado seria tomado como o cérebro humano, ou seja, o responsável pelas novas tendências artísticas, literárias, científicas e filosóficas.

³⁰ QUARTO LIVRO DE LEITURA. Editado pelos professores da Escola Gratuita São José. 3. ed. Petrópolis: Tipografia das Vozes de Petrópolis, 1917.

Kuhlmann sinaliza que cada país, sede de uma dessas Exposições, inclusive os segmentos políticos hegemônicos ligados ao Estado no Brasil, empenhavam-se muito para pôr à mostra máquinas e inventos com o intuito de demonstrar qual o seu 'lugar' no âmbito das nações civilizadas, modernas, industrializadas e detentoras de avanços balizados pela ciência.

Os estudos sobre as Exposições geralmente recorrem a metáforas que sintetizam significados daqueles eventos. A imagem de templo indica uma devoção à mercadoria, à ciência, à tecnologia, à modernidade etc. [...]. Outra metáfora sugerida pelas Exposições é a de vitrine, emanada da disposição ordenada dos produtos da sociedade capitalista como mercadorias expostas ao público visitante, boa parte deles no interior de móveis envidraçados. (KUHLMANN JR., 2001, p. 24).

Progresso, ciência e indústria eram mais do que palavras de ordem do governo imperial à sociedade brasileira, principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Eram o ponto de convergência das tensões entre as instituições, os procedimentos de um Estado postulante ao patamar de 'civilizado' – sustentados pelo ideário de progresso – a escamotear as desigualdades, a exploração e as exclusões sociais. Um ideário civilizatório junto aos mais diversos setores sociais. Até a primeira metade do século XIX, as Exposições da indústria eram nacionais, devido ao protecionismo dos países às suas indústrias nascentes, com exceção da Inglaterra, em cujo país o liberalismo³¹ econômico e o comércio ultramarino vinham prosperando. Eis por que tais Exposições passaram a ser consideradas espécies de epicentros da modernidade. Pois foram como que o espaço de manifestações e crenças acríticas ao progresso, à técnica, à ciência a modelar a vida social. Em cada produto exposto numa vitrine, pretendia-se "[...] também educar a população visitante, na perspectiva de obter resultados morais. Mostrava-se ao público o poder da 'civilização', cultivava-se o nacionalismo e a fé acrítica na ciência e na técnica." (KUHLMANN JR., 2001, p. 243).

As reformas e as transformações urbanas foram contemporâneas das Exposições Universais. Para Walter Benjamin (1985), a modernidade na cidade de Paris significou a remodelação daquilo que até então era: uma vila medieval em capital do mundo durante o século XIX, alavancada

-

³¹ Na época, a Igreja Católica era tida como retrógrada, atrasada e conservadora por seu posicionamento tensionado em relação ao ideário do liberalismo. Compreendia o liberalismo como "[...] uma escola tão propagada e tão poderosa, [...] que introduz nos costumes e na prática da vida o princípio da supremacia da razão humana que, recusando a obediência devida à razão divina e eterna, e pretendendo não depender senão de si mesma, se arvora em princípio supremo, fonte e juiz da verdade." (LEÃO XIII. Carta Encíclica *Libertas* – na qual expõe os ensinamentos da Igreja a respeito da liberdade natural e moral, de 20 de junho de 1888. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 322).

principalmente pela força do comércio têxtil, da moda, do uso do ferro em construções. Paris era a capital das passagens (galerias), ou seja, dos centros comerciais de mercadorias de luxo. Nessa capital, Benjamin identifica a

Ambiguidade [que] é a imagem visível e aparente da dialética, a lei da dialética em estado de paralisação. Essa paralisia é utópica e, por isso, a imagem dialética é uma quimera, a imagem de um sonho. Tal imagem é presentificada pela mercadoria enquanto fetiche puro e simples. Tal imagem é presentificada pelas passagens e galerias, que são tanto casa quanto rua. (BENJAMIN, 1985, p. 39-40).

Ambiguidade presente de modo especial nas imagens do desejo (do indivíduo ou do coletivo), um dos pressupostos psicanalíticos em Walter Benjamin. Nas imagens do desejo, "[...] a coletividade procura tanto superar quanto transfigurar as carências do produto social, bem como as deficiências da ordem social da produção. Além disso, nessas imagens desiderativas aparece a enfática aspiração de se distinguir do antiquado — mas isto quer dizer: do passado recente." (BENJAMIN, 1985, p. 32). E, nesse sentido, as passagens acabam sendo um 'mundo do sonho' a atrair uma sociedade do consumo ainda incipiente. O que Benjamin estava a propor? O 'despertar' desse sonho. Em outras palavras, tratava-se de despertar da alienação, da suposta prepotência de que para a burguesia emergente tudo passava a ser possível e alcançável.

Segundo Pesavento (1997, p. 29-30),

[...] produtos novos e máquinas desconhecidas atestam que a ciência aplicada à tecnologia era capaz de tudo ou, pelo menos, quase tudo. O valor dominante era o do progresso, caro às elites que dele faziam o esteio de uma visão de mundo triunfante e otimista. [...] Entretanto, no quadro das transformações capitalistas também se geraram as condições miseráveis de existência e trabalho dos operários fabris e deram margem a movimentos associativos e de resistência da classe trabalhadora.

As Exposições Nacionais e Universais foram fenômenos típicos do século XIX, como se fossem templos da mercancia e do consumo, fomentadoras dos desejos, das ostentações, das representações mentais e do imaginário coletivo. Logo, tinham, a princípio, dois objetivos. Um deles era aproximar produtores e consumidores de diversas partes do mundo, visando estimular os negócios, ampliar as vendas e viabilizar a produção dos novos produtos pela troca de conhecimentos dos processos empreendidos. O outro objetivo era ampliar "[...] o consumo, graças a um eficaz esquema publicitário." (PESAVENTO, 1997, p. 43).

Para Benjamin (1989, p. 39), tais exposições eram, em si, "[...] lugares de peregrinação da mercadoria como fetiche." Eram fontes por si mesmas de uma fantasmagoria, ou seja, uma concepção camuflada da realidade. À custa do apreço das mercadorias expostas e da aquisição destas, à luz de supostos valores tais como crença nas potencialidades empreendedoras do ser humano, na solidariedade entre as nações, na harmonia entre as diferentes classes sociais ocultavase a hegemonia da classe burguesa, mediatizada por práticas ideológicas. Ocultava-se a submissão do trabalhador à máquina, a concorrência entre as nações mais desenvolvidas e as que ainda eram essencialmente rurais.

Com isso, essas exposições foram, a um só tempo, eventos tanto em prol da expansão como de propaganda da sociedade industrial que se estruturava. Pela propaganda dos produtos apresentados nessas exposições, buscava-se persuadir os passantes dos possíveis 'ganhos' quanto ao valor e à necessidade do uso ou do consumo deles. Buscava-se "[...] seduzir os trabalhadores, demonstrando que eles eram os principais artífices daquela espiral de progresso que conduzia à sociedade do bem-estar." (PESAVENTO, 1997, p. 47).

Seduziam os passantes, vale dizer, escamoteando inescrupulosamente as condições de exploração da mão de obra à produção de determinados produtos, diluindo possíveis contestações e até dando a impressão de que o sistema capitalista da 'sociedade do bem-estar' era justo, capaz de retribuir meritoriamente a todos.

A modernidade possibilita, nesse sentido, situar em que contexto se configura a noção de que tempo é dinheiro. Possibilita entrever as razões pelas quais ocorre a concentração das unidades fabris nos centros urbanos, as indignas condições de trabalho e de vida da classe operária, a conformação de uma trama urbana que divide e segrega a cidade, dando origem aos bairros operários, distinguindo-os de áreas urbanas consideradas mais prósperas e valorizadas pelo capital, dentre muitos outros fatores. Possibilita identificar em que momento se começou a fazer uso do ferro, do vidro, da luz elétrica, do cimento (concreto): "[...] uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano." (BERMAN, 2007, p. 28).

A modernidade endossa o processo crescente de escolarização da população, sobretudo urbana. A escola passa a ser um dos ícones do progresso e da civilização. Tal percepção emerge atrelada à concepção de que a escola é o lugar social, por excelência, no qual a educação acontecia.

[...] a escola funcionou como um permanente espaço de normalização sociocultural, realizando a passagem da turma informal e indisciplinada das ruas para a classe, organizada e atenta, por uma série de práticas, visando diminuir idiossincrasias e atenuar personalidades. [...] A ideia hoje difundida é que a escola dizia tratar todos como iguais, e o que ela fazia, na grande maioria das vezes, era no mínimo se curvar perante a desigualdade que constituía seu ponto de partida (CORTEZ e SOUZA, 2004, p. 8-9).

Sendo assim, naquele contexto a escola formava e conformava seus alunos para valorizar e endossar os valores que emergiram com a consolidação do capitalismo e das relações de trabalho assalariadas. "Essa escola, [...] embora caricatural, era clara nos seus limites. Demonstrava que o ensino e a cultura não são coisas naturais." (CORTEZ e SOUZA, 2004, p. 11). Nessa perspectiva, qualquer fato ou objeto vinculado ao universo escolar traz as marcas da racionalidade capitalista.

E, por conseguinte, de resistências à imposição de uma determinada cultura e concepção de conhecimento, que tendia a desvalorizar a tradição oral, os saberes e as práticas, conforme pontuado por Benjamin em o *Narrador* (1994), obra na qual o filósofo berlinense trata do empobrecimento e da dificuldade de compartilhamento de experiências na modernidade.

E foi o Rio de Janeiro, então capital do Brasil, uma das cidades que primeiro passou por grandes transformações urbanísticas e socioculturais durante a segunda metade do século XIX. Em outras palavras,

[...] os ventos do progresso soprariam em direção ao Terceiro Mundo e seriam filtrados segundo os olhos e os interesses de suas elites [...]. Escravista, agrária, exportadora para o mercado mundial, a jovem nação brasileira aspirava também a participar do espetáculo da modernidade. [...] Afinal, por intermédio do comércio internacional, impulso vital de sua economia, o Brasil tomava conhecimento dos novos produtos lançados pelas fábricas europeias e dos novos inventos. A máquina a vapor e as vias férreas haviam se tornado conhecidas também na América. (PESAVENTO, 1997, p. 60).

Segundo a autora, às elites dirigentes, intelectuais e econômicas brasileiras, o progresso era uma meta a que o país precisava aspirar e perseguir, para atingir o *status* de 'moderno'. A cidade do Rio de Janeiro foi influenciada pela França, o centro irradiador de costumes, hábitos, modas e ideias da modernidade.

Visões de mundo, percepções e sensibilidades que, segundo Guimarães (2013) emergiram e foram mobilizadas por meio das ideias de modernidade. Emergiram em franca relação com as "novidades" do período:

Os aviões subiam aos céus, mas geravam medo e apreensão. A mesma luz elétrica que movia os bondes e tirava as cidades da escuridão promovia acidentes; choques às vezes fatais. Na corte carioca conviviam, da mesma maneira, realidades distintas: os saraus elegantes, com seus costumes à francesa, e as festas populares, que deixavam as ruas coloridas entre tantas congadas, reisadas, batuques, entrudos e procissões. Os novos carros que começavam a circular causavam engarrafamentos e trombadas, sobretudo quando emparelhados aos veículos de tração animal. Por fim, não há como esquecer que a escravidão deixava, ainda, marcas evidentes no cotidiano local. (COSTA e SCHWARCZ, 2000, p. 11).

A cidade do Rio de Janeiro trazia alguns matizes do período colonial, visíveis no traçado das ruas e nos costumes de seus habitantes. A ausência de saneamento básico, a sujeira das ruas e a insalubridade dos cortiços acentuavam a ameaça de doenças contagiosas, tornando mais evidente a precariedade das condições de vida da população mais carente, quando cotejadas com as questões sanitárias, da urbanização e higiene urbana. De meados do século XIX em diante, imigrantes³² chegam ao país, falando línguas desconhecidas, trazem na bagagem outros hábitos culturais e aspirações de melhores dias que contrastam com os da população local. As autoridades governamentais se esforçam para transformar a cidade em cartão-postal (LOPES, 2001) do Brasil.

Basta aqui mencionar, por exemplo, a abertura de largas avenidas ladeadas de edifícios construídos com as modernas técnicas da engenharia. No entanto, médicos e engenheiros sanitaristas não chegam a um acordo quanto aos meios eficazes de erradicação de doenças epidêmicas. Durante a remodelação da cidade, os adjetivos 'rural' e 'colonial' designam tudo aquilo (morros, cortiço e ocupações) que se visava eliminar. É permitido o trânsito de muares somente à noite e é proibida a existência de hortas e capinzais no perímetro urbano. O matadouro de Santa Cruz, estabelecido em 1904, a criação de suínos, os novos cemitérios e hospitais devem estar localizados na periferia da cidade. Os cheiros e a luminosidade são marcas diferenciais dos habitantes e dos locais por onde circulam. A luz ressalta os monumentos, as lojas, os edifícios públicos e as vias de circulação e promove o espetáculo urbano do século. Naquele período, a sombra envolve os espaços onde se concentra a pobreza. O contraste do claro e do escuro delineia a representação da cidade.

A partir da metade do século XIX, podemos observar, na cidade do Rio de Janeiro, uma série de alterações no cotidiano da população, graças a uma crescente convivência com maquinarias do conforto (iluminação, bondes, trem, esgoto). "O saneamento da cidade é também uma

-

³² "Nenhum imigrante, nenhum desterrado, ninguém que luta pela sobrevivência, pode ser nostálgico: 'a promessa do retorno é o engano por onde o passado captura o saudoso'. (CORTEZ e SOUZA, 2004, p. 13).

recodificação desse espaço. A destruição dos morros no centro da cidade e o alargamento das ruas são justificados pela necessidade de aeração do espaço urbano." (LOPES, 2001, p. 43). A preocupação com o contágio e a contaminação da água, do solo e do ar orientou a reorganização dos cemitérios, a drenagem dos solos, a impermeabilização das edificações.

A pesquisa sobre o processo de emergência e consolidação da modernidade em algumas cidades da Europa e, particularmente, na cidade do Rio de Janeiro possibilita uma aproximação de experiências e temporalidades plurais. Possibilita também ao historiador deparar-se com a crescente sensação do encurtamento de distâncias pela mediação tecnológica, com a noção de tempo como sinônimo de aceleração da vida experimentada pelos contemporâneos daquela época. Permite distinguir discursos e práticas do sistema de fábrica justificando os meios para se alcançar a eficiência produtiva, a lucratividade, a redefinição do perfil de trabalhador. Leva a perceber a importância dada pelos republicanos a determinados símbolos no Brasil como prerrogativa à formação do imaginário brasileiro, a contraponto do alto índice de analfabetismo da população brasileira beirando a 80%. (VALLADARES, 2009).

Carvalho, na obra *A formação das almas*: o imaginário da República no Brasil (1990), aborda algumas das visões de mundo presentes na formação do imaginário do governo republicano e seu projeto de modernização do Brasil. O contexto histórico contemplado por esse autor é a passagem do regime imperial para a gênese e as tentativas de legitimação do regime republicano no Brasil, no ano de 1889. Por seu caráter menos codificado, símbolos e mitos podem por sua vez realçar o imaginário utópico e ideológico de um regime de governo. Podem modelar condutas e redefinir parâmetros para a formação de novas identidades coletivas. Símbolos e mitos podem se tornar elementos eloquentes de visões de mundo, de determinados interesses políticos e até de certos temores por parte da população em momentos de mudança.

Por essas razões, o conteúdo de alguns dos principais símbolos utilizados pelos republicanos brasileiros e a aceitação deles por parte da população pode "[...] fornecer elementos preciosos para entender a visão de república que lhes estava por trás, ou mesmo a visão de sociedade, de história e do próprio ser humano." (CARVALHO, 1990, p. 13). Pode deflagrar divergências e conflitos entre as distintas concepções de república debatidas na última década do século XIX e a preexistir no seio do imaginário popular. Observa Carvalho que um dos meios clássicos de legitimação de regimes políticos no mundo moderno foi o fator ideológico que visa apresentar uma espécie de justificação racional por vezes utópica e até visionária de uma determinada organização do poder

em uma sociedade. Os positivistas preocupavam-se com a viabilidade e governabilidade do regime republicano capaz de conciliar liberdade e exercício do poder.

Para Carvalho há um fenômeno universal que se verifica não só em organizações governamentais, mas também em tribos, culturas e nações. Fenômeno esse que confere sentido e legitimidade aos representantes políticos do regime republicano que se instituiu no Brasil. O fato de a proclamação da República ter se dado por meio de iniciativas militares desvinculadas de participação de civis é uma dessas artimanhas. Almejava-se a propagação do sentimento patriótico, a quebra do monopólio da Igreja e do Estado sobre a educação, a religião e a ciência. Tal versão "[...] não encontrou aplicação prática. Mas contribuiu para várias medidas dos primeiros anos da República, sobretudo a separação entre Igreja e Estado, a introdução do casamento civil, a secularização dos cemitérios, o início do contato com o operariado, a reforma do ensino militar." (CARVALHO, 1990, p. 41-42).

Na pesquisa sobre os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José, rastreei as tensões e disputas oriundas de tal fenômeno na identificação das temáticas e dos autores privilegiados, no teor de seus textos, na conformação de suas páginas e no uso de imagens visuais. Tensões e disputas³³ entre a Igreja Católica e o Estado, principalmente com relação ao matrimônio, à família, aos valores a nortear a educação escolar das crianças e da juventude, entre outras.

1.2 A escola como uma das demandas da modernização do Brasil no século XIX

A sociedade do século XIX e XX criou novas demandas educacionais. A escola aos poucos passa a ser vista nesse período como entidade civilizadora e emancipatória da população. A discussão sobre aspectos organizacionais, administrativos e didático-pedagógicos do ensino primário se instaurou no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, tal como vinha

^{33 &}quot;[...] sabeis que a guerra implacável movida pelos inovadores contra a fé católica, desde o século XVI, e que foi

sempre crescendo até nossos dias, tem como finalidade, eliminada toda revelação e subvertida toda ordem sobrenatural, abrir a porta às descobertas, ou mais propriamente, aos delírios da razão abandonada a si mesma. Este erro, que, sem razão, [...] não somente introduziu-se sem dificuldade na mente de muitíssimos, mas chegou a penetrar amplamente na sociedade civil. Por isso, com nova impiedade, nem mesmo conhecida pelos próprios pagãos, constituíram-se Estados sem nenhuma referência a Deus e à ordem por Ele estabelecida: foi-se dizendo que a autoridade pública não recebe de Deus nem o princípio, nem a majestade, nem a força de mandar, mas antes da multidão; e ela, julgando-se livre de toda lei divina, tolera estar somente submetida àquelas coisas que ela tenha estabelecido a seu bel-prazer. Combatidas e rejeitadas as verdades sobrenaturais da fé como inimigas da razão, obriga-se o próprio Autor e Redentor do gênero humano a sair insensivelmente, pouco a pouco, das universidades, dos liceus e dos ginásios e de todo costume público da vida." (LEÃO XIII. Carta Encíclica *Quod Apostolici Muneris* – socialismo, comunismo e niilismo, de 28 de dezembro de 1878. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 38-39).

acontecendo em outros países do Ocidente (SOUZA, 2000). Discutia-se a elucidação das finalidades da escola primária nas sociedades modernas em meio a diferentes interesses econômicos, políticos, religiosos, sociais, entre outros.

As tratativas em prol do reordenamento do ensino primário no Brasil configuraram-se como intervenção social e de produção de práticas "[...] em várias províncias na década de 1880, e posteriormente pelos estados nas primeiras reformas educacionais da era republicana." (SOUZA, 2000, p. 10).

A circulação, tanto de ideias sobre a escolarização em massa da população como de modelos educativos implementados nos ditos países civilizados da época, passava a ganhar atenção aqui no Brasil.

Os mais variados temas da organização escolar tornaram-se objeto da reflexão política e pedagógica: métodos de ensino, a ampliação dos programas com a inclusão de novas disciplinas, livros e manuais didáticos, a classificação dos alunos, a distribuição dos conteúdos e do emprego do tempo, o mobiliário, materiais escolares, certificados de estudos, a arquitetura, a formação de professores, a disciplina escolar. Diversos meios possibilitaram a circulação dessas ideias e modelos: as Exposições Universais, os congressos de instrução, relatórios oficiais elaborados por ministros e inspetores do ensino, publicações de livros, artigos, jornais e revistas especializadas no campo educacional. (SOUZA, 2000, p. 11).

Identificava-se a escola como instituição redentora do país, capaz de possibilitar o progresso, a ascensão social, a modernização, o desenvolvimento industrial e a urbanização. Identificava-se, por sua vez, a necessidade de se oferecer e promover a escolarização em massa, adotando-se medidas tais como:

[...] a obrigação escolar, a responsabilidade estatal pelo ensino público, a secularização do ensino e a secularização da moral, a nação e a pátria como princípios norteadores da cultura escolar, a educação popular concebida como um projeto de integração ideológica e política. (SOUZA, 2000, p. 11).

Elegia-se o princípio da educação integral – educação física, intelectual e moral – como um dos principais fundamentos educacionais à seleção e à proposição de conteúdos para a escola primária.

Em relação ao ensino primário, assim como ler, escrever e contar foram o resultado da escolarização de saberes profissionais, [...] pode-se dizer que, no século XIX, assistimos à escolarização de vários outros saberes sociais, além do conhecimento científico, como, por exemplo, a ginástica, a música e o canto, os valores morais e cívicos, o desenho, a escrituração mercantil, o sistema de pesos e medidas, as noções de horticultura e arboricultura, os trabalhos manuais, a higiene, a puericultura, a economia doméstica, entre outros. (SOUZA, 2000, p. 15).

O ensino primário no Brasil, em fins do século XIX recebia, por assim dizer, seus reordenamentos e novos componentes disciplinares cujas justificativas decorriam de certos anseios: ampliação da escolarização, a oferta da formação acadêmica de cunho científico à classe trabalhadora em face das exigências do desenvolvimento econômico, industrial e social do país (BARBOSA, 1947). Em meio à revelia das práticas e dos saberes instituídos, passava-se a sistematizar ideias do que e como ensinar em âmbito do ensino primário, mesmo que à custa de uma nova organização escolar, das práticas docentes e do uso ampliado de materiais didáticos.

Anterior às décadas finais do século XIX, assinala Tambara (2003) que havia uma espécie de separação entre os textos usados nos sistemas escolares em relação àqueles usados no processo de formação do leitor na sociedade em geral. Intencionava-se, no entanto, estabelecer uma proximidade entre o processo de aprendizagem do ato de ler/escrever e a configuração de um determinado tipo de pensar, seja o pensar pelo viés do Império ou da Igreja Católica. Constata-se, por assim dizer, que o espaço escolar encontrava-se como uma arena de tensões, disputas políticas e ideológicas entre grupos que aos poucos se viam questionados por diferentes aspectos.

Um desses aspectos era a ausência de compêndios ou livros escolares cujos conteúdos estivessem permeados tanto pelo saber como pelo método científico sob orientação predominantemente liberal.

O processo de construção do sistema de ensino, e principalmente de formas de ensino-aprendizagem, esteve identificado com a concretização, sob a batuta do Estado, de um sistema editorial do livro didático destinado a promover um processo de homogeneização da formação docente. Sob o aspecto de conteúdo, observou-se uma predominância de manuais destinados a construir um processo civilizatório calcado em princípios morais e de civilidade com o objetivo de moldar comportamentos e atitudes consentâneos à moral cristã no início do século sob a égide do regalismo e a partir de 1870 sob a égide do ultramontanismo. (TAMBARA, 2003, p. 14).

O regalismo significou a supremacia do poder civil sobre o poder da Igreja Católica (do Rei sobre o Papa) e a origem de diversas tensões entre o Estado e a Igreja. Tensões que, "[...] consubstanciadas no confronto entre o poder papal e o poder régio, foram, durante séculos, uma constante na Europa, com vicissitudes diferentes para cada um dos poderes, dando origem a doutrinas e práticas regalistas." (CASTRO, 2002, p. 323). Tensões que significaram também a degeneração das relações entre Estado português e Igreja Católica, mais precisamente a partir do século XVIII, quando a coroa portuguesa passou cercear juridicamente a atividade eclesial, inclusive no Brasil. Todos os documentos promulgados pelo Papa, assim como outras medidas tomadas pela Igreja Católica passaram a ficar submetidos à inspeção e ao beneplácito régio. Por exemplo, no capítulo II do Título V da Constituição de 1824, o artigo 102 definia o Imperador como o chefe do poder executivo brasileiro, tendo como suas principais atribuições:

[...] §II. Nomear Bispos, e prover os Benefícios Eclesiásticos. [...] §XIV. Conceder, ou negar o Beneplácito aos Decretos dos Concílios, e Letras Apostólicas, e quaisquer outras Constituições Eclesiásticas que se não opuserem à Constituição; e precedendo aprovação da Assembléia, se contiverem disposição geral. (BRASIL, 1824, p. 21-22).

Pode-se pressupor o que significou tal medida regalista do Estado imperial em termos de tensões à Igreja Católica, destituída até do próprio direito de nomear bispos e de prover com autonomia suas atividades no Brasil. O ultramontanismo significaria a reação da Igreja Católica que, não só no Brasil como também em outros países (França, Áustria, Alemanha etc.), estava correndo o risco de se tornar um mero departamento tutelado pelo Estado, a reboque principalmente do liberalismo e de sua tendência laicista. (LUSTOSA, 1990).

Em meio a esses embates, a proposição de *Livros de Leitura* ou compêndios escolares não aconteceu no Brasil até pelo menos meados do século XIX. Acontecia, sim, um processo de inculcação de um modo de inteligibilidade do mundo sob o ponto de vista adulto e este ainda atravessado por interesses os mais diversos. (TAMBARA, 2003).

Somam-se a tais embates as aspirações e tratativas de modernização do país. Modernização esta que foi, segundo Berman (2007, p. 22), um processo de "[...] paradoxo e contradição [...]" e esteio de contestações, lutas, resistências, anulações, apagamentos, tensões, riscos e conflitos.

De acordo com Nunes (2011, p. 374), juntamente com a crescente urbanização do país,

A escola primária, nos grandes centros, revelava não só os problemas urbanos decorrentes das políticas públicas de habitação, saneamento, trabalho, mas também a tensão constitutiva entre poder público e privado, [...] É no espaço das cidades, com diferentes ritmos e intensidade, que as escolas deixam de configurar-se como extensão do campo familiar, privado e religioso e, gradativamente, vão integrando uma rede escolar desenhada pelos governos municipais. Essa rede substitui as escolas isoladas [...]. Essa mudança exigiu a intervenção não só nos aspectos materiais da escola, [...] mas também em seus aspectos simbólicos, pois almejava-se da escola primária mais do que novas carteiras, quadros ou salas. Pretendia-se construir nela um estado de espírito moderno.

A cidade do Rio de Janeiro (capital da República), no final do século XIX, era um desses grandes centros urbanos que – ao mesmo tempo que se via seduzida pela modernidade – também resistia à modernização tanto dos espaços como da própria escolarização. "Uma cidade que se encheu de antipatia pela República. Sua proclamação, num momento em que a monarquia havia atingido alto grau de popularidade entre os marginalizados devido à abolição da escravidão, [...] explica a exclusão do envolvimento popular no governo republicano." (NUNES, 2011, p. 375).

Cunha (2005) explicita, por sua vez, como se deu a formação do operariado e a virtual instauração do ensino profissional durante o período imperial no Brasil. Identifica os vetores que se mostraram contraditórios em relação à defesa de um ensino profissional ao mesmo tempo em que se dava aqui no Brasil o fim da escravidão. Faz memória da cautela necessária a qualquer historiador ao se dispor a falar sobre o operariado no Brasil do tempo do Império.

Cautela porque, no período, o Brasil ainda era um país escravagista. Havia artesãos autônomos, poucas fábricas, projetos industriais na dependência de recursos financeiros escassos, predomínio de manufaturas movidas por máquinas a vapor, divisão de trabalho entre escravos e homens livres, mercado restrito, pessoas sem qualificação operária, entre outros. A classe operária brasileira viria a se instaurar de forma paulatina, particularmente com a imigração de mestres e operários europeus. Indícios dessa situação deram matizes às temáticas e aos textos privilegiados nos *Livros de Leitura* analisados, conforme pontuarei mais à frente no texto. Um país com marcas profundas de racismo e preconceito contra os negros e indígenas escravizados desvelou-se frente a análise de tais *Livros*.

O receio de um colapso econômico estava a sustentar a manutenção do regime escravagista na sociedade brasileira, pelo menos ainda nas duas primeiras décadas do século XIX. A Inglaterra vivia um momento de transformação capitalista industrial, no qual os trabalhadores vendiam sua

força de trabalho. O trabalho era uma atividade livre para a qual se pagava um determinado valor. O tráfico de escravos interferia no desenvolvimento industrial. Uma das condições da Inglaterra para seu apoio político e financeiro à Independência do Brasil era que aqui se extinguisse o tráfico de escravos³⁴. Tal intento viria a ser alcançado só de 1850 em diante com a abertura à imigração de europeus ao Brasil ante a demanda de mão de obra decorrente principalmente da expansão da cafeicultura, não obstante a ideologia racista das classes dominantes brasileiras,

[...] a transformação dos escravos em trabalhadores assalariados era dificultada tanto pelo preconceito dos fazendeiros, que não conseguiam imaginar o trabalho regular e produtivo sem a pressão do chicote, quanto pela rejeição dos próprios libertos em permanecerem nas mesmas condições do escravo. (CUNHA, 2005, p. 84).

O regime escravagista no Brasil foi desfeito pela aprovação da Lei Áurea em maio de 1888, pela resistência abolicionista, pelo repúdio internacional, o significativo declínio da população cativa pós-1850 e a luta dos próprios escravos.

Um dos motivos da resistência da classe operária ao trabalho era o baixo valor dos salários e as condições de trabalho das fábricas. A carência de uma formação escolar e profissional mínima e subsidiada pelo Estado era outro desses motivos. Em tal contexto destaco que

Pelo nível de escolaridade requerida para a função, pelo grau de solidariedade gerada pela divisão do trabalho e pela própria disciplina fabril, os tipógrafos foram os pioneiros da organização operária no Brasil. Em 1853 foi criada a Imperial Associação Tipográfica Fluminense, a primeira entidade operária do país, desde o seu início ostensivamente contrário à escravidão. [...] Foi nessa categoria profissional que se imprimiu o primeiro periódico produzido e dirigido diretamente a ela, o Jornal dos Tipógrafos, cujo primeiro número foi lançado no Rio de Janeiro em 1858. (CUNHA, 2005, p. 94).

O estudo sobre a história das instituições de ensino ainda está – em parte – por ser desenvolvido e complementado. Cunha (2005) e Cruz (2009 e 2011) atestam o quanto

Plurimis – abolição da escravidão, de 5 de maio de 1888. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 289-290).

-

³⁴ Mesmo que com motivos alheios ao ideário do desenvolvimento industrial, a Igreja Católica também se mobilizava no período em favor da abolição dos que no Brasil gemiam sob o jugo da escravidão. A abolição do regime de escravidão foi, inclusive, o assunto abordado em Roma pelo Papa Leão XIII com o então diplomata do governo imperial brasileiro, Joaquim Nabuco, que lhe visitara no início de 1888. "[...] o expressamos em janeiro passado ao legado do augusto imperador junto a nós; além disso acrescentamos que eu próprio teria enviado uma carta aos bispos do Brasil em favor dos infelizes escravos. [...] entre tantas misérias, deve-se deplorar gravemente a escravidão à qual desde muitos séculos está submetida uma parte não pequena da família humana, que jaz na esqualidez e nas sujeiras, contrariamente a quanto Deus e a natureza haviam estabelecido desde o princípio." (LEÃO XIII. Carta Encíclica *In*

investigações deste teor podem contribuir para a compreensão de determinadas questões da história da educação, da escolarização e da imprensa pedagógica no Brasil e no mundo. A pesquisa sobre as memórias e histórias da Escola Gratuita São José e da sua tipografia em que foram impressos os *Livros de Leitura*, objeto de estudo desta pesquisa, é uma delas.

1.3 As reformas educacionais no Brasil - século XIX e início do XX

Foi praxe, por algum tempo, que as pesquisas sobre a educação brasileira no século XIX e nas primeiras décadas do século XX se norteassem sobretudo pelas fontes governamentais e por versões oficiais homologadas pelo Estado, privilegiando os feitos dos governantes de determinado período, em detrimento do cotidiano dos educadores, estes quase que relegados ao anonimato. Sendo assim, avaliei significativo revisitar os registros de pelo menos quatro das principais reformas educacionais implementadas pelo Estado brasileiro nesse período.

Rago (1987), na obra *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*, reporta-se à realidade brasileira daquele período de uma maneira um tanto diferente daquela que costumeiramente se encontra nos manuais didáticos. Faz menção a vários problemas, tais como: à promiscuidade das habitações sujas e fétidas, aos surtos epidêmicos, ao alcoolismo, à criminalidade ampliada, à luta de classes, aos conflitos sociais e políticos, às crianças que vagueiam abandonadas nas ruas, ao crescimento urbano-industrial e à expansão demográfica, entre outros. Problemas aos quais as temáticas privilegiadas nos *Livros de Leitura* pesquisados suscitam olhares atentos para os valores e práticas sociais que emergem de uma análise cuidadosa dos textos. É evidente a preocupação dos editores destes *Livros* com a moralização das camadas populares, com o elogio do trabalho e com a organização familiar.

Numa leitura a contrapelo, Rago (1987, p. 12) assinala "[...] a formação de uma nova figura do trabalhador, dócil, submisso, mas economicamente produtivo." Dócil o trabalhador, porque à mercê de mecanismos de controle e vigilância no interior das fábricas e fora delas. Mecanismos estes a conformar a maneira de pensar, sentir e agir do trabalhador em diferentes espaços urbanos.

As múltiplas estratégias de disciplinarização do trabalhador faziam parte do projeto de integração do proletariado e de suas famílias, a ponto de querer negar a existência do conflito capital/trabalho. Se por um lado o trabalhador convivia dentro da 'fábrica higiênica' com a narrativa dominante a lhe inculcar a ideologia de um processo de produção harmonioso, deparavase, por outro, com o interior da fábrica permeado pelos mecanismos "[...] de dominação e de

aniquilamento da criatividade da classe operária, constantemente constrangida a sujeitar-se às imposições exacerbadas dos patrões.". (RAGO, 1987, p. 19).

Fora da fábrica, não obstante a criatividade no uso das diversas formas de resistência (difusas ou organizadas, pontuais ou permanentes), o mesmo trabalhador se via à mercê de outros mecanismos de controle e vigilância. Tratava-se do endosso da narrativa dominante com relação à prática "[...] da honestidade, da laboriosidade, da vida regrada e dessexuada, do gosto pela privacidade, eliminando as práticas populares consideradas ameaçadoras para a estabilidade da ordem social.". (RAGO, 1987, p. 27).

O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque* é o subtítulo da obra *Trabalho, lar e botequim* de autoria de Chaloub (2001). Nela o pesquisador retira do silenciamento alguns dos problemas dos trabalhadores da então capital do Estado Brasileiro, final do império e primeiras décadas do regime republicano.

A cidade do Rio de Janeiro recebeu grande número de estrangeiros nos anos imediatamente anteriores e seguintes à Abolição, sendo que este contingente de imigrantes veio se estabelecer numa cidade que continha na época um grande número de negros e mulatos que viviam suas primeiras experiências como trabalhadores livres. (CHALOUB, 2001, p. 80).

Em outras palavras, Chaloub se reporta ao continuísmo da exploração e violência dos trabalhadores brasileiros negro e mestiço. Mesmo tendo o negro passado da situação de escravizado a trabalhador livre, a sua situação na estrutura social não mudara. Tanto que "[...] os brasileiros pobres de cor se viam praticamente privados da possibilidade de conseguir uma colocação como assalariados numa das áreas mais dinâmicas da economia da cidade – o comércio." (CHALOUB, 2001, p. 114).

E ainda (2001, p. 180) relata detalhes dos diferentes papéis assumidos pela mulher e pelo homem no período.

[...] o modelo ideal de mulher que aparece nos autos [do judiciário] é o de mãe, ser dócil e submisso cujo principal índice de moralidade é sua fidelidade e dedicação ao marido. O homem se define principalmente pela sua dedicação ao trabalho, pois sua obrigação fundamental é prover a subsistência da família.

Tal modelo 'idealizado' de família, assim como problemas socioeconômicos abordados por Rago e por Chaloub possibilitam entender o que a pesquisa sobre a educação no Brasil no século XIX e nas primeiras décadas do século XX de certo modo desvelou: um conjunto de reformas educacionais no intuito de atender às demandas oriundas dos problemas pontuados pelos dois autores.

Pois, de acordo com Gondra e Schueler (2008, p.38), "[...] o processo de construção das formas de educação escolar no Brasil do século XIX não foi uniforme, indiferenciado ou contínuo, o que resultou na desigualdade de condições educacionais entre as Províncias, na profusão de reformas e na complexidade de normas então produzidas.".

Ao abordar a história do ensino monitorial/mútuo na Inglaterra, na França e sua presença no Brasil, na primeira metade do século XIX, Bastos (2005, p. 34) assinala que

No Brasil, o ensino monitorial/mútuo é introduzido oficialmente pelo Decreto das Escolas de Primeiras Letras, de 15/10/1827, primeira lei sobre a Instrução Pública Nacional do Império do Brasil, que propõe a criação de escolas primárias com a adoção do método lancasteriano como método oficial.

A autora assinala que o método lancasteriano ou monitorial/mútuo esteve – antes mesmo de ser implantado nas escolas brasileiras – estreitamente associado à necessidade enunciada pelo iluminismo de ampliação da educação a todas as classes sociais. O ensino mútuo consistia basicamente no ensino da leitura, da escrita, da gramática da língua nacional, das noções gerais de geometria prática, das operações de aritmética, da prática de quebrados, dos decimais e proporções e dos princípios de moral cristã. De acordo com Lesage (1995), tal método privilegiava o uso de diversos tipos de material em sala de aula, tais como silabários, ardósia, quadro-negro, tabelas ilustradas, quadros de leitura e de cálculo e até a formação com o dedo na terra de letras, sílabas e palavras.

Para Bastos (2005, p. 35), "[...] no método monitorial/mútuo, a responsabilidade é dividida entre o professor e os monitores, visando a uma democratização das funções de ensinar.". O ensino mútuo baseava-se na estimativa de que um aluno treinado (*decurião*) poderia passar a ensinar – sob a rígida vigilância de um inspetor – a um grupo de dez alunos (*decúria*). Tinha como pressuposto o ensino de um professor a grupo de alunos tidos como mais inteligentes e maior facilidade no entendimento das matérias. Os demais alunos passariam a ser divididos em pequenos grupos ou círculos para receber a instrução por meio de colegas mais bem instruídos por um professor, mesmo que muitos deles ainda com inúmeras anomalias cognitivas. O ensino mútuo visava alcançar de maneira mais abrangente a instrução das classes mais pobres.

Bastos (2005, p. 48 e 49) faz ainda duas ponderações em relação à implantação do ensino monitorial/mútuo no Brasil:

- [...] A adoção do método mútuo assinala um momento significativo da história da instrução pública e das escolas de primeiras letras no Brasil, como parte do processo de incorporação das *modernidades* [grifo da autora] dos países centrais, em fase de industrialização e consequente formação de cidadãos adaptados a essa realidade. A difusão da instrução elementar às massas trabalhadoras exigia a racionalização do ato pedagógico pela rapidez em ensinar, pelo baixo custo, pela disciplina e ordem, pelo uso de poucos professores e vários alunos-mestres.
- [...] Podemos afirmar que, no Brasil, não houve a implantação do método monitorial/mútuo conforme preconizado por seus idealizadores ingleses. O que ocorreu, foi a adoção de medidas legais e de muita discussão política em torno das vantagens e desvantagens do método, das dificuldades de implantação de escolas de ensino mútuo. Na prática, não tivemos uma escola que comportasse mais de cem alunos, além de um número reduzido de professores realmente com domínio do método e com o material necessário para o seu desenvolvimento.

Vale dizer que a implantação do ensino mútuo se deu em meio à tentativa de suprir a falta de professores nas províncias do Brasil. Estimava-se que, desse modo, a curto prazo um único professor poderia atender uma demanda maior de crianças, além de otimizar despesas públicas com a instrução.

No entanto, a implantação do Decreto das Escolas de Primeiras Letras, de 15/10/1827, esbarrou em uma série de obstáculos: a falta de professores habilitados e de materiais didáticos apropriados, a falta de edifícios adequados e de recursos financeiros e o baixo número de alunos nas escolas públicas estavam entre os principais fatores pelos quais a implantação do ensino mútuo no Brasil ficou muito aquém do esperado.

Não obstante os fatores atribuídos ao insucesso à reforma educacional proposta por meio desse Decreto, a formação de cidadãos escolarizados era uma demanda reconhecida pelos projetos educacionais do Brasil, durante o século XIX. Razão pela qual a escola passa a ser vista como instituição civilizadora e emancipatória da população. O desenvolvimento das instituições de ensino estava, no entanto, de certa forma atrelado aos ditames econômicos.

Esses ditames econômicos, segundo Machado (2005, p. 91), também estiveram atrelados às intensas transformações, posto que:

A segunda metade do século XIX foi marcada por intensas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. O desenvolvimento da grande indústria na Europa provocou uma revolução [...] no mercado mundial [...]. O Brasil, para acompanhar esse movimento, precisava modernizar-se, isto implicava em transformações na forma de trabalho. Modificar o trabalho exigia também a modernização da sociedade civil, [...] a separação entre a Igreja e o Estado, [...], o incentivo à imigração e à industrialização. Entretanto, tais mudanças ocorreram de forma lenta e gradual, provocando lutas [...]. No contexto de disputas, destacase, nas duas últimas décadas do Império, a emergência de debates em torno da necessidade de criação da escola para as classes populares sob a tutela do Estado.

A discussão sobre aspectos organizacionais, administrativos e didático-pedagógicos do ensino primário se instaurou no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, tal como vinha acontecendo em outros países do Ocidente. A obrigatoriedade da matrícula e frequência à escola para crianças com mais de sete anos, a inspeção dos estabelecimentos públicos e particulares de instrução primária e secundária, a instrução pública secundária, o ensino particular primário e secundário estavam entre as principais preocupações governamentais (SOUZA, 2000). Discutia-se também no período os subsídios para a instrução pública, a elucidação das finalidades da escola primária, a responsabilidade estatal pelo ensino público como questão prioritária, o reordenamento do ensino primário (ampliação dos programas com a inclusão de novas disciplinas, distribuição dos conteúdos e emprego do tempo, mobiliário escolar, livros e manuais didáticos, métodos de ensino, a formação de professores, a disciplina escolar, a secularização do ensino, a nação e a pátria como princípios norteadores da cultura escolar, entre outros. A circulação, tanto de ideias sobre a escolarização em massa da população como de modelos educativos implementados nos ditos países civilizados da época, passavam a ganhar atenção aqui no Brasil.

O ensino primário no Brasil em fins do século XIX recebia, por assim dizer, seus reordenamentos, suas intervenções discursivas e novos componentes disciplinares cujas justificativas decorriam de certos anseios: ampliação da escolarização para a população, a oferta da formação acadêmica de cunho científico à classe trabalhadora em face das exigências do desenvolvimento econômico, industrial e social do país (MACHADO, 2005). Em meio à revelia das práticas e dos saberes instituídos, passava-se a sistematizar ideias do que e como ensinar em âmbito do ensino primário, mesmo que à custa de uma nova organização escolar, das práticas docentes e do uso ampliado de materiais didáticos.

Em âmbito escolar, anterior às décadas finais do século XIX adotavam-se obras de leitura ancoradas em excertos bíblicos (influência do regime de padroado³⁵ vigente) e capazes de enfatizar aspectos da Constituição do Império Brasileiro.

O artigo 6.º da Lei promulgada em 1827 evidenciava, a seu modo, as diretrizes institucionais do Império em relação ao ensino primário:

Art. 6.°. Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de Aritmética, prática de quebrados, decimais, e proporções, as noções mais gerais de Geometria prática, a Gramática da Língua Nacional, e os princípios da Moral Cristã, e da Doutrina da Religião Católica, e Apostólica Romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as Leituras a Constituição do Império, e a História do Brasil.

Embora o sistema legal estabelecido no Brasil não previsse na época a garantia de direitos aos escravos, Cruz (2011) identificou o quanto havia da parte da população negra a esperança da liberdade, seja por meio de requerimentos sendo feitos junto a instituições públicas, seja postulando direitos definidos em lei em favor de entes queridos.

Os aspectos abordados neste capítulo atestam, a seu modo, o quanto as temáticas privilegiadas nos *Livros de Leitura* pelos Franciscanos estavam tensionadas na conexão com o contexto sociocultural da época. Tensionadas de modo especial em relação às demandas educacionais dos liberais e positivistas do regime republicano, propositores de uma educação laica. Um desses Franciscanos, Frei Pedro Sinzig³⁶, travou explicitamente embates com diferentes segmentos da sociedade brasileira que, no período, se opunham ao catolicismo (anarquistas³⁷,

_

³⁵ Padroado é a designação do conjunto de privilégios concedidos pela Santa Sé aos reis de Portugal e de Espanha. Tais privilégios também foram estendidos aos imperadores do Brasil. Tratava-se de um instrumento jurídico que possibilitava um domínio direto da Coroa nos negócios religiosos, especialmente nos aspectos administrativos, jurídicos e financeiros. Padres e bispos eram também 'funcionários' da Coroa portuguesa no Brasil colonial. Isto implicava, em grande parte, o fato de religião e religiosidade serem também assuntos de Estado (e vice-versa) em muitos casos. O fim do regime de padroado no Brasil se deu com a Proclamação da República em 1889.

³⁶ Frei Pedro Sinzig nasceu aos 29 de janeiro de 1876 em Linz (Alemanha). Veio ao Brasil no ano de 1893 e se naturalizou brasileiro em 1898. Atuou em favor do ideário católico no âmbito da imprensa, no jornalismo, na literatura, na arte, na música e até do cinema. Faleceu em Düsseldorf (Alemanha) a 8 de dezembro de 1952. Algumas pesquisas desenvolvidas a respeito da atuação de Frei Pedro Sinzig: Souza, 2012; Souza e Guimarães, 2014; Guimarães e Souza, 2014; Guimarães, Souza e Cruz, 2017; Souza e Gilz, 2018.

³⁷ "Que é o Anarquismo? Qual a sua relação com a educação? É bem verdade que, sobretudo nos meios de acadêmicos, pouco se conhece sobre essa tendência do pensamento e dos movimentos sociais que se desenvolveu desde o século XIX. Em termos bastante gerais, podemos dizer que o Anarquismo defendeu e defende a possibilidade de construção de uma nova sociedade, de uma sociedade sem a ingerência do Estado, uma sociedade justa e igualitária. E, na construção de uma tal sociedade, os anarquistas sempre entenderam que a educação desempenharia um importante papel. [...] O movimento anarquista apresentou grande diversidade, tanto em termos de concepções teóricas quanto em termos de propostas de organização político-social. [....] o Anarquismo é um 'princípio gerador' que implica em

maçons, liberais que defendiam o distanciamento entre Estado e Igreja etc.). Destaco que com os anarquistas, em particular, localizei duas referências explícitas em distintas fontes. A primeira foi GALLO, S. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da escola moderna. **Pro-Posições**, 2013, 24(2), 241-251. A segunda foi um folheto intitulado "Quatro horas entre os anarchistas. Ferrer: martyr ou patife" (ANEXO B).

Frei Pedro antes de atuar como redator da revista *Vozes de Petrópolis* privilegiou, em franca sintonia com as Cartas Encíclicas do Papa Leão XIII (1810-1903) e do Papa Pio X (1835-1914), nos seus escritos temáticas voltadas à família, à maternidade e à infância, alinhadas às orientações e aos valores da Igreja Católica, abordadas na imprensa, nos impressos didáticos das escolas (SOUZA e GILZ, 2018).

1.4 Frei Pedro Sinzig

Considerando-se o contexto sociocultural de publicação destes *Livros de Leitura*, destaco a figura de Frei Pedro Sinzig. Ele atuou na Editora Vozes como diretor e editor (1908-1913), foi autor de inúmeros romances, poesias, partituras musicais e teve ampla participação em periódicos católicos em nível nacional e latino-americano. Destaco seu nome porque as temáticas valorizadas nos quatro *Livros de Leitura* vão ao encontro das temáticas valorizadas por Frei Pedro, sobretudo no que tange às leituras recomendadas e não recomendadas em seus livros *Através dos Romances*, em suas diferentes edições 1915, 1917 e 1923.

De acordo com Guimarães, Souza e Cruz, (2017, p. 7129),

O corpo da obra Através dos romances (1915) é separado da dedicatória por uma página na qual está impressa tão-somente a identificação "Guia para as consciências". Após o que temos dez pequenos contos, [...] Em tais contos as figuras feminina e infantil foram tomadas como dignas de atenção especial. A mulher, mãe de família, cabia preocupar-se com detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiando os horários, as condutas, a saúde e bem estar de todos, como um "anjo protetor".

distintas concepções e movimentos sociais e políticos diversos, que têm em comum o investimento na liberdade individual e coletiva. Podemos, em termos didáticos, resumir o princípio gerador anarquista em quatro postulados básicos: dois relativos aos aspectos mais filosóficos: autonomia individual e autogestão social; e outros dois relativos à ação social e política: internacionalismo e ação direta. (GALLO, S. e MORAES, J. D. Anarquismo e educação - a educação libertária na Primeira República. In: STEPHANOU, M. & BASTOS, M. **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 87-88. Como já mencionado anteriormente observa-se as disputas do Frei Pedro com os anarquistas também no artigo de GALLO, S. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da escola moderna. **Pro-Posições**, 2013, 24(2), 241-25 e no folheto intitulado "Quatro horas entre os anarchistas. Ferrer: martyr ou patife".

Em Através dos Romances, Frei Pedro, como um homem de seu tempo,

[...] destaca a importância de se vigiar e controlar as práticas de leitura femininas, já que as mulheres estavam passando a ocupar um lugar dentre o público leitor, em particular de romances da época. Fato esse, que desencadeia em Frei Pedro uma preocupação significativa porque caberia à mulher ser a guardiã, por excelência, dos bons costumes e da moral (GUIMARÃES; SOUZA; CRUZ, 2017, p. 7129).

Por conseguinte, seria dever da mulher

[...] colocar-se a serviço da ordem social, voltando-se para a constituição de uma família saudável, mediante a observância dos preceitos higiênicos. A mulher torna-se cúmplice do médico na tarefa de moldar a família, e sua importância é enfatizada pelas entidades científicas (GUIMARÃES; SOUZA; CRUZ, 2017, p. 7129).

A par dessa preocupação, a infância também foi abordada por ser uma temática cara ao período. Em *Através dos Romances* é possível flagrar a percepção de que a criança era [...] um ser frágil e ingênuo, que exigia cuidados redobrados tanto dos médicos quanto dos professores e da família (GUIMARÃES; SOUZA; CRUZ, 2017, p. 7129). Logo, a leitura infantil deveria ser uma preocupação constante de todos os adultos e, em particular dos pais. A criança na infância ficava à deriva de influências perniciosas. Ao atentar para tais preocupações de Frei Pedro, dei-me conta de que

Esta atenção especial à mulher e à criança foi ao encontro de uma redefinição dos papéis familiares, que promoveu a família patriarcal, consanguínea, assentada no casamento civil e religioso, monogâmico e vitalício como o modelo ideal a ser exemplarmente adotado. Tal modelo, difundido entre as camadas populares, valorizava preceitos liberais de laboriosidade, vida regrada, sexualidade e o gosto pela privacidade, eliminando as práticas populares consideradas ameaçadoras para a estabilidade social (GUIMARÃES; SOUZA; CRUZ, 2017, p. 7130).

No rastro de tais considerações acerca das preocupações de Frei Pedro Sinzig, que atuou de maneira incisiva na Editora Vozes, no período de 1908 a 1913, podemos supor que os editores dos *Livros de Leitura* e Frei Pedro comungavam das mesmas preocupações e que, de certa maneira, suas iniciativas editoriais são matizadas pelas tensões e disputas simbólicas vividas no período de consolidação do Estado laico no Brasil, bem como que estas iniciativas foram ao encontro das orientações de Roma.

1.5 Uma provocação salutar: por entre temáticas, imagens e potencialidades de leitura

Constatei assim como Guimarães (2013) que a concepção, a composição e a diagramação em particular dos *Livros de Leitura* pesquisados destoavam das possibilidades técnicas de que no período a imprensa gráfica dispunha. Os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José pesquisados traziam uma formatação e diagramação em que se constata a pouca utilização da iconografia. Contudo, chamo a atenção para o fato de que algumas das temáticas pesquisadas reverberam nas imagens visuais e propagandas publicadas em periódicos do período. Isso se evidencia ao se comparar esses *Livros* com algumas outras publicações da mesma época, tais como nas imagens visuais de 6 a 14 a seguir, dos periódicos da Careta e Fon-Fon, como se poderá observar na sequência, não sem antes atentar-se para o fato de que a linguagem corporal registrada nas fotos vai ao encontro das possibilidades técnicas dos equipamentos da época, que exigiam um certo tempo de exposição do fotografado para o registro da imagem (BUENO, 2007). Dentre as temática valorizadas, em particular, registro a representação da mulher como um ser doce, gentil, muitas das quais vocacionadas à maternidade. As imagens que trago registram mulheres que pertenciam em sua grande maioria às elites letradas urbanas e eram brancas, representadas em ocasiões especiais:

- 1. Chás dançantes, beneficentes e destinados a evocar a compaixão e filantropia destas mulheres, bem vestidas, recatadas e educadas para a vida social. Registro a postura corporal das mulheres fotografadas: braços cruzados, sentadas e rostos sérios, tanto quanto os vestidos que tendem a não mostrar os ombros, o uso de meias que ocultam as pernas e chapéus, vestimentas estas que sugerem um modo de se vestir ancorado na moda europeia. A presença de propagandas por entre as imagens visuais e os artigos reafirma a emergência de um mercado consumidor local;
- Assim como o desejo de ostentar a filantropia como virtude dessa elite, como nos sugere as imagens da recepção no palácio presidencial em Vitória, Espírito Santo e imagens de alunas do Colégio Nossa Senhora do Carmo.

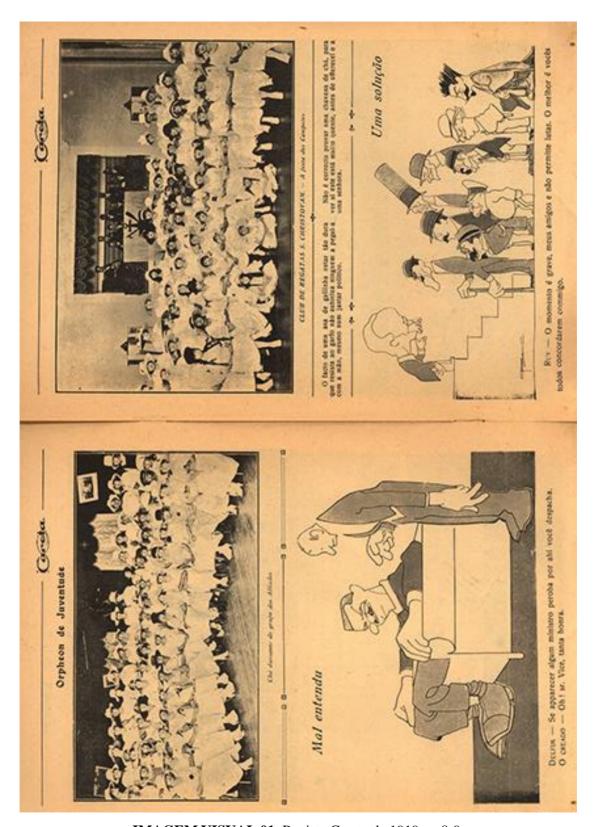


IMAGEM VISUAL 01: Revista Careta de 1919, p. 8-9.

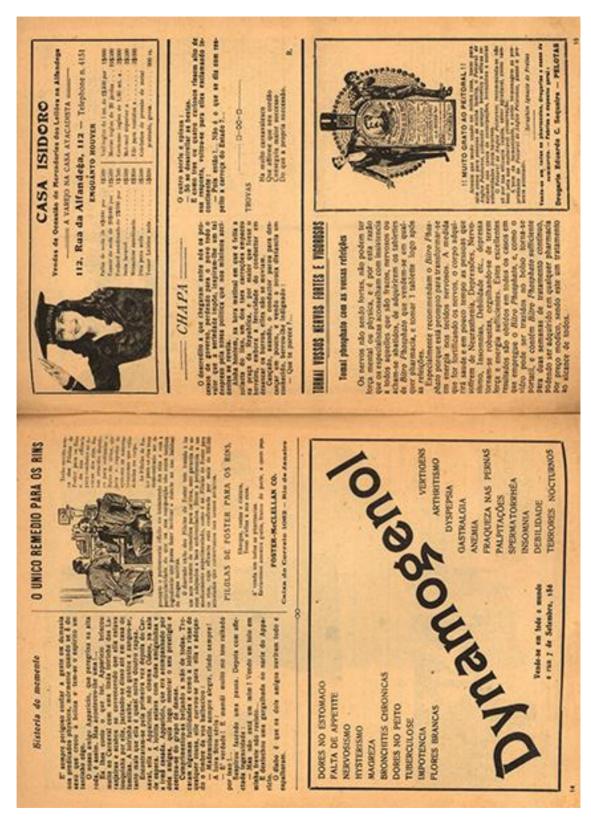


IMAGEM VISUAL 02: Revista Careta de 1919, p. 14-15.

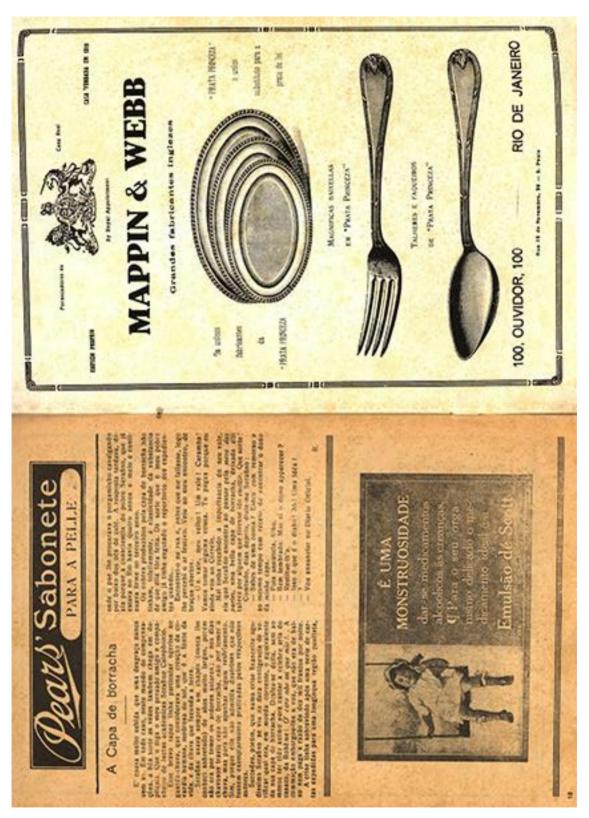


IMAGEM VISUAL 03: Revista Careta de 1919, p. 18-19.





IMAGEM VISUAL 04: Revista Fon Fon - I - 04 de julho de 1914,VIII (27).

o methor livro que ha sobre occulitsmo, com cujos ensinos se podem facilmente produzir todos os fenómenos do occulitsmo, sem necessidade de qualquer outra coiza! Indispensavel, não só aos occultistas, mas tambem aos espiritas e a todos que se interessam pelo magnetismo e o hypnotismo.

rrradiação psychica. Meios de desenvolver os poderes da alta Magia, iniciação no occultismo Oriental. Factos da Mogia em Geral.: Explicação nas mediumnidades ax a varinha magica. Magia do amor e da fascinação. Magia da boa Alla Magia: Sciencia da Previsão nos animaes. dicha dos ciganos. A Mogra Comun: Como se fica sendo felticelro, Sortilegios com carga, Jetadura ou Mão Santa, Desdobramentos da alma Agouros, Sabbats ou sessões dos feiticeiros, Possessões ou obsessões influencia psycho-fiziologica, Farmacopéa Occultista, Medicina hermetica Desenfeitigamento: Como evitar on fazer retroceder as influencias ele fructificação rápida dos vegetaes. Ressarvulgares ou nas comunicações ditas com os espíritos. Patalistas e Volum EIS SEUS ENSINOS PRINCIPAES: O occultismo prático e seas divisões: As praticas que impropriamente se apresentam sob os nomes de magria ou feiticaria: A pseudo fettiçaria — A feltigaria por meto de sugestão ou processos hypno-magneticos, e pela carlomancia ou buenaon sahidas em astral, Vampirismo ou absorpção do elemento vital albeio Botanogénia, Fiziología e Fizio Quebrantos substancias. Como envotamento ou qualquer maleficio. Transfert de molestias, fendmenos de gravitação e teritação. Factos de Comunicação mental, Psychargia ou Espiritismo: O que ha de realidade aristas. Arte evocatória. A Tentação d'um bispo. varias olcolporcidade ou aparição de duplos de vivos. reição dos vegetaes. Elixir vital das plantas. ltros mágicos e os efeitos psychicos de Botanica Occalhista: Agretomia, Envotamento, Pó de sympathia, 8 idio, inveja jetadura, sortilegio, nomia vegetaes. Crescimento e Telepathla Elementacs, sorte. Sod

Preço de cada volume: brochado - dez mil réis; Cartonado - dôze mil reis. Endae alguna d'estas importandas em vale postal ou carta de valor registrado a Lawrence & C., rua da Assembléa 45, Río de Janeiro. Não se esqueer, ao fazer o pedido, de dazer que o titulo do livro è Occultismo Prático, nova cólcilo maio aumentada.

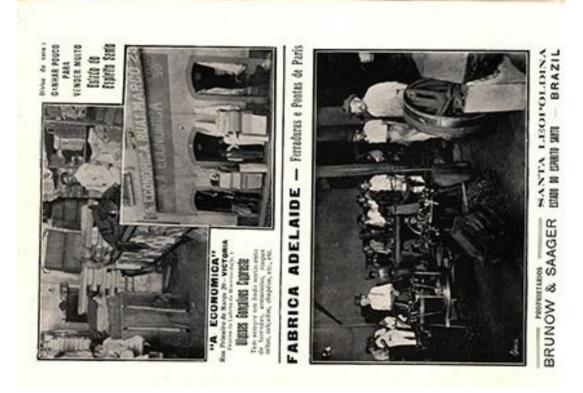


IMAGEM VISUAL 05: Revista Fon Fon - II - 04 de julho de 1914,VIII (27).

Dimensões: largura 18 cm X 26 cm.

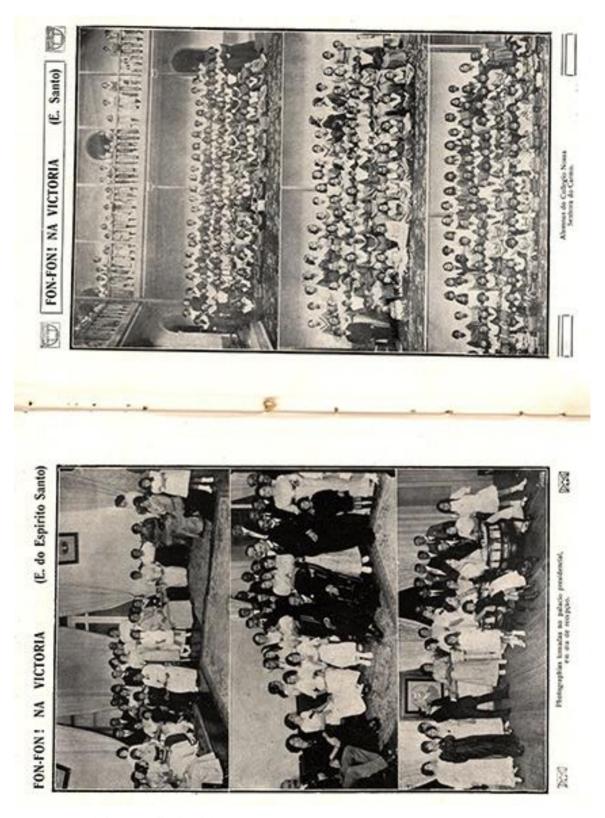


IMAGEM VISUAL 06: Revista Fon Fon - III - 04 de julho de 1914,VIII (27). Dimensões: largura 18 cm X 26 cm.



IMAGEM VISUAL 07: Revista Fon Fon - I - 30 de agosto de 1924, XVIII (35). Dimensões: largura 18 cm X 26 cm.

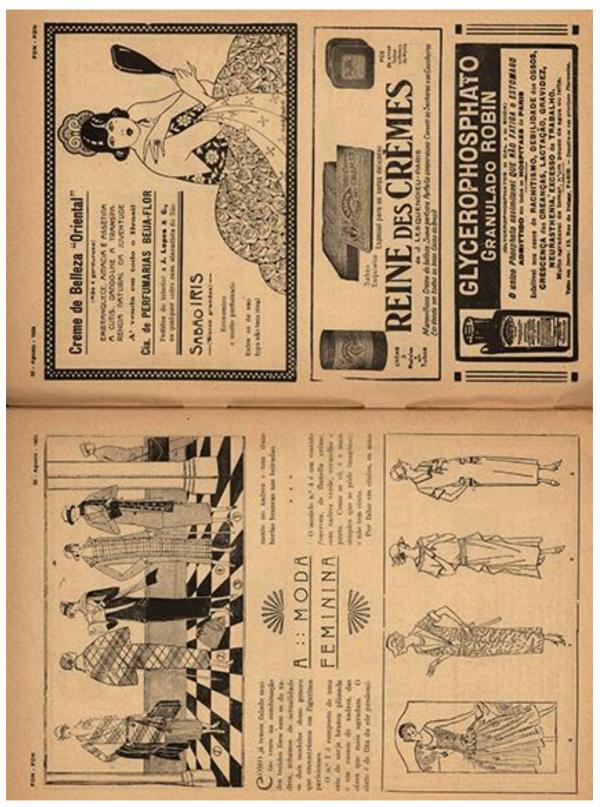


IMAGEM VISUAL 08: Revista Fon Fon - II - 30 de agosto de 1924, XVIII (35). Dimensões: largura 18 cm X 26 cm.

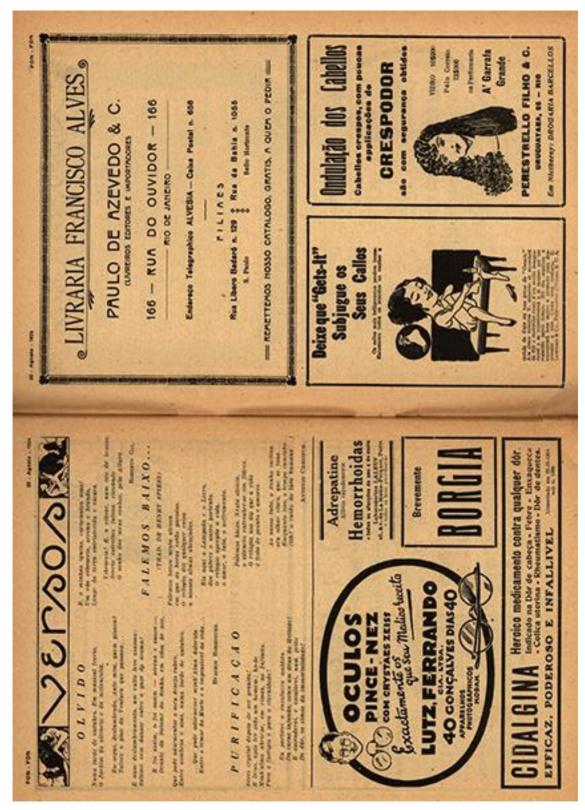


IMAGEM VISUAL 09: Revista Fon Fon - III - 30 de agosto de 1924, XVIII (35) Dimensões: largura 18 cm X 26 cm.

Tanto a *Careta* como a *Fon Fon* utilizavam-se de caricaturas, ornamentos impressos e imagens fotográficas e de outros recursos diferenciados, tais como a disposição de manchas em tamanhos e posições variadas nas páginas, a variação nas dimensões das formas e tamanhos das fontes adotadas etc.

Nas imagens visuais ainda pode-se identificar a presença de diferentes propagandas com imagens que registram aspectos plurais do período relativos à moda, ao mundo do trabalho, ao lazer, à escola, à política, às questões de gênero, dentre outros.

A diagramação destes periódicos sugere novas práticas de leitura que tomam o cotidiano. Estes periódicos são mercadorias e pressupõem a existência de um tipo de leitura em particular que difere da leitura de um romance, de livros religiosos ou de livros didáticos, no caso, os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José. É uma leitura em busca do sempre novo (BENJAMIN, 1984), das novidades e informações que rapidamente são consideradas ultrapassadas no próximo número publicado. Páginas tomadas por notícias curtas, imagens de fácil interpretação e propagandas.

Estes periódicos adotam recursos de impressão para atender ao mercado editorial, como bens de consumo da modernidade. Em tal contexto sociocultural a associação entre texto e imagem torna-se, de acordo com Ferraro (2013), fundamental e possui tantos arranjos como proporções muito diversas, em busca de mobilizar prováveis consumidores dentre os seus leitores.

Colocar em confronto tais periódicos em relação aos *Livros de Leitura* Franciscanos pode trazer indícios das características e finalidades de cada um desses impressos - periódicos e livros, que poderão ser aprofundados em pesquisas futuras.

No próximo capítulo focalizo os Franciscanos que publicaram os *Livros de Leitura* com o intuito de destacar de que maneira o contexto cultural e a instituição que lhes deu origem estão imbricados e dão matizes ao conteúdo publicado nos livros.

CAPÍTULO II: A PRESENÇA DOS FRANCISCANOS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

No presente capítulo, o objetivo é analisar, com base nos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José, a presença dos Franciscanos na história da educação brasileira e na instrução primária em Petrópolis (1896-1925). Tal análise se fará em diálogo com as temáticas privilegiadas nos documentos papais e com as questões socioculturais tomadas como mazelas nacionais por alguns políticos, intelectuais e religiosos contemporâneos daquele período. Nesse sentido, focalizei nestes *Livros* a preocupação com o conhecimento de Deus, a família, a escola, os deveres a serem conhecidos e cumpridos pela população a par de tensões decorrentes das lutas e resistências da Igreja³⁸ Católica frente às críticas e disputas junto aos positivistas, liberais e maçons da recémcriada república brasileira.

2.1 A Igreja Católica – lutas e resistências

O lastro de silenciamentos e apagamentos das lutas e resistências da Igreja Católica na modernidade mobilizou-me na elaboração deste tópico, principalmente nas últimas décadas do século XIX. Tal fato se evidencia na quase total ausência de uma abordagem que considere a ambivalência de diferentes posicionamentos econômicos, políticos, culturais e até mesmo religiosos, assumidos por esta instituição. Na maior parte das vezes, as análises se encaminham para destacar apenas o aspecto conservador da Igreja e de suas iniciativas, perdendo de vista como se deu sua inserção e mobilização em direção a alguns dos pressupostos da modernidade e das demandas de positivistas, liberais e maçons em termos educacionais.

Talvez fosse necessário voltar-se para o período e entender as tensões e disputas que autorizaram contemporâneos daquela época a identificar a Igreja como conservadora³⁹. Esta visão tende a dificultar uma outra análise da atuação e inserção da Igreja Católica naquele momento de

³⁸ Igreja é, no *Terceiro Livro de Leitura*, definida como a Casa de Deus, o Templo de Deus e, por isso, um Espaço Sagrado onde os sacerdotes celebram a missa, pregam a Palavra de Deus e administram os sacramentos.

³⁹ Cf. CALDEIRA, R. C. A formação de um catolicismo antimoderno no Brasil. In: _____. **Os baluartes da tradição**: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Curitiba: CRV, 2011, p. 83-106; OLIVEIRA, L. H. M. M. O projeto romanizador no final do século XIX: a expansão das instituições escolares confessionais. **HISTEDBR** *On-line*, Campinas, n. 40, p. 145-163, dez. 2010.

transição da monarquia para a república, de transição da escravidão para relações de trabalho assalariadas, de um Estado que tinha por religião oficial o catolicismo e que passava a ser laico⁴⁰.

O cardeal Gioacchino Vincenzo Pecci foi eleito Papa durante o conclave de fevereiro de 1878, assumindo o nome de Leão XIII. Este Papa revelava, na sua primeira encíclica *Inscrutabili Dei Consilio*, de 21 de abril de 1878, o principal objetivo de seu pontificado: "[...] sustentar a luta hodierna em favor da igreja de Deus e da salvação das almas." (LEÃO XIII, 1878, p. 13). Luta essa que deveria principiar, segundo ele⁴¹, pela ciência e enfrentamento por parte das lideranças católicas de alguns conflitos e tensões que fragilizavam a Igreja junto à sociedade da época, dentre os quais, na perspectiva:

- do laicismo do Estado e a apostasia manifestada pela sociedade moderna em relação às doutrinas da Igreja Católica, fatores esses balizados;
- da subversão por parte da maçonaria dos princípios religiosos e sociais idealizados pelo cristianismo;
- do confisco dos bens destinados ao sustento dos ministros da Igreja e dos pobres; a desconsideração e o ataque calunioso à autoridade eclesial;
- da separação entre Estado e Igreja, processo que teve início na França e passou a se efetivar em muitos outros países;
- do desprezo a toda lei de moralidade e justiça;
- do projeto de lei vigente em algumas regiões da Itália a fazer valer a obrigatoriedade do casamento civil anterior à realização do rito do matrimônio cristão⁴², fragilizado pela possibilidade do divórcio;

⁴⁰ Trata-se de um "[...] processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. [...] manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo." (BERGER, 2009, p. 119).

⁴¹ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Inscrutabili Dei Consilio*— início do pontificado, 21 de abril de 1878. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 13-23.

⁴² O Papa Leão XIII convoca os Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de Turim, Verceli e Gênova a tomar a defesa em favor do matrimônio cristão como reação a um projeto de lei que havia passado a vigorar nesses lugares, introduzindo a obrigatoriedade do rito civil antes do rito religioso. Classifica tal projeto de lei como deplorável e funesto à religião e à moral, visto que, no seu entender, tal iniciativa, reduz o matrimônio ao patamar de um *contrato vulgar*, um *consórcio social*, um *concubinato vicioso* (Cf. LEÃO XIII. *Carta Ci Siamo Grandemente* – aos Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de Turim, Verceli e Gênova, 1 de junho de 1879. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 61-67).

- da tendência à profanação e secularização do caráter religioso e sagrado do matrimônio⁴³;
- da administração irresponsável dos bens públicos;
- do aumento da riqueza nas mãos de um pequeno número de astutos em detrimento da indigência de uma numerosa multidão de trabalhadores do campo e da cidade;
- da liberdade desenfreada dada ao ensino público e à imprensa sob pretexto de suprimir o direito da Igreja de instruir e educar a juventude.

E, em tom de convocação à militância as lideranças católicas, o Papa fez quatro explícitos pedidos nessa sua primeira Carta Encíclica e, ao final, aponta para uma meta a ser alcançada:

Quisemos, veneráveis irmãos, apontar-vos este cúmulo funesto de males, não para aumentar em vós a tristeza que essa lastimável condição de coisas procura à vossa alma, mas para que estejais plenamente conscientes da gravidade daquilo que deve ser objeto do nosso ministério e do nosso zelo e com quanto empenho devemos nos dedicar em defender e tutelar, como pudermos, a Igreja de Cristo e a dignidade do pontificado romano atacadas com calúnias indignas, especialmente nestes tempos calamitosos. (LEÃO XIII, 1878, p. 15).

Devemos nos esforçar com os mais diligentes cuidados em guardar intacta a dignidade da cátedra romana e fortalecer sempre mais a união dos membros com a cabeça, dos filhos com o pai. (LEÃO XIII, 1878, p. 18).

Quanto mais os inimigos da religião se afadigam a ensinar aos ignorantes, e especialmente à juventude, doutrinas que obscurecem a mente e corrompem o coração, tanto maior deve ser o empenho, para que o método de ensino seja são e plenamente conforme à fé católica, quer nas letras, quer nas ciências. (LEÃO XIII, 1878, p. 20).

Educada a família à vida cristã, cada membro se acostumará pouco a pouco a amar a religião e a piedade, a aborrecer-se com as doutrinas falsas e perniciosas, a seguir a virtude, a respeitar os superiores e a refrear aquele sentimento de egoísmo que tanto degrada e enerva a natureza humana. (LEÃO XIII, 1878, p. 21).

Desses conflitos e tensões que abalariam o papel da Igreja Católica na época, vale destacar que o Papa Leão XIII⁴⁴, oito meses apenas após o início de seu pontificado, convocou as lideranças

⁴³ O Papa Leão XIII, apenas oito meses após a publicação da já mencionada *Carta Ci Siamo Grandemente*, convoca toda a Igreja Católica, pela Carta Encíclica *Arcanum Divinae Sapientie*, a defender o caráter religioso e sagrado do matrimônio ante a qualquer tendência social de profanação e secularização dos fins do mesmo. (Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Arcanum Divinae Sapientie* – o matrimônio cristão, 10 de fevereiro de 1880. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 99-124).

⁴⁴ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Quod Apostolici Muneris* – socialismo, comunismo, niilismo, de 28 de dezembro de 1878. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 37-48.

católicas à vigilância em relação ao ideário do socialismo, do comunismo e do niilismo, visto que relativizavam o sacramento do matrimônio (família), a Igreja.

Com relação à subversão por parte da maçonaria⁴⁵ dos princípios religiosos e sociais idealizados pelo cristianismo, substituindo-os por outros princípios balizados pelo naturalismo político⁴⁶, pelo racionalismo⁴⁷ e pelo liberalismo⁴⁸, o Papa Leão XIII também não se eximiu de mostrar-se preocupado e no dever de instruir suas lideranças católicas por todo o mundo.

A maçonaria é definida pelo Papa Leão XIII – seis anos após o início de seu pontificado – como uma sociedade cujos membros atuam aberta e publicamente para a ruína da Igreja Católica no mundo. Preocupa ao Pontífice o fato de as sociedades maçônicas terem alcançado célere e abrangente propagação, tornando-se, por isso, poderosas com suas doutrinas, símbolos, disfarces, obras, cargos e ofícios. O pontífice caracteriza as sociedades maçônicas como secretas. Acusa os maçons "[...] de subverter os principais fundamentos da moral, de tornarem-se cúmplices e cooperadores daqueles que, como brutos, almejam levar o gênero humano a mais abjeta e vergonhosa degradação." (LEÃO XIII, 1884, p. 219).

Na introdução do seu livro *A Maçonaria no Brasil – orientações para os católicos*, o frade franciscano Boaventura Kloppenburg⁴⁹ (1956) adverte o leitor que sua obra nada mais é do que um

⁴⁵ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Humanum Genus* – a maçonaria, de 20 de abril de 1884. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 207-228).

⁴⁶ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Sapientiae Christiane* – os deveres fundamentais dos cidadãos cristãos, de 10 de janeiro de 1890. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 383-408.

⁴⁷ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Immortale Dei* – a constituição cristã dos Estados, de 1 de novembro de 1885. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 237-264.

⁴⁸ "Os partidários do liberalismo, que atribuem ao Estado um poder despótico e sem limites, proclamam que não é preciso ter Deus em conta alguma no modo de nos conduzirmos na vida. Desconhecem absolutamente a liberdade de que defendemos, tão intimamente unida à honestidade e à religião, e tudo quanto se faz para conservar, consideram-no como feito em detrimento e contra o Estado. Se o que dizem fosse verdade, não haveria dominação, por tirânica que fosse, que não se devesse aceitar e sofrer." LEÃO XIII. Carta Encíclica *Libertas* – a liberdade humana, de 20 de junho de 1888. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 334).

Alemanha) no dia 2 de novembro de 1919 com o nome de Karl Josef Bonaventura Kloppenburg. Veio a ser ordenado sacerdote em 21 de dezembro de 1946 na cidade de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul. Em 1947 iniciou especialização em Teologia Dogmática em Roma, no Instituto Antonianum, doutorando-se no mesmo instituto. De 1951 a 1972, foi professor de Teologia Dogmática no ITF em Petrópolis (RJ) e também redator da Revista Eclesiástica Brasileira. Foi um dos peritos nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano no Rio de Janeiro (1955), em Medellín (1968) e em Puebla (1979). No dia 1.º de agosto de 1982, foi nomeado Bispo Titular de Vulturaria e Auxiliar da Arquidiocese de Salvador, na Bahia, pelo Papa João Paulo II, escolhendo como lema de vida episcopal: *Sub Umbris Fideliter*. Aos 8 de agosto de 1986, foi nomeado bispo para Diocese de Novo Hamburgo e lá trabalhou até 22 de novembro de 1995, data em que teve sua renúncia aceita pelo Papa João Paulo II,

ensaio sobre a maçonaria no Brasil. Após deixar claro que se ateria aos princípios e aos fins do que denominou de vasta organização secreta, acrescentou ainda que os seguidores dela ocupam: "[...] cargos ou postos de importância na vida social, comercial, bancária, militar e mesmo política das nossas cidades do interior e que estão também largamente representados entre os que hoje dirigem os destinos do Brasil." (KLOPPENBURG, 1956, p. 7).

Barata (1999), no seu livro *Luzes e sombras – a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*, procurou ampliar os estudos a respeito da maçonaria no Brasil no final do século XIX e inícios do século XX. Considerando que os registros elaborados nos círculos e encontros das confrarias maçônicas possam não ser inteiramente inteligíveis a pesquisadores 'profanos', procurou ater-se às pesquisas historiográficas e acadêmicas sobre essa temática. Tomou como base a documentação disponível, tais como jornais, boletins, manifestos, discursos, conferências, relatórios e constituições do período de sua pesquisa.

Assegura Barata (1999) que a maçonaria veio a ser introduzida no Brasil nos inícios do século XIX, tornando-se ativa e influente na luta pela emancipação política do país. Em vez de identificar a maçonaria como 'sociedade secreta' a serviço da degradação humana, defende que ela se distinguia na época como uma instituição dedicada ao aperfeiçoamento moral e intelectual de seus membros.

Para Barata, a maçonaria, constituída de membros da elite política brasileira, ateve-se na imprensa e em outros setores da sociedade ao debate de temas relativos à liberdade de consciência, à abolição do regime de escravatura e à instauração do Estado republicano. Foi, de modo especial,

[...] a construção de uma ampla rede de escolas primárias e de bibliotecas o instrumento mais sólido utilizado pela maçonaria para a divulgação de suas ideias. A criação de escolas e de aulas noturnas para os filhos dos maçons e para as camadas populares procurava fortalecer uma identificação das lojas maçônicas como herdeiras das 'Luzes', libertadoras da consciência dos homens e fiéis escudeiras no combate às 'Trevas', representadas pelo fanatismo da Igreja Católica. (1999, p. 138-139).

Barata fez questão de lembrar, enfim, que a Igreja tanto condenou a maçonaria como proibiu os católicos de irem buscar iniciação maçônica, no período pesquisado. Ele também destaca que os maçons se colocavam ao lado dos ideais iluministas, identificando a Igreja como alinhada às

por limite de idade. Por meio principalmente de seus livros, travou luta contra a afeição de certos cristãos católicos para com outras correntes religiosas, dentre elas a maçonaria. Faleceu em Novo Hamburgo aos 8 de maio de 2009.

trevas e, por isso, vista como retrógrada. Tais representações sugerem a proximidade dos maçons ao ideário republicano.

Por sua vez, após algumas décadas, para Kloppenburg (1956, p. 7), os maçons se apresentam estrategicamente "[...] como sociedade inofensiva e puramente filantrópica, respeitadora de todas as religiões e, de modo particular, da Religião Católica e, portanto, como injustamente perseguida e condenada pela Igreja.".

É importante atentar para o momento de construção e emergência de tais representações, não silenciando que elas trazem indícios de estratégias mobilizadas nesta teia de conflitos e tensões que avançou com a modernidade. Também merece atenção o fato de que a estratégia adotada pelos maçons, guardadas as singularidades, traz aspectos das iniciativas da Igreja Católica, tais como a abertura de escolas e a valorização da leitura.

Em ambas as iniciativas, a dos maçons e a dos católicos, o uso da imprensa⁵⁰ e o uso de impressos evidenciam que a disseminação da leitura pressupunha a implementação crescente do processo de escolarização da sociedade, como uma das maneiras de se garantir a divulgação e a circulação de ideias que formassem e conformassem uma população disciplinada e afeita às regras do mercado de trabalho assalariado. Estratégia que não passou despercebida por comunistas e anarquistas⁵¹. Logo, a imprensa emerge como um dos ícones da modernidade.

Doze anos após o início de seu pontificado, o Papa Leão XIII⁵² veio a público, tanto expor os deveres fundamentais dos católicos como denunciar explicitamente o embate que os partidários do naturalismo político promoviam contra a Igreja Católica:

⁵⁰ Cf. GURGEL, E. A. Imprensa e Igreja Católica no início do século XX: convergências e divergências. 263 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

 ⁵¹ Cf. GALLO, S. e MORAES, J. D. Anarquismo e educação - a educação libertária na Primeira República. In: In: STEPHANOU, M. & BASTOS, M. Histórias e memórias da educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 87-99.
 ⁵² Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica Sapientiae Christiane – os deveres fundamentais dos cidadãos cristãos, de 10 de janeiro de 1890. In: DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 383-408.

[...] deram a ensinar que é à natureza que se deve pedir o princípio e a regra de toda a verdade; que dela dimanam e a ela se devem dirigir todos os deveres religiosos; que por conseguinte não existem verdades reveladas, nem obrigação alguma de obedecer à moral cristã e à Igreja; que esta não tem poder legislativo nem direito algum e que nem sequer convém dar-lhe entrada nas instituições civis. Para poderem mais comodamente conformar com semelhantes doutrinas a legislação e a educação nacional, procuram com todo o empenho apoderar-se da administração pública e da direção dos Estados. Desse modo está sendo combatido o catolicismo em muitas regiões, com guerra já aberta, já solapada. (LEÃO XIII, 1890, p. 389).

Com relação ao racionalismo e ao naturalismo, o Papa Leão XIII⁵³, treze anos após o início de seu pontificado, pediu unanimidade e constância aos católicos na defesa da fé em relação às visões, principalmente do racionalismo:

A defesa da fé católica reclama imperiosamente que o assentimento às doutrinas ensinadas pela Igreja seja da parte de todos unânime e constante, e, dessa forma é necessário que todos se acautelem para que de modo algum se tornem coniventes com as falsas opiniões [...]. Para isso, e a fim de que a união dos espíritos não seja destruída por temerárias acusações, eis o que todos devem admitir: a profissão íntegra da fé católica absolutamente é incompatível com as opiniões que se aproximam do 'racionalismo' e do 'naturalismo', e cujo fim capital é destruir completamente as instituições cristãs e estabelecer na sociedade a autoridade do homem em lugar de Deus. (LEÃO XIII, 1885, p. 262).

O liberalismo também foi uma das preocupações do pontífice. Dezesseis anos após o início de seu pontificado, o Papa Leão XIII⁵⁴ expõe o que intencionava o liberalismo. Para ele (1888, p. 332-333):

Há muitos homens que, a exemplo de Lúcifer, — de quem são estas palavras criminosas: não obedecerei, — entendem pelo nome de liberdade o que não é senão pura e absurda licenciosidade. Tais são aqueles que pertencem à escola tão espalhada e tão poderosa dos liberais. [...] Os partidários do liberalismo, que atribuem ao Estado um poder despótico e sem limites, proclamam que não é preciso ter Deus em conta alguma no modo de nos conduzirmos na vida, desconhecem absolutamente a liberdade tão intimamente unida à honestidade e à religião, e tudo quanto se faz para a conservar, consideram-no como feito em detrimento e contra o Estado.

⁵⁴ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Libertas* – a liberdade humana, de 20 de junho de 1888. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 311-341.

-

⁵³ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *Immortale Dei* – a constituição cristã dos Estados, de 1 de novembro de 1885. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 237-264.

Às preocupações do Pontífice mencionadas soma-se também outra: o regime de escravidão⁵⁵ ainda vigente no Brasil. Aos que se encontram ainda acometidos pela chaga da escravidão no país, expressa compaixão e desejo de término de tal problema sociopolítico:

Quanta compaixão sentimos por aquelas gentes infelicíssimas e com imensa caridade abrimos os braços para elas. Desejamos ardentemente procurar-lhes todos os confortos e ajudas possíveis, para que, logo que for destituída a escravidão dos homens, juntamente com a escravidão da superstição, possam finalmente servir ao único Deus [...]. (LEÃO XIII, 1888, p. 304-305).

Não obstante os problemas sinalizados por Leão XIII e os apelos feitos por ele à militância católica da luta em favor da Igreja, o episcopado brasileiro reuniu-se em São Paulo em março de 1890, apresentando na ocasião a *Carta Pastoral Coletiva* às comunidades católicas e à sociedade brasileira. (EPISCOPADO BRASILEIRO, 1890), dando visibilidade à tensão e à resistência presentes na época.

2.2 A Carta Pastoral Coletiva: a reação do Episcopado Brasileiro

A Carta Pastoral Coletiva era uma forma de reação do episcopado brasileiro ao Decreto do governo republicano, n.º 119-A⁵⁶, de janeiro de 1890, que estabelecia: o fim da intervenção da autoridade federal e dos estados federados em assuntos religiosos; a plena liberdade de cultos a todas as Igrejas e a extinção do regime do padroado e, consequentemente, a separação entre Igreja e Estado.

Verifiquei que, para além de um processo de transição de um regime de governo para outro, vários outros fatores preocupavam as lideranças católicas no Brasil. De acordo com Matos (2010), alguns desses fatores eram:

- o ideário positivista ostensivamente anticlerical e a presença significativa de membros ligados à maçonaria entre os primeiros escalões do então instituído governo republicano;
- a instauração da separação entre Igreja e Estado;
- a liberdade de culto concedido pelo governo republicano a todas as Igrejas;

⁵⁵ Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica *In Plurimis* – abolição da escravidão, de 5 de maio de 1888. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 289-307).

⁵⁶ BRASIL. Decreto n.º 119-A, de 7 de janeiro de 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm. Acesso em: 05 nov. 2017.

- a implantação da educação laica nas escolas públicas;
- o fim da subvenção a qualquer instituição religiosa pelo erário público;
- a secularização dos cemitérios;
- e também a prescrição do casamento civil.

De todos esses fatores, a liberdade de culto concedido a todas as Igrejas era o que mais gerava preocupações. Pois o governo republicano situava – pelo Decreto n.º 119-A – a Igreja Católica no mesmo grau de importância em relação às demais denominações eclesiais. Situava a Igreja Católica em meio a um novo cenário de pluralidade religiosa e não mais na posição de religião oficial do Estado brasileiro. (EPISCOPADO BRASILEIRO, 1890).

A implantação da educação laica nas escolas públicas era também outra das preocupações da Igreja Católica no Brasil. Após saudar de modo especial o Conde Laet⁵⁷, os membros das comissões organizadoras da *Exposição de Arte Cristã* e *Movimento Religioso no Brasil*, o Rev. Parisi inicia sua conferência atentando para algumas questões iniciais a respeito do ensino leigo no Brasil:

E quem é este carrasco em trajes de mestre e educador? Verdugo das almas juvenis, corruptor da mocidade, envenenador de toda virtude, assolador de todo viço [...]? Quem é este tirano, enfeitado de educador, que recebe os incensos dos oradores nos congressos públicos e secretos, nas assembleias populares, nos artigos encomiásticos, estrondosos dos jornais, dos periódicos? Quem é? [...] quem é o inimigo das mais belas esperanças da Igreja, da pátria, da família e qual é o assunto que terei eu que discorrer desta tribuna, eu sacerdote e educador? Senhores, o ensino leigo e, portanto, a educação leiga das novas gerações (CONFERÊNCIA..., 1917, p. 3-4).

Logo em seguida, o conferencista passa a acusar o ensino leigo de deformador do cristão, visto que despreza os costumes e tem como intenção persuadir a opinião pública de que razão e fé não se coadunam. Assinala Parisi que "[...] há mais de meio século que um coro estrondeia pelo mundo, que se chama civilizado e adiantado, coro de vozes da imprensa, das tribunas parlamentares, das reuniões demagógicas; coro que brada, insiste, encarece, pedindo: ensino leigo, ensino leigo." (CONFERÊNCIA..., 1917, p. 6).

Ele define ensino leigo como um imperativo do Estado que leva a escola a prescindir de qualquer confissão ou ideia religiosa. "Ensine o professor a ler, a escrever; ensine belas artes, letras,

⁵⁷ Trata-se de Carlos Maximiliano Pimenta de Laet (03/10/1847–07/12/1927), filho de Joaquim Ferreira Pimenta de Laet e de Emília Ferreira de Laet. Foi aluno e professor do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro). Destacou-se como professor e jornalista. O Vaticano concedeu a ele o título de conde pelos serviços prestados na época em defesa da Igreja Católica e suas lutas.

ciência, matemática sem falar de Deus uma palavra. [...] em suma se aparte da escola a religião não só para não ser ensinada, como também para não ser chasqueada." (CONFERÊNCIA..., 1917, p. 8).

Tal imperativo do Estado estava indo além, na opinião do conferencista, do ensino em si. Incidia até no critério de escolha e de adoção dos livros de texto escolares, visando "[...] atirar à dúvida e ao escárnio os alunos sobre o que tenham herdado da educação familiar e cristã" (CONFERÊNCIA..., 1917, p. 9). Tanto que finaliza lembrando aos seus interlocutores a endossar o posicionamento da Igreja contra as calúnias da imprensa e as espoliações dos governantes impetradas a ela.

Em outras palavras, o governo, o antigo parceiro da Igreja Católica no Brasil durante o regime do padroado passava – a partir da instauração do regime republicano – a ser uma instância de embate e alvo de contestação. Embate e contestação particularmente no que diz respeito ao extravasamento do ideário político do regime republicano junto aos cidadãos brasileiros. De acordo com Carvalho (1990), tal extravasamento dera-se, acima de tudo, mediante a tentativa de inserção de elementos universais no imaginário brasileiro, tais como o mito do herói, a República-mulher, a bandeira e o hino, visto que a participação popular na proclamação da república fora quase nula.

Nesse sentido, tem-se a nítida percepção de que os aspectos aqui discutidos e apresentados sobre a modernidade – inclusive as lutas e resistências da Igreja Católica na pessoa do Papa Leão XIII, do Episcopado Brasileiro e dos Franciscanos no final do século XIX – contribuem para uma aproximação preliminar do contexto em meio ao qual emerge a demanda de formação e conformação de cidadãos saudáveis, civilizados e escolarizados. Contexto no qual vieram a ser divisadas e contempladas as páginas de cada um dos quatro *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José.

Contexto esse também marcado por outros fatores: a transição do sistema de governo imperial para o republicano, a produção industrial limitada praticamente à produção de bens de consumo, tais como gráficas, têxteis, vestuários, produtos alimentícios, serrarias, mobiliário etc.; o expressivo índice de analfabetismo da população, a ausência de um sistema de instrução capaz de responder às demandas do país; a falta de compêndios elementares (BOCAIÚVA, 1986; KOELLER, 1991) para uso nos espaços escolares; a preocupação da Igreja Católica com a formação e a educação das crianças e dos jovens em relação ao ensino leigo adotado pelo regime republicano.

2.3 A educação franciscana em Petrópolis: os primeiros anos da Escola Gratuita São José e a instauração de sua tipografia

Anterior à chegada dos Franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Brasil no ano de 1896 a Petrópolis, religiosos dessa mesma Província já haviam se estabelecido na cidade do Rio de Janeiro em 1592. Nos registros das atividades dos Franciscanos nesta cidade se sobressai um conjunto de fatos permeados tanto pelo prestígio que eles tinham junto à Coroa de Bragança (Portugal) como por inúmeras tensões.

Dentre as tensões experimentadas pelos Franciscanos situados no Rio de Janeiro, vale mencionar as que passaram a se avolumar a partir da segunda metade do século XIX. Uma campanha desencadeada pelo governo imperial com a promulgação da *Lei de Terras* no ano de 1850 que, dentre outras determinações, confiscou os bens dos Franciscanos e das demais Ordens Religiosas. As tensões atingiram "[...] seu ápice quatro anos depois, com um decreto promulgado pelo ministro da Justiça, Nabuco de Araújo, proibindo a admissão de noviços em todas as ordens religiosas no Brasil." (CARVALHO, RIBEIRO e SILVA, 2011, p. 67).

Particularmente aos Franciscanos, essas medidas promulgadas pelo governo imperial deram origem a sérias necessidades financeiras, em decorrência do esfacelamento do seu patrimônio, confiscado em parte pelo governo imperial para serventia pública, e, praticamente, à extinção das atividades desses religiosos no Rio de Janeiro e região.

Por mais de uma vez haviam os frades apelado para o governo, pedindo que lhe fosse dado reabrir o seu noviciado. [...] Foi tudo em vão. Os conventos, desabitados, não resistiam à inclemência do tempo. [...] Tal era a triste situação da Província, quando, em 1889, baqueou o Império. (FREITAS, 1922, p. 53).

O convento de Santo Antônio viria a ser restituído aos frades da Província da Imaculada Conceição do Brasil somente dez anos depois da proclamação da República, não mais sendo a sede de tal Província, transferida para Blumenau. De Blumenau a sede seria transferida para Petrópolis, em 1906. No ano seguinte, 1907, transferida para São José, Santa Catarina e, em 1911, para Curitiba, Paraná, cidades essas com forte imigração alemã. Provavelmente devido à Segunda Guerra Mundial, a Província ficou sediada em São Paulo a partir de 1941 até hoje. (FREITAS, 1922).

O regime de plena liberdade de atuação concedido pelo governo republicano ensejou as quase extintas ordens religiosas no Brasil a se reorganizarem em termos de presença e atuação. De acordo

com Carvalho, Ribeiro e Silva (2011), por volta do ano de 1891, a Província Franciscana de Santa Cruz da Saxônia (Alemanha) começou a enviar frades para restaurar as duas províncias franciscanas do Brasil: a Província de Santo Antônio (com sede na Bahia) e a Província da Imaculada Conceição do Brasil (Rio de Janeiro). Os frades vindos da Alemanha foram ocupando os velhos Conventos do Norte, e no Sul, em Santa Catarina. Em todos os lugares a que chegavam, administravam as paróquias abandonadas, abriam escolas contíguas a elas, além de percorrerem o Estado de Santa Catarina em missões entre os colonos de origem alemã.

Tendo aceitado o Curato de Teresópolis [Santa Catarina], em 1891, estenderam-se, em seguida, às paróquias de Lages, Blumenau e Rodeio. Chegando ao conhecimento do muito digno Encarregado dos Negócios da Santa Sé, Mons. João Batista Guidi, a notícia dos trabalhos apostólicos desses nossos padres entre os colonos alemães de Santa Catharina, requisitou-os S. Excia. Revma. para o distrito de Petrópolis, onde viviam muitas famílias alemãs, às quais faltava o pasto espiritual na língua materna, com perigo iminente de caírem nas malhas do protestantismo, que era regularmente ministrado pelo pregador protestante. (FREITAS, 1922, p. 55).

Em meados do século XIX, aproximadamente cinquenta anos antes da chegada dos Franciscanos, Petrópolis era um pequeno núcleo urbano, formado por inúmeras habitações, estabelecimentos comerciais e alguns serviços públicos. Elevada à condição cidade em 29 de setembro de 1857 e localizada a aproximadamente 800 metros acima do nível do mar, Petrópolis foi a capital do estado do Rio de Janeiro entre os anos 1894 e 1902.

As origens históricas de Petrópolis estão, assim como o desenvolvimento dela, intimamente associadas à colonização alemã. Os primeiros imigrantes eram procedentes do vale do Mosel e de Hunsrück (estado da Renânia-Palatinado, Alemanha), cuja chegada à cidade se deu por volta do final de junho de 1845. (SINZIG, 1910). A pedido de quem os Franciscanos foram também a Petrópolis?

As tratativas para a abertura da Escola Gratuita São José só se deram a partir da chegada de dois Frades Franciscanos alemães a Petrópolis em 16 de janeiro de 1896: Frei Cyriaco Hielscher⁵⁸

_

⁵⁸ Nasceu na Província da Silésia (Alemanha), em 1855. No ano de 1885, aos trinta anos de idade ordenou-se sacerdote e, três anos depois, em 1888, tornou-se frade franciscano. Foi um dos três primeiros frades a residir em Petrópolis, tornando-se o primeiro diretor da Escola Gratuita São José, cuja fundação a ele é atribuída. Esteve em Petrópolis até 1901, trabalhando nos anos seguintes em outros locais, tais como Curitiba, São Paulo, Blumenau e Rio de Janeiro. Chegou a voltar a Petrópolis em 1941, vindo a falecer nesse mesmo ano.

e Frei Zeno Wallbroehl⁵⁹. (SCHAETTE, 1943; NEOTTI, 1991). Chegaram a Petrópolis esses franciscanos a convite do então assistente da capela do Sagrado Coração de Jesus, o Monsenhor João Batista Guidi⁶⁰.



IMAGEM VISUAL 10: Desenho⁶¹ da primeira parte do Convento do Sagrado Coração de Jesus, construída em 1896.

Esta imagem visual, de acordo com Külkamp (2000, p. 38), é "[...] um desenho tosco da primeira parte do Convento do Sagrado Coração de Jesus construída em 1896 para moradia dos frades, para os estudos superiores de Teologia e para abrigar as primeiras salas da Escola Gratuita

-

⁵⁹ Frade Franciscano nascido em Erpel (Alemanha) a 30 de julho de 1866. Além de professor, exerceu também a função de reitor da Escola, a quem cabia acompanhar diariamente as atividades acadêmicas, visto que ao diretor prevaleciam as ocupações pastorais da comunidade. Veio a falecer em 1925.

⁶⁰ Além de assistente da capela do Sagrado Coração de Jesus, era ele também, na época, um assessor em âmbito de Brasil da Nunciatura Apostólica, Embaixada do Vaticano em cada país. Foi o Monsenhor João Batista Guidi quem deu grande incentivo aos Frades Franciscanos à construção do Convento e à abertura da Escola Gratuita São José junto à mencionada capela.

⁶¹ Livro da Crônica do Convento do Sagrado Coração de Jesus. 1956-1958, Vol. VII, verso da p. 10.

São José a partir de janeiro de 1897." Com o tempo, houve várias modificações. Uma delas ocorrida foi a instauração da portaria entre a Igreja e o Convento dos Franciscanos.

Os Franciscanos assumiram em Petrópolis, como um de seus primeiros trabalhos, a assistência religiosa da colônia de alemães católicos na igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, à mercê do "[...] perigo iminente de caírem nas malhas do protestantismo, que era regularmente ministrado pelo pregador protestante." (FREITAS, 1922, p. 55).

Percebendo a carência de instrução escolar e religiosa, na perspectiva dos Franciscanos tensionada pela presença das "malhas protestantes"⁶², entre a população petropolitana mais pobre, iniciaram no dia 7 de janeiro de 1897 as atividades na Escola Gratuita São José com duas turmas de alunos provenientes de classes menos abastadas: uma delas em língua alemã e outra em português. Apenas seis meses após o início das atividades, já havia alunos⁶³.

-

 $^{^{62}}$ A expressão malhas protestantes é uma referência à reação e a um conjunto de precauções tomadas pela Igreja Católica desde o século XVI e ainda muito acaloradas no final do século XIX e início do século XX não só em termos de trabalhos pastorais como também educacionais. Trata-se de uma reação que remonta às noventa e cinco contestações ou protestos publicados por Martinho Lutero (1483-1546) em 31 de outubro de 1517 com relação principalmente à prática das indulgências desenvolvidas por membros da Igreja Católica naquela época. Martinho Lutero defendia, dentre várias ideias, que: a salvação se dá só pela fé; a interpretação da Palayra de Deus não precisa de mediação de líderes religiosos; o fim do celibato para sacerdotes; a substituição da missa pelo rito da Ceia do Senhor; a proibição do uso de imagens nas Igrejas etc. À denominada reforma protestante (luterana), iniciada por Martinho Lutero, a Igreja Católica reagiu mais precisamente durante o Concílio de Trento (1545-1563): condenando a venda de indulgências; confirmando o princípio da salvação pelas obras e pela fé; realçando a importância da missa dentro da liturgia católica; confirmando a devoção e a confiança na intercessão dos santos e da Virgem Maria; reafirmando a doutrina da infalibilidade papal; confirmando a existência do purgatório; validando os sete sacramentos, inclusive a indissolubilidade do casamento; proibindo o casamento para os membros clero (celibato clerical); criando seminários para a formação de sacerdotes; publicando medidas e decretos visando à unidade católica e o fortalecimento da hierarquia (Cf. AGNUS DEI. Concílio Ecumênico de Trento. Disponível em: http://agnusdei.50webs. com/trento.htm>. Acesso em: 18 jul. 2018).

⁶³ "Tiveram os Franciscanos, de 1897 a 1920, matriculados 11.988 meninos; a cifra mais elevada foi alcançada em 1917, com 665 meninos. Em 1920 a idade dos alunos variava entre 6 e 16 anos, sendo o coeficiente maior de 9 e 10 anos." (SCHAETTE, 1922, p. 218).



IMAGEM VISUAL 11: Uma das duas primeiras turmas da Escola Gratuita São José, em 1897. A turma era formada por meninos pobres, filhos de famílias de imigrantes alemães. O professor na foto é Frei Zeno Walbroehl, que lecionava alemão.

Acervo do Colégio Bom Jesus Canarinhos - Petrópolis

Chama a atenção na fotografia a presença de apenas um menino negro, a ausência de sorriso na face das crianças e a postura corporal que sugere uma certa rigidez, contudo é preciso lembrar que nesse contexto era necessário um certo tempo de exposição das pessoas sem movimentarem-se para o registro da imagem pelo fotógrafo.

De acordo com Külkamp (2000, p. 109), esta é a "[...] foto de uma das duas primeiras turmas da Escola Gratuita São José, em 1897." Tal imagem visual atenta para alguns aspectos de uma dada memória da Escola Gratuita São José que se quer valorizar e resguardar (SOUZA, 2012). Um desses aspectos diz respeito à disposição dos alunos em fileiras, com o professor na primeira fileira e ao centro, sugerindo que a hierarquia disciplinar era mantida pelo religioso assim como que este era o responsável pela educação de tais crianças.



IMAGEM VISUAL 12: Outra turma da Escola Gratuita São José de 1897, esta formada pelos meninos brasileiros

Acervo do Colégio Bom Jesus Canarinhos - Petrópolis

Tal como já mencionado a respeito da imagem visual 11, a imagem visual 12 traz outros detalhes da memória da Escola Gratuita São José: os alunos dispostos em fileiras e, ao centro, o professor da turma constituída por alunos brasileiros.

Também de acordo com Külkamp (2000, p. 109), esta foto diz respeito "[...] a outra turma da Escola Gratuita São José de 1897. Esta era formada pelos meninos brasileiros. O professor era Frei Diogo de Freitas, que veio da Bahia, especialmente para assumir esta turma.".



IMAGEM VISUAL 13: Turma da Escola Gratuita São José com Frei Pacômio Schulten, ano 1904.

Acervo do Colégio Bom Jesus Canarinhos - Petrópolis

Considerando 1904 o ano da imagem visual 13 e também o ano de publicação do *Primeiro Livro de Leitura*, é provável que os livros nas mãos dos alunos (imagem visual 13) sejam exemplares do *Primeiro Livro de Leitura*, editado pelos professores da Escola Gratuita São José e publicado pela então tipografia da Escola Gratuita São José. Alunos descalços é outro aspecto observado, o que evidencia a baixa condição econômica de suas famílias.

Em relação à conformação dos professores da Escola Gratuita no transcorrer de nove anos de ação, de acordo com SINZIG (1910, p. 51), era o seguinte:

QUADRO 01: Professores da Escola Gratuita São José 1897-1905

Ano	Classes	Alunos	Professores
1897 (1.° semestre)	2 3 4	110	2 padres
1897 (2.° semestre)		171	1 padre e 2 clérigos ⁶⁴
1898		230	2 padres e 2 clérigos
1899	5 5	370	1 padre e 4 clérigos
1900		400	1 padre e 4 clérigos
1901	6	460	2 padres e 4 clérigos
1902	6	465	4 padres e 2 clérigos
1903	5	440	4 padres e 1 clérigo
1904 1905	6 4	499 423	5 padres e 1 professor ajudante 3 padres e 3 professores ajudantes"

FONTE: SINZIG, 1910.

O trabalho escolar dos franciscanos em Petrópolis no período de 1896 a 1925 se deu em meio a diversas tratativas, visando auferir às crianças, além da instrução primária, o apreço pelo cultivo da fé cristã mobilizada pela Igreja Católica, sua visão de mundo e modo de vida. A fundação da Escola Gratuita São José em Petrópolis esteve, desde o início, intrinsecamente ligada a tal ideia e, por isso, tal escola se constituiu desde o começo como nucleadora da comunidade petropolitana e espaço de evangelização⁶⁵.

⁶⁴ Padre, no período, era pessoa que já havia recebido o Sacramento da Ordem, investido de funções na Igreja Católica, tais como: presidir a missa, atender às confissões, ministrar o Sacramento da Unção dos Enfermos, entre outras. Clérigo dizia respeito ao estudante de Teologia, ainda não investido do Sacramento da Ordem, que auxiliava os padres nas mais diversas atividades pastorais e educacionais.

⁶⁵ Sinzig (1910, p. 49-52) relata diversas iniciativas dos Franciscanos em Petrópolis, tais como: "1896 – 26 de junho: fundação da Ordem Terceira que agora conta com 427 irmãos, dos quais 98 são homens; 1897 – 26 de julho: fundação do Coral da Igreja do Sagrado Coração de Jesus; 1898 – 27 de setembro: fundação do Apostolado com 1.600 membros; [...] 1899 – nas proximidades do vale do Bingen é fundada uma associação escolar. Ela mantém lá uma escola católica; [...] 1901 – 28 de outubro, lançamento festivo da pedra fundamental da Igreja de Santo Antônio no Alto da Serra. Alguns dos trabalhos que foram assumidos regularmente pelos Frades nesse ano fora da Igreja e do convento do Sagrado Coração de Jesus, onde moram, são: Missa diária no Hospital de Santa Tereza e a pastoral dos doentes [...]; Missa diária no convento das Irmãs de Santa Catarina e, semanalmente, uma conferência [...]; Missa diária na casa do órfão Asilo do Amparo, catequese três vezes por semana e uma conferência semanal; [...] Uma vez por mês, Missa com sermão na Capela São José de Itaipava, a 4 hora e meia de distância. O mesmo na Capela de Correias a 2 horas e meia de distância; Na paróquia de Inhomirim: meio da Serra, duas vezes por mês, missa com sermão e catequese em todos os domingos; Raiz da Serra, uma vez por mês, missa com sermão [...]; 1902 – instalação de uma gráfica e de encadernação no convento, envolvendo 9 pessoas. Foram editados até agora 8 livros religiosos na língua portuguesa; [...] 1903 – setembro e dezembro, 90 doentes de varíola foram acolhidos e cuidados no convento; [...] 1904 – com contribuições espontâneas dos fiéis, a nossa igreja recebe uma pintura simples, conforme as regras da arte."

Na pesquisa que desenvolveu sobre a história da Escola Gratuita São José, Prim (1985) faz menção aos nomes de alguns dos Frades Franciscanos que atuaram durante pelo menos os primeiros nove anos nessa escola como professores: Frei Ciríaco Hielscher, Frei Zeno Walbroehl, Frei Inácio Hinte, Frei Diogo de Freitas, Frei Estanislau Schaette, Frei Ambrósio Johanning, Frei Antônio Schaefer, Frei Humberto Themans, Frei Menandro Kamps, Frei Pacômio Schulten, Frei Felipe Niggemeir, Frei Genésio Hausen e Frei Meinrado Vogel.

Somente após a primeira década da fundação da Escola Gratuita São José e devido à demanda de diversos trabalhos pastorais, aos quais os Frades professores passaram a ser requisitados em Petrópolis e localidades circunvizinhas, é que alguns professores leigos também trabalharam nessa escola como docentes, a saber: Jorge Deister, Henrique Harre, José Beiler, Joaquim Deister, Rabelais, Laudolino dos Santos, Artur Velloso e Inácio Schmitt (PRIM, 1985). Mas, até o ano de 1907, apenas Frades Franciscanos atuavam como professores na Escola Gratuita São José. Ano esse em que os professores leigos passaram a fazer parte do corpo docente da Escola Gratuita São José e, pouco a pouco, tornando-se maioria⁶⁶.

Devido aos custos diários com as atividades acadêmicas, por volta de 1910 em diante, a gratuidade do ensino, dos livros e utensílios escolares foi nessa escola dos Franciscanos em Petrópolis aos poucos ficando restrita somente aos alunos cujas famílias não tinham condições de pagar. "Os melhores situados deviam pagar pelos seus livros, os outros, recebiam ainda gratuitamente os utensílios escolares [...]." (SINZIG, 1911, p. 15).

_

⁶⁶ "Além de Frei Bruno Heuser, Frei Antônio Schäfer e Frei Inocêncio Engelke, em 1910, atuavam ainda 6 professores leigos, sendo um deles da Alemanha, o Sr. Heinrich Harre, com formação feita em seminário, que tem contribuído muitíssimo com contínuo aperfeiçoamento dos métodos de ensino." (SINZIG, 1911, p. 15).

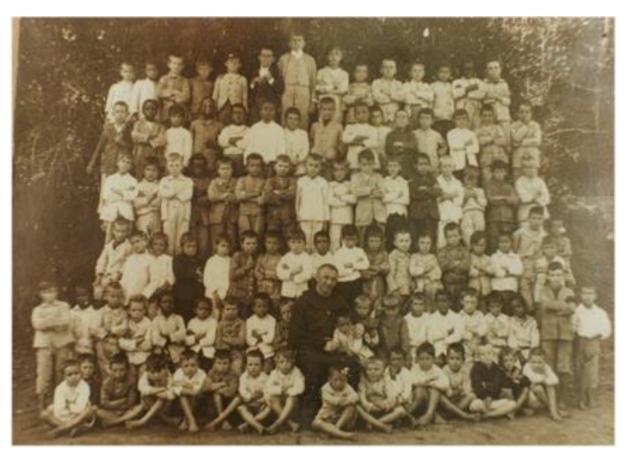


IMAGEM VISUAL 14: Frei Bruno Heuser com um grupo de alunos⁶⁷, ano 1914.

Acervo do Colégio Bom Jesus Canarinhos - Petrópolis

Com exceção dos primeiros quatros anos de funcionamento dessa escola, a média dos registros de matrículas até 1920 oscilou entre 450 e 470 alunos.

_

 $^{^{67}}$ Külkamp (2000) assegura que Frei Bruno Heuser foi professor da Escola Gratuita São José entre 1909 a 1929.

Transcorriam apenas quatro anos após a fundação da Escola Gratuita São José e ela já começava a dispor de uma tipografia (atual Editora Vozes) para impressão dos mais diversos materiais para as atividades escolares. Assegura Sinzig (1911, p. 15): "A gráfica, que começou de modo mais modesto, também se desenvolveu constantemente.".

Frei Inácio Hinte, um dos frades do convento dos Franciscanos de Petrópolis, tinha sido chamado para prestigiar no início de 1901 a entrega aos padres Lazaristas de uma máquina tipográfica da oficina montada para o jornal *O Estado*, que nunca chegou a ser publicado. Tratavase, na verdade, de um amontoado de peças inerentes a uma máquina, de nome Alauzet que, logo em seguida, os padres Lazaristas doariam aos Franciscanos.

À maior parte dos frades não pareceu isso mais do que um amontoado de peças enferrujadas e sujas. Frei Inácio, porém, que na Alemanha trabalhara como aprendiz numa oficina gráfica, olhou com interesse aquele acervo de ferragens, e, obtida a licença do Superior, dedicou-se ao trabalho de limpar e pôr em ordem as peças todas, modelando em madeira peças em falta, que em seguida eram fundidas, segundo os modelos feitos [...], de modo que, ao cabo de pouco tempo, estava pronta para entrar em serviço a pequena tipografia, com suas caixas de tipos arrumadas e sua máquina de impressão montada e lubrificada. (PIMENTEL, 1951, p. 7).

A licença solicitada pelos frades de Petrópolis ao governo da Província da Imaculada Conceição do Brasil para que tivessem e dirigissem uma oficina tipográfica foi concedida em março de 1901. Na licença estavam explícitas duas recomendações: que se chamasse Tipografia da Escola Gratuita São José e estivesse a serviço de sua principal finalidade: "[...] imprimir os livros que serviram de texto na Escola Gratuita São José." (PIMENTEL, 1951, p. 8).

O contexto socioeconômico brasileiro no qual a tipografia da Escola Gratuita São José foi instituída encontrava-se acometido por uma enorme crise educacional, na perspectiva dos Franciscanos de então. O governo republicano mobilizado pelo ideário positivista instaurara um embate com as escolas católicas, de modo a relegar e a não adotar os livros escolares de teor católico nas escolas públicas. O Papa Leão XIII (1888, p. 358) parecia antever esta situação:

É-vos conhecida a maneira de se portar das escolas públicas: nelas não se dá lugar à autoridade eclesiástica e justamente no tempo em que seria sumamente necessário formar com o mais solícito cuidado os ânimos ainda jovens na prática dos deveres cristãos.

O contexto sociocultural aqui abordado é, por assim dizer, um pressuposto à compreensão sobre o que, no próximo capítulo, se delineia como objetivo: identificar os elementos relacionados

às temáticas valorizadas e disseminadas pelos Franciscanos por meio da materialidade dos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José. Elementos que, segundo Benjamin (1992, p. 196), não são "[...] apenas comunicação do comunicável, mas, simultaneamente, símbolo do não comunicável.". Símbolos dos elementos privilegiados por meio das temáticas que – nesses *livros* – também se encontram silenciados.

2.4 A educação franciscana em Petrópolis na perspectiva do Regulamento de 1925

Recorro ao Regulamento de 1925 por considerar que de alguma forma tal documento ofereça indícios das normas e procedimentos valorizados pelos Franciscanos, no cotidiano da Escola Gratuita São José. Julgo que tais normas e procedimentos foram adotados a partir de uma rotina escolar preexistente que legitimava seu conteúdo e demandava aprimoramento.

O ano letivo tinha início no primeiro dia útil depois do dia de Reis, com oito dias de férias no final de junho, encerrando-se na última semana do mês de novembro com um exame final em cada classe de alunos. O horário de funcionamento das atividades acadêmicas na Escola Gratuita São José era das 8h30 até às 14h de segunda a sexta-feira, compondo ao todo seis horas-aula de quarenta e cinco minutos cada uma delas: 8h30 a 9h15 (primeira aula), 9h15 a 10h (segunda aula), 10h a 10h15 intervalo, 10h15 a 11h (terceira aula), 11h a 11h45 (quarta aula), 11h45 a 12h30 intervalo, 12h30 a 13h15 (quinta aula) e 13h15 a 14h (sexta aula). Previam-se dois horários de recreio: o primeiro deles das 10h às 10h15 e outro com tempo maior de recesso para todas as turmas das 11h45 às 12h30.

O ensino primário⁶⁸ completo oferecido pela Escola Gratuita São José abrangia "três cursos", que eram "distribuídos em curso elementar (1.º e 2.º anos); curso médio (3.º ano) e curso complementar (4.º e 5.º anos)." (HEUSER, 1925, p. 3).

Para a realização da matrícula, alguns pré-requisitos precisavam ser atendidos pelo aluno: ser apresentado ao reitor da escola pelo pai ou responsável com no mínimo seis anos de idade; trazer escrito atestado de boa conduta e de isenção de moléstia contagiosa; dispor de informações, tais

^{68 &}quot;É preciso que os católicos tenham, especialmente para as crianças, escolas próprias e não mistas [pluriconfessionais], e que sejam escolhidos ótimos mestres, nos quais se possa confiar absolutamente. O ensino no qual a realidade religiosa é errônea ou ausente é repleto de perigos, e vemos que isso acontece muitas vezes nas escolas que chamamos *mistas*. Ninguém se deixe facilmente convencer que seja possível separar sem perigo à piedade da instrução." LEÃO XIII. Carta Encíclica *Militantis Ecclesie* — III Centenário da morte do bem-aventurado Pedro Canísio, de 1 de agosto de 1897. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 695).

como o nome completo, o dia do nascimento, a igreja em que foi batizado, o nome dos pais, o endereço da família e a profissão dos pais; e declarar se o aluno já frequentou outra escola ou não (HEUSER, 1925).

Para o Papa da Igreja Católica nos primeiros anos de funcionamento da Escola Gratuita São José, Leão XIII⁶⁹ (1884, p. 196-197), "[...] os bons pais devem cuidar com máximo empenho para que seus filhos, logo que atingem a idade de aprender, sejam instruídos nos preceitos da religião, e que nas escolas não haja nada a ofender a integridade da fé e dos costumes."

Segundo Heuser (1925), cinco eram as responsabilidades em termos de colaboração atribuídas aos pais dos alunos matriculados na Escola Gratuita São José: encaminhar os filhos diária e pontualmente à escola⁷⁰; fazer os filhos assistirem à missa colegial aos domingos e dias santificados de preceito (segunda e terça-feira de carnaval, da quarta-feira da semana santa até terça-feira após a Páscoa, segunda-feira após Pentecostes e Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora das Candeias, Anunciação de Nossa Senhora, Natividade de Nossa Senhora, São José e São Francisco); zelar para que os filhos compareçam à escola trajados com asseio e com os utensílios escolares necessários; velar pela boa conduta do filho no caminho de casa para a escola e vice-versa, sob pena de expulsão os casos de não pontualidade frequente, preguiça incorrigível, insubordinação teimosa, desrespeito aos professores, vícios quaisquer de imoralidade e mau comportamento em geral; e cooperar com a escola na educação e instrução dos filhos.

As funções do professor na Escola Gratuita São José consistiam em educar bem os alunos. Desenvolver nos alunos o espírito e formar o coração. Auxiliar os alunos a conhecer, a amar e a servir a Deus. Estar ciente de que a família, a pátria e a sociedade confiam a ele o cuidado do ponto de vista material, intelectual e moral dos futuros cidadãos. Aperfeiçoar nos alunos os bons costumes (a pureza, a piedade, a afeição, a confiança, a obediência, o contentamento, a aplicação, a

⁶⁹ Nasceu em 1810 em Carpineto (Frosinone (Itália) e com o nome Gioacchino Vincenzo Pecci. Aos 8 anos iniciou seus estudos escolares no Colégio dos Jesuítas de Viterbo. Foi ordenado sacerdote em 1837. Em 1846 foi nomeado bispo de Perugia (Itália). No ano de 1853 veio a ser nomeado cardeal. Foi eleito Papa da Igreja Católica durante o conclave de 18 a 20 de fevereiro de 1878, assumindo o nome de Leão XIII. Faleceu aos 93 anos de idade, em 20 de julho de 1903, após vinte e cinco anos de pontificado.

^{70 &}quot;Não queremos deixar de exortar especialmente os pais de família para que regulem o governo de suas casas e a educação de seus filhos desde a mais tenra idade. A família contém em si os germes da sociedade civil, e é em grande parte no lar doméstico que se vai criando a sorte dos Estados. Tão é verdade é isso que os que se propõem arrancá-los ao cristianismo, começam pela raiz, dando-se pressa a corromper a família." (LEÃO XIII. Carta Encíclica *Sapientiae Christianae*— os deveres fundamentais dos cidadãos cristãos, de 10 de janeiro de 1890. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 407).

antecipação, a fortaleza, o amor, a pontualidade, a civilidade, entre outros), mostrando-se como exemplos na vivência dos mesmos junto a eles. Preparar bem as suas lições em vista de um ensino proveitoso, atraente e interessante. Recorrer durante o ensino a interrogações e digressões⁷¹. Dedicar-se diariamente ao estudo para ampliar os conhecimentos adquiridos, dispondo, para isso, de livros e outros recursos disponíveis na biblioteca da escola. Almejar saber bem mais do que aquilo que ensina aos alunos. Conhecer os melhores meios de ensinar. Indicar a cada aluno a carteira onde sentar-se para o acompanhamento das aulas, recomendando-lhe uma posição correta. Suscitar, como pressuposto metodológico de ensino, a participação dos alunos, ensinando a todos indistintamente e propondo atividades de acordo com o que podem realizar. Habituar os alunos à obediência, à disciplina e ao silêncio. Não se permitir-se durante as aulas discorrer sobre assuntos estranhos à escola ou fumar em sala de aula. Escriturar com cuidado, asseio e exatidão o diário da classe, apresentando-o mensalmente ao reitor para revisão. Realizar durante o ano letivo com os alunos exercícios de ditado, de composição, de aritmética, de caligrafia, devidamente corrigidos. E participar, na última sexta-feira de cada mês, da reunião dos professores, compartilhando experiências e propostas a bem da escola (HEUSER, 1925).

O método de ensino intuitivo, recomendado pela Escola Gratuita São José aos seus professores (cf. nota de rodapé n. 71), não só ficou conhecido como lições de coisas, mas também como um dos elementos da renovação pedagógica no final do século XIX e início do século XX. De acordo com Souza (2000, p. 12-13), o método de ensino intuitivo

[...] pressupunha uma abordagem indutiva pela qual o ensino deveria partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato. Esse método racional fundamentava-se em uma concepção filosófica e científica pela qual a aquisição de conhecimentos advinha dos sentidos e da observação. A racionalidade pedagógica articulava-se com os princípios de racionalização da produção e da vida social e possivelmente isso justifique a confiança e o fascínio que ele provocou naquele momento.

A mudança do regime imperial no final do ano de 1889 para o republicano endossou a emergência da demanda de formação e conformação de cidadãos civilizados, saudáveis e escolarizados no Brasil. O método intuitivo, em discussão no país desde a década de 1870, passava a ser adotado em vista das demandas de modernização da instrução e do projeto republicano

-

⁷¹ "O mestre prepare sempre bem as suas lições, de modo a tornar o ensino proveitoso, atraente e interessante, recorrendo às interrogações e digressões acomodadas, assim como aos quadros e objetos da intuição etc." (HEUSER, 1925, p. 6).

educacional voltado à imposição de uma concepção eurocêntrica de cultura e civilidade, através do processo de escolarização crescente da população.

O método intuitivo privilegiava um ensino baseado no desenvolvimento da intuição e do raciocínio dos alunos pela educação dos sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão), ancorada na interação direta com as coisas e a manipulação delas. Coisas que serviam, por assim dizer, de suportes didáticos e de estímulo ao desenvolvimento dos raciocínios e, consequentemente, da aprendizagem dos conteúdos escolares. Oportunizar ao aluno obter noções abstratas e até elaborar conceitos de qualquer objeto por ele visto, tocado, cheirado, degustado ou percebido pela audição era um dos principais objetivos de tal método. Em outras palavras, a obtenção do conhecimento dos conteúdos escolares tinha, segundo o método intuitivo, a intuição oriunda dos sentidos como pressuposto à apreensão racional de tais conteúdos. Conhecimento de coisas vinculadas à vida e ao cotidiano dos alunos de tal modo a levá-los a convergir para determinados modos de pensar, de se apropriar dos conceitos e dos saberes.

Embora já conhecesse o livro *Primeiras Lições de Coisas* de autoria de Norman Allison Calkins publicado em 1861 e outros livros escolares nacionais, Munakata (2017, p. 10) destaca que – ao iniciar os estudos sobre livros dessa natureza – demorou um pouco para "[...] aprender que esses livros não eram para ser lidos de modo 'tradicional', do começo ao fim, mas 'lições' no sentido originário do termo: unidades de conteúdo que se fecham em si mesmas.". Lições de coisas, segundo ele, que na sua origem não estavam relacionadas ao uso de livros escolares. Diziam, sim, respeito a atividades de cunho oral conduzidas por um professor que se atinha a formular perguntas aos alunos e a comentar as respostas deles.

O método intuitivo influenciou na materialidade dos livros escolares que no período passaram a ser editados e postos em circulação, fato que considerei nas análises. Segundo Razzini (2004, p. 104), tal método

[...] privilegiava a aprendizagem através da ilustração e do desenho [...] tão importante quanto o texto na sala de aula [...]. Acompanhando esta tendência de valorização da imagem, nota-se que os livros dirigidos ao período inicial de escolarização (assim como os livros de literatura infantil), passaram a apresentar cada vez mais ilustrações e fotografias, inclusive nas capas, ampliando também o mercado de trabalho para artistas que até então atuavam em jornais e revistas. Observa-se ainda uma preocupação maior com a materialidade, na escolha do papel, da capa cartonada, do acabamento esmerado, tudo para tornar os livros mais atraentes e em sintonia com as novas exigências educacionais.

O uso de imagens visuais nos livros de leitura escolares que adotavam o método intuitivo foi, segundo a autora, o avanço na época das técnicas em curso tanto de fabricação do papel (substituição da pasta de trapos pela pasta de madeira) como das técnicas de impressão (litografia). Avanços que viabilizaram o barateamento do custo do material didático impresso, cujo tamanho mais preferido era o $In-8^{\circ}$ (em oitavo⁷²), de fácil transporte e manuseio pelos alunos. Além do uso privilegiado de imagens visuais, os livros de leitura escolares também se serviam de gravuras, caixas para o ensino das formas e das cores, mapas, louças, diagramas, vidros, aros, metais, cerâmica, entre outros objetos. Objetos que — pelo ver, tocar, degustar, cheirar e ouvir, pelos sentidos — tornavam viável uma formação e conformação das sensibilidades dos alunos postuladas pelos republicanos.

Mas, por que o método intuitivo pressupunha educação dos sentidos e não educação pelos sentidos?

[...] não se trata de educar os sentidos preliminarmente para depois efetuar a educação pelos sentidos: a educação dos sentidos é a ocasião em que se processa a educação pelos sentidos e vice-versa. Por exemplo, o conhecimento das células pela observação no microscópio é também o aprendizado sobre a maneira adequada de realizar observações com esse instrumento. (MUNAKATA, 2017, p. 13).

Munakata salienta que esta prática da observação no método intuitivo não é o mesmo que enxergar ou ver. Diz respeito ao empenho dos envolvidos no processo de obtenção do conhecimento para se depurar o acessório do que é essencial, o que implica uma preparação das capacidades de observação.

A ênfase na educação, na formação dos professores e na definição do método intuitivo para a etapa do ensino primário mobilizou o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, seja por ocasião das Exposições Internacionais, das Conferências Pedagógicas, seja nos relatórios oficiais, nos manuais de ensino.

 $^{^{72}}$ Tratava-se, na época, de um tamanho aproximado de capa dos livros escolares, próximo a 18x12 cm.

Neste período, segundo Schelbauer (2005, p. 136), o método intuitivo

[...] desembarcou na realidade brasileira na bagagem de nossos intelectuais ilustrados: homens públicos, reformadores, juristas, proprietários de escolas, diretores e professores, e constituiu num dos principais elementos da renovação educacional por eles propostos nos projetos de reforma, pareceres, conferências pedagógicas e experiências educacionais de vanguarda, vinculadas a iniciativas governamentais ou de particulares, as quais acreditavam poder modificar o cenário da nação, modificando-o através da educação. [...] A ressonância que o método intuitivo encontrou entre esses intelectuais nos faz considerar que ele se constituiu como núcleo central da renovação pedagógica que se queria ver implantar nas reformas da instrução pública no Brasil.

Mesmo que inicialmente estivesse no Brasil a proposição do método intuitivo à etapa da instrução primária alinhada às finalidades educacionais particularmente do regime republicano, não impediu que instituições de ensino confessionais identificassem em tal método uma escolha também oportuna. Foi o caso dos Franciscanos da Escola Gratuita São José.

O método intuitivo pressupunha uma esmerada atuação docente do ponto de vista do uso de recursos pedagógicos afins à aquisição de conhecimentos provenientes dos sentidos e da observação. E pressupunha também a mesma esmerada atuação docente em prol de uma formação integral do aluno proposta pela escola.

Especificamente Munakata, Oliveira e Braghini (2017) relatam que se sentia intrigado no início da pesquisa, por volta de 2008, sobre os livros de lições de coisas. Intrigava Munakata (2017, p. 10) porque esses livros

[...] descreviam várias coisas, animadas e inanimadas, aparentemente sem nenhuma sequência, à exceção de um deles, que começava explicando os sentidos e seus respectivos órgãos. Esse seria o início natural de um ensino baseado na percepção intuitiva e sensível das coisas. [...] Tive de aprender que esses livros não eram para ser lidos de modo 'tradicional', do começo ao fim, mas 'lições' no sentido originário do termo: unidades de conteúdo que se fecham em si mesmas. Também aprendi que 'lições de coisas', na sua origem, não designavam livros — nem poderiam fazê-lo, pois pressupunham atividades de ensino oral, com o professor formulando perguntas ao aluno e comentando suas respostas.

Ao contrário de uma instrução baseada na compreensão do mundo consagrado nos livros, típica de um ensino livresco baseado "[...] na reiteração dos livros clássicos e na retórica [...]" (MUNAKATA, 2017, p. 11), o pesquisador assinala que se tratava de um método ancorado na observação da realidade.

Observação essa aventada por ele como uma prática humana distinta de 'ver' ou 'enxergar'.

[...] trata-se de uma atividade em que se busca depurar o que é 'essencial', distinguindo-o do 'acessório', 'aparência'. Mas em que consiste o 'essencial'? Que práticas de observação são requeridas para adestrar essa capacidade? Daí a 'educação dos sentidos' e não 'educação pelos sentidos', como muita gente já sugeriu. Certamente a educação se faz, nessa proposta, pelos sentidos, mas para isso é fundamental a preparação das capacidades de observação. Por exemplo, o conhecimento das células pela observação no microscópio é também o aprendizado sobre a maneira adequada de realizar observações com esse instrumento. (MUNAKATA, 2017, p. 12-13).

Em outras palavras, a educação dos sentidos se dá tanto pela observação do que se está investigando como pelo aprendizado do uso adequado de instrumentos para tal propósito pedagógico.

De acordo com Schaette (1922, p. 216), as disciplinas ensinadas na Escola Gratuita São José eram as seguintes: "[...] Religião, Português, História, Aritmética, Geometria, Geografia, História Natural, Física, Química, Caligrafia, Desenho, Canto, Ginástica". Já Heuser (1925) assegura que, além dessas, eram também oferecidas pela Escola Gratuita São José as disciplinas de História do Brasil e História Universal, cuja maior importância era dada à disciplina de Religião, devido à sublimidade do seu conteúdo à formação de cada aluno e à sociedade.

O ensino da disciplina de Religião na Escola Gratuita São José estava organizado em três ramos:

- *o histórico*, no qual eram ensinados conteúdos referentes à História Sagrada previstos para o âmbito do curso elementar (1.º e 2.º anos), o curso médio (3.º ano) e o curso complementar (4.º e 5.º anos);
- *o sistemático*, no qual eram contemplados aspectos do catecismo da Igreja Católica para alunos dos cursos elementar, médio e complementar;
- *o prático*, atrelado ao ensino de conteúdos referentes à vivência da religião no culto, na oração, no canto sacro, na participação das celebrações, previsto para alunos do 2.º ano do curso elementar em diante.

As aulas de Português tinham como finalidade desenvolver no aluno o dom da fala, entendido como "[...] o maior bem de cada indivíduo e de toda a sociedade. A língua portuguesa é, por isso, depois do ensino da religião, a disciplina de maior importância na escola primária." (HEUSER, 1925, p. 14). Em cada lição, cabia ao professor dessa disciplina oferecer ao aluno, tanto oralmente

como por escrito, ocasiões de aperfeiçoamento na língua materna, a começar pela explicação das palavras desconhecidas dos alunos. Oportunizar aos alunos exprimir seus pensamentos de modo verbal ou graficamente, assim como apresentar uma pronúncia correta e expressiva das palavras eram outras atribuições de ensino dadas ao professor.

O ensino da Língua Portuguesa na Escola Gratuita São José estava, enfim, organizado nos seguintes ramos (HEUSER, 1925):

- *a leitura*: no 1.º ano do curso elementar estava previsto ensinar aos alunos a distinguir as letras, a pronunciá-las e a reunir os sons representados por essas letras para formar sílabas, palavras e frases. No 2.º ano do curso elementar previa a realização de uma leitura corrente no intuito de tornar os alunos aptos a ler de modo preciso, fácil, claro, expressivo e com fluência. Por fim, a cada semana haveriam de ser contemplados, também para os alunos dos cursos médio e complementar, três trechos de leitura, dos quais, mensalmente, dois ao estilo prosa e um ao estilo verso.
- *a gramática*: cabia ao professor facilitar o ensino das regras gramaticais aos alunos, sem incidir em penosas repetições de fórmulas abstratas.
- *a ortografia*: tinha por finalidade extinguir tanto quanto possível qualquer erro de escrita das palavras.
- as lições de coisas: eram consideradas a base e a alma de todo o ensino elementar. No 1.º ano do curso elementar estava previsto tratar dos objetos familiares aos alunos, no intuito de ratificar-lhes noções conhecidas e obter deles uma aprendizagem metódica.
- *a composição*: visa levar os alunos a desenvolver um bom estilo na manifestação de suas ideias, na escrita das palavras, mediante a elaboração no curso complementar de cartas, endereços, requerimentos, circulares, recibos, escrituração mercantil etc.
- *a caligrafia*⁷³: estava previsto um ensino prático e racional, oportunizando exercícios úteis e acessíveis aos alunos.

O ensino da Aritmética precisa ser intuitivo, compreensível, metódico, prático e gradativo. A importância do ensino da Geometria é dupla: possibilitar durante o primeiro e segundo ano do

⁷³ "No primeiro ano do curso elementar o ensino da caligrafía corre anexo à matéria do Primeiro Livro de Leitura. No segundo semestre, os alunos começam a escrever em cadernos as letras minúsculas [...]. A distribuição para os outros cursos é a mesma, acrescentando-se para o curso médio palavras e pequenas frases; para o curso complementar, frases e trechos fáceis." (HEUSER, 1925, p. 17).

curso complementar o cultivo do intelecto dos alunos e oportunizar a eles conhecimentos para a vida prática, com base na aprendizagem das principais figuras e dos corpos geométricos (HEUSER, 1925).

O ensino da História Universal é uma disciplina para os alunos do curso complementar. Para os alunos do curso médio, o ensino da disciplina História do Brasil previa, enquanto conteúdos, o estudo da história da cidade de Petrópolis e o estudo dos principais fatos da História do Brasil. Para os alunos do curso complementar, a história do Brasil propriamente dita (HEUSER, 1925).

A Geografia era uma disciplina em que para os alunos do 2.º ano do curso elementar estava previsto tanto o estudo completo da topografia da escola e da cidade de Petrópolis como do Estado do Rio de Janeiro. O Brasil e o mapa-múndi eram o estudo previsto dessa disciplina para os alunos do curso médio. E para os alunos do curso complementar, o estudo da geografia física e política, privilegiando o mapa do Brasil com seus principais rios, serras e outros acidentes físicos por meio de nomes, mapas dos três continentes, países, capitais, entre outros (HEUSER, 1925).

O ensino da História Natural estava previsto para os alunos do curso médio e complementar, abrangendo conteúdos tais como os três reinos da natureza, descrições de certas plantas, animais e minerais. As disciplinas de Física e Química estavam previstas para os alunos do curso complementar. O ensino do Desenho começava com o curso médio. No Canto, por sua vez, no curso elementar os alunos aprenderiam canções fáceis e até de cunho religioso. Nos cursos médio e complementar, os alunos estavam incumbidos de aprender a cantar os cantos religiosos entoados na igreja durante as missas colegiais e os cantos escolares e patrióticos para as festas escolares. O ensino da Ginástica previa exercícios de ginástica sueca (HEUSER, 1925).

Em 1976, a Escola Gratuita São José passou a denominar-se Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis, cuja fundação do coral se deu em 1952. Nesse mesmo ano, a Escola Gratuita São José recebia em suas salas de aula, depois de 79 anos de história, meninas como suas alunas. O então Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis veio a ter dois lugares distintos para a realização das atividades acadêmicas e musicais: na Rua Frei Luís funcionava o de ensino escolar; na Rua Santos Dumont, o ensino musical, assim permanecendo até o ano de 1990.

De 1991 em diante, as atividades do ensino escolar foram gradativamente transferidas para o espaço construído na Rua Santos Dumont, o que se deu em definitivo no ano seguinte. Enfim, no ano de 1999, o Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis passa a ser uma unidade da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, com sede em Curitiba, e com nova denominação: Colégio Bom Jesus Canarinhos.

CAPÍTULO III: OS LIVROS DE LEITURA

Os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José são, enquanto objeto de pesquisa, complexos cuja análise pressupõe o desenvolvimento de investigações sobre diferentes aspectos. O contexto sociocultural da época em que foram editados e postos em circulação, a história da leitura, do livro didático, da presença dos Franciscanos na história da educação brasileira e na instrução primária em Petrópolis (RJ) são alguns deles.

De acordo com Chartier (2003, p. 173), "[...] uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes.". Usos estes compreendidos como meios possíveis de apropriação e de interpretação dos conteúdos destes livros que foram postos em circulação, tanto em sala de aula como extramuro.

Sendo assim, é necessário considerar que os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José estiveram suscetíveis a uma multiplicidade de usos e leituras em salas de aula por alunos e professores ou em outros espaços e situações, tal como atenta Chartier (1999, p. 8): "O livro sempre visou instaurar uma ordem: fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu sua publicação.". Este ordenamento dos livros deve ser compreendido como um movimento contraditório, posto que é suscetível que os leitores presumam estarem aptos à compreensão do sentido dos conteúdos, sem considerarem as possíveis variações tanto nos modos de constituição como apropriação de tal ordem. Considerei na análise dos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José este aspecto.

Os *Livros de Leitura*, enquanto obras didáticas, "[...] não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção." (CHARTIER, 1999, p. 8). Significações mesmo que propostas podem ser – por quem quer que seja – reinventadas, deslocadas e até mal compreendidas pelos que as recebem.

O *Primeiro Livro de Leitura* foi publicado no ano de 1904 e em sua 20.ª edição, datada de 1924, já somava 150.000 a 170.000 exemplares impressos. É desconhecido o ano da 1.ª edição do *Segundo Livro de Leitura*. Todavia, a 5.ª edição encontrada nos acervos da Editora Vozes desse *Segundo Livro* é de fevereiro de 1917. Por ocasião de sua 11.ª edição em 1925, o *Segundo Livro*

de Leitura atingia a cifra de 71.000 a 80.000 exemplares impressos. Já o *Terceiro Livro de Leitura* veio a ser publicado em 1912. Por ocasião de sua 9.ª edição em 1925, este *Livro* chegou ao montante de 60.000 a 70.000 exemplares impressos. O ano da 1.ª edição do *Quarto Livro de Leitura* também é desconhecido. Já a 3.ª edição encontrada nos acervos da Editora Vozes de 1917 somou 11.000 exemplares impressos. A seguir o quadro com os dados apurados dos *Livros de Leitura*:

QUADRO 02: Número de exemplares publicados

TÍTULO	ANO	EDIÇÃO	EXEMPLARES
Primeiro Livro de Leitura	1904	1ª	Não localizado
	1919	13ª	Não consta
	1922	14ª	Não consta
	1923	15ª	100.000 a 120.000 milheiros
	1924	20ª	150.000 a 170.000 milheiros
	[1932?]	31ª	Não consta
	1955	51ª	Não consta
Segundo Livro de Leitura	Não localizado	1ª	Não localizado
	1917	5ª	Não consta
	1922	8ª	Não consta
	1923	10ª	51.000 a 70.000 milheiros
	1925	11ª	71.000 a 80.000 milheiros
	Não consta	26ª	Não consta
Terceiro Livro de Leitura	1912	1ª	Não localizado
	1917	4ª	14.000 a 18.000 milheiros
	1922	6ª	Não consta
	1923	8ª	44.000 a 59.000 milheiros
	1925	9ª	60.000 a 70.000 milheiros
	Não consta	15ª	Não consta

TÍTULO	ANO	EDIÇÃO	EXEMPLARES
Quarto Livro de Leitura	Não localizado	1ª	Não localizado
	1917	3ª	8.000 a 11.000 milheiros
	1922	5ª	Não consta
	Não consta	10ª	61.000 a 70.000 milheiros

Os dados sugerem que houve um acréscimo no número de exemplares publicados ante um possível aumento na demanda de pedidos de aquisição destes livros por parte de outras escolas no Brasil (PIMENTEL, 1951). Mas seria necessário tomar outras fontes documentais para se atestar a veracidade de tais dados. Na contextualização destes dados, há que se levar em conta o aumento da população escolar e o avanço do processo de escolarização no país no período pesquisado.

Além da Escola Gratuita São José, outros "centros de instrução" (SCHAETTE, 1922, p. 205) foram fundados pelos Franciscanos ou mantidos por eles no período: a Escola Santo Antônio, primeira escola católica de Blumenau (SC), inaugurada em 16 de janeiro de 1877; as vinte e seis Escolas Paroquiais que passaram a ser criadas a partir de 1893 em Rodeio (SC); o Colégio internato e externato criado em 13 de novembro de 1891, em Lages (SC); a Escola Bom Jesus de Curitiba (PR), fundada em 11 de maio de 1896; o Colégio São José de Guaratinguetá (SP), inaugurado em 1899; a Escola Paroquial de Curitibanos (SC), criada no mês de janeiro de 1901; a Escola Paroquial de Quissamã (RJ), fundada em 10 de agosto de 1903; a Escola Paroquial de Gaspar (SC), fundada no ano de 1904; a Escola Paroquial de São José (SC), criada em 1908; a Escola Santo Antônio de Petrópolis (RJ), fundada em 25 de setembro de 1910; o Colégio São Benedito, fundado em Amparo (SP) no ano de 1914; a Escola Santo Antônio do Pari (SP), criada no mês de setembro de 1916; as trinta e sete Escolas Paroquiais criadas a partir de 1918 em Alto Jacuhy (RS). É possível ainda que outras escolas católicas tenham sido abertas pelos Franciscanos no Brasil, o que em parte explicaria o aumento do número de exemplares publicados⁷⁴.

⁷⁴ "O ano de 1650 constituirá para sempre um marco na história do Convento Santo Antônio. Frei Sebastião do Espírito Santo [...] abriu o primeiro curso de estudos no Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro. Tratava-se de um curso de Artes ou Filosofia ou Teologia. Ao primeiro deu por lente a Frei Manuel de Cristo e ao outro a Frei Gregório de São Julião. Desde então, até ao declínio da Província [segunda etapa do século XIX], o Convento Santo Antônio foi sempre, com pequena interrupção apenas, um recinto sagrado em que com carinho se cultivavam as ciências divinas e humanas; foi um viveiro em que se aguçavam inteligências e se formavam mestres, que com vantagem rivalizavam com os seculares que haviam estudado na Universidade de Coimbra." (RÖWER, 1945, p. 44); "[...] também nos séculos

O aumento do número de escolas criadas sugere uma estreita relação com o ultramontanismo e a retomada da presença e atuação da Igreja Católica no Brasil no período. Neste sentido, os dados que constam no Quadro 02 legitimam a escolha dos *Livros de Leitura* como objeto de pesquisa.

Neste III capítulo focalizo os elementos relacionados à materialidade dos *Livros de Leitura* publicados pelos Franciscanos, porque, do ponto de vista histórico, os *Livros de Leitura* escolar têm se constituído de diferentes características materiais (CHARTIER, 2003). Este objeto de estudo precisa ser investigado como se o pesquisador estivesse a cada instante diante de um fenômeno, cuja materialidade impressa se apresenta como um *Livro de Leitura*. Pois ele pode dar acesso ao conhecimento dos elementos que constituem tal objeto assim como às intencionalidades de seus editores. É preciso lembrar que se a oralidade permite a comunicação em conexão com diferentes expressões corporais e dos sentidos, a escrita pressupõe outras.

Enquanto o orador sustenta as frases individuais com a voz e com a mímica, mesmo lá onde não seria capaz de reger sozinho, e as conecta em um fluxo único de pensamento – frequentemente incerto e vago – como se estivesse esboçando de um só traço um desenho de longo fôlego, é próprio da escrita parar e recomeçar do início a cada frase. (BENJAMIN, 1984, p. 57).

A leitura também pressupõe diferentes saberes, práticas e apropriações. Tanto umas quanto as outras precisam ser contextualizadas e datadas para que a análise da materialidade do impresso pesquisado ganhe maior complexidade e historicidade. Leitura que, para Chartier (1999, p. 7), "[...] é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para [...] ler nas entrelinhas e subverter as lições impostas são infinitos.".

Por conseguinte, neste capítulo avaliei a pertinência de, ao trazer a materialidade dos *Livros* de Leitura da Escola Gratuita São José, voltar-me também para os pressupostos e procedimentos adotados no transcorrer da pesquisa relativos à leitura de algumas imagens visuais, impressas em tais obras.

A expressão "imagens visuais" acolhe diferentes sentidos, acepções e atualizações potenciais "[...] algumas se dirigem aos sentidos, outras unicamente ao intelecto, quando se fala do poder que

passados os religiosos da Província contribuíram vastamente para a formação intelectual da juventude brasileira, antes de tudo na instrução superior. [...] No Rio de Janeiro mantinham os Franciscanos, desde 1776, um curso universitário com treze cadeiras, que até 1826 foi a primeira e única tentativa de um curso de estudos superiores no Brasil. [...] No ano de 1835 os Franciscanos ocupavam três cadeiras no Seminário de São José do Rio de Janeiro e uma no Seminário de Itú." (SCHAETTE, 1922, p. 205-206).

certas palavras têm de 'produzir imagem', por uso metafórico, por exemplo." (AUMONT, 2001. p. 8).

Leituras de imagens visuais – as mais diversas – em impressos didáticos não podem prescindir de, no mínimo, um estranhamento por parte de quem as analisa. Porque, segundo Bueno, Guimarães e Silva (2017, p. 82),

As leituras das imagens dos patrimônios culturais, de reproduções de obras de arte e dos textos didáticos, permitem [...] a compreensão de que essas representações imagéticas expressaram determinados gostos, que elas produzem um padrão de beleza e representam as tradições da sociedade que produziu tais objetos.

Logo, o uso de imagens visuais fomenta e educa os sentidos, sobretudo o olhar e as sensibilidades e, como toda educação traz, matizes de intencionalidades e relações de poder que orientam a opção por impressão desta dada imagem visual, em detrimento de outras. (BUENO, GUIMARÃES e SILVA, 2017, p. 82).

Nessa pesquisa flagrei – nos *Livros de Leitura* analisados – imagens visuais de reproduções fotográficas de edificações canônicas da cidade do Rio de Janeiro, imagens visuais de litogravuras⁷⁵ usadas com o intuito de estimular a alfabetização e ou exercícios sugeridos em tais, outras que foram usadas com intuito de ilustrar as diferentes temáticas privilegiadas nos textos de prosa ou verso publicados. Muitas destas imagens visuais hierarquizam e legitimam a ideia de representação eurocêntrica de beleza na arte e na arquitetura, com o objetivo de instigar nos interlocutores escolares o desenvolvimento de determinados gostos e valores estéticos, atravessados pelas ideias de modernidade, civilização e progresso oriundas do continente europeu, pautadas pelo liberalismo e positivismo.

Imagens visuais que tendem também a propiciar que os interlocutores escolares desqualifiquem as representações de práticas e saberes nacionais, regionais e locais como atrasadas, sobretudo daqueles oriundos das camadas menos abastadas da população, atravessadas pelas

The Litogravura ou litografia é um tipo de gravura. Essa técnica de gravura envolve a criação de marcas sobre uma matriz com um lápis gorduroso. A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo. Ao contrário das outras técnicas da gravura, a litografia é planográfica, ou seja, o desenho é feito através do acúmulo de gordura sobre a superfície da matriz, e não através de fendas e sulcos na matriz, como na xilogravura e na gravura em metal. Seu primeiro nome foi pole autografia significando a produção de múltiplas cópias de manuscritos e desenhos originais. No Brasil, durante o século XIX, Joaquim Andrade dá vários exemplos do uso que era feito da fotografia para a produção de gravuras em madeira e mesmo da litogravura para a produção dos semanários cariocas, uma prática usual tanto no país quanto no exterior. (ANDRADE, 2004).

origens indígenas ou africanas. Imagens visuais que "[...] apresentam um caráter polissêmico e suscitam processos de análise realizados comparando-se os objetos reais com outras imagens ou com textos escritos." (BUENO, GUIMARÃES e SILVA, 2017, p. 84).

Processos de análise estes que, por um lado, podem até compreender as imagens visuais ao mesmo modo da intelecção de um texto escrito, seus conteúdos e formas de expressão. Mas identificam, por outro, que leitura da imagem visual difere da leitura do texto escrito, visto que palavras e imagens não se reduzem umas às outras. (FRANCASTEL, 2011).

É importante ressaltar que se tratou de um cuidado voltado à leitura e à análise de imagens visuais assim como a relação entre elas e os textos, levando-se em conta a diagramação, a localização e as dimensões das imagens e textos por entre as páginas dos *Livros de Leitura* pesquisados.

A palavra 'leitura' remete-se à prática de ler os textos escritos. É um processo que compreende atividades diversificadas e que varia em relação às formas e aos objetivos da comunicação que o leitor pretende estabelecer. Por isso, é um ato complexo, historicamente datado, e que apresenta um caráter polivalente e provisório. Constrói-se pela relação do leitor com o texto escrito ou imagético, expressando, de maneira polissêmica, as possibilidades de compreensão das mensagens. (BUENO, GUIMARÃES e SILVA, 2017, p. 83).

Por essa razão, a leitura das imagens visuais pressupõe, na medida do possível, o contato com os registros originais de cada uma delas. Isto possibilita ao pesquisador achegar-se de informações, problematizá-las em vista de compreensões dos atributos culturais referentes ao contexto em que elas foram constituídas e, por sua vez, da interpretação dos seus diferentes sentidos. No caso desta pesquisa, isto não foi possível dada a inexistência dos registros originais que deram origem às imagens visuais impressas nos *Livros de Leitura* analisados.

A análise das imagens visuais nos *Livros de Leitura* garantiu novas formas de olhar para cada uma delas, indo além de uma simples constatação da imagem em si. Desnaturalizei o uso e a leitura das imagens visuais, para tanto, atentei para o modo como editores concebiam o processo de ensino e aprendizagem, privilegiaram determinados conteúdos escolares e as temáticas, organizaram a disposição dos textos e das imagens na página, analisei a percepção de possíveis equivalências entre imagens visuais, palavras e reproduções de visões de mundo, endossadas pelos editores, dentre outros aspectos. Não tive a pretensão de esgotar o uso e a leituras das imagens porque sei que diferentes leitores podem significar de diferentes maneiras tais imagens.

Ferraro (2013, p. 8) ressalta, por sua vez, que

A utilização de manuais, livros e de todo e qualquer material impresso destinado ao processo educacional oferece a estudiosos e historiadores a oportunidade de ir além dos recursos tradicionalmente utilizados como fonte de informação, levando-os a travar conhecimento com novas ideias e novas visões acerca dos mais variados campos do conhecimento. A análise desses materiais nos permite conhecer a forma e os modos pelos quais são elaborados e produzidos aspectos dos mundos social e cultural dos indivíduos.

A leitura de imagens visuais pressupõe entender, segundo Caimi (2008, p. 149), que elas "[...] contêm saberes e significados que não estão dados, devendo ser construídos com base em olhares, indagações e problemáticas" e foi nessa direção que encaminhei as análises das imagens visuais problematizadas nesta pesquisa dos *Livros de Leitura*.

Além do que, em minha leitura, pressupus que

Os primeiros contatos realizados por sujeitos interessados na leitura levam ao manuseio do volume e, invariavelmente, são envolvidos por expectativas, olhares acompanhados por toques, observações que ativam os sentidos visuais, olfativos e táteis. Começando pela capa, passando pela contracapa, orelhas, índice, imagens iconográficas, tamanho das letras, número de páginas, enfim, diversas possibilidades de leituras e reconhecimento são colocadas em ação para satisfazer a curiosidade inicial em torno da obra. É interessante refletir que as sensações experimentadas por outros sujeitos em diferentes situações (espaços e temporalidades) fazem parte de uma pesquisa histórico educacional. (PINTO JUNIOR, 2010, p. 172).

Considero que foi por meio de tal processo de manuseio e envolvimento com os *Livros de Leitura* que passei a atentar para outros elementos relacionados às obras investigadas. Estabeleci relações entre as imagens visuais com outras fontes mobilizadas nesta pesquisa, acolhendo as contribuições de Moraes (2010, p. 34) quando assinala que

[...] numa página com desenho mais complexo, que combina texto, imagens e outros elementos gráficos, parece mais evidente seu caráter visual e que sua leitura não é exclusivamente lingüística. Como são grandes as possibilidades de combinação bem como, a variedade e as características que pode ter cada elemento — desenho de letras, estilo das ilustrações e fotografias, uso de cores, organização espacial, etc.; a possibilidade de significados comunicados visualmente parece bem maior, e efetivamente é. Por exemplo, o arranjo de elementos que identificam uma publicação com um grupo de leitores com interesses comuns, ou o que predispõe afetivamente para a leitura, criando o [...] cenário gráfico para a recepção do conteúdo textual que pode ser válido. Enfim, aqui também, conteúdos são transmitidos antes da leitura propriamente linguística.

Os tópicos a seguir trazem aspectos da materialidade de cada um dos quatro *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José das edições que foram privilegiadas como objetos desta pesquisa. As capas das edições posteriores encontradas estão disponíveis no ANEXO C.

3.1 Os Livros de Leitura da Escola Gratuita São José

Após o índice impresso no final do exemplar da 15.ª edição do *Terceiro Livro de Leitura*, cujo ano de publicação não é informado, consta sob o título *Os nossos Livros de Leitura* as seguintes informações publicadas pelos seus editores:

Compilados, segundo autores modernos, pelos professores da Escola Gratuita São José, em Petrópolis, são adotados em inúmeras escolas dos diversos Estados do Brasil.

Primeiro Livro de Leitura (Cart.⁷⁶) – A melhor prova da excelência de um livro de leitura é a sua aceitação franca nos estabelecimentos de ensino por parte do magistério. É o fato que se vem verificando com o presente. [...] É, sem contestação, um dos métodos mais eficientes para ensinar a ler e escrever, com rapidez e segurança, aos alunos incipientes.

Segundo Livro de Leitura — Destina-se ao exercício da leitura corrente. [...] o método que presidiu à confecção do livro, pois cataloga ele os variados e interessantes contos e descrições que contêm, em prosa e verso, numa série de secções, que conduzem o aluno, [...], do conhecido ao desconhecido, do próximo ao remoto, fazendo-o compreender desde já a sua posição e seus deveres como verdadeiro cristão e dedicado servidor da pátria.

Terceiro Livro de Leitura — Divide-se em duas partes. Numa primeira, de feitio literário, apresenta uma série de excertos beletrísticos, em prosa e verso, para a consecução da leitura expressiva e da compreensão nítida do significado dos termos e das expressões. A segunda parte é um auxiliar eficaz na transmissão de conhecimentos elementares da história natural, da física, da geografia e da história pátria.

Quarto Livro de Leitura – É uma bem compilada antologia de excertos, em prosa e verso, constituindo, nas classes adiantadas de leitura, um valioso auxiliar para os exercícios preliminares e conhecimentos propedêuticos de literatura. Oferece vasto manancial para a iniciação do aluno no cultivo da estética, do sentimento do belo em suas diversas modalidades naturais e artificiais.

Tais informações são significativas porque trazem indícios de como cada um dos *Livros de Leitura* foi concebido e organizado por seus editores. A organização dos conteúdos, temáticas e

⁷⁶ A expressão abreviada Cart. sugere que o *Primeiro Livro de Leitura* foi organizado como uma cartilha para garantir a alfabetização dos alunos.

imagens visuais selecionadas contemplaram pressupostos do método intuitivo. Mas os editores também foram ao encontro das indicações papais de Leão XIII e Pio X; aspectos pontuadas nos capítulos I e II, preocupando-se com questões relativas ao patriotismo, à família patriarcal, ao trabalho disciplinado e dócil, ao papel da mulher na sociedade, à infância, à obediência, à fé cristã e, em particular, com ensinamento dos ideais franciscanos de amor à natureza. Tal constatação ganhou maior vigor quando retomei o *Regulamento* de 1925, no qual é explicitada a intencionalidade dos editores de educar os corpos e as sensibilidades dos alunos, no interior de seus capítulos e respectivos artigos.

O livro didático se inscreve na cultura escolar e seu uso e circulação, por sua vez remetem à história das práticas de leitura. Essa se associa à história dos suportes de registro da escrita. Esses suportes determinaram e contribuíram para moldar a prática da leitura em cada época histórica. Por exemplo, nas sociedades antigas, em que a escrita era um privilégio de sacerdotes, escribas e demais pessoas ligadas às funções hierárquicas, a leitura era, por definição, uma prática oral e coletiva. A leitura era em voz alta para uma grande quantidade de pessoas.

Chartier (2002) dedicou-se a perceber o impacto que as práticas de leitura exerceram naquelas que ele denominou "comunidades interpretativas" ao longo da história. A relação que se tem hoje com a leitura, por exemplo, está associada intimamente às construções de hábitos sociais dependentes atualmente da tecnologia, como a tela de computador e a internet, mas na virada do século XIX para o XX era marcada pela relação do leitor com as páginas de papel impressas de livros, periódicos e outros materiais.

A história da cultura e dos livros tem uma tradição, mas há pouco tempo que se ampliou o seu âmbito para acolher também a trajetória da leitura e da escrita como práticas sociais. Chartier (2002) contribuiu para isso ao demonstrar que é possível estudar a história pelas transformações da escrita. Suas obras trazem contribuições, na medida em que iluminam os diferentes interesses e usos que aproximam leitores, autores, missivistas, escribas, entre outros, de gêneros e formatos de textos também variados. E é no esteio deste autor que nos encaminhamos em direção aos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José.

3.1.1 O Primeiro Livro de Leitura

Este *Primeiro Livro*, objeto desta pesquisa, é da 13.ª edição de 1919. Ele foi editado pelos professores da Escola Gratuita São José em Petrópolis. Segundo seus editores, ele teve uma grande

aceitação, em decorrência de trazer "[...] um dos métodos mais eficientes para ensinar a ler e escrever, com rapidez e segurança, aos alunos incipientes".

Suponho que este *Primeiro Livro de Leitura* tenha sido organizado como uma cartilha para a alfabetização. "[...] as cartilhas e os abecedários [...] não têm, a rigor, nenhum conteúdo, mas apenas método. [...] As cartilhas adotadas nas escolas indicam, portanto, que modalidade de ensino de leitura e escrita era praticada." (MUNAKATA, 2016, p. 130).

De acordo com o *Regulamento e Distribuição das Matérias: compilação para escolas primárias católicas*, tal livro ainda na edição de 1925 garantiria a partir da Língua Portuguesa a familiarização com a gramática, a ortografia, a lição de coisas, a composição e a caligrafia.

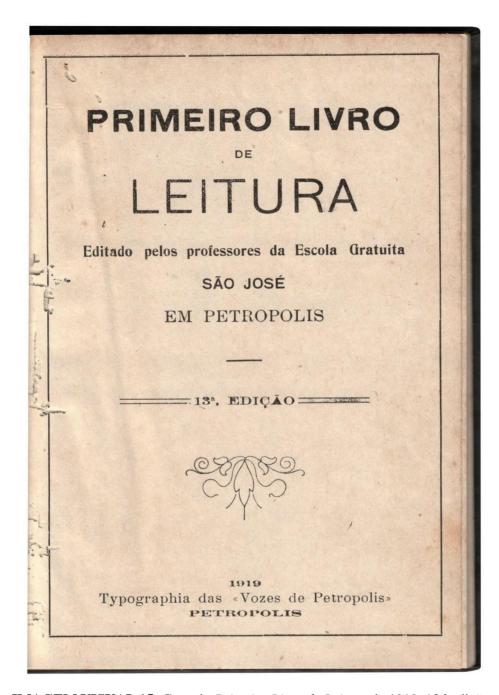


IMAGEM VISUAL 15: Capa do Primeiro Livro de Leitura de 1919, 13.ª edição.

Este *Primeiro Livro de Leitura* possui 76 páginas. Suas dimensões são: a capa e a contracapa possuem 17,6 cm de comprimento vertical e 12,5 cm de largura horizontal; as folhas do livro têm 17,4 cm de comprimento e 12 cm de largura, respectivamente.

O *Primeiro Livro de Leitura* não possui índice, nem nas páginas iniciais e nem nas páginas finais de sua 13.ª edição, analisada nesta pesquisa.

O exemplar está dividido em quatro partes. Nas três primeiras partes do *Primeiro Livro de Leitura* (p. 1 a 26, p. 27 a 50 e p. 51 a 55), há atividades destinadas a iniciar os alunos na aprendizagem do alfabeto (cada uma delas com imagens visuais de objetos, animais ou situações do cotidiano), da formação de sílabas e das palavras.

Após, nas páginas 1 e 2 do *Primeiro Livro de Leitura*, que estão representadas na sequência desse parágrafo, há vinte e quatro imagens visuais distribuídas nas páginas seguintes: um ovo, uma embarcação a vela, uma bolsa, uma lua minguante, uma fita, um javali, um sofá, uma rosa, uma asa de pássaro, um carro, um tatu, um dado, uma pá, uma bola, uma cesta, uma casa, uma girafa, um gato, uma águia, um leque, uma harpa e uma chave. Todas essas imagens visuais estão localizadas no canto superior esquerdo das páginas, com exceção da imagem visual da chave, na parte inferior da página. O tamanho de cada uma dessas imagens visuais é de aproximadamente 4 cm de altura e 3 cm de largura.

Trago as páginas 1 e 2 com a intenção de exemplificar a diagramação da primeira parte do *Primeiro Livro de Leitura;* nelas há imagens visuais, como é possível observar na sequência, relativas às semivogais e vogais.

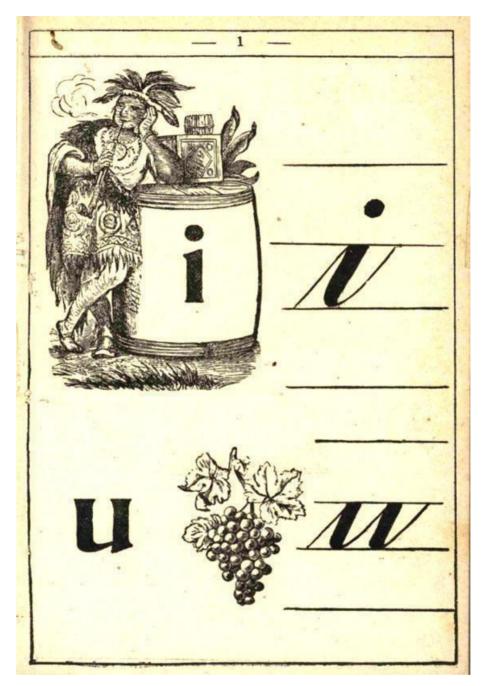


IMAGEM VISUAL 16: Página 1 do Primeiro Livro de Leitura

A imagem de um índio que parece apoiado talvez em um tambor ou grosso tronco de árvore no qual está escrita com letra de forma a semivogal "i" e a sua frente aparece novamente a semivogal "i" grafada de forma cursiva. Suponho que o exercício seria que o aluno deveria copiar com letra cursiva a letra e semivogal "i" na linha superior e inferior, lembrando-se que na época havia uma grande preocupação com a caligrafia dos alunos. A outra imagem é de um cacho de uva que está também acompanhado à esquerda, para o leitor que olha a página, da letra e semivogal "u" grafada em letra de forma e a direita com letra cursiva. Suponho que o exercício seria o mesmo sugerido para a imagem anterior.

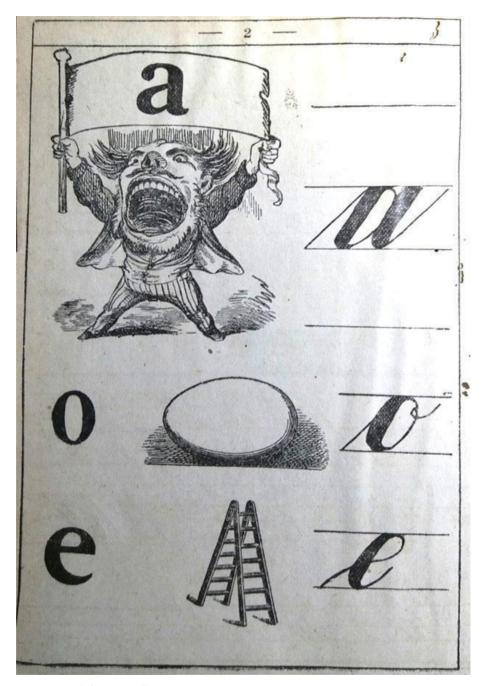


IMAGEM VISUAL 17: Página 2 do Primeiro Livro de Leitura

Na parte esquerda e superior da página 2 do livro, há a imagem de uma pessoa com a cabeça representada em tamanho maior e desproporcional às outras partes do corpo, com os olhos abertos, a boca esgarçada, as mãos erguidas sobre a cabeça, segurando nelas uma bandeira na qual, bem ao centro, está escrita a vogal "a". Penso que a abertura exagerada da boca representa o movimento dos lábios quando emitimos o som da vogal "a". A primeira imagem visual ocupa o espaço considerável de meia página. Abaixo desta primeira imagem, há duas outras: a de um ovo, tendo em ambos os lados a letra e vogal "o"; e abaixo, a imagem de uma escada, tendo em ambos os lados a letra e vogal e. As três vogais aparecem grafadas nas versões de forma e cursiva, como na página 1. A diagramação da página 2 segue a mesma estrutura da página 1, sendo assim suponho que o aluno tivesse que adotar o mesmo procedimento da página 1.

Na segunda parte do *Primeiro Livro de Leitura* (p. 27-50), há a imagem visual de um peixe. A terceira parte (p.51-55) não possui imagem visual. E, na quarta parte (p. 56-76) temos oito imagens visuais.

Na sequência trago o quadro consolidando o levantamento dos títulos relativos à última parte do *Primeiro Livro de Leitura* da Escola Gratuita São José.

QUADRO 03: Levantamento dos títulos e imagens visuais da última parte do *Primeiro Livro de Leitura* páginas 56-76

	TÍTULO e IMAGEM VISUAL	AUTOR	TEXTO	PÁGINA
1°	Recordações	Sem autor	Poema	56
2.°	Os passarinhos	Sem autor	Breves textos	57
3.°	A família Imagem visual: <u>uma família</u> (10 cm de largura e 6 de altura), cujos membros (pais, duas crianças, avô e avó) estão sentados junto à mesa da sala de estar da casa em que a esposa está com um livro nas mãos e a lê-lo e, na parede esquerda, um crucifixo (p. 57).	Sem autor	Breves textos	57-58
4.°	A escola Imagem visual: <u>uma sala de aula</u> (4,5 cm de altura e 7 cm de largura) com alunos sentados em carteiras conjugadas e com o olhar direcionado para o quadro-negro em que se encontra um professor aparentando uma idade acima de 60 anos e, à mesa, um homem sentado com o cotovelo direito recostado sobre ela (p. 59).	Sem autor	Breves textos	58-59
5°	De manhã Imagem visual: <u>uma paisagem de floresta</u> (8,5 cm de altura e 10 cm de largura) em que numa das árvores há seis macacos a se alimentar e, ao chão a observá-los, um ouriço (p. 60).	Sem autor	Poema	59
6°	Os macacos	Sem autor	Poema	60
7.°	O tico-tico Imagem visual: <u>uma gaiola</u> (3 cm de altura e 2 cm de largura) (p. 61).	Eug. Werneck	Breves textos	61-62
8°	O periquito	Sem autor	Poema	62
9.°	Quando eu era pequenino	Sem autor	Breves textos	63-64

	TÍTULO e IMAGEM VISUAL	AUTOR	TEXTO	PÁGINA
	Imagem visual: <u>uma mãe e um menino</u> (11cm de altura e 7 cm de largura) de poucos meses no interior da casa (p. 63).			
10.°	O anoitecer Imagem visual: <u>um paisagem noturna de lua cheia</u> (4 cm de altura e 3 cm de largura) (p. 64).	Sem autor	Breves textos	64-65
11°	Cuida na ordem	Sem autor	Poema	65-66
12.°	O beija-flor	Sem autor	Breves textos	66
13.°	O ninho	Sem autor	Breves textos	67
14°	Em criança	Eug. Werneck	Poema	67-68
15.°	O gato Imagem visual: <u>um gato</u> (1 cm de altura e 1 cm de largura) (p. 68).	Sem autor	Breves textos	68-69
16°	As vozes dos animais Imagem visual: <u>diversos animais e pássaros</u> <u>justapostos</u> (6 cm de altura e 8,5 de largura) (p. 69).	Sem autor	Poema	69-70
17.°	Quem lhe sabe o nome	Sem autor	Breves textos	70-71
18°	O amanhecer	Eug. Werneck	Poema	71
19.°	O corvo e a raposa	Sem autor	Breves textos	72
20°	O bem	Eug. Werneck	Poema	72
21.°	A pomba e a abelha	Sem autor	Breves textos	73-74
22°	O jardim	Sem autor	Poema	74
23.°	O cavalo e o lobo	Sem autor	Breves textos	75

Pelo quadro percebe-se que os textos possuíam no máximo duas páginas, o que deveria facilitar a leitura dos alunos na perspectiva dos editores dos *Livros de Leitura*. As imagens visuais impressas na última parte do *Primeiro Livro* focalizam: a família, a escola, a natureza, a relação entre mãe e filho e os animais. A escolha e a impressão destas imagens vão ao encontro das temáticas privilegiadas pelos Franciscanos, que no capítulo IV serão analisadas.

Identifica-se, na última página do *Primeiro Livro de Leitura*, uma carta, que segue abaixo:

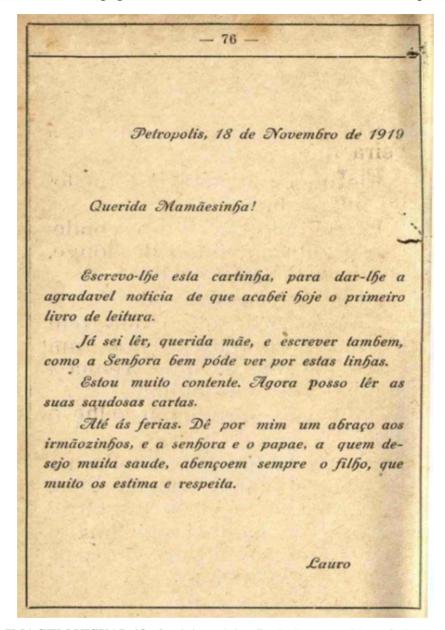


IMAGEM VISUAL 18: Cartinha, página 76 do Primeiro Livro de Leitura

A carta foi impressa imitando a letra caligráfica ou manual. Ela possui quatro parágrafos, assinada por Lauro. Este seria um aluno que escreve à sua "querida mamãezinha". Por meio da carta, ele conta com alegria que havia aprendido a ler e a escrever. Tal notícia desvela que, próximo ao término do primeiro ano escolar, esperava-se que qualquer aluno estivesse alfabetizado. Chama a atenção que a carta dá a entender que Lauro encontrava-se distante de sua mãe, talvez estudando em um internato de Petrópolis, cidade identificada na carta. Os quatro parágrafos apresentam Lauro como um filho amoroso, estudioso e saudoso dos irmãos e pais, assim como ao enviar à sua mãe a carta temos o indício que caberia à mulher o cuidado com os filhos na perspectiva dos editores do *Primeiro Livro de Leitura*.

3.1.2 O Segundo Livro de Leitura

O Segundo Livro de Leitura, por sua vez, voltava-se ao exercício da leitura. Chama a atenção o fato de que o mote que orientava este objetivo era fazer com que os alunos "[...] compreendessem] desde [...] a sua posição e seus deveres como verdadeiro cristão e dedicado servidor da pátria.", por conseguinte os seus editores, para além de ensinar a leitura, estavam preocupados com a formação de um sentimento nacional que ia ao encontro de ideais republicanos no sentido de fortalecer o patriotismo e o amor à Pátria, no regime recém-proclamado no país, pressupondo que a cidadania assentava-se na fé cristã e na obediência à Pátria, consequentemente às suas leis.

Percebe-se que a capa e a contracapa do *Segundo Livro de Leitura*, em análise, não são originais da publicação de sua 5.ª edição, em 1917. São capa e contracapa que resultaram de um processo de encadernação posterior, cuja datação e autoria são desconhecidas. Este procedimento de encadernação desvela o desconhecimento que se tem acerca da necessidade de se conservar e preservar a integridade a materialidade dos impressos considerando-se que esta suscita inúmeras análises (uso das cores, imagens, diagramação, quanto a técnica, tecnologia, investimento na publicação, intencionalidade dos editores, dentre outras), a partir de suas características.

O *Segundo Livro de Leitura*, em sua 5.ª edição, foi editado pelos professores da Escola Gratuita São José em Petrópolis, identificado na imagem visual, a seguir.

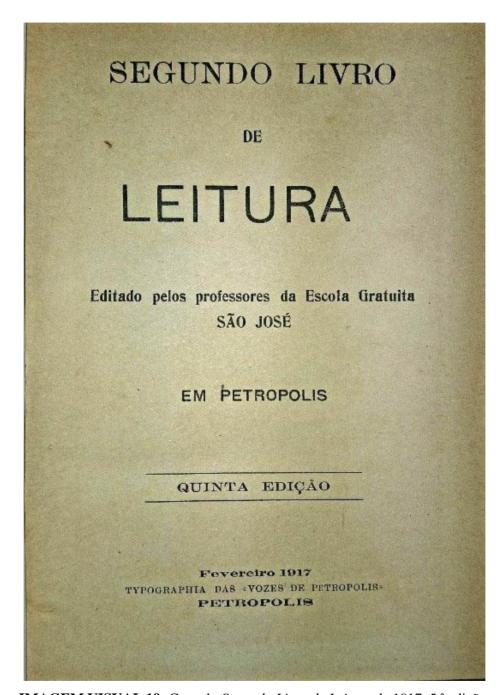


IMAGEM VISUAL 19: Capa do Segundo Livro de Leitura de 1917, 5.ª edição.

O *Segundo Livro de Leitura* analisado tem cento e vinte sete páginas. Suas dimensões são as seguintes: a capa e a contracapa possuem 17,5 cm de comprimento vertical e 12,2 cm de largura horizontal; as folhas do livro têm 17,4 cm de comprimento e 12 cm de largura, respectivamente.

O *Segundo Livro de Leitura* está dividido em diferentes textos destinados à leitura. Ele é composto de cinco seções permeadas de excertos literários, cujos títulos são: Deus; A casa paterna; A escola; Deveres que os meninos devem conhecer e cumprir e Na bela natureza.



IMAGEM VISUAL 20: O Anjo da Guarda, p. 68

Essa imagem visual é composta de uma criança no colo da mãe, ambas de mãos postas em oração e, atrás delas, a figura do anjo da guarda de asas abertas. Ocupa toda a página, com 13,2 cm de altura e 9,1 cm de largura.



IMAGEM VISUAL 21: A menina e o gatinho, p. 89

Essa imagem visual privilegia o cenário de um estábulo em que uma menina está abraçada a um gatinho e a dormir, tendo ao lado um cachorro. Ocupa toda a página, com 12 cm de altura e 9,1 cm de largura.



IMAGEM VISUAL 22: Não se deve tirar o alheio nem fazer mal aos animais, p. 92

Tal imagem visual é formada por uma pessoa adulta (seria o pai?) com dedo indicador da mão direita direcionada a uma criança (dos primeiros anos escolares) a escutar a orientação ou reprimenda. Ocupa toda a página com 13,1 cm de altura e 9,7 cm de largura.

Chamo a atenção que as três imagens ocupam uma página toda. Tal diagramação tendeu a ser usada pouquíssimas vezes pelos editores dos *Livros de Leitura*. No mesmo livro encontram-se imagens visuais que receberam tratamentos que sinalizam que as temáticas representadas não tinham a mesma importância destas três imagens (20, 21 e 22). Porém, não foi possível identificar as assinaturas dos autores das pinturas que aparecem abaixo e do lado direito de tais imagens visuais para o leitor.

3.1.3 O Terceiro Livro de Leitura

A capa e a contracapa do *Terceiro Livro de Leitura* não são originais do *Terceiro Livro de Leitura* por ocasião da publicação de sua 4.ª edição, em 1917. São capa e contracapa que resultaram de um processo de encadernação posterior, cuja datação é desconhecida. Os professores da Escola Gratuita São José, em Petrópolis, foram os autores.

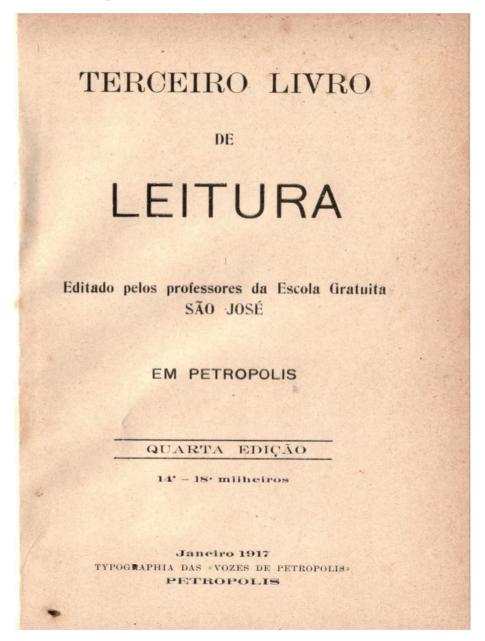


IMAGEM VISUAL 23: Capa do *Terceiro Livro de Leitura*, de 1917, 4.ª edição.

O *Terceiro Livro de Leitura*, analisado, 4.ª edição de 1917, possui duzentas e cinquenta e uma páginas. Suas dimensões são as seguintes: a capa e a contracapa possuem 17,5 cm de comprimento e 13cm de largura; e as folhas do livro têm 17 cm de comprimento e 12,5 cm de largura, respectivamente.

O índice do *Terceiro Livro de Leitura* está situado entre as páginas 253 e 256, ou seja, no final deste livro. Este foi organizado e dividido em duas partes: uma dedicada à "Beletrística", a qual, na perspectiva das elites urbanas, trazia excertos de textos, em prosa e verso, considerados "literários" com o fito de garantir que os alunos aprendessem leitura e ampliassem seu vocabulário. A segunda parte também traz excertos de textos, só que estes visavam garantir a transmissão de conhecimentos elementares da história natural, da física, da geografia e da história pátria.

Na segunda seção da primeira parte do *Terceiro Livro de Leitura* há três imagens visuais⁷⁷. Na terceira seção da primeira parte do *Terceiro Livro de Leitura* há uma só imagem visual⁷⁸. Na primeira seção da segunda parte do *Terceiro Livro de Leitura* (História Natural), há sete imagens visuais⁷⁹. Já na segunda seção da segunda parte do *Terceiro Livro de Leitura* (Física), não há nenhuma imagem visual. Na terceira seção da segunda parte do *Terceiro Livro de Leitura* (Geografia), há sete imagens visuais⁸⁰.

.

⁷⁷ Uma imagem visual na página 60, com 1 cm de largura e 1 cm de altura. Trata-se de um gato à espreita de um pássaro dentro de uma gaiola; uma imagem visual (um cacho de uvas) na página 63, com 4,5 cm de altura e 3 cm de largura; uma imagem visual na página 74 (uma menina com pequeno buquê de flores nas mãos no jardim da casa) com 9,5 cm altura e 7 cm de largura.

⁷⁸ Uma imagem visual na página 97 (uma paisagem noturna tendo em segundo plano uma casa e, ao fundo, o espetáculo da lua cheia) com 7,4 de largura e 2,5 cm de altura.

The desiration of the second o

⁸⁰ Uma imagem visual na página 191 (um caudaloso riacho a serpentear a montanha, margeado por árvores e, a certa altura, com uma ponte de madeira sobre ele) com 2,5 cm de largura e 7 cm de altura; uma imagem visual na página 192 (um aqueduto) com 4 cm de largura e 4 cm de altura; uma imagem visual na página 199 (uma paisagem a valorizar o horizonte) com 5 cm de largura e 6 cm de altura; uma imagem visual do Teatro Municipal do Rio de Janeiro a abranger toda a página 201; uma imagem visual do Viaduto de Santa Tereza – Rio de Janeiro a abranger toda a página 205: uma imagem visual na página 211 relacionada a alguma paisagem à beira do Rio Piabanha (Petrópolis – RJ); uma imagem visual da avenida Beira Mar, Largo da Glória – Rio de Janeiro a abranger toda a página 218;

Destaco as imagens fotográficas porque são emblemáticas do projeto de modernização do Rio de Janeiro. Ao me atentar para as temáticas das imagens visuais representadas e para a natureza das imagens em litogravura ou em reprodução fotográfica, sou capaz de me aproximar dos recursos técnicos de que dispunham os editores.

As imagens visuais das páginas 201, 205 e 218 são reproduções fotográficas. As três fotografias ocupam a página toda, o que me provocou a considerar algumas ponderações no sentido de ampliar a percepção sobre a potencialidade da leitura das imagens visuais. De acordo com Flusser (2002, p. 8),

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar os elementos já vistos. Assim, o 'antes' se torna 'depois', e o 'depois' se torna o 'antes'. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno. O olhar diacroniza a sincronicidade imagética por ciclos. Ao circular pela superfície, o olhar tende a voltar sempre para elementos preferenciais. Tais elementos passam a ser centrais, portadores preferenciais do significado.

E, é exatamente por isso, pela intensa aceleração e fragmentação visual que vivemos hoje, na sociedade contemporânea, que é preciso inserir nas discussões em salas de aula, estudos sobre as imagens visuais, em particular as fotografias e a sua história, bem como refletir sobre qual o papel e qual o poder das imagens no ensino, seja no nível mais fundamental até o ensino superior.



IMAGEM VISUAL 24: Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Terceiro Livro de Leitura, p. 201

Teve como arquiteto o francês Albert Guilbert (10/05/1866–13/03/1949) cujo tempo de construção se deu entre 1904-1909. Trata-se de uma obra com traços inspirados na Ópera Garnier de Paris que tinha sido inaugurada em 1875. Traços estes ecléticos oriundos de elementos clássicos e barrocos que podem ser verificados em suas fachadas e em suas cúpulas com materiais em cobre e vidro.

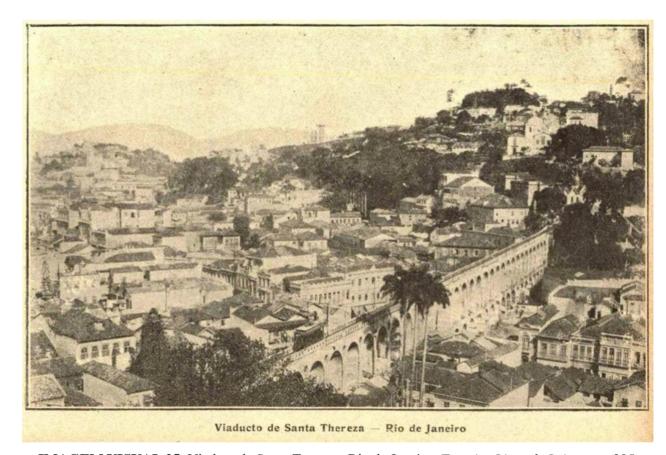


IMAGEM VISUAL 25: Viaduto de Santa Tereza - Rio de Janeiro, Terceiro Livro de Leitura, p. 205

A construção do Viaduto de Santa Thereza (antigo aqueduto carioca, atualmente conhecido como arcos da Lapa) teve início em 1725 com a função de levar água da nascente do Rio Carioca, atualmente morro Santa Teresa, até o chafariz do Largo da Carioca. Coube ao engenheiro e militar português José Fernandes Pinto de Alpoim (1700-1765) finalizar a obra em 1750. Tal obra está associada às transformações urbanas ocorridas no Largo da Lapa e das áreas adjacentes, cujos morros foram em parte demolidos.



IMAGEM VISUAL 26: Avenida Beira Mar, Largo da Glória -Rio de Janeiro, *Terceiro Livro de Leitura*, p. 218

A Avenida Beira Mar foi inaugurada em novembro de 1906 com aproximadamente três quilômetros de extensão, a representar uma das grandes obras da modernidade para os cidadãos brasileiros. Este trecho da Av. Beira Mar partia da Av. Central (atual Rio Branco) onde existe um obelisco, dando continuidade até Botafogo.

Chamo a atenção, novamente, que as três imagens ocupe que as três imagens ocupam uma página toda. Tal diagramação tendeu a ser usada pouquíssimas vezes pelos editores dos *Livros de Leitura*. As imagens visuais 24, 25 e 26 se reportam ao Rio de Janeiro, capital do Brasil no período privilegiado nesta pesquisa, visto que foi tal cidade que primeiro passou por grandes transformações urbanísticas e socioculturais a partir da segunda metade do século XIX. As três imagens representam a estética da modernidade no Rio de Janeiro, trazem as marcas do processo de uma modernização urbana desta cidade na virada do século XIX para o XX, o que deu ensejo a se tomar a cidade como cartão-postal do Brasil (LOPES, 2001).

Na quarta seção da segunda parte do *Terceiro Livro de Leitura* (História), há uma única imagem visual: uma embarcação a velas na página 220 com 7,5 cm de largura e 4,5 cm de altura.

3.1.4 O Quarto Livro de Leitura

Sobre a autoria do *Quarto Livro de Leitura* consta também que foi editado pelos professores da Escola Gratuita São José em Petrópolis, como se pode identificar na imagem visual 27 a seguir.

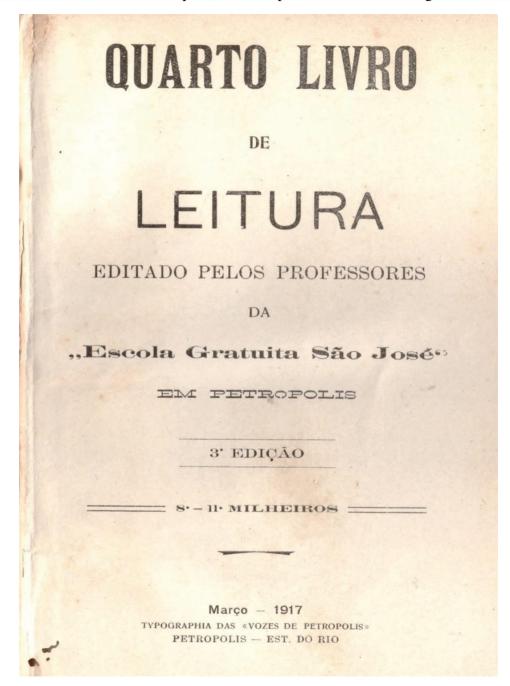


IMAGEM VISUAL 27: Capa do Quarto Livro de Leitura, de 1917, 3.ª edição

O *Quarto Livro de Leitura* apresenta quatrocentas e doze páginas. Suas dimensões são as seguintes: a capa e a contracapa possuem 18 cm de comprimento e 13 cm de largura; as folhas do livro têm 17,5 cm de comprimento e 12,5 cm de largura, respectivamente.

O Quarto Livro de Leitura é uma antologia de excertos de prosa e verso, que foi organizada para auxiliar os "[...] exercícios preliminares e conhecimentos propedêuticos de literatura". É digna de menção a preocupação de seus editores com a "[...] iniciação do aluno no cultivo da estética, do sentimento do belo em suas diversas modalidades naturais e artificiais." Sendo assim, a escolha das temáticas privilegiadas em tais excertos tinha por mote a educação das sensibilidades dos alunos.

O *Quarto Livro de Leitura* encontra-se estruturado em duas partes. A primeira delas traz a secção de beletrística com 101 excertos. A segunda parte traz 138 excertos sobre História Natural, 24 excertos sobre Física, sete excertos sobre Química, 20 excertos sobre Descrições Geográficas e 34 excertos sobre História.

No *Quarto Livro de Leitura*, há textos breves de diversas autorias. A relação dessas autorias está descrita, a seguir, na mesma sequência com que são citados no neste livro. (APÊNDICE A). São, ao todo, cento e dezoito diferentes autores cujos textos ou poemas compõem os conteúdos referentes à Beletrística, à História Natural, à Física, à Química, à Geografia e à História. Há ainda outros textos ou poemas de autoria desconhecida.

Há somente duas imagens no *Quarto Livro de Leitura* com 9,0 cm de largura e 4,5 cm de altura cada uma.



IMAGEM VISUAL 28: Quarto Livro de Leitura, abertura da primeira parte, p. 5

A imagem visual 28 diz respeito a uma paisagem litorânea e em primeiro plano três crianças e uma mãe. Uma dessas criança, a mais próxima da mãe, está a ouvir esta lhe falar. Possui 9 cm de largura e 3,4 cm de altura.



IMAGEM VISUAL 29: *Quarto Livro de Leitura*, abertura da segunda parte, p. 169 A imagem visual 29 diz respeito a um castelo margeado por um lago e cenário geográfico serrano. Possui 9 cm de largura e 4,5 cm de altura.

No próximo capítulo, o objetivo é examinar de que modo as temáticas privilegiadas nos *Livros de Leitura* pelos Franciscanos estavam tensionadas na conexão com o contexto sociocultural da época em relação às demandas educacionais e ao método intuitivo do regime republicano.

CAPÍTULO IV: AS TEMÁTICAS PRIVILEGIADAS NOS LIVROS DE LEITURA

O termo "temática" diz respeito tanto a um conjunto de temas que são recorrentes a um objeto de pesquisa como as características que constituem este mesmo objeto de pesquisa de modo peculiar. Temáticas que sugerem pistas de investigação a uma pesquisa em curso. Temáticas que instigam o pesquisador a rastrear embates travados entre instâncias opositoras, problemas que efervesceram ou que foram silenciados e até mesmo interfaces com práticas mobilizadas por indivíduos ou instituições em determinado período histórico.

Considerando-se tal definição de temática, identifiquei os temas mais recorrentes nos quatro *Livros de Leitura*, procedendo a identificação dos títulos, quando possível dos respectivos autores, das imagens quando havia, a leitura e a análise de cada um dos textos.

Ao analisar as temáticas nos textos dos *Livros de Leitura*, observei a ausência da menção de autores em alguns deles. Talvez esta ausência decorra do fato de que tais textos fossem de autoria dos Franciscanos à frente da Escola Gratuita São José, cujos nomes seriam alemães. Eles podem ter sido suprimidos para não sofrerem retaliações na época. Levanto esta hipótese considerando o que assinala Prim (1985, p. 5):

[...] de outros colégios da Província existe farto material histórico, documentado feitos e realizações em décadas diferentes. [Da Escola Gratuita São José] não se encontram livros de matrícula, de atas ou relatórios dos anos anteriores à década de 40 [século XX]. Isto tem sua explicação. Após a guerra de 1914-18, realizaram-se em Petrópolis depredações e saques a casas de 'alemães', comandados por anarquistas. Os Frades que trabalhavam na Vozes e na Escola tinham suas razões para temer. Como durante muitos anos o ensino era ministrado também na língua alemã, a Escola podia ser alvo de ataques dos fanáticos. Por essa razão, algum confrade que trabalhava na Escola fez desaparecer todos os livros que apresentassem nomes de Professores e alunos que frequentavam uma Escola de 'alemães'. Até hoje não se sabe o paradeiro desses livros.

Algumas temáticas estão presentes nos quatro *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José. Muitas destas temáticas estão alinhadas às Cartas Papais⁸² e se voltavam aos preceitos

⁸¹ Temática, do grego, *thematkós*, adjetivo pertencente ou relativo ao tema. Tema que, por sua vez, é em certas situações radical ou elemento primitivo de uma palavra ao qual se acresce uma desinência ou sufixo. É termo a partir do qual se origina e se desenvolve uma trajetória investigativa, um discurso, uma peça musical ou um enredo. A delimitação de determinado assunto dá – em uma pesquisa acadêmica – origem ao tema (COSTA, 2011).

⁸² Cf. LEÃO XIII. Carta Encíclica Inscrutabili Dei Consilio – início do pontificado, 21 de abril de 1878; Carta Encíclica *Quod Apostolici Muneris* – socialismo, comunismo e niilismo, de 28 de dezembro de 1878; *Carta Ci Siamo Grandemente* – em favor do matrimônio cristão como reação a um projeto de lei que havia passado a vigorar nesses

Franciscanos, outras foram mobilizadas no embate com aqueles que defendiam a laicidade da educação e tinham visões de mundo distintas da Igreja Católica, como por exemplo: o racionalismo, o socialismo, o comunismo, o anarquismo, a maçonaria e o niilismo, como pontuado no capítulo II.

Neste capítulo, focalizo sobretudo as preocupação dos editores dos *Livros de Leitura* com as temáticas relativas ao conhecimento de Deus na perspectiva católica, a família patriarcal, a importância da escola e da educação escolar, o papel da mulher na sociedade e os deveres a serem conhecidos e cumpridos pelos alunos se quisessem ser bons cidadãos, pais de família e trabalhadores – enfim, homens dóceis e obedientes necessários às relações de trabalho assalariadas.

Antes de adentrar propriamente nas temáticas privilegiadas nos *Livros de Leitura*, pontuei no capítulo anterior algumas particularidades do método intuitivo na relação com o contexto sociocultural no qual se tem a publicação de tais *Livros de Leitura*, na virada do século XIX e primeiras décadas do século XX, e a iniciativa dos editores Franciscanos, de publicarem um livro dessa natureza. Neste capítulo, focalizo o *Primeiro Livro de Leitura*. Optei por trazer à frente do Segundo, Terceiro e Quarto *Livros de Leitura* os respectivos Índices com o intuito de facilitar a compreensão das análises realizadas e considerações apresentadas, que estão acompanhadas de quadros que para além das temáticas privilegiadas destacam os autores mais publicados, em cada um deles.

4.1 Primeiro Livro de Leitura

O *Primeiro Livro de Leitura* não possui índice. A organização interna e a distribuição de seus conteúdos diferem das demais. Dentre as temáticas valorizadas pelos poemas e breves textos do *Primeiro Livro de Leitura*, destacam-se quatro:

1. DEUS

No *Primeiro Livro de Leitura*, mais especificamente nos textos relacionados no Quadro 04, o conhecimento de Deus converge para a ideia da Divindade como o Pai de todos os seres e, por isso, digno de adoração e de louvor. Esses atributos se coadunam com os ensinamentos sobre o

lugares, introduzindo a obrigatoriedade do rito civil antes do rito religioso, destinada aos Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de Turim, Verceli e Gênova,1 de junho de 1879; Carta Encíclica *Arcanum Divinae Sapientie* – o matrimônio cristão, 10 de fevereiro de 1880; Carta Encíclica *Libertas* – na qual expõe os ensinamentos da Igreja a respeito da liberdade natural e moral, de 20 de junho de 1888; Carta Encíclica *Sapientiae Christiane* – os deveres fundamentais dos cidadãos cristãos, de 10 de janeiro de 1890; Carta Encíclica Rerum Novarum – sobre a condição dos operários, de 15 de maio de 1891.

tema no Catecismo⁸³ da Igreja Católica: Deus é um só, Criador, Pai de todos, Onipotente, Sumamente Bom, digno de reverência, admiração e louvor.

Na Carta Encíclica *Quod Apostolici Muneris*⁸⁴ de 28 de dezembro de 1878, o Papa Leão XIII, como que declara "guerra implacável" contra os propositores do socialismo, do comunismo, do niilismo e do liberalismo, acusando-os de tentar demolir toda revelação divina e subverter toda ordem sobrenatural, em prol da primazia da razão humana a constituir nações e Estados sem nenhuma referência a Deus à ordem por Ele estabelecida. Vale lembrar que no mesmo teor de acusação impetrada pelo Pontífice aos comunistas, niilistas e liberalistas também se volta os maçons⁸⁵.

OUADRO 04: Temática sobre Deus do Primeiro Livro de Leitura

ТЕХТО	TÍTULO	AUTOR
1°	Recordações Deus	Sem autor
10.°	O anoitecer	Sem autor
22°	O jardim	Sem autor

2. A FAMÍLIA:

Com base nos cinco textos relacionados no Quadro 05 do *Primeiro Livro de Leitura*, a família é aquela que se constitui do pai, da mãe e dos filhos. O pai é apresentado como aquele que trabalha para sustentar a família. A mãe é aquela que tem a função de cuidar dos afazeres domésticos. Os filhos crescem, por sua vez, aprendendo com os pais a falar, a rezar, a serem obedientes e aplicados. Tal ideia de família é recomendada pelo Papa Leão XIII⁸⁶ como remédio às proposições

Cf. MARTINS, Leopoldo Pires. **Catecismo Romano**: serviço de animação eucarística mariana - nova versão portuguesa baseada na edição autêntica de 1566. Anápolis: Múltipla gráfica Ltda. [1950?]. Disponível em http://www.obrascatolicas.com/livros/Catecismo/Catecismo%20Romano%20Sao%20Pio%20V%20Ed%20Servico%20de%20Animacao%20Eucaristica%20Mariana.pdf>. Acesso em: 19 maio 2018.

⁸⁴ LEÃO XIII. Carta Encíclica *Quod Apostolici Muneris* – socialismo, comunismo e niilismo, de 28 de dezembro de 1878. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 38-39.

⁸⁵ O Pontífice acusa os maçons "[...] de subverter os principais fundamentos da moral, de tornarem-se cúmplices e cooperadores daqueles que, como brutos, almejam levar o gênero humano a mais abjeta e vergonhosa degradação." (LEÃO XIII, 1884, p. 219).

⁸⁶ LEÃO XIII. Carta Encíclica *Sapientiae Christianae*— os deveres fundamentais dos cidadãos cristãos, de 10 de janeiro de 1890. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005, p. 407.

dos positivistas e liberais à frente do Estado de uma constituição familiar baseada apenas em um contrato social, passível de dissolução pelo divórcio.

A temática família, presente no *Primeiro Livro de Leitura* da Escola Gratuita São José e defendida pelo Papa Leão XIII, recebe ainda mais embasamento se associada ao que a Igreja ensinava sobre o matrimônio como união indissolúvel, visto que o matrimônio é um sacramento⁸⁷. Família que, de acordo com os ensinamentos da Igreja Católica, confia aos pais o governo da casa e a educação dos filhos.

OUADRO 05: Temática sobre Família do *Primeiro Livro de Leitura*

ТЕХТО	TÍTULO	AUTOR
3.°	A família	Sem autor
5°	De manhã	Sem autor
9.°	Quando eu era pequenino	Sem autor
11°	Cuida na ordem	Sem autor
18°	O amanhecer	Eug. Werneck

3. A ESCOLA:

Os textos elencados no Quadro 06, do *Primeiro Livro de Leitura*, trazem aspectos peculiares em relação à escola. A escola é constituída de salas de aula repletas de bancos para os alunos neles se assentarem alegres, atentos e aplicados. A escola é também um lugar onde todos os dias os alunos aprendem a ler, a escrever, a contar e a cantar. É o lugar onde há o professor à frente dos alunos como grande benfeitor a ensiná-los. Embora não esteja explicitamente enunciado nestes aspectos mencionados, para os Franciscanos de Petrópolis (RJ) a escola "[...] tem por fim proporcionar ao aluno, além de instrução e educação religiosa, uma sólida e completa instrução primária." (HEUSER, 1925, p. 3).

Educação religiosa nas escolas católicas que, no final do século XIX e início do século XX, travava um confronto aberto e até mesmo silencioso com o Estado, propositor de um ensino laico,

⁸⁷ Cf. MARTINS, Leopoldo Pires. **Catecismo Romano**: serviço de animação eucarística mariana - nova versão portuguesa baseada na edição autêntica de 1566. Anápolis: Múltipla gráfica Ltda. [1950?]. Disponível em http://www.obrascatolicas.com/livros/Catecismo/Catecismo%20Romano%20Sao%20Pio%20V%20Ed%20Servico%20de%20Animacao%20Eucaristica%20Mariana.pdf>. Acesso em: 19 maio 2018.

difusor de um ideário social e de uma mentalidade civilizatória desconfessionalizada e laicizada. Tal embate mostrou-se ainda mais veemente nas palavras de Parisi (CONFERÊNCIA,... 1917) ao tecer suas considerações em relação ao ensino leigo (laico), implantado pelo governo republicano nas escolas. Dentre várias acusações, este conferencista realça o ensino leigo como imperativo do Estado e deformador dos costumes embasados na religião católica.

OUADRO 06: Temática sobre escola do *Primeiro Livro de Leitura*

ТЕХТО	TÍTULO	AUTOR
4.°	A escola	Sem autor
20°	O bem	Eug. Werneck

4. OS DEVERES QUE OS MENINOS DEVEM CONHECER E CUMPRIR

No *Primeiro Livro de Leitura*, conforme textos relacionados no Quadro 07, uma das temáticas privilegiadas atenta para um conjunto de deveres a nortear a educação familiar e escolar das crianças e da juventude, a saber: delicadeza, alegria, prudência, quietude, astúcia, amizade, bondade, entre outras, a aprender com o modo de ser de Deus, com os pássaros, os animais e a natureza. Do ensino e da prática destes deveres, o Papa Leão XIII (1890, p. 407) assinala depender "[...] a sorte dos Estados."

Bem outros foram os 'deveres' disseminados pela modernidade: as tensões, os apagamentos, as lutas e os conflitos nos mais diversos campos da vida humana, cultural, literária, política, educacional, filosófica, econômica e moral (HOBSBAWN, 2010); a submissão do pobre operário à desumanidade de ávidos patrões (LEÃO XIII, 1891); o medo das graves epidemias nas grandes metrópoles (BRESCIANI, 1982); a aceleração dos ritmos da vida, a instauração das lutas de classes (BERMAN, 2007); o desprestígio de certas atividades não associadas ao modo de ser urbano e industrial, a ideia de camponês como trabalhador sem cultura e atrasado, a inculcação da cultura de que tempo é dinheiro (THOMPSON, 1998).

QUADRO 07: Temática sobre deveres do Primeiro Livro de Leitura

TEXTO	TÍTULOS	AUTOR
2.°	Os passarinhos	Sem autor
6°	Os macacos	Sem autor
7.°	O tico-tico	Eug. Werneck
8°	O periquito	Sem autor
12.°	O beija-flor	Sem autor
13.°	O ninho	Sem autor
14°	Em criança	Eug. Werneck
15.°	O gato	Sem autor
16°	As vozes dos animais	Sem autor
17.°	Quem lhe sabe o nome	Sem autor
19.°	O corvo e a raposa	Sem autor
21.°	A pomba e a abelha	Sem autor
23.°	O cavalo e o lobo	Sem autor

4.2 Segundo Livro de Leitura

QUADRO 08: Levantamento dos autores dos Breves Textos do Segundo Livro de Leitura

ТЕХТО	TÍTULO	AUTOR	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
1°	Quem fez o caminho	F. W. Lorenz	Breves textos	9
2.°	A família modelo	Jonathas Serrano	Breves textos	20-21
3.°	Minha mãe	Casimiro de Abreu	Breves textos	22-23
4.°	Aniversário do pai	F. W. Lorenz	Breves textos	24
5°	A cigarra e a formiga	Eug. Werneck	Breves textos	37-38

техто	TÍTULO	AUTOR	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
6°	Dizer "obrigado"!	Neckwer	Breves textos	50
7.°	A briga	João Kopke	Breves textos	63-65
8°	O pobre	Eug. Werneck	Breves textos	80-81
9.°	As rosas de Santa Izabel	João de Lemos	Breves textos	83-84
10.°	A órfã e a folha	Eug. Werneck	Breves textos	87
11.°	Amigos e companheiros	Eug. Werneck	Breves textos	88
12°	O coelho e o periquito	Eug. Werneck	Breves textos	111
13.°	A festa da bandeira – carta	Eurico	Breves textos	121-122

QUADRO 09: Levantamento das temáticas e imagens visuais do Segundo Livro de Leitura

SEÇÃO	TEMÁTICAS (PÁGINAS)	AUTOR
A	Deus (7-15)	
В	A casa paterna (15-32)	
С	A escola (32-35)	
D	Deveres que os meninos devem	Sem autor
	conhecer e cumprir (36-95)	Sem autor
		Sem autor

INDICE Bello presente C. - A escola A. - Deus Excerptos Pags. Excerptos Pags. 29. A escola é uma segunda 32 1. Deus . . . 33 2. Quem fez o mundo (poesia) 31. Chegar á hora na escola 34 32. A sahida da escola. 3. Deus sabe tudo (poesia) 34 4. Deus está em toda a parte 10 33. Sou sempre reprehendido 5. O alumno piedoso. . . 11 6. O moço e o gira-sol (poesia) 12 D. - Deveres que os meninos 7. A chuva devem conhecer e cumprir 13 8. O bom tempo 14 SER APPLICADO E TRABALHADOR B - A casa paterna 9. A casa. . . . 34. As criadas preguiçosas . 36 35. Os meninos devem ser 10. A janella 11. O relogio. applicados 12. O sereno (poesia). . 13. O levantar . . . 36. A cigarra e a formiga (poesia) 37. A vinha . 14. Na casa paterna . . . 19 38 15. A familia. . . 20 38. A noz. . . 39 39. Aproveitar o tempo . 20 16. A familia modelo (poesia) 21 40. O campo. 17. A mãe. 18. Minha mãe (poesia) . 22 SER OBEDIENTE E GRATO 19. Os bons meninos . . 20. Anniversario do pae (poesia) 24 21. O amor de Deus e de 41. A desobediencia punida . 41 42. A gallinha e o pintinho . nossos paes. 22. O avô e o netinho. . 43. O passarinho desobediente 43 23. A fome é a melhor cozi-44. O ninho 45. Chiquinho o «mexe-mexe» nheira. 28 46. O leão e o rato . . . 46 24. O pão. 47. O leão grato. . 25. Moda antiga e moda nova 30 47 26. Bôa lição. 30 48. A pequena pada de pão. 48 27. Prece (poesia) 31 49. Dizer «obrigado!» (poesia) 28. O somno (poesia). . . 32 50. A verdadeira riqueza . .

IMAGEM VISUAL 30: Índice do Segundo Livro de Leitura.

II INI	DICE
SER VERDADEIRO E	AMOR AO PROXIMO
CAUTELOSO	
	Excerptos Pags.
Execrptos Pags.	
	83. O pobre (poesia) 80
51. Amor á verdade 51	84. Caridade 81 85. O manjar extraordinario 82
52. O lobo 52	86. As rosas de Santa Isabel
53. O cavallo 53	(poesia) 83
54. Probidade 54	87. Sempre disposto a prestar
55. O macaco imprudente . 55 56. A espingarda carregada . 56	um serviço 84
56. A espingarda carregada . 56 57. A fonte 56	88. O mendigo e o cão 85
58. A menina curiosa 57	89. Offensa e perdão 86
59. O echo da floresta 57	90. A orphan e a folha
ori o ceno da noresta or	(poesia) 87
and the first of the second content of the s	91. Amigos e companheiros 88
SER MODESTO E PIEDOSO	
	NÃO MALTRATAR OS ANIMAES
60. Um bom caracter 59	CONTRACTOR
61. A violeta 60	92. A menina e o gatinho . 88
62. O nabo 61	93. Ritinha e Juquinha 90
63. Saber pedir 62	94. Não se deve tirar o alheio
64. A gallinha 62	nem fazer mal aos ani-
65. A briga (poesia) 63 66. A contenda 65	maes 91
67. O ouro 66	95, A ovelha e o cão 93
68. O anjo da guarda 67	96. O cachorrinho 94
69. O grande peixe 69	m ar 1-11-
70. Os tres amigos 70	E. — Na bella natureza
71. O arco-iris 71	97. O livro da natureza
	(poesia) 95
NÃO SER GULOSO;	98. Os animaes 96
MANAGED LYCHING DESIGNATE SEEDING LINE AND	99. A vacca 97
NÃO FURTAR	100. O carneiro 98
	101. O cão 99
72. Esperteza de um ratinho 72	102. O gato 100
73. O queijo, o rato e o gato 72	103. A natureza é bella
74. As fructas 73	(poesia) 101
75. O menino das balas 74	104. O rato
76. O lobo e a cegonha 74	105. O morcego 103
77. A pera	106. A gallinha e o gallo . 104
79. O cavallo roubado 76	107. O pato 105 108. A andorinha 106
80. O ladrão do porco 78	109. O pardal ou «tico-tico» 108
81. O gato e os tres cães . 78	110. As abelhas 110
82. O cão invejoso 80	111. As formigas 110

IMAGEM VISUAL 31: Índice do Segundo Livro de Leitura, p. II

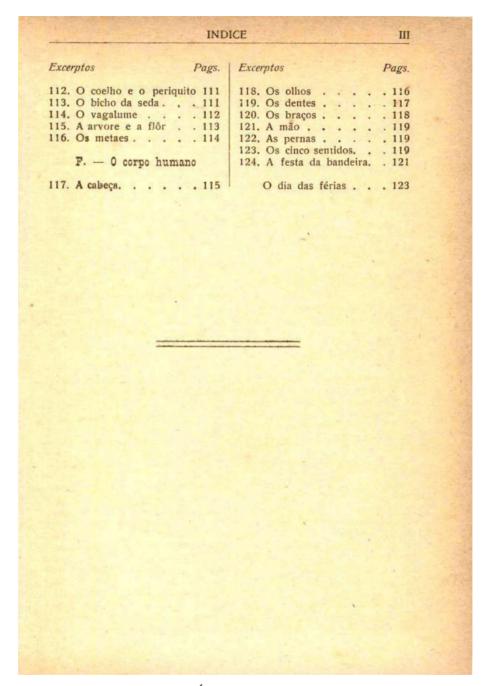


IMAGEM VISUAL 32: Índice do Segundo Livro de Leitura, p. III

As temáticas valorizadas nos excertos literários do Segundo Livro são:

1. DEUS

Até o limiar da modernidade, Deus foi, senão a principal, ao menos uma das principais interrogações do ser humano. Ser iniciado no conhecimento de Deus era, até então, um dos caminhos mais promissores para o discernimento dos fins da existência humana na sua histórica errância

terrena. Conhecimento de Deus tal como o divisado na investigação das temáticas privilegiadas no *Segundo Livro de Leitura*: o Criador de todas as coisas e das criaturas, o Bondoso, Aquele que envia anjos a cuidar das crianças e das pessoas, Aquele que sabe tudo e está em toda parte.

Conhecimento de Deus este imbricado na atitude humana de situar-se no mundo como um ser criado à imagem de seu Criador e, por isso, com a tarefa de assemelhar-se a Ele no modo de ser, de amar e de cuidar de si, dos demais seres e de todas as coisas. Conhecimento de Deus este atravessado por um modo peculiar do ser humano de se dispor à vida diária e às suas interpelações. Conhecimento de Deus este a ser honrado pelo ser humano pela prática da autovigilância nas relações com os seus semelhantes e com o mundo para, em todas as situações e momentos, disporse a levar a bom termo os mandamentos de Deus e da Igreja Católica⁸⁸. Conhecimento de Deus este sustentado pelos Franciscanos no cotidiano das atividades da Escola Gratuita São José a reboque do ideário formativo da Igreja Católica, no final do século XIX e nas primeiras décadas dos século XX.

A partir da modernidade, a humanidade não teve em conta tal conhecimento de Deus, ficando à mercê dos propositores do liberalismo e de um Estado laico, ancorados nos "[...] delírios da razão humana abandonada a si mesma." (LEÃO XIII, 1878, p. 38). Razão esta difusora de decisões equivocadas por parte das lideranças civis e das autoridades públicas porque, segundo o Pontífice (1878, p. 39), a combater e a rejeitar [...] as verdades sobrenaturais da fé [...]", compreendidas por eles como "[...] inimigas da razão.", 'inimigas' de uma racionalidade afoita ao progresso, mesmo que a custo da saúde dos trabalhadores (GOULARTI FILHO, 2017) ou da exploração dos operários (LEÃO XIII, 1891; PESAVENTO, 1997). Racionalidade moderna conviva do alcoolismo por um número considerável da população, da luta de classes, dos conflitos sociais e políticos (CHALOUB, 2001). Racionalidade moderna também avalista da promiscuidade das habitações sujas e fétidas, dos surtos epidêmicos, da criminalidade ampliada, de um perfil de trabalhador constrangido "[...] a sujeitar-se às imposições exacerbadas dos patrões.". (RAGO, 1987, p. 19).

-

⁸⁸ Cf. MARTINS, Leopoldo Pires. **Catecismo Romano**: serviço de animação eucarística mariana - nova versão portuguesa baseada na edição autêntica de 1566. Anápolis: Múltipla gráfica Ltda. [1950?], p. 381-481. Disponível em http://www.obrascatolicas.com/livros/Catecismo/Catecismo%20Romano%20Sao%20Pio%20V%20Ed%20Servico%20de%20Animacao%20Eucaristica%20Mariana.pdf>. Acesso em: 19 maio 2018.

2. FAMÍLIA

Ao se referir à expressão Família, uma das temáticas privilegiadas do Segundo Livro de Leitura, a primeira tendência é associá-la de imediato ao clichê de modelo de família rotulado como patriarcal⁸⁹, foco de discussões, polêmicas e embates. Levando-se em conta que se trata de um dos Livros de Leitura de uma escola confessional e franciscana e a temática do Deus já analisada anteriormente, os textos relacionados à Família pressupõem a consideração de uma referencialidade que não está nem na pessoa do pai, nem na pessoa da mãe e muito menos na pessoa dos filhos. Trata-se de uma referencialidade divina a partir da qual todos são convidados a tecer suas vidas, inclusive o convívio familiar diário, sabedores cada um da importância de exercerem com dedicação e amor os seus papéis: aos filhos é confiada a tarefa de aprender a amar-se mutuamente, a conviver sem brigas, a colaborar com os pais para a união da família, assim como considerar os pais como os seus maiores benfeitores; à mãe é confiada a função de cuidar da casa e dos filhos; e ao pai é confiado o cuidado da família e a tarefa de zelar pelo sustento do lar.

Tais papéis podem até certo ponto endossar o que se pensa, se denomina, se aprova ou se rechaça como modelo de família patriarcal, no entanto, o pressuposto da referencialidade divina a que todos os membros da família devem se sentir imbricados no âmbito familiar remete — de acordo com os textos do *Segundo Livro de Leitura* — para aprendizados e valores capazes de constituir uma sociedade que a modernidade prometeu e não deu conta.

O que a modernidade não prometeu, mas deu conta foi uma sociedade ávida pelo progresso e por inovações a qualquer custo e, ao mesmo tempo, destituída de qualquer referencialidade à lei divina (LEÃO XIII, 1891); uma sociedade niilista, refém do desejo, do fetiche, do luxo e da alienação de que tudo é mercadoria, inclusive *a Família* (BENJAMIN, 1985); uma sociedade propositora de um modelo de família tão só ancorada no casamento civil⁹⁰ celebrado entre as partes interessadas como contrato jurídico-social, passível de divórcio, e não na concepção de união conjugal defendida pela Igreja Católica como sacramento, balizada pela vocação consentida e assumida livremente em amor e fidelidade no intuito de se constituir um lar segundo os mandamentos divinos (MARTINS, 1950).

⁸⁹ AGUIAR, N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Soc. estado.**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 303-330, dez. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-699220000020006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 jul. 2018.

Ocasamento civil que "[...] reduz o matrimônio ao patamar de um contrato vulgar, um consórcio social, um concubinato vicioso." (LEÃO XIII, 1879, p. 67).

Considerando-se o que já se afirmou anteriormente, a temática *a Família* privilegiada no *Segundo Livro de Leitura* reafirma uma das prerrogativas defendidas pela Igreja Católica: "[...] A família contém em si os germes da sociedade civil, e é em grande parte no lar doméstico que se vai criando a sorte dos Estados" (LEÃO XIII, 1890, p. 407).

3. A ESCOLA

A modernidade não só alterou modos e ritmos de vida, não só desencadeou modos de produção e organização industrial. A modernidade instaurou uma rotina escolar regulada – tal como o período de trabalho na fábrica – pelo fracionamento do tempo demarcado pelo relógio, já abordado no capítulo I, e pela predominância dos saberes científicos em relação a outros saberes. De teor humanista e religioso até então (LEÃO XIII, 1888), na modernidade a escola passa a se conformar com os saberes científicos e com os postulados de uma sociedade cada vez mais fabril e urbanizada, ávida por mão de obra qualificada para o trabalho na indústria e em outras atividades demandadas por tal contexto sociocultural.

Ao se confrontar com problemas, tais como a gestão do tempo, a disciplina dos comportamentos discentes (posturas, condutas, civilidades), a organização dos espaços e dos saberes, o ensino metodológico dos rudimentos (ler, escrever, interpretar e contar), a escola passou também a se "[...] curvar perante a desigualdade que constituía seu ponto de partida." (CORTEZ e SOUZA, 2004, p. 9). A escola passou a formar e a conformar seus alunos segundo os valores endossados pelo capitalismo e pelas relações de trabalho assalariadas, a se apresentar como supostamente emancipatória da população, viabilizadora do progresso e a ascensão social de seus frequentadores. "A escola primária, nos grandes centros [brasileiros], revelava não só os problemas urbanos decorrentes das políticas públicas de habitação, saneamento, trabalho, mas também a tensão constitutiva entre poder público e privado." (NUNES, 2011, p. 374).

No Segundo Livro de Leitura, a temática A Escola sugere ocupar o mesmo grau de importância atribuído ao Conhecimento de Deus e à Família. Por meio dos textos do Segundo Livro de Leitura, a ideia de escola se constitui de elementos um tanto relegados pela modernidade e pelo contexto sociocultural do período. Realça-se em tal Livro uma compreensão de escola como uma segunda família, na qual até se afirma que o professor está a substituir os pais perante os alunos, seja em termos de amor, de cuidado e de referencialidade religiosa, seja em termos de mediação de "[...] uma sólida e completa instrução primária." (HEUSER, 1925, p. 5). Em tal escola, cabe aos alunos, além de cursar a instrução primária, também aterem-se a pelos menos três outras tarefas:

aprender a considerar irmãos a todos os seus colegas de classe, aprender a ouvir o professor de modo obediente, atencioso, respeitoso e agradecido, aprender a participar das atividades escolares juntamente com os demais colegas.

4. OS DEVERES QUE OS MENINOS DEVEM CONHECER E CUMPRIR

O ser humano na modernidade não se simpatizava com a ideia de dever e, sim, de liberdade (BENJAMIN, 1985). Pois, em tal contexto sociocultural, dever era compreendido como sinônimo de cerceamento da liberdade humana e até de inculcação das vontades do dominador sobre as de seus dominados.

Identifico uma correlação entre a temática *Deveres a serem conhecidos e cumpridos pelos meninos* do *Segundo Livro de Leitura* (ser aplicado e trabalhador, aproveitar o tempo, ser obediente e grato, ser verdadeiro e cauteloso, ser modesto e piedoso, não ser guloso nem furtar, amar o próximo, não maltratar os animais, cuidar da natureza e do próprio corpo) e o que já se analisou no *Primeiro Livro de Leitura* em termos de virtudes. Correlação esta também associada a um dos pressupostos do método intuitivo de uma formação integral (MUNAKATA, 2017); ao que no Regulamento (HEUSER, 1925, p. 6) se constitui uma das funções do professor: "[...] aperfeiçoar os corações e os costumes dos seus discípulos [...] a tornar o ensino proveitoso, atraente e interessante [...]".

4.3 Terceiro Livro de Leitura

QUADRO 10: Levantamento das temáticas do Terceiro Livro de Leitura

PARTE	TEMÁTICA	TÍTULO	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
I	Deus Escola	A. Deus B. Igreja C. Escola	Breves textos	5-35
	Deveres que os meninos devem cumprir	A. Ser aplicado e econômico B. Ser obediente e grato C. Ser verdadeiro e cauteloso D. Estar satisfeito e ser piedoso E. Não furtar F. Amar ao próximo	Breves textos	36-81

PARTE	TEMÁTICA	TÍTULO	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
	Família	A. A casa B. Os pais C. Os meninos	Breves textos	82-111

Também no *Terceiro Livro de Leitura* há textos breves de diversas autorias. A relação dos textos e suas respectivas autorias é apresentada na sequência, com intuito de se dar visibilidade aos autores que foram destacados pelos editores dos *Livros de Leitura* por estarem alinhados às ideias católicas.

QUADRO 11: Levantamento dos autores e Textos do Terceiro Livro de Leitura

PARTE	AUTOR	TÍTULO / PÁGINAS	TOTAL TEXTOS
1	Casimiro J. M. de Abreu	Deus, 5 Minha mãe, 88-89 Meus oito anos, 95-97 Minha terra, 203-204	4
2	Joaquim Maria de Lacerda	Deus está em toda a parte, 6-7 As pérolas ou a providência, 11-12 Queda dos corpos, 168-169 A trovoada, 175-176 O para-raios, 176-177 O terremoto, 179-180	6
3	Visconde de Araguaya	Hino ao Senhor, 7 Hino dos bravos, 239-240	2
4	Irmãos Grimm	O pastorzinho, 9 O tico-tico e o pobre, 12-17 Os mensageiros da morte, 20-22	3
5	Frederico Adolpho Krummacher	Confiança em Deus, 17-1	1
6	A. F. de Castilho	Antes de começar o estudo, 19-20 Recordação da infância, 91-93) O meu dever, 106-108 Meu Brasil, 217-219	4
7	Amélia Rodrigues	O semeador, 31-32 O meu dever, 106-108	3

PARTE	AUTOR	TÍTULO / PÁGINAS	TOTAL TEXTOS
		Meu Brasil, 217-219	
8	Roberto Reinich	Dois diálogos, 33-34 Petrópolis, 207-209	2
9	Alfredo Cunha	Carta do pequeno Alfredo a seu tio, 34	1
10	João Kopke	Aproveitar o tempo, 35 Achei um relógio, 68-69 Sonho, 101-103 O sapo, 146-147	4
11	Trindade Coelho	Profissões, artes e ofícios, 36-37 O rachador de lenha e o nadador, 57-58 Parábola dos sete vimes, 99-101 O sapo, 145-146 O automóvel, 171-172 O fonógrafo, 172-174 Fenômenos atmosféricos, 177-178 O borracheiro, 178-179 Nuvens, 181 Chuva, sereno, nevoeiro, 182 Orvalho, 182-183 Saraiva, 183-184	12
12	Gabriela Ferreira França	Amor à pátria, 37-39 O menino desobediente, 44-45	2
13	F. B. Borges	Semelhança, 40	1
14	Christovão von Schmid	A grande pereira, 41-42 A caixinha milagrosa, 59 A ira vencida, 66 O saco de terra, 67-68 Os sapatos, 69-70	5
15	Alfredo Clemente Pinto	O jogo rouba-nos o tempo, o dinheiro e a consciência, 42-44 A calúnia, 55-57 Estou contente com a sua sorte, 61-63 Os pêssegos, 80-81 Therezinha e mariquinhas, 94-95	5
16	Guerra Junqueiro	Não quero, 52-53	1
17	Olavo Netto	O mentiroso, 54-55	1

PARTE	AUTOR	TÍTULO / PÁGINAS	TOTAL TEXTOS
18	Thomaz Galhardo	O descuidado, 60-61	1
19	Semmedo	O lenhador, 64-65	1
20	Domingos Borges de Barros	A minha filha, 66-67	1
21	Anastácio Bom Sucesso	A borboleta, 70	1
22	Julio Diniz	A esmola do pobre, 79-8	1
23	Conde Affonso Celso	João Paulo, 84-85 A baía do Rio de Janeiro, 204-207 Hino patriótico, 226	3
24	João Frederico Muller	Honrai pai e mãe, 89-90	1
25	Brünnert	Boa conta, 90	1
26	Fagundes Varella	À noite, 98-99	1
27	Olavo Bilac	As flores, 116-117	1
28	Francisco Fr. da Rosa	O café, 121-122; Geologia, 185-188 Terra, 189-191 Astronomia, 213-214	4
29	F. T. D.	O feijão, 120-121 O milho, 125-126 O arroz, 126-127	3
30	Romão Puiggari	A borracha, 132-133 A anta, 139-140 O tamanduá-bandeira, 14-141	3
31	Esopo	O leão e o camundongo, 137	1
32	Gaume	As formigas, 155-156 As abelhas, 156-157 O ferro, 163 O homem, rei da natureza, 165-167	4
33	J. Langlebert	A balança, 169-170 Bombas, 170-171	2
34	João Martins Teixeira	A eletricidade, 174-175	1

PARTE	AUTOR	TÍTULO / PÁGINAS	TOTAL TEXTOS
35	Clodomiro R. Vazconcellos	Descobrimento da América, 222-224	1
36	Abilio Cezar Borges	Confederação dos Tamoios, 229-231	1
37	C1. R. V.	A escravidão no Brasil, 231-233 Inconfidência, p. 233-235	2
38	Fernandes Pinheiro	Independência ou morte, 236-237	1
39	Lindolpho Pombo	A guerra do Paraguai, 237-238	1
40	Gonçalves Dias	Hino ao dia 7 de setembro, 243-244 Canção do exílio, 247	2
41	Bittencourt Sampaio	Hino acadêmico, 250-251	1
42	Joaquim Maria de Lacerda	 Presumpção castigada, 9-10 As moscas e as aranhas, 10-11 As pérolas ou a providência, 11-12 Queda dos corpos, 168-169 A trovoada, 175-176 O para-raios, 176-177 O thermômetro, 179-180 	7
43	Leit Escolh	1. O castor, 143-145	1
44	Jorge C. Deister	1. Petrópolis, 207-209	1
45	Visconde de Araguaya	1. Hino dos bravos, 239-240	1

Como se pode constatar, foram, ao todo, 45 diferentes autores citados.

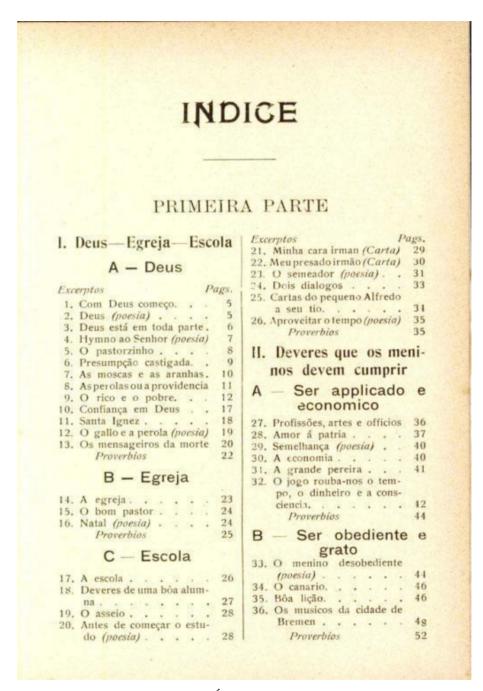


IMAGEM VISUAL 33: Índice do Terceiro Livro de Leitura

O índice do *Terceiro Livro de Leitura* está situado entre as páginas 253 e 256, ou seja, no final deste livro, conforme imagens visuais 33, 34, 35 e 36

II .	
C — Ser verdadeiro e cauteloso	III. A casa paterna
Excerptos Pags.	A — A casa
37. Não quero 52	
38. A mentira (poesia) 53	
39, O mentiroso, 54	Excerptos Page
40. A calumnia 55	FO 1
41. O rachador de lenha e o	59. A casa 8.
nadador 57	60. A sala
42. A caixinha milagrosa 59	61. João Paulo (poesia) 8-
43. O descuidado (poesia) . 60	62. O jardim 8
Proverbios 61	Proverbios 8
D - Estar satisfeito e	and the second s
ser piedoso	B Os paes
oci piedoso	B Os paes
44. Estar contente com sua	20 2
sorte 61	63. Deveres para com os paes 86
45. A raposa e as uvas 63	64. Meu queridissimo pae
46. O leuhador (poesia) 64	(carta) 8
47. A ira vencida 66	65. Minha querida mãe (carta) 8:
48. A' minha filha (poesia) . 66	66. Minha mäe 8
Proverbios 67	67. Honrae pae e mãe 80
	68. Bôa conta
E — Não furtar	69, Recordação da infancia
L Ivao Iditai	(poesia) 9
49. O sacco de terra 67	70. O pontapé 9;
50. Achei um relogio (poesia) 68	Proverbios 9
51. Os sapatos	
52. A borboleta (poesía) 70	
Proverbios 70	C Os meninos
Troverolos 10	
F - Amar ao proximo	71. Therezinha e Mariquinhas 9-
	72. Meus oito annos 9:
53, Heroismo admiravel , . 71	73. A noite 9
54. Thereza 74	74. A' noite (poesia) 98
55. No men tempo de crian-	75. Parabola dos sete vimes. 99
ça (poesia) 75	76. Sonho (poesia) 10
56. O Perna de páu 76	77. Joãozinho e Ritinha 10:
57. A esmola do pobre (poesia) 79	78 O men dever 100
58. Os pecegos 80	79. Regras de civilidade 10
Proverbios 81	Proverbios 11

IMAGEM VISUAL 34: Índice do Terceiro Livro de Leitura, p. II

III SEGUNDA PARTE Pags. I. Historia natural Excerptos 109. O pavão. 150 110. O pavão e o corvo. . 152 A - Plantas 111. A aguia 153 112. O papagaio. 153 Pags. 113. As formigas 155 Excerptos 114. As abelhas 156 80. As plantas 115 81. As flores (poesia). . . . 116 115. Os peixes 158 C - Mineraes 87. O café (modinha) . . 123 88. A canna de assucar . . 124 116. Os mineraes 160 117. O ouro 161 118. O ferro 163 89. O milho. 125 90. O arroz. 126 119, Historia de um vintem contada por elle mesmo 164 91. As batatas 127 120. O homem, rei da natureza 164 II. Physica B - Animaes 121. Queda dos corpos . . 168 122. A balança 169 123. Bombas 170 97. O gato 134 98. O leão e o tigre. . . 136 124. O automovel 171 125. O phonographo . . . 172 99. O leão e o camondongo 129. Phenomenos atmosphericos 177 130. O barometro . . . 178 103. Os roedores 141 131. O thermometro . . . 179 104. O castor. 143 105. O sapo 145 106. O sapo (poesia) . . . 146 132. Nuvens 181 133. Chuva. sereno, nevoeiro 182 134. Orvalho. 182 107. Os macacos. 147 108. O canario 148

IMAGEM VISUAL 35: Índice do Terceiro Livro de Leitura, p. III

Excerptos	Pags.	Excerptos	Pag
	1	56. Descobrimento da Ame	-
III. Geographia		rica	. 22
sas Carlania	. 185 1	57. Descobrimento do Bras	11 22
136. Geologia	189 1	58. Hymno patriotico (poesie	1) 23
137. Terra		59. Caramuríi	
139. Circulação da agua .	. 192 1	60. P. José de Anchieta.	. 22
140. Os rios	. 194	61. Confederação dos ta	
141. A bussola	. 195	moyos	. 22
142. O horizonte	. 199	62. A escravatura no Bras	1 23
143. Paizes	. 200	63. Inconfidencia	
144. O Brasil	. 202	64. Independencia	
145. Minha terra (poesia).	. 203	65. A causa da guerra d	0
146. A bahia do Rio de J	T 1405500	Paraguay	. 23
neiro	. 204	66. Hymno dos bravos (pod	
The state of the s	. 207 1	sia)	23
148. O Amazonas		67. A batalha do Riachuel	
150. O rio Piabanha			
151. Astronomia	. 213	68. Hymno ao dia 7 de Se	
152. O sol	010	tembro (poesia)	
153. A lua		69. 15 de Novembro	
154. Meu Brasil (poesia).		 70. Antonio Gonçalves Dia 71. Canção do exilio (poesia 	
		72. Barão do Rio Branco	
IV. Historia			
155 1	. 220	73. Hymno academico (poe	
155. A navegação	. 220	sia	
	247		
	The second		

IMAGEM VISUAL 36: Índice do Terceiro Livro de Leitura, p. IV

Com base principalmente no índice do *Terceiro Livro de Leitura* (cf. imagens visuais 33, 34, 35 e 36) e nos textos que constituem a primeira parte de tal *Livro*, as temáticas valorizadas foram organizadas da seguinte maneira:

I. Deus – Escola

A. – Deus

C. – Escola

II. Deveres que os meninos devem conhecer e cumprir

A. – Ser aplicado e econômico

B. – Ser obediente e grato

C. – Ser verdadeiro e cauteloso

D. – Estar satisfeito e ser piedoso

E. – Não furtar

F. – Amar ao próximo

III. Família

A. - A casa

B. - Os pais

C. – Os meninos

Na primeira parte do *Terceiro Livro de Leitura* encontram-se 79 breves textos, excertos literários em prosa e verso. Estes deveriam contribuir para o desenvolvimento da leitura expressiva e da compreensão do significado tanto de conceitos como de expressões dos alunos. Seus editores buscavam a formação de um aluno cristão-católico, aplicado, econômico, obediente, grato, verdadeiro, cauteloso, satisfeito, piedoso, sóbrio, respeitador das coisas alheias, solidário, dado ao apreço da família e ao cuidado dos animais. A segunda parte tinha como objetivo auxiliar o aluno na aprendizagem de conhecimentos elementares da História Natural, da Física, da Geografia e da História da pátria. Tais temas atendem aos pressupostos do método intuitivo.

Percebe-se nas demais temáticas do *Terceiro Livro de Leitura* uma espécie de manutenção e aprofundamento daquelas já privilegiadas no *Primeiro* e no *Segundo Livro de Leitura*. A título de exemplo, no texto n. 78 *O meu dever* (p. 166-108), de autoria de Amélia Rodrigues⁹¹, a compreensão do termo *dever* é aprofundado de modo a abranger ações realizadas pelas crianças ao

⁹¹ Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues nasceu em Santo Amaro (Bahia) a 26 de maio de 1861. Foi professora, escritora, teatróloga e poetisa. Veio a falecer com 65 anos de idade em Salvador no dia 22 de agosto de 1926.

longo do dia como pressupostos à felicidade delas: a oração ao despertar pela manhã, o estudo das lições, a frequência na escola, a realização das tarefas escolares em família sob o olhar dos pais, o cultivo do desejo de honrar a terra onde nasceu, de sentir-se útil à sociedade, de obedecer aos pais e de agradar a Deus.

4.4 Quarto Livro de Leitura

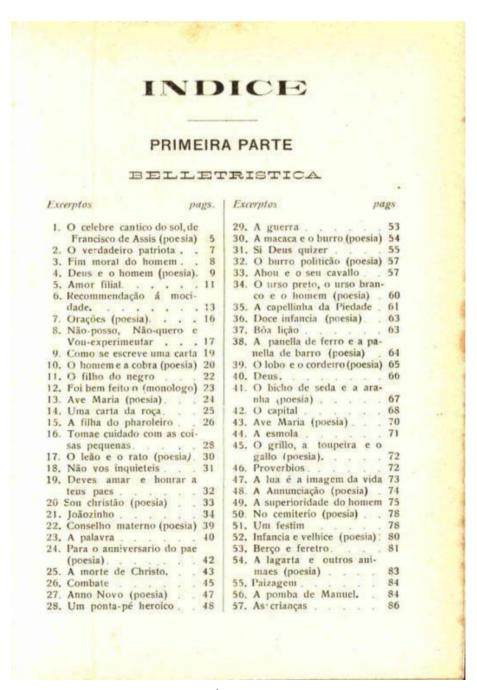


IMAGEM VISUAL 37: Índice do Quarto Livro de Leitura

O índice do *Quarto Livro de Leitura* está situado entre as páginas 413 e 416, ou seja, ao final desse livro.

II INI	DICE	
Excerptos - pags,	Excerptos P	ags.
58. Candido e Manduca	80. Meditação (poesia)	123
(scena comica infantil) . 87	81. Imperio do homem	0.00
59. O macaco vestido (poesia) 90	sobre a natureza,	124
60. Deus não permitte que	82. Natal	125
delle zombem 91	83. O pão (poesia)	126
61. A economia 92	84. Uma historia qualquer	
62. O macaco declamando	85. Imprecações (poesia) .	
(poesia)	86. Tide	
63. O filho prodigo 94	87. Resoluções de um moço 88. A indifferença (poesia)	
64. A tempestade (poesia) 97 65. Deus faz tudo bem 99	89. O toque das «Ave-	140
66. Amor da patria 102	Marias»	141
67. Sentimento religioso 103	90, Livros (poesia)	
68. A vida da innocencia	91. A recolhida.	
(poesia)		143
69. Philantropia e caridade . 105	93. Religião e patria.	144
70. O meu bouquet (poesia). 106	94, A caminho de casa	
71. O crucifixo de marfim 106	(dialogo)	145
72. A justiça	95. «C. Q. D.» — Navio. em perigo	149
(poesia)	96. Simplicidade de Ger-	113
74. Um pequeno heróe 112	mano.	153
75. A esperança (poesia) 116	97. Resposta apologetica .	155
76. Pensamentos e maximas. 118	98. Primeira communhão .	155
77. A' porta do paraiso 119	99 O carnaval (poesia)	159
78. A cousa mais forte 122	100. O posto Central de As-	
79. Reforma social (veja	sistencia no Rio	159
п. 84 я)	101. Historia de um nvro	103
SEGUND	A PARTE	
Excerptos Pgs.	Excerptos	Pgs
Historia natural	110. Os vegetaes	185
STIGNED STEELS ST. TO THE STREET	111. Cahir das folhas	186
102. Historia natural 169	112, A floresta virgem	
103. Riquezas naturaes do	113. A flora brasileira.	191
Brasil	114 Ponte de nanas (poesia).	
104. As pedreiras 172 105. A pedreira 174	116. A mangueira	
106. O ferro	117. O abacateiro	196
107. O cobre 179	118. A jaboticabeira	198
108. A agua 181	119. A pitangueira	199
109. As salinas do Brasil 183	120. O sapotizeiro	201

IMAGEM VISUAL 38: Índice do Quarto Livro de Leitura, p. II

IND	ICE III
Excerptos Pgs.	Excerptos pags.
121. As larangeiras 202	155. As côres dos corpos . 259
122. Os inimigos dos fructos 203	156. O balão 261
123. Reino animal 205	156. O balão
124. O esquilo	158. A acustica, o som, oécho 263
125. A tartaruga 239	159. O magnetismo 267
126. O cão 210	160. O raio e o para raios 269
127. Rasto de sangue (poesia) 212	161. Fogos de Sant'Elmo e
128. A baleia	auroras polares 271
129. O bugio	162. A electricidade 273
130. Os felinos brasileiros 217	163. A luz electrica 275
131. As aves	164. O telephone 276
132, Os ninhos e o instincto	CONTINUES CONDUCTORS OF AN AND AN ADDRESS
dos seus constructores 222	Chimica
133. O beija-flôr	ter a chimina any objects
134. O João-de-barro 227	165. A chimica, seu objecto,
135. O sabiá (poesia) 229	corpos simples e com-
136. Os tangarás 230	postos
137. O urubú 232	166. O carbono 280
138. O ninho e a cobra (poesia) 233	167. O phosphoro 282
139. A giboia e a anaconda 234	168. O gaz de illuminação . 284
140. A mussurána 236	169. O sabão 287
141. A cobra de cascavel 237	173. O vidro 288
142. Os peixes 238	Except with the second
143. O tubarão 240	Descripções geographicas
144. Os vagalumes 241	
145. O vagalume (poesia) . 242	171. Tijuca 291
146. Bicho de cesto ou de	172. A bahia do Rio de Ja-
canastro 243	neiro 294
147. Transmissão de doenças	173. Juiz de Fóra 296
pelas moscas 244	174. Estado do Rio Grande
148. A abelha e a formiga	do Sul 298
(poesia) 248	175. A volta da primavera
149. Preceitos de hygiene pa-	(poesía) 300
ra a conservação da saúde 249	176. Panorama do Interior
Dharden	(Minas) 301
Physica	177. Descripção do sitio da serra de Ibiapaba 302
150. A physica, seu objecto,	178. Hymno á bandeira (poe-
distinção entre ella e a	sia) : 303
chimica 252	179. Descripção do rio Ama-
151 Fetados physicos dos	zonas 304
151. Estados physicos dos corpos	180. As Sete Quedas 306
152. A machina a vapor . 254	181. A torrente (poesia) 308
153. O trem de ferro (poesia) 256	182. A cachoeira de Paulo Af-
	fonso 309
154. A luz 257	Tollso
	V31

IMAGEM VISUAL 39: Índice do Quarto Livro de Leitura, p. III

183. A ilha dos Nheengahi- bas na bocca do Ama- zonas 311 184. A pororoca 313 185. Anhangá (pcesia) 315 186. O rio Aquidauána 317	209. José Bonifacio de Andra- da e Silva
bas na bocca do Ama- zonas	da e Silva
zonas	210. Ypiranga (poesia) 368 211. Sagração e corôação de
184. A pororeca	211. Sagração e corôação de
185. Anhangá (pcesia) 315	D. D. J. H. Den
	D. Pedro II 370
	212. Frei Francisco do Monte
187. De Buenos-Ayres a Val-	Alverne
paraiso 320	213. A' bandeira (poesia) 37:
188. O exilado (poesia) 323	214. Duque de Caxias 37
189. Ave, Brasil! (poesia) . 324	215. Qualidades moraes do
190. Os terremotos na Italia 324	duque de Caxias 37
191. Macáo	216. A tomada de Curuzú . 376
192. O desterro de um pobre	217. Aos voluntarios da pa-
velho (poesia) 328	tria (poesia)
mundo	219. D. Antonio de Macedo
	Costa,
Historia	220. Casimiro de Abreu 38:
194. A historia (poesia) 332	221. Hymno ao dia Treze de
195. Vasco da Gama e Cabral 332	Maio 384
196, Os indigenas no Brasil 333	222. José Mauricio Nunes
197. As reducções dos indios	Garcia
no Paraguay 336	223. MarechalDeodoro (poesia) 389
198. Martim Affonso de Souza 338	224. Marechal Floriano Pei-
199. A descoberta das Minas	xoto
no Brasil , , , , 343	225. Hymno nacional brasileiro 39:
200. Roberio Dias 346	226, A batalha das Thermó-
201. Canto do gaûcho (poesia) 348	pylas
202 Ararigboia 349	227. Destruição de Jerusalém 39
203. Os Jesuitas no Brasil . 352	228. As catacumbas 40
204. Anchieta, o Apostolo do Brasil (poesia)	229. Mahomet
205. O Quilombo dos Palmares 356	grego 40s
206. Amador Bueno da Ribei-	231. A arte militar na edade
ra, quasi rei 359	media 409
207. A execução do Tiradentes 361	232, Decifrada finalmente, a
208. Chegada da familia real	esphinge? 410
ao Brasil 363	Statistics and care of the late of the passe

IMAGEM VISUAL 40: Índice do Quarto Livro de Leitura, p. IV

As temáticas valorizadas no *Quarto Livro de Leitura* compreendem um conjunto de quatro modulações: Deus, a família, a escola e os deveres que os meninos devem conhecer e cumprir.

DEUS

Nos textos⁹² do *Quarto Livro de Leitura*, a temática *Deus* é apresentada como Eterno Senhor, Onipotente, Supremo Criador, Fonte de Bênçãos, Digno de Louvor, Santo, Fonte de Vida e de Luz, Inefável Divindade, Deus de Eterna Majestade, Rei do Céu e da Terra, Indicador de todos os deveres do Ser Humano, Onisciente, Mistério, Sobrenatural, Fonte de Perfeição e Harmonia no mundo, Espírito, Deus dos humildes, Salvador, Altíssimo, e Deus é.

Como se pode perceber, a temática *Deus* é, no *Quarto Livro de Leitura*, aprofundada com uma abrangência significativa de elementos em relação ao que sobre ela no *Primeiro*, no *Segundo* e no *Terceiro Livro de Leitura* se valorizava. A mesma tratativa foi percebida com relação às temáticas da *Família*⁹³, da *Escola*⁹⁴ e dos *Deveres que os meninos devem conhecer e cumprir*⁹⁵.

Tratam-se de temáticas norteadores presentes em todos os quatros *Livros* privilegiados nesta pesquisa, cuja relação e influência estabelecida vai se ampliando do Primeiro para o *Quarto Livro de Leitura* da Escola Gratuita São José. (BAKHTIN, 2003).

Entre os textos e as intencionalidades que orientaram uma dada diagramação da página, das imagens impressas e da relação entre estas e os textos, acabou-se por originar uma dada organização: a conformação da página, a escolha do papel e suas respectivas dimensões em franca sintonia com as possibilidades gráficas ou técnicas da tipografia da Escola Gratuita São José, enfim, a materialidade da página.

4.5 Os autores mais publicados

Nas temáticas privilegiadas dos *Livros de Leitura*, os autores com quatro ou mais textos estão no quadro 12, a seguir.

⁹² Cf. os textos: O célebre cântico, chamado do Sol, de São Francisco de Assis, p. 5-7; Deus e o homem, p. 9-10; Orações, p. 16-17; Ave Maria, p. 24-25; Sou cristão, p. 33-34; A capelinha da piedade, p. 61-63; Deus, p. 66-67; A anunciação, p. 74; Deus não permite que D'Ele zombem, p. 91-92; O filho pródigo, p. 94-97; Deus faz tudo bem, p. 99-102; O crucifixo de marfim, p. 106-110; A porta do paraíso, p. 119-122, Natal, p. 125-126; O toque das 'Ave Marias', p. 141-142; Primeira comunhão, p. 155-158.

⁹³ Cf. os textos: Amor filial, p. 11-13; Conselho materno, p. 39; Se Deus quiser, p. 55-56; A caminho de casa, p. 145-149.

⁹⁴ Cf. os textos: O fim moral do homem, p. 8-9; Recomendações à mocidade, p. 13-16; Não-posso, Não-quero e Vou-experimentar, p. 17-18.

⁹⁵ Cf. os textos: Fim moral do homem, p. 8-9; Recomendações à mocidade, p. 13-16; Não posso, não quero e vou experimentar, p. 17-18; Tomai cuidado com as coisas pequenas, p. 28-30; Deves amar e honrar teus pais, p. 32-33; Boa lição, p. 63-64; A esmola, p. 71; O sentimento religioso, 103-104; Filantropia e amor, p. 105-106; Pensamentos e máximas, p. 118-119; Resoluções de um moço, p. 140.

QUADRO 12: Levantamento dos autores dos Livros de Leitura

AUTOR	DADOS BIOGRÁFICOS E AUTORAIS	LIVROS DE LEITURA	TÍTULOS / PÁGINAS
Eug. Werneck			 O tico-tico, de autoria, 61-62. Em criança, de autoria, 67-68. O amanhecer, 71. O bem, 72.
		Segundo Livro de Leitura	 A cigarra e a formiga, 37-38. O pobre, 80-81. A órfã e a folha, 87. Amigos e companheiros, 88. O coelho e o periquito, 111.
Casimiro de Abreu	Casimiro José Marques de Abreu é natural de Barra de São João, onde nasceu em 4 de janeiro de 1839. Recebeu a instrução primária	Segundo Livro de Leitura	– Minha mãe, 22-23.
	no Instituto Freese de Nova Friburgo. É filho de pai português e mãe brasileira. No ano de 1853, Casimiro acompanha o seu pai numa viagem para Portugal, onde dá início à sua trajetória como escritor, escrevendo para jornais daquele país. Tido como novelista, dramaturgo e poeta brasileiro, publica em 1859 o livro de poesias As Primaveras, Fora da Pátria (prosa) em 1855, Minha Mãe (poesia) em 1855, Rosa Murcha (poesia) em 1855, Saudades (poesia) em 1856, Suspiros (poesia) em 1856, Meus oito anos (poesia) em 1857, Longe do Lar (prosa) em 1858, Treze Cantos (poesia) em 1858. Faleceu em 1860 de tuberculose.		 Deus, 5. Minha mãe, 88-89. Meus oito anos, 95-97. Minha terra, 203-204.
			– Orações, 16-17.
João Kopke	João Köpke nasceu em Petrópolis, em 1852. Bacharel em Direito pelo Largo São Francisco (SP) e atuando como promotor público,	Segundo Livro de Leitura	– A briga, 63-65.

AUTOR	DADOS BIOGRÁFICOS E AUTORAIS	LIVROS DE LEITURA	TÍTULOS / PÁGINAS
	preteriu a magistratura pelo magistério, vindo a lecionar em Campinas e em São Paulo, foi professor de francês, inglês, geografia, história, álgebra, botânica e princípios elementares de anatomia e fisiologia. Foi autor do manuscrito Versos para os pequeninos, de cartilhas (A cartilha de Hilda), de peças de teatro, de artigos em jornais e revistas, de livros como: A grande pátria, A poesia nas escolas, Leituras práticas, Fábulas: para uso das classes de língua materna, Locuções, prolóquios e pensamentos: ampliação do vocabulário e exercício da memória para uso das escolas primárias e secundárias, Primeiro Livro de Leituras morais e instrutivas para uso das escolas primárias e secundárias, Segundo Livro de Leituras morais e instrutivas para uso das escolas primárias e secundárias, Quarto Livro de Leituras morais e instrutivas para uso das escolas primárias e secundárias, Quarto Livro de Leituras morais e instrutivas para uso das escolas primárias e secundárias, Quinto Livro de Leitura para uso das escolas secundárias. Faleceu no Rio de Janeiro em 1926.	Terceiro Livro de Leitura	- Aproveitar o tempo, 35. - Achei um relógio, 68- 69 - Sonho, 101-103. - O sapo, 146-147.
Joaquim Maria de Lacerda	Joaquim Maria Lacerda nasceu em 1838, no Rio de Janeiro, filho de João Maria Pereira de Lacerda e Camila Leonor Pontes. Atuou como advogado, professor e escritor. É autor da obra <i>Aritmética da infância</i> , <i>Pequena história do Brasil</i> e de várias outras obras com ênfase nas áreas de geografia e história voltadas para o âmbito do ensino primário. Faleceu em Paris no ano de 1886.	Terceiro Livro de Leitura	 Deus está em toda a parte, 6-7. As pérolas ou a providência, 11-12. Queda dos corpos, 168-169. A trovoada, 175-176. O pára-raios, 176-177. O terremoto, 179-180.
Trindade Coelho	José Francisco Trindade Coelho nasceu em Mogadouro a 18 de junho de 1861. Foi bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, atuando como delegado do Ministério Público em Sabugal e em Lisboa. Notabilizou-se como magistrado, político e escritor português. Algumas de suas obras foram: Os Meus Amores (contos) em 1891; O ABC do Povo em 1902; Cartilha do Povo em 1901; Primeiro Livro de Leitura em 1903;	Terceiro Livro de Leitura	 Profissões, artes e ofícios, 36-37. O rachador de lenha e o nadador, 57-58. Parábola dos sete vimes, 99-101. O sapo, 145-146. O automóvel, 171-172. O fonógrafo, 172-174.

AUTOR	DADOS BIOGRÁFICOS E AUTORAIS	LIVROS DE LEITURA	TÍTULOS / PÁGINAS
	Segundo Livro de Leitura em 1904; Terceiro Livro de Leitura em 1905; Manual Político do Cidadão Português em 1906; Gente do século XIX em 1987 (obra póstuma), entre outros. Faleceu em Lisboa a 9 de junho de 1908.		-Fenômenos atmosféricos, 177-178. - O borracheiro, 178- 179. - Nuvens, 181. - Chuva, sereno, nevoeiro, 182. - Orvalho, 182-183. - Saraiva, 183-184.
		Quarto Livro de Leitura	 A máquina a vapor, 254-256. O balão, 261-262. A luz elétrica, 275-276. O telefone, 276-277.
Christovão von Schmid	Christoph Daniel (von) Schmid nasceu em Dinkelsbühl, Francônia Central (Alemanha) a 15 de agosto de 1768. Estudou Filosofia e Teologia em Dillingen de 1785-1791, ordenando-se sacerdote em 17 de agosto de 1791. Em 1796 tornou-se diretor de uma escola em Thannhausen (Suábia) e, dez anos depois (1806), assumiu também o cargo de inspetor escolar. Escreveu no período uma série de livros escolares e juvenis, entre os quais os seis volumes de <i>Histórias Bíblicas para Crianças</i> e o conto <i>Os ovos de Páscoa</i> . Alguns de seus escritos chegaram a ser traduzidos em 24 línguas. Vitimado de cólera, faleceu em Augsburgo a 3 de setembro de 1854.	Terceiro Livro de Leitura	 A grande pereira, 41-42. A caixinha milagrosa, 59. A ira vencida, 66. O saco de terra, 67-68. Os sapatos, 69-70.
Alfredo Clemente Pinto	Alfredo Clemente Pinto nasceu em Porto Alegre no ano de 1854. Dedicou mais de 40 anos ao magistério, destacando-se também como escritor e político brasileiro. É autor da obra didática <i>Seleta em Prosa e Verso</i> , utilizada nas escolas gaúchas por longos anos. Faleceu em 1938.	Terceiro Livro de Leitura	 O jogo rouba-nos o tempo, o dinheiro e a consciência, 42-44. A calúnia, 55-57. Estou contente com a sua sorte, 61-63. Os pêssegos, 80-81. Therezinha e mariquinhas, 94-95.

AUTOR	DADOS BIOGRÁFICOS E AUTORAIS	LIVROS DE LEITURA	TÍTULOS / PÁGINAS
		Quarto Livro de Leitura	 Reino animal, 205- 207. O esquilo, 208-209. A tartaruga, 209-210.
Conde de Affonso Celso	Conde de Afonso Celso é um título que Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior recebeu da Santa Sé. Nasceu em Ouro Preto a 31 de março de 1860, filho de Francisca de Paula Martins de Toledo e do visconde de Ouro Preto, último presidente do Conselho de Ministros do Império. Formado em Direito em 1880 pela Universidade de São Paulo. Atuou como professor, historiador, poeta e político brasileiro. É considerado um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira 36. Foi autor de várias obras, a saber: <i>Prelúdios</i> (uma coleção de poesias de conteúdo romântico) em 1876; <i>Devaneios</i> em 1877; <i>Um ponto de interrogação</i> em 1879; <i>O imperador no exílio</i> em 1893; <i>Guerrilhas</i> em 1896; <i>Contraditas monárquicas</i> em 1896, entre outras. Faleceu no Rio de Janeiro a 11 de julho de 1938.	Terceiro Livro de Leitura	 João Paulo, 84-85. A baía do Rio de Janeiro, 204-207. Hino patriótico, 226.
		Quarto Livro de Leitura	- Imprecações, 131-132 A indiferença, 140-141 Livros, 142 A alegria, 143-144 Primeira comunhão, 155-158 Riquezas naturais do Brasil, 170-172 A floresta virgem, 187-191 A baía do Rio de Janeiro, 294-296 A cachoeira de Paulo Afonso, 309-311 Anhangá, 315-317 A retirada de Laguna, 379-382.
Fagundes Varella		Terceiro Livro de Leitura	– À noite, 98-99.
		Quarto Livro de Leitura	 A anunciação, 74-75. Infância e velhice, 80-81. O vagalume, 242-243.
Francisco Fr. da Rosa	Francisco Ferreira da Rosa nasceu em Angra do Heroísmo (Açores, Portugal) a 20 de maio de 1864. Veio para o Rio de Janeiro em abril de 1878. Seis anos depois, já ensinava Português, Geografia, Aritmética a jovens comerciantes do Rio de Janeiro. Foi também	Terceiro Livro de Leitura	 O café, 121-122. Geologia, 185-188. Terra, 189-191. Astronomia, 213-214.

AUTOR	DADOS BIOGRÁFICOS E AUTORAIS	LIVROS DE LEITURA	TÍTULOS / PÁGINAS
	professor no Colégio Abílio, no Liceu Literário Português, no Colégio Militar e em outros lugares. Atuou como jornalista, historiador e escritor, tornando-se colaborador da Revista do Arquivo do Distrito Federal. É de sua autoria Memorial do Rio de Janeiro - passagens, fatos, narrativas de acontecimentos, vida e progresso da cidade em meio século (1878-1928). Faleceu em 8 de março de 1952, aos 87 anos.		
Gaume	Jean-Joseph Gaume, teólogo, professor e escritor francês, nasceu em Fuans (França) em 1802. Foi autor de livros sobre Teologia, História e Educação: <i>História da sociedade local</i> (2 tomos) em 1954, <i>A revolução</i> (8	Terceiro Livro de Leitura	 As formigas, 155-156. As abelhas, 156-157. O ferro, 163. O homem, rei da natureza, 165-167.
	tomos) em 1856, Catecismo de Perseverança ou exposição da religião depois da origem do mundo até nossos dias (8 tomos) em 1854, A religião e a eternidade em 1859 e outros mais. Faleceu em Paris em 1879.	Quarto Livro de Leitura	 As aves, 219-222. Os ninhos e o instinto dos seus construtores, 222-225. Os peixes, 238-240. As reduções dos índios no Paraguai, 336-338. As catacumbas, 402-403.
J. S. Tavares	Trata-se de José da Silva Tavares, nascido em Argivai (Póvoa de Varzim) a 14 de fevereiro de 1788. Ao entrar na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, recebeu o nome de Frei José da Sacra Família. Cursou doutorado em Teologia na Universidade de Coimbra. Foi autor de obras, tais como: Sermão de ação de graças em 1824, Lições elementares de Geografia e Cronologia em 1830 e Elementos de Aritmética em 1851. Faleceu a 14 de setembro de 1858 em Brentwood (Inglaterra).	Quarto Livro de Leitura	 As fruteiras, 193-194. A mangueira, 194-196. O abacateiro, 196-197. A jaboticabeira, 198-199 A pitangueira, 199-201. O sapozeiro, 201-202. Os inimigos dos frutos, 203-205. Os vagalumes, 241-242. Juiz de Fora, 296-298.

AUTOR	DADOS BIOGRÁFICOS E AUTORAIS	LIVROS DE LEITURA	TÍTULOS / PÁGINAS
Abilio Cesar Borges	Abílio César Borges nasceu no Rio de Contas (Bahia) a 9 de setembro de 1824. Doutorou-se em Medicina no ano de 1847, mas deixaria o trabalho como médico em segundo plano para dedicar-se à educação, primeiramente na Bahia, depois no Rio de Janeiro. Recebeu o título de Barão de Macaúbas em 1881 (instituído por decreto imperial de Dom Pedro II) por suas contribuições na área educacional. Algumas das obras publicadas por Abílio César Borges foram: em 1860 – Epítome da Gramática Portuguesa e Epítome da Gramática Francesa; em 1863 – Epítome da Geografia Física; em 1868 – Primeiro, Segundo e Terceiro Livro de Leitura; em 1879 – Edição Escolar dos Lusíadas de Camões e Pequeno Tratado de Leitura em Voz Alta; em 1888 – Novo Primeiro Livro de Leitura: Leitura Universal; e em 1890 – Quarto Livro de Leitura.	Quarto Livro de Leitura	 Preceitos de higiene para a conservação da saúde, 249-251. A física, seu objeto, distinção entre ela e a química, 252-253. A luz, 257-259. As cores dos corpos, 260-261. A acústica, o som, o eco, 264-267. A eletricidade, 273-275. A química, seu objeto, corpos simples e compostos, 278-280. O carbono, 280-282. O fósforo, 282-284. O sabão, 287-288. O vidro, 288-291. José Bonifácio de Andrada e Silva, 365-368. Casimiro de Abreu, 383-384.

Fonte: Base de dados biográficos.

Como se pode observar no quadro 12, os três autores com mais textos nos *Livros de Leitura* são Trindade Coelho (16 textos), Conde de Afonso Celso (14 textos) e Abílio César Borges (13 textos). O elemento 'autor' encontra-se atravessado pelas temáticas valorizadas nos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José.

De acordo com Chartier (2002, p. 10),

[...] a publicação das obras implica sempre uma pluralidade de atores sociais, de lugares e dispositivos, de técnica e gestos. Tanto a produção de textos quanto a construção de seus significados dependem de momentos diferentes de sua transmissão: a redação ou o texto ditado pelo autor, a transcrição em cópias manuscritas, as decisões editoriais, a composição tipográfica, a correção, a impressão, a representação teatral, as leituras. É nesse sentido que se podem entender as obras como produções coletivas [...]

Nesse sentido, o elemento 'autor' nos *Livros de Leitura* pode ser situado dentro de uma coletividade sociocultural. Chartier, em suas obras (2002, 2003, 2007), enfatiza a distância entre o sentido atribuído pelo autor a um texto e por seus leitores, ou seja, o mesmo material escrito, encenado ou lido não tem significado coincidente para as diferentes pessoas que dele se apropriam. Uma só obra tem inúmeras possibilidades de interpretação, dependendo, entre outras coisas, do suporte, da época e da comunidade em que circula.

As mudanças de relação entre o leitor e o material escrito, determinadas pela tecnologia, alteram também o próprio modo de significação - antes do códice, por exemplo, era impossível ler e escrever num mesmo momento porque as duas mãos estavam ocupadas em segurar e mover o rolo. (CHARTIER, 1996).

Ele compreendeu que um texto não é uma simples abstração e que ele só existe graças à maneira como é transmitido. Chartier (2006) costuma combater a ideia do material escrito como um objeto fixo, impossível de ser modificado e alterado pelas pessoas que o utilizam e interagem com ele, por conseguinte para ele:

[...] o sentido de um texto depende também da forma material como ele se apresentou a seus leitores originais e por seu autor [...] por meio dela, podemos compreender como e por que foi editado, a maneira como foi manuseado, lido e interpretado por aqueles de seu tempo. (p. 2)

Posto que a natureza do texto, seu formato e seu suporte influenciam o significado atribuído ao texto pelo leitor. Ainda no esteio de tais considerações, recorremos a Darnton (2010, p. 191) que identifica uma mudança análitica e metodológica na história do livro que

[...] não começou ontem. Vem desde a cultura acadêmica renascentista [...]; e começou a sério no século XIX, quando o estudo do livro como objeto material levou a ascensão da Bibliografia analítica na Inglaterra. Mas o trabalho atual representa um desvio nas tendências estabelecidas de pesquisas na área, que podem ter suas origens no século XIX identificadas em edições antigas de The Library, Börsenblatt für den Deutschen ou dissertações da École dês Chartes. Essa nova tendência se desenvolveu na França dos anos de 1960. Em um curto período de duas décadas, a história do livro se tornou um campo de estudo rico e variado.

Conexão entre a história da leitura e a história do livro, quando Chartier (2007, p. 5) concebe

O livro não apenas como objeto de leitura, mas como um instrumento que desvenda a cultura da humanidade ao longo dos séculos. Sua atenção volta-se para a reação das sociedades diante das alternativas de acumular documentos ou destruí-los para não serem soterradas sob sua própria produção escrita.

Para Chartier (2007, p. 5), se "[...] não é possível ficar com tudo que se escreve, é necessário estabelecer critérios para fazer escolhas". Souza (2012, p. 76) comenta que Chartier

Na sua obra Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII), ele estuda esses parâmetros para compreender melhor como funcionam as culturas e quais os caminhos que são trilhados para se decidir que textos desejam guardar. A leitura não está ainda inscrita no texto e, não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposta (por seu autor, pelo uso, pela crítica etc.) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores; consequentemente, um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado. Chartier, preocupado em traçar uma história da leitura, que tenha como um dos propósitos a (re)construção histórica das redes de práticas, que organizam culturalmente as maneiras diferenciadas de acesso aos textos de diferentes comunidades de leitores.

Para Chartier (1999, p. 13)

Há contrastes, igualmente, entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos da interpretação. Contrastes, enfim, encontramos entre os diversos interesses e expectativas com os quais os diferentes grupos de leitores investem a prática da leitura.

Chartier (2004) destaca ainda três polos que definem uma história do livro: a análise dos textos, a partir de suas estruturas e objetivos; a história do livro, com todas as formas que toma o escrito; e o estudo das diferentes práticas associadas a esses objetos ou de suas formas produzindo usos e significações diferenciadas. (SOUZA, 2012).

Uma história do livro que, por sua vez, encontra-se também atravessada pelo que já foi abordado na introdução: o surgimento de mobiliário escolar moderno, a proliferação de novos materiais de ensino da escola primária a partir de meados do século XIX, a constituição dos sistemas nacionais de ensino, articulados ao processo de escolarização em massa e à expansão industrial (SOUZA, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José foram o objeto da pesquisa desenvolvida na conexão com o contexto sociocultural do período atravessado por tensões entre Igreja e Estado, pela modernização do país e por um altíssimo índice de analfabetismo, entre outros fatores. Neste contexto, a presença dos Franciscanos torna-se plausível a quem se dispõe a escovar a história a contrapelo, isento de interesses por elementos épicos ou por quaisquer ufanismos.

Não a presença dos Franciscanos preterida por dada investigação 96, que atribuiu trabalho missionário-educacional pioneiro no Brasil aos religiosos da Companhia de Jesus, mas sim a presença marcada por silêncios, lutas, apreensões, perseguições, resistências e embates, seja em relação às ações do Estado, propositor de um ensino laico, seja em relação a um contexto sociocultural afoito à modernidade e seus engodos. Presença esta que deixou rastros de sua influência na formação da cultura brasileira. Presença dos Franciscanos, tal como se evidenciou nesta pesquisa, na história da educação brasileira, na instrução primária em Petrópolis (RJ) por meio da materialidade e das temáticas privilegiadas nos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José, impressos e postos em circulação pela tipografia dessa escola.

A investigação sobre os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José se inseriu, a seu modo, no escopo da história do livro, da leitura, do material escolar impresso e de sua circulação, cujos desdobramentos estiveram articulados a fatores, tais como: a invenção e o desenvolvimento da imprensa no século XV; os estudos e as tratativas em curso desde o século XVII com relação à escolarização da infância; a instauração da Imprensa Régia no Brasil a partir de 1810 e a expansão editorial, inclusive de iniciativa privada; a expansão do público leitor, da alfabetização, da instrução elementar e dos novos modos de ler no espaço escolar durante o século XIX e primeiras décadas do século XX; a nacionalização da produção dos livros escolares no limiar do século XX; a prescrição do regime republicano de fornecer apenas *Livros de Leitura* às escolas para o uso dos alunos, enquanto livros escolares de outras disciplinas fornecidos tão só para uso restrito dos professores; a autorização do Estado para a circulação de cartilhas e de *Livros de Leitura* constituídos por meio de fábulas, contos e breves textos, cujas temáticas convergiam à ideia de uma pátria civilizada, moderna e em busca do progresso para a sua gente; a adoção de novos

⁹⁶ Cf. TAVARES, L. H. D. **O primeiro século do Brasil**: da expansão da Europa Ocidental aos governos gerais das terras do Brasil. Salvador: Edubra, 1999.

métodos de ensino, dentre eles o método intuitivo, proposto pelos Franciscanos à etapa da instrução primária e atrelado ao uso dos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José em sala de aula.

Entre as principais razões que levaram os Franciscanos a criar uma escola gratuita em Petrópolis em 1897 estavam as recomendações do Papa Leão XIII para que se fundasse, ao lado de cada Igreja Católica, uma escola com o objetivo de educar cristãmente as crianças e os jovens conforme as orientações da própria Igreja, afastando-os do ensino leigo e suas prerrogativas. A percepção da grande carência de instrução escolar e religiosa das crianças entre as famílias petropolitanas mais pobres, assim como a ideia de escola como nucleadora da comunidade foram outras dessas razões.

Também no decorrer da pesquisa foi possível constatar que os *Livros de Leitura* estavam pautados nas orientações principalmente do Papa Leão XIII, nos anos iniciais da Escola Gratuita São José. Inclusive as lutas e resistências da Igreja Católica, do Episcopado Brasileiro e dos Franciscanos no final do século XIX, os quais contribuíram para uma aproximação do contexto presente nas demandas de formação e conformação de cidadãos saudáveis, civilizados e escolarizados. Orientações estas que foram contempladas nas páginas de cada um dos quatro *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José.

Em relação às temáticas privilegiadas, valorizadas e disseminadas pelos Franciscanos, percebeu-se que é recorrente nos quatro *Livros de Leitura* o conhecimento de Deus, a família, a escola, os deveres a serem conhecidos e cumpridos pelos alunos no embate com o contexto sociocultural da época. Contexto esse atravessado por tensões particularmente oriundas das visões de mundo mobilizadas e postas em circulação na modernidade; por demandas relacionadas à separação entre Estado e Igreja, à laicização da educação proposta pelos republicanos; por instituição do casamento civil e a possibilidade legal do divórcio. Assim sendo, os elementos relacionados tanto à materialidade como às temáticas valorizadas nos quatro *Livros de Leitura* flagram ideário de uma escola católica e franciscana a contrapelo de livros escolares e de uma imprensa de inspiração materialista, positivista e agnosticista.

Com base nos resultados alcançados, esta pesquisa atenta para demandas de investigações ainda a serem desenvolvidas, tais como: de que modo os *Livros de Leitura* podem auxiliar na compreensão dos pressupostos de alfabetização desenvolvidos nas salas de aula da Escola Gratuita São José? Qual a relação entre os *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José e outros *Livros de Leitura* nacionais editados e postos em circulação no mesmo período?

Embora suscetível a tensões, a pesquisa dos *Livros de Leitura* da Escola Gratuita São José foi fundamental para compreender a dimensão desse objeto no escopo da história da educação brasileira, de produção e de uso do material impresso nas escolas confessionais católicas.

REFERÊNCIAS

AGNUS DEI. Concílio Ecumênico de Trento. Disponível em: http://agnusdei.50 webs.com/trento.htm>. Acesso em: 18 jul. 2018.

AGUIAR, N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Soc. estado.**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 303-330, dez. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922000000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 jul. 2018.

ALMEIDA, J. R. P. de. Instrução pública no Brasil (1500-1889). 2. ed. São Paulo: Educ, 2000.

_____. Currículos da Escola Normal Paulista (1846-1920): Revendo uma Trajetória. Disponível em: http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/276/278. Acesso: 2 abr. 2011.

ANDRADE, J. M. F. de. **História da fotorreportagem no Brasil**: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ANDRADES, M. F. de (Org.). Editora Vozes: 100 anos de história. Petrópolis: Vozes, 2001.

ARAÚJO, M. M. de. Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região nordeste. In: **Revista Brasileira de História da Educação.** n. 1, Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2001.

AZEVEDO, F. A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4. ed. revista e ampliada. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

_____. A renovação e unificação do sistema educativo. In: _____. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos e Editora da USP, 1971. p. 663-718.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALDISSERA, J. A. O livro didático de história: uma visão crítica. Porto Alegre: Evangraf, 1994.

BARATA, A. M. **Luzes e sombras**: a ação da maçonaria brasileira (1870-1919). Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 1999.

BARBOSA, R. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública (1883). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947.

BASTOS, M. H. C. O ensino monitorial/mútuo no Brasil (1827-1854). In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004. v. II, p. 34-51.

BENCOSTTA, M. L. A. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **História e memórias da educação no Brasil,** vol.III. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, W. A Paris do segundo Império em Baudelaire — a boemia, o flâneur, a modernidade. In: KOTHE, F. (Org.). **Textos de Walter Benjamin**. Tradução de Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1985. p. 44-122.

Origem do drama trágico alemão . Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
Diasiliense, 1964.
Paris: capital do século XIX. In: KOTHE, F. (Org.). Textos de Walter Benjamin . Tradução de Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1985. p. 30-43.
Sobre arte, técnica, linguagem e política . Tradução de Maria Luz Moita. Lisboa: Relógic D'Água, 1992.
Magia e técnica, arte e política : ensaios sobre literatura e crítica cultural. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
BERGER, P. L. O dossel sagrado : elementos para uma teoria sociológica da religião. Tradução de José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIBLIOGRAFIA. In: Vozes de Petrópolis, Petrópolis, v. 1, n. 1, p. 315, março, 1918.

BIGO, P. As encíclicas. In: _____. **A doutrina social da igreja**. São Paulo: Loyola, 1969. p. 57-64.

BITTAR, M. O estado da arte em História da Educação brasileira após 1985: um campo em disputa. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I. M. (Org.). **Navegando pela História da Educação Brasileira**. Campinas, SP: Graf. FE: HISTEDBR, 2006. CD-ROM. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Marisa_Bittar_artigo.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2017.

BITTENCOURT, C. M. F. **Livro didático e produção do conhecimento histórico**: uma história do saber escolar. 374 f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993.

Livros didáticos entre textos e imagens. I	n: (Org.) O saber histórico na sala de
aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 69-90.	

- _____. Autores e Editores de Compêndios e Livros de Leitura (1810- 1910). In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 475-491, set/dez. 2004.
- BOCAIÚVA, Q. A instrução na Província (I-II-III). In: SILVA, Eduardo (Org.). **Ideias políticas de Quintino Bocaiúva**: cronologia, introdução, notas biográficas e textos selecionados. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986. v. 1, p. 136-144.
- BOLLE, W. Paris na Amazônia: um estudo de Belém pelo prisma das passagens. In: SEDLMAYER, S. e GINZBURG, J. (Orgs.). **Walter Benjamin**: rastro, aura e história. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 291-319.
- BONTEMPI JÚNIOR, B. A educação brasileira e sua periodização: vestígio de uma identidade disciplinar. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 5, jan.-jun., 2003.
- BOTO, C. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: n. 3, p. 493-511, set.-dez., 2004.
- BRASIL. **Coleção das Leis do Império do Brasil**: volume I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1824.
- _____. Collecção das Leis e Decretos do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Imperial Typographia de E. Seignot-Plancher, 1828.
- _____. **Decreto n.º 119-A, de 7 de janeiro de 189**0. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm. Acesso em: 04 nov. 2017.
- Lei de 15 de outubro de 1827. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Coleção das Leis do Império do Brasil de 1827 primeira parte. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional 1878, p. 71-73. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 14 maio 2018.
- BRESCIANI, M. S. M.. Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BUENO, J. B. G. **Imagens visuais nos livros didáticos**: permanências e rupturas nas propostas de leitura (Brasil, décadas de 1970 a 2000). 290 f. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- BUENO, J. B. G.; GUIMARÃES, M. F.; SILVA, L. B. O. Educação do olhar e das sensibilidades pela leitura de imagens visuais nos livros didáticos de história. **Horizontes**, v. 35, n. 1, p. 81-90, jan./abr. 2017. Disponível em: https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/498/207>. Acesso em: 02 maio 2018.
- BUENO, M. de F. **O corpo e as sensibilidades modernas**: Bragança (1900-1920). 295 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

BURKE, P. (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 2011. CALDEIRA, R. C. A formação de um catolicismo antimoderno no Brasil. In: . Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Curitiba: CRV, 2011, p. 83-106. CARVALHO, A. M. F. M. de; RIBEIRO, R. M. C.; SILVA, C. A. T.. O franciscanismo na cidade e sociedade do Rio de Janeiro. In: CARVALHO, A. M. F. M. de (Coord.). Memória da arte franciscana na cidade do Rio de Janeiro: convento e igreja de Santo Antônio, igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Rio de Janeiro: Artway/Artepadilla, 2011, p. 47-73. CARVALHO, J. M. de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. CARVALHO, M. M. C. de. Reformas da instrução pública. Org. por Eliane M. T. Lopes, Luciano M. de Faria Filho, Cynthia G. Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. _. Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 1998. CASTRO, Z. O. Antecedentes do Regalismo Pombalino. Estudos em homenagem a João Francisco Marques. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002. Disponível em: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2839.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018 CATÁLOGO DAS PUBLICAÇÕES DA CASA. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1911. CHALOUB, S. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2001. CHARTIER, R. (Org.) Práticas de leitura. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Liberdade, 1996. _. A história cultural: entre práticas e representações. Tradução de Mari Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. . A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1999. _. A história cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel. 2002. _. Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna: séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. ___. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 2003.

. A história ou a leitura do tempo. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica,

2009.

Especialista na história do livro, Roger Chartier comenta a polêmica criação de uma biblioteca eletrônica pelo Google e o privilégio a obras em inglês. Folha de São Paulo , São Paulo, 08 jan. 2006. Caderno Mais. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0801200615.htm . Acesso em: 24 jun. 2017.
CIRIGLIANO, G. F. Fenomenologia da educação . Tradução de Isaida Bezerra Tisott. Petrópolis: Vozes, 1969.
CHERVEL, A. L'histoire des disciplines scolaires: réflexions sur un domaine de recherche. Histoire de L'educacion , Paris, n. 38, p. 59-119, 1988. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/hedu_0221-6280_1988_num_38_1_1593 . Acesso em: 08 maio 2018.
CHIZZOTTI, A. Apresentação do tradutor. In: ALMEIDA, J. R. P. de. Instrução pública no Brasil (1500-1889) . 2. ed. São Paulo: Educ, 2000. p. 5-6.
CONFERÊNCIA DO REV. P. PARISI. Ensino leigo. Vozes de Petrópolis, 1917.
COLEÇÃO DAS LEIS DO BRASIL. Cartas de lei, alvarás, decretos e cartas régias: 1808-1837. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891.
CORRÊA, R. L. T., O livro escolar como fonte de pesquisa em história da educação. Educação & Sociedade . Campinas: n. 52, p. 11-24, nov. 2000.
CORTEZ, M. C.; SOUZA, C. A escola e a memória. Bragança Paulista: CDAPH, 2004.
COSTA, Â. M. da; SCHWARCZ, L. M. 1890-1914 : no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
COSTA, M. A. F da; COSTA, M. de F.B. da. Projeto de pesquisa : entenda e faça. Petrópolis: Vozes, 2011.
CRÔNICA DO CONVENTO DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Livro n. VII . Petrópolis. 1956-1958. p. 10.
CRUZ, M. dos S. Famílias e alunos de origem africana no Maranhão do século XIX. Cadernos de Pesquisa , São Paulo, vol. 41, n. 144, p. 928-947, set./dez. 2011.
Políticas de ações negativas e aspirações de famílias negras pelo acesso à escolarização na província do Maranhão no século XIX. Revista Brasileira de História da Educação , Rio de Janeiro, n. 20, p. 73-104, maio/ago. 2009.
CUNHA, L. A. Instituições de ensino de ofícios manufatureiras no Brasil Império. In: O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil oitocentista. 2. ed. São Paulo: Unesp;

_____. Mudanças na força de trabalho. In: _____. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil oitocentista**. 2. ed. São Paulo: Unesp; Brasília, Flacso, 2005. p. 81-

Brasília, Flacso, 2005. p. 109-144.

108.

CUNHA, M. T. S. No tom e no tema: escritas ordinárias da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTA, M. L. A. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas** – itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 79-99.

CURY, C. R. J.; HORTA, J. S. B.; FÁVERO, O. A Relação Educação-Sociedade-Estado pela Mediação Jurídico-Constitucional. In: FÁVARO, O. A Educação nas Constituintes Brasileiras 1823-1988. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. História da Leitura. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1992. p. 199- 236.

_____. O que é a história do livro? revisitado. Tradução de Lília Gonçalves Magalhães Tavolaro. In: **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 155-169, jan.-jun. 2008. Artigo originalmente publicado na Modern Intellectual History, 4, Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 495-508.

_____. A questão dos livros: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DUBOIS, C. G. O imaginário da renascença. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: UnB, 1995.

ECO, U.; BONAZZI, M. Mentiras que parecem verdades. São Paulo: Summus, 1980.

EDITORIAL. Quo vadis? In: **Vozes de Petrópolis**, Petrópolis, v. 1, n. 1, p. 1-2, jun. 1908.

ESCOLANO, A. La educación histórica del deseo. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 97-114, jan./jun. 2001.

EISENSTEIN, E. L. **A revolução da cultura impressa**: os primórdios da Europa moderna. Tradução de Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1998.

EPISCOPADO BRASILEIRO. Pastoral Coletiva. Rio de Janeiro: Tip. Montenegro, 1890. In: RODRIGUES, A. M. M. A igreja na república. Seleção e introdução: Anna Maria Moog Rodrigues. Brasília: Câmara dos Deputados; Editora Universidade de Brasília, 1981. p. 17-18.

FARIA, A. L. G. Ideologia no livro didático. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERRARI, M. Pesquisador francês estuda os significados sociais dados aos textos pelo autor e pelo leitor. **Nova Escola**, São Paulo: Abril, nº. 220, mar. 2009.

FERRARO, J. R. **Entre textos e imagens**: o compêndio de história do Brasil de Borges Hermida (1862-1975). 120 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FERREIRA, N. S. de A. O escritor da pena feiticeira: João Köpke (1852-1926). **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e161585, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100413&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 maio 2018.

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. da G. B. B. Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 323-329, dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-7972200500 0300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2018.

FIGUEIREDO, A. e P. **O ensino religioso no Brasil**: tendências, conquistas, perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREITAS, D. Resumo histórico da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. In: PROVÍNCIA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL. **Nas festas do centenário da independência nacional 1822-1922**. Petrópolis: Vozes, 1922. p. 9-129.

FREYRE, G. A propósito dos frades. Salvador: UFBA, 1959.

GALLO, S. e MORAES, J. D. Anarquismo e educação - a educação libertária na Primeira República. In: STEPHANOU, M. & BASTOS, M. **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 87-99.

GILZ, C. O livro didático na formação do professor de ensino religioso. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOMBRICH, E. H. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GONDRA, J. G.; SCHUELER, A. Educação, poder e sociedade no Império brasileiro. São Paulo: Cortez, 2008.

GOODSON, I. Currículo: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOULARTI FILHO, A. O transporte no complexo carbonífero catarinense. In: COSTA, M. O. e OSÓRIO, P. S. **Memórias e identidades**: as estruturas carboníferas como patrimônio cultural de Santa Catarina. Tubarão: Copiart; Criciúma: Ediunesc, 2017, p. 79-88.

GUIMARÃES, M. de F. **Corpo e cidade**: sensibilidades, memórias e histórias. Jundiaí, SP: Paco, 2013.

GUIMARÃES, M. F.; SOUZA, C. A. **Frei Pedro Sinzig**: da imprensa católica à privacidade das famílias. In: X Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – COLUBHE, 2014, Curitiba. Percursos e desafios na história da educação Luso-Brasileira. Curitiba: PUC-PR, 2014. v. 1. p. 1-12.

GUIMARÃES, M. F.; SOUZA, C. A.; CRUZ, O. A. **Frei Pedro Sinzig**: de um guia para as consciências às reminiscências exemplares. EDUCERE ET EDUCARE (VERSÃO ELETRÔNICA), v. 12, p. 1-15, 2017.

GUIMARÃES, M. F.; SOUZA, C. A.; GILZ, C. Fontes, arquivos e patrimônios escolares: do letramento digital às potencialidades de pesquisas em história e ensino de história. In: XIII EDUCERE, IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, SIRSSE e o VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD/CÁTEDRA

UNESCO), 2017, Curitiba. ANAIS... Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2017. v. 13. p. 8073-8084.

GUIMARÃES, M. F.; SOUZA, C. A. **Frei Pedro Sinzig**: da imprensa católica à privacidade das famílias. In: X Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação - COLUBHE, 2014, Curitiba. Percursos e desafios na história da educação Luso-Brasileira. Curitiba: PUC-PR, 2014. v. 1. p. 1-12.

GURGEL, E. A. **Imprensa e Igreja Católica no início do século XX**: convergências e divergências. 263 f. Tese (doutorado) — Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

HALLEWELL, L. O livro no Brasil: sua história. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

HEUSER, B. Regulamento e distribuição das matérias compiladas para escolas primárias católicas. Petrópolis: Tipografia das Vozes de Petrópolis, 1925.

HOBSBAWM, E. **A era das revoluções, 1789-1848**. Tradução de Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **A era do capital, 1848-1875**. Tradução de Luciano Costa Neto. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **A era dos impérios, 1875-1914**. Tradução de Siene Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. A história britânica e os Annales: um comentário. In: _____. **Sobre história**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 193-199.

_____. Todo povo tem história. In: _____. **Sobre história**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 185-192.

_____. A volta da narrativa. In: _____. **Sobre história**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 201-206.

IGLESIAS, T. C. Fontes franciscanas: os franciscanos na historiografia do Brasil e na história da educação brasileira. **HISTEDBR**, Campinas, n. 43, p. 254-267, set. 2011. Disponível em: historia-da-educacao-brasileira. Acesso em: 11 nov. 2017.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

JUNQUEIRA, S. R. A. **O processo de escolarização do ensino religioso no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KLOPPENBURG, B. **A Maçonaria no Brasil**: orientações para os católicos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1956.

estado do Rio de Janeiro. In: CASADEI, T. de O. Petrópolis: relatos históricos. Petrópolis: Jornal da Cidade, 1991. KUHLMANN JR., M. As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. _. Raízes da historiografia educacional brasileira (1881-1922). Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 106, p. 159-171, mar. 1999. KÜLKAMP, C. Fraternidade em currículo: uma história do Colégio Bom Jesus Canarinhos em Petrópolis, Rio de Janeiro. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. LEÃO XIII. Carta Encíclica Arcanum Divinae Sapientie – o matrimônio cristão, 10 de fevereiro de 1880. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 99-124. . Carta Ci Siamo Grandemente – aos Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de Turim, Verceli e Gênova, 1 de junho de 1879. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 61-67. . Carta Encíclica Exeunte Iam Anno – renovação da vida cristã, de 25 de dezembro de 1888. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 355-370. . Carta Encíclica Humanum Genus – a maçonaria, de 20 de abril de 1884. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 207-228. _. Carta Encíclica *Immortale Dei* – a constituição cristã dos Estados, de 1 de novembro de 1885. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 237-264. _. Carta Encíclica In Plurimis – abolição da escravidão, de 5 de maio de 1888. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 289-307. . Carta Encíclica *Inscrutabili Dei Consilio* – início do pontificado, 21 de abril de 1878. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 13-23. _. Carta Encíclica *Libertas* – a liberdade humana, de 20 de junho de 1888. In: DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 311-341.

KOELLER, J. F. Correspondência a Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho. Niterói: arquivo do

- ___. Carta Encíclica *Militantis Ecclesie* III centenário da morte do bem-aventurado Pedro Canísio, 1 de agosto de 1897. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 689-698. _. Carta Encíclica Nobilissima Gallorum Gens – ordenamento da sociedade doméstica e civil, de 8 de fevereiro de 1884. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 193-203. _. Carta Encíclica *Quamquam plures* – a devoção a São José, de 15 de agosto de 1889. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 373-380. . Carta Encíclica *Quod Apostolici Muneris* – socialismo, comunismo, niilismo, de 28 de dezembro de 1878. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 37-48. . Carta Encíclica *Quod Auctoritate* – convocação de jubileu extraordinário para a renovação dos valores católicos, de 22 de dezembro de 1885. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII (1878-**1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 267-274. . Carta Encíclica *Rerum Novarum* – sobre a condição dos operários, de 15 de maio de 1891. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 419-461. . Carta Encíclica Sapientiae Christiane – os deveres fundamentais dos cidadãos cristãos, de 10 de janeiro de 1890. In: **DOCUMENTOS DE LEÃO XIII** (1878-1903). Tradução de Honório
- LESAGE, P. La pédagogie dans les écoles mutuelles au XIX siècle. **Revue Française de Pédagogie**, n. 31, abr.-jun./1975, p. 62-69, Paris. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rfp_0556-7807_1975_num_31_1_1592. Acesso em: 14 maio 2018.

Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005. p. 383-408.

- LOPES, D. F. Uma história marcada por censura e resistência. In: **Observatório da Imprensa**, n. 488. Campinas: Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, 2008. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/entre-aspas/uma_historia_marcada_por_censura e resistencia/>. Acesso em: 12 nov. 2017.
- LOPES, E. M. O aprendiz de feiticeiro e o mestre historiador: quem faz a história. In: STEPHANOU, M. & BASTOS, M. **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 19-31.
- LOPES, M B. **O Rio em movimento**: quadros médicos e(m) história 1890-1920. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- LUCA, T. R. de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- LUSTOSA, I. O nascimento da imprensa brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

- LUSTOSA, O. F. **A Igreja Católica no Brasil e o regime republicano**. São Paulo: Loyola CEPEHIB, 1990.
- MACHADO, M. C. G. O decreto de Leôncio de Carvalho e os pareceres de Rui Barbosa em debate a criação da escola para o povo no Brasil no século XIX. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004. v. II, p. 91-103.
- MARGOTTO, L. R.; SOUZA, M. C. C. de. A psicologia entre notas, cópias e citações: periódicos educacionais paulistas (1902/1930). In: CARVALHO, M. M. C. de; VIDAL, D. G. **Biblioteca e formação docente**: percursos de leitura (1902-1935). Belo Horizonte: Autêntica; Centro de Memória da Educação Feusp; Finep, 2000.
- MARTINS, L. P. **Catecismo Romano**: serviço de animação eucarística mariana nova versão portuguesa baseada na edição autêntica de 1566. Anápolis: Múltipla gráfica Ltda. [1950?]. Disponível em: http://www.obrascatolicas.com/livros/Catecismo/Catecismo%20Romano%20Sao%20Pio%20V%20Ed%20Servico%20de%20Animacao%20Eucaristica%20Mariana.pdf>. Acesso em: 19 maio 2018.
- MATOS, H. C. J. **Nossa história**: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Tomo 2. Período imperial e transição republicana. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- MIRANDA, M. C. T. Os franciscanos e a formação do Brasil. Recife: UFPE, 1969.
- MONARCHA, C. História da educação brasileira: atos inaugurais. **Horizontes**, n. 14, 1996, p. 35-44.
- MOYSÉS, L. M. M.; AQUINO, L. M. G. T. As características do livro didático e os alunos. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 18, p. 5-14, 1987.
- MUNAKATA, K. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 217 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- _____. Das ideias à materialidade. In: BRAGHINI, K. M. Z.; MUNAKATA, K.; OLIVEIRA, M. A. T. de (Orgs.). **Diálogos sobre a história dos sentidos e das sensibilidades**. Curitiba: UFPR, 2017. p. 9-16.
- Livro didático como indício da cultura escolar. **Hist. Educ.**, Santa Maria, v. 20, n. 50, p. 119-138, dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592016000300119&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 fev. 2018.
- NAGLE, J. Introdução ao estudo da Escola Nova no Brasil (antecedentes). In: **Boletim da Cadeira de Teoria Geral da Educação**, Araraquara, v. 1, n. 2, 1964, p. 81-108.
- _____. O entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico. In: _____. **Educação e sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. p. 131-165.

- NEOTTI, C. **Cem Anos:** memória, celebração e renovação. Coleção Centenário, v. 8. Publicação oficial da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil por ocasião das comemorações do centenário da restauração em 1991.
- _____. Uma palavra de introdução. In: FRANCISCANOS NA EDUCAÇÃO. Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. Setor de Pastoral: Departamento de colégios e faculdades. Bragança Paulista: Departamento Gráfico das Faculdades Franciscanas, 1985.
- NEVES, L. M. B. P. das. Constituição: usos antigos e novos de um conceito no Império do Brasil (1821-1860). In: CARVALHO, J. M. de & NEVES, L. M. B. P. das (Orgs.). **Repensando o Brasil do Oitocentos**: cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 181-205.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n.10, p. 07-28, dez.1993.
- NOSELLA, M. L. C. D. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. 13. ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- NOVAIS, F. A.; SILVA, R. F. Introdução: para a historiografia da nova história. In: ______ (Orgs.). **Nova História em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 7-70.
- NUNES, C. A. instrução pública e a primeira história sistematizada da educação brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 93, p. 51-59, maio 1995.
- _____. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, E. M. T., FARIA FILHO, L. M. de e VEIGA, C. G. **500 anos de educação no Brasil**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 371-398.
- OLIVEIRA, C. H. de S. Estado, nação e escrita da História: proposta para debate. In: CARVALHO, J. M. de & NEVES, L. M. B. P. das (Orgs.). **Repensando o Brasil do Oitocentos**: cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- OLIVEIRA, C. R. G. A. de; SOUZA, R. F. de. As faces do livro de leitura. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 20, n. 52, p. 25-40, nov. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 maio 2018.
- OLIVEIRA, L. H. M. M. O projeto romanizador no final do século XIX: a expansão das instituições escolares confessionais. **HISTEDBR On-line**, Campinas, n.40, p. 145-163, dez.2010.
- OLSON, D. R. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. Tradução: Sérgio Bath. Revisão técnica: Rodolfo Ilari. São Paulo: Ática, 1997.
- PESAVENTO, S. J. **Exposições universais**: espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

PIMENTEL, M. Cinquentenário da Editora Vozes Ltda: 5 de março de 1901-1951. Petrópolis: Vozes, 1951.

PINTO JR. A. **Professor Joaquim Silva, um autor da história ensinada do Brasil**: livros didáticos e educação moderna dos sentidos (1940-1951). 260 f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PRIM, J. L. Escola Gratuita São José (1897-1985) e Instituto dos Meninos Cantores (1942-1985). In: **FRANCISCANOS NA EDUCAÇÃO**. Bragança Paulista: Depto. Gráfico das Faculdades Franciscanas, 1985.p. 1-26.

PRIMEIRO CATECISMO DA DOUTRINA CRISTÃ PARA USO DAS DIOCESES DAS PROVÍNCIAS ECLESIÁSTICAS MERIDIONAIS DO BRASIL. 2. ed. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1924.

PRIMEIRO LIVRO DE LEITURA. Editado pelos professores da Escola Gratuita São José. 13. ed. Petrópolis: Tipografia das Vozes de Petrópolis, 1919.

PROST, A. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, J. P. e SIRINELLI, J. F. (Dir.). **Para uma história cultural**. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998. p. 123-137.

QUARTO LIVRO DE LEITURA. Editado pelos professores da Escola Gratuita São José. 3. ed. Petrópolis: Tipografia das Vozes de Petrópolis, 1917.

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RAMOS, F. **Trindade Coelho, homem de letras**: o contista, o esteta e o pedagogista. Coimbra: Livraria Almedina. 1947.

RAZZINI, M. P. G. Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPHANOU, M. e BASTOS, M. H. C. **Histórias e memórias da educação no Brasil** – séculos XVI-XVIII. Petrópolis: Vozes, 2004, vol. I, p. 100-113.

ROMAG, D. **História dos franciscanos no Brasil**: 1500-1659. Curitiba: Tipografia João Haupt & Cia., 1940.

RÖWER, B. A Ordem Franciscana no Brasil. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1947.

_____. **História da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil**: através da atuação de seus provinciais de 1677 a 1901. Petrópolis: Vozes, 1951.

_____. **Páginas de História Franciscana no Brasil**: esboço histórico e documentado de todos os conventos e hospícios fundados pelos religiosos franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Sul do Brasil, desde 1591 a 1758, e das aldeias de índios administradas pelos mesmos religiosos desde 1692 a 1803. Petrópolis: Vozes, 1941.

O convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro : sua história, memórias, tradições. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1945.
Os religiosos da Província da Imaculada Conceição e seus trabalhos literário-artísticos. In: A PROVÍNCIA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL. Nas festas do centenário da independência nacional 1822-1922 . Petrópolis: Vozes de Petrópolis: 1922. p. 192-201.
SANGENIS, L. F. C. Franciscanos na educação brasileira. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). Histórias e memórias da educação no Brasil . Petrópolis: Vozes, 2004. p. 93-17.
SANTOS, P. F. Formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
SAVIANI, D. História das ideias pedagógicas no Brasil . Campinas: Autores Associados, 2007.
SEGUNDO LIVRO DE LEITURA. Editado pelos professores da Escola Gratuita São José. 5. ed. Petrópolis: Tipografia das Vozes de Petrópolis, 1917.
SCHAETTE, E. Contribuição à História de Petrópolis. In: Centenário de Petrópolis : trabalhos da comissão, v. VI. Petrópolis: Prefeitura Municipal de Petrópolis, 1943.
Os religiosos da Província da Imaculada Conceição e a escola. In: PROVÍNCIA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL. Nas festas do centenário da independência nacional 1822-1922 . Petrópolis: Vozes, 1922. p. 203-229.
SCHELBAUER, A. R. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). Histórias e memórias da educação no Brasil . Petrópolis: Vozes, 2005. v. II, p. 132-149.
SINZIG, P. Die einzelnen Klöster der Provinz. In: Jahrbuch der südbrasilianischen franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empängnis . Tradução de Frei Lauro Both. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1910. p. 43-52.
Petrópolis. In: Jahrbuch 1910 der Südbrasilianischen Franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfängnis : Im Auftrage des Provinzialates herausgegeben. Tradução de Frei Lauro Both. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1911. p. 13-21.
SOUZA, C. A. de. Biblioteca do Instituto Franciscano de Antropologia : histórias e memórias. 144 f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
Da censura às práticas de leitura: Frei Pedro Sinzig, da imprensa católica à privacidade das famílias. In: Pesquisas e políticas públicas: a convergência necessária, 2012, Campinas. XVIII Encontro de iniciação científica, XI Encontro de pós-graduação, VII Encontro de extensão universitária, Seminário de Estudos do Homem Contemporâneo – V Ciclo. Bragança Paulista: Edusf, 2012.

- SOUZA, C. A. de. GILZ, C. Um patrimônio cultural nas memórias da imprensa no Brasil: nos rastros da revista Vozes de Petrópolis. In: **Anais** eletrônicos do III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação Criciúma, 2018.
- SOUZA, C. A.; GUIMARÃES, M. F. **Violetas:** de Frei Pedro Sinzig às visões de mundo e sensibilidades de uma obra. Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil), v. VIII, p. 804-808, 2014.
- _____. Ensino de História: o estudo das práticas de ensino utilizando documentos judiciais, periódicos impressos e narrativas orais. Subprojeto Ensino de História e letramento digital USF. In: **XI ENPEH Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História**, 2017, Rio de Janeiro. Pesquisa em Ensino de História: desafios de um campo de conhecimento. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. p. 104-105.
- SOUZA, C. A. de; MARTINS, M. do C. Biblioteca Franciscana e memória: como identidades se inscrevem. In: PAIM, E. A.; GUIMARÃES, M. de F. (Org.). **Educar em tempos e espaços que se cruzam**: ruas, escolas, museus e arquivos. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017. p. 169-190.
- SOUZA, R. F. de. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 51, nov. 2000.
- SOUZA, R. F. de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educ. rev.** Curitiba, n. 18, p. 75-101, Dec. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 maio 2018.
- OLIVEIRA, M. A. T. O pensamento de Edward Palmer Thompson como programa para a pesquisa em história da educação: culturas escolares, currículo e educação do corpo. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 16, p. 147-169, jan./abr. 2008.
- TAMBARA, E. Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. **26.ª Reunião Anual da ANPEd**: novo governo, novas políticas?. Poços de Caldas, 5 a 8 de outubro de 2003. Grupo de Trabalho, n. 02 História da Educação. Disponível em: http://26reuniao.anped.org.br/tpgt02.htm. Acesso em: 15 nov. 2017.
- TANURI, L. M. Historiografia da educação brasileira: contribuição para o seu estudo na década anterior à instalação dos cursos de Pós-Graduação. **História da Educação**, n. 3, v. 2, abr. 1998.
- TAVARES, L. H. D. **O primeiro século do Brasil**: da expansão da Europa Ocidental aos governos gerais das terras do Brasil. Salvador: Edubra, 1999.
- TERCEIRO LIVRO DE LEITURA. Editado pelos professores da Escola Gratuita São José. 4. ed. Petrópolis: Tipografia das Vozes de Petrópolis, 1917.
- THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Introdução: costumes e cultura. In:	Costumes em comum. Tradução de Rosaura
Eichemberg. 5. ed. São Paulo: Companhia das Le	etras, 1998. p. 13-24.
Tempo, disciplina de trabalho e capitalis:	mo industrial. In: Costumes em comum.
Tradução de Rosaura Eichemberg. 5. ed. São Pau	ılo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304.
	al. In: NEGRO, A. L. e SILVA, S. (Orgs.). gos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

VALLADARES, E. M. O declínio do império – o advento da república. In: AMARAL, Sonia Guarita do (Org.). **O Brasil como império**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

VERÍSSIMO, J. A educação nacional. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

VIANNA, H. Contribuição à história da imprensa brasileira (1812-1869). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

VIEIRA, C. E. Intelectuais e o discurso da Modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba, 1927). In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 379-400.

ZOLA, É. Germinal. Tradução de Eduardo Nunes Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

ANEXOS

ANEXO A: Regulamento e Distribuição das Matérias: Compilados para Escolas Primárias Católicas do ano de 1925

REGULAMENTO

E

Distribuição das materias

compilados para

Escolas Primarias Catholicas

por

F. B. H.

Professor da

«Escola Gratuita São José» de Petropolis



1925
Typographia das «Vozes de Petropolis»
Petropolis — Est. do Rio

REGULAMENTO

E

Distribuição das materias

compilados para

Escolas Primarias Catholicas

por

F. B. H.

Professor da

«Escola Gratuita São José» de Petropolis



1925 Typographia das «Vozes de Petropolis» Petropolis — Est. do Rio

REGULAMENTO

CAPITULO I

Da Escola e seu fim

A Escola tem por fim proporcionar ao alumno, além de instrucção e educação religiosa, uma so-

lida e completa instrucção primaria.

O ensino completo da Escola abrange 3 cursos, que são distribuidos em curso elementar (I° e IIº annos); curso medio (IIIº anno) e curso complementar (IV e Vº annos).

CAPITULO II

Da matricula

Quem deseja matricular se na Escola deve ser apresentado pelo pae ou seu substituto ao Reitor ou a quem suas vezes fizer.

Ao mesmo tempo deve trazer por escripto, além do attestado de bôa conducta e de ser livre de molestia contagiosa, seu nome completo, o dia do nascimento, egreja em que foi baptizado, o nome dos paes, sua residencia e profissão.

Tambem deve ser declarado si o pretendente

já frequentou outra escola. Não serão admittidos alumnos menores de seis annos.

_ 4 _

CAPITULO III

Da disciplina

Os paes que mandarem seus filhos á Escola deverão tomar a responsabilidade de: 1º Mandal-os em todos os dias de aula pontualmente á Escola,

2º Fazel os assistir, nos domingos e días santificados

de preceito, á santa Missa collegial.

NOTA: Quem não puder comparecer ás aulas ou á missa marcada para os domingos e dias santificados, por motivo de doença, tem de communical o ao professor por meio de uma justificação escripta pelo pae ou seu substituto. A mesma justificação escripta deve ser apresentada, quando, por qualquer motivo justo, não se pôde pedir anteriormente a licença necessaria. O alumno que faltar 3 domingos consecutivos á s. missa ou 10 dias consecutivos á escola, sem mandar uma justificação razoavel, escripta pelo pae ou seu substituto, poderá ser eliminado.

3º Cuidar que os alumnos compareçam sempre trajados com asseio e com os utensilios escolares ne-

cessarios.

Velar pela bôa conducta do alumno no caminho de casa á escola e vice versa, e influindo este comportamento, pelo qual a directoria da Escola não póde tomar a responsabilidade, poderosamente na bôa educação do alumno e reputação do estabelecimento roga-se aos paes queiram cuidar neste ponto.

Impontualidade frequente, tanto das aulas como das missas de preceito, preguiça incorrigivel, insubordinação e desobediencia teimosa, desrespeito aos professores, sobretudo vicios quaesquer de immoralidade, mesmo em palavras, assim como máu comportamento em geral, tambem no caminho da casa á escola e vice versa, serão causa de expulsão da Escola.

CAPITULO IV

Das aulas

O anno lectivo começa no primeiro dia util depois do dia de Reis e encerra-se na semana antes do ultimo domingo de Novembro.

As aulas funccionarão das 8 1/2 ás 14 horas O recreio principal para todas as classes é de 11 3/4 ás 12 1/2 horas.

 E' permittido, sos alumnos que moram perto da Escola, ir almoçar em casa neste recreio, com a condição, porém, de estarem novamente presentes á hora da entrada.

- Ha ainda um recreio das 10 ás 10 1/4; neste

recreio ninguem poderá sahir á rua.

- Aos sabbados não haverá aula.

O anno lectivo será encerrado com um exame

final em cada classe.

O alumno que não mostrar o aproveitamento exigido pela respectiva classe não poderá passar para

a classe immediatamente superior.

Os paes terão conhecimento do aproveitamento annual do alumno nas diversas materias e de seu comportamento, pelos certificados conferidos pela Es-cola. Estes attestados ou Boletins têm por fim obter o apoio e cooperação dos paes na educação e instrucção dos proprios filhos.

As promoções de alumnos só deverão effectuar-

se no fim do anno lectivo. Os dias feriados são:

a) Os dias santificados de preceito.

b) Segunda e terça feira do Carnaval, da quarta feira das trevas até terça feira da Paschoa exclusive, segunda feira de Pentecostes, Sagrado Coração de

Nossa Senhora das Candeias, Annunciação de Nossa Senhora, Natividade de Nossa Senhora; São José, (19 de Março), Patrocinio de S. José, Porciuncula, S. Francisco;

c) As festas nacionaes brasileiras,

d) Oito dias de ferias no fim de Junho;

e) O dia onomastico do Director.

CAPITULO V

Do corpo docente

O trabalho do preceptor é educar bem as creancas, desenvolver lhes o espirito e formar lhes o coração, conseguir assim com mais segurança fazer-lhes conhecer, amar e servir a Deus, Estas funcções constituem uma verdadeira missão e não uma profissão ordinaria.

A familia, a patria, a sociedade confiam ao pro-

fessor os seus maiores interesses.

O professor tem nas suas mãos o futuro das creanças sob o triplice ponto de vista material, intellectual e moral. Daqui decorre que o preceptor deve aperfeiçoar os corações e os costumes dos seus discipulos; é por isso de necessidade que tenha mesmo costumes puros e dê bom exemplo em todo o seu exterior e em suas relações. A pureza de costumes não póde existir sem a piedade, pois, como se póde ensinar a religião sem se ser sinceramente religioso? Por isso, esforce se a assistir quotidianamente á santa Missa e a receber frequentemente os santos sacramentos.

Na educação tudo se baseia na affeição que as creanças dedicam ao mestre; dahi confiança, ebediencia, contentamento, applicação, adiantamento. Mas, para obter a affeição das creanças, é preciso que o mestre as ame verdadeiramente. Este amor, para ser verdadeiro e salutar, deve ser isento de fraqueza; é necessario saber usar de severidade e rigor nas occasiões opportunas. E' indispensavel que o mestre seja o primeiro a conformar-se com o regulamento; terá uma pontualidade especial nas horas da entrada, e durante as aulas e o recreio não deixará nunca os alumnos a sós.

O mestre prepare sempre bem as suas lições, de modo a tornar o ensino proveitoso, attrahente e interessante, recorrendo ás interrogações e digressões accommodadas, assim como aos quadros e objectos de intuição, etc.

Dedique-se todos os dias ao estudo, primeiro para conservar os conhecimentos adquiridos; depois, porque deve saber muito mais do que aquillo que ensina; emfim, para melhor conhecer os meios de ensinar.

Do regimen escolar

 Os trabalhos escolares começarão ás 8.30 horas da manhã, terminando ás 2 horas da tarde, assim distribuido o tempo de trabalho.

> De 8.30 a 9.15 horas De 9.15 a 10

primeira aula: segunda aula. De 10 a 10.15 De 10.15 a 11 De 11 a 11.45 De 11 45 a 12.30 De 12.30 a 1.15 De 1.15 a 2 horas intervallo. terceira aula. quarta aula. intervallo. quinta aula. sexta aula.

2. Começando as aulas ás 8.30 horas em ponto, o professor deverá achar-se na sala da escola pelo menos ás 8 horas e cuidar que os alumnos entrem na escola em silencio e occupem-se proveitosamente. As terças e quintas-feiras os alumnos devem assistir á missa collegial das 8 horas. Durante este tempo, as salas das aulas ficarão fechadas. Nos outros dias o tempo das 8 ás 8.30 horas é aproveitado para inspecção dos trabalhos feitos em casa. No mesmo tempo o professor cuide que os alumnos appareçam sempre asseiados e limpos e munidos dos necessarios utensilios escolares.

Não é permittido aos alumnos demorar-se no pateo de recreio, nem antes nem depois das aulas.

Os alumnos que chegarem tarde ás aulas devem ser chamados á ordem, reprehendidos, e, si recahirem frequentemente nesta falta, seja isto communicado ao reitor, que tomará as providencias necessarias.

Em caminho para a egreja, os alumnos formam fileiras e guardam silencio. Da mesma fórma na volta para o collegio. Todo o rigor neste ponto é pouco, porque as pessôas que assistem á entrada ou á sahida dos alumnos fórmam muitas vezes juizo sobre a disciplina do collegio.

3. Em horario minucioso, as disciplinas que constituem o programma serão distribuidas por estes diversos tempos de trabalho.

O horario deverá figurar em todas as salas da

aula, em logar visivel.

Durante o ensino observe-se pontualmente o horario prescripto, como também a distribuição das materias.

A inobservancia do horario, sob qualquer pretexto, é considerada infracção grave do regulamento.

4. O professor indique a cada alumno um logar certo e conveniente, que sem licença especial sua não poderá ser trocado com outro.

5. Nenhum alumno poderá retirar-se da Escola

antes de findos os respectivos trabalhos, salvo caso de molestia

- 6. O methodo de ensino adoptado nesta Escola consiste em fazer participar da lição todos os alumnos ao mesmo tempo, e não leccionar individualmente para cada um, deixando os outros entregues a si mesmos e sem occupação.
- 7. Durante as lições o professor habitue os alumnos:
- a) á obediencia exacta, só lhes ordenando o que podem executar.

b) á ordem e ao silencio.

Todos os alumnos tomam uma posição correcta e uniforme, tendo as mãos sobre as carteiras. Interrogando o professor os alumnos, não consentirá que todos respondam ao mesmo tempo, ou estalem os dedos, levantem-se ou chamem o professor, mas indicará pelo nome ou por um signal o alumno que deve responder. O professor deve conservar seu logar em frente aos meninos e evitar tanto quanto possivel entrar nos bancos ou passear na classe durante a lição. O professor não permittirá tambem que os alumnos murmurem entre si as respostas das perguntas feitas. A leitura em commum e os exercicios collectivos devem restringir-se quanto possivel, pela perturbação que trazem ás demais aulas.

- 8. A entrada e a sahida devem ser feitas em bôa ordem. Depois do signal do sino, os alumnos formam em fileiras no pateo do collegio e só depois entram nas salas, em silencio. Vozeria e agglomeração são consequencias inevitaveis de desordem.
- 9. Nos intervallos, os alumnos permanecerão nos pateos do collegio. No intervallo ás 10 horas nenhum alumno póde sahir á rua; no intervallo ao meio dia os alumnos que moram perto do collegio pódem almoçar em casa, mas devem estar presentes na hora da entrada.

10. Na fiscalização dos alumnos durante os intervallos pódem revezar se os professores das escolas diversas, de modo a que haja sempre dois professores na fiscalização.

11. Durante os intervallos, as salas das aulas ficam fechadas, de maneira que os alumnos nellas não possam entrar; mas as janellas devem estar abertas.

12. Sob nenhum fundamento poderá o tempo de intervallos ser empregado em trabalhos escolares sem a presença do professor.

As inobservancia das determinações sobre a inspecção nos intervallos é considerada infração grave

do regulamento.

13. O professor vigie sobre o comportamento dos alumnos nas aulas e nos recreios e não consinta de fórma alguma que os mesmos pratiquem qualquer

acção contra a moral.

14 O professor incuta nos alumnos a observancia ás regras de civilidade, tanto entre si como, especialmente, para com os adultos. Não permittirá que nas horas de recreação um jogue o outro no châo, atirem os chapéos, bonets ao mesmo, estraguem ou

sujem a roupa.

15. O professor prohiba severamente entre seus alumnos: a) mentiras; b) acqusações reciprocas desnecessarias; c) arrogancia; d) estudo com voz alta na classe) e) venda ou troca de objectos; f) comer, correr e falar na sala escolar; g) sahidas frequentes durante as lições.

16. O professor deve zelar que os alumnos assistam ás missas de preceito, dando parte ao reitor

das faltas dos alumnos a esta obrigação.

17. E' vedado ao professor:

a) empregar em seu serviço particular os alumnos.

 b) occupar os alumnos com trabalhos fóra da aula, durante as lições;

c) occupar se de assumptos estranhos á escola durante as horas de aula.

d) ausentar-se da classe a seu cargo e deixar os alumnos a sós.

e) receber qualquer remuneração pelo ensino dado aos alumnos da sua escola.

f) fumar durante as aulas.

18. A pena de eliminação de um alumno deve ser autorizada pelo reitor.

Quando imposta a pena de eliminação, será lida a ordem que a contiver, em plena aula, para sciencia dos demais alumnos.

19. Compete ao professor escripturar com cuidado, asseio e exactidão, o diario da classe, o qual apresentará todos os mezes ao reitor, para revisão, (As notas no diario só pódem ser feitas com

tinta e não a lapis.)

20. O professor cuida que a sala da escola e o pateo sempre se apresentem limpos a que os alumnos depositem papel e cascas de fructas nas caixas de lixo.

21. Cada dia marque no diario da classe uma lição de casa.

22. No fím do anno escolar os alumnos hão de apresentar:

20 exercicios de dictado

20 « composição 40 « arithmetica

todos estes, como as lições de calligraphia, deverão ser devidamente corrigidos e assignalados pelo professor.

CAPITULO VI

Das reuniões de professores

As reuniões de professores realizar se ão na ultima sexta feira de cada mez. Todos os professores são obrigados a comparecer. Serão objecto de discussão os interesses escolares. Para que estas conferencias tenham o exito desejado é mistér que os professores communiquem as experiencias feitas no ensino e façam propostas a bem da Escola. Interesses pessoaes dos professores não são da esphera destas reuniões. Para constarem os actos e resoluções do corpo docente em reunião serão lavradas as actas, elaboradas pelo secretario que será nomêado annualmente pelo reitor. Nestas reuniões será tambem designada a materia para as lições de pratica escolar.

Na ultima reunião do anno escolar serão discutidas as promoções dos alumnos de uma classe para a classe immediatamente superior, á vista das notas annuaes.

CAPITULO VII

Da Bibliotheca

1. Para que os professores tenham mais facilidade em fazer suas preparações e aperfeiçear se no magisterio existe uma bibliotheca, contendo livros didacticos em diversas linguas. Além disso, está á sua disposição um grande numero de quadros intuitivos, mappas, apparelhos, etc., para as diversas materias de ensino.

2. A conservação tanto da bibliotheca como dos

utensilios compete ao bibliothecario.
3. Quem retirar um livro ou objecto qualquer da bibliotheca deve communical-o ao bibliothecario, que fará os respectivos assentos.

4. Nenhum livro ou objecto será dado durante

as horas escolares.

5. Livros e objectos não deverão ficar nas classes além das sextas feiras, tendo os professores a obrigação de remettel-os ao bibliothecario.

6. Annexa á bibliotheca dos professores, haverá uma secção especial de leitura amena para os alu-

mnos e seus paes.
7. Os mesmos podem receber os livros aos domingos, depois da missa collegial, devolvendo-os no

prazo maximo de tres semanas.

8. Quem exceder o prazo marcado, deverá pagar uma multa de 200 réis por semana que passou; quem damnificar ou perder um livro, ha de substituil o ou pagar o seu valor.

CAPITULO VIII

Disposição geraes

1. Os alumnos assistem, além da missa de preceito nos domingos e dias santos, duas vezes por semana á missa collegial. Durante as missas os alumnos rezam e cantam alternativamente.

2. Em todas as primeiras sextas-feiras do mez, haverá adoração do S.S. Sacramento.

3 Nas segunda e terça-feira do Carnaval as classes farão adoração ao S. S. Sacramento.

4. A primeira communhão realizar se-á no fim do anno escolar, precedida de um retiro espiritual de tres dias.

5. Em tempo marcado pelo director tambem os professores seculares terão o seu retiro espiritual

6. No primeiro domingo de cada mez haverá communhão geral ás 8 horas de manhan, para os alumnos e ex-alumnos. É recommendado que tambem os proprios professores tomem parte nesta communhão. Para os alumnos haverá uma pequena conferencia de preparação.

7. Os alumnos do 1º. anno escolar farão a sua primeira confissão, depois da devida preparação, no fim do anno; os outros alumnos farão as suas confissões:

II anno no mez de Abril, Julho e Outubro. III anno no mez de Março, Junho e Setembro. IV e V annos no mez de Fev., Maio e Agosto.

8. Na festa do padroeiro da Escola haverá communhão geral dos alumnos e professores, missa solemne e á tarde uma festa escolar. Outra festa escolar terá logar na occasião do encerramento do anno escolar.

9. No dia da abertura das aulas, haverá missa com benção do SS. Sacramento e invocação do Espirito Santo.

CAPITULO IX

Do ensino

O programma de ensino da Escola Gratuita comprehende as seguintes disciplinas: Religião, portuguez, arithmetica, geometria, historia do Brasil, historia universal, geographia, historia natural, physica e chimica, calligraphia, desenho, canto, gymnastica.

1º. RELIGIÃO

1º. Entre as disciplinas que constituem o programma de ensino das escolas primarias, a religião occupa incontestavelmente o primeiro logar, por causa da sublimidade de seu conteúdo, da alta importancia que tem para cada individuo em particular, para toda a sociedade humana e para a proficuidade do trabalho na escola.

2º. A bôa e conscienciosa subministração dos ensinamentos da religião offerece sérias difficuldades, por isso é dever do catechista envidar todo o seu esforço para que torne esta materia de ensino a mais

proveitosa possivel. Deve-se, portanto, exigir do ca techista:

a) que tenha adquirido o conhecimento necessario da religião e que por estudo continuo se vá aperfeiçoando e aprofundando cada vez mais na ma-

b) que esteja penetrado dos verdadeiros sentimentos religiosos e mesmo ame e pratique a religião, pois só póde ensinar bem a religião quem mesmo a possue;

c) que se prepare conscienciosamente, para cada lição de doutrina, pelo estudo e pela oração (nesta intenção reze tambem em commum com seus alumnos antes e depois da doutrina).

3º. O ensino da religião é desdobrado em tres ramos: um historico, um systematico e um pratico.

a) O ramo historico é a historia sagrada. Ella forma a base do ensino religioso na escola primaria. A historia sagrada fará parte do programma de cada um dos tres cursos constitutivos da Escola Gratuita. No I anno do curso elementar é o centro do ensino religioso, em torno do qual giram os outros ramos.

No II anno do curso elementar e nos cursos

No II anno do curso elementar e nos cursos medio e superior será ensinada em lições especiaes, em conformidade com o compendio que se acha nas mãos dos meninos.

No curso superior é completado pela historia eccleslastica.

b) O ramo systematico de religião consiste no catecismo. No I anno do curso elementar o ensino do catecismo liga se ao da historia sagrada; nos outros annos será subministrado como ramo especial de ensino.

c) A execução pratica da religião no culto é objecto da liturgia, que comprehende os ensinamentos sobre a oração, o culto, as ceremonias, os canticos, as festas e os tempos festivos e tem por fim levar os alumnos a participar com entendimento da vida ecclesiastica. O ensino da liturgia, como ramo especial de ensino, começa no segundo anno do curso elementar.

CANTICOS SACROS

O cantico sacro, por causa de sua alta importancia na liturgia, deve ser cuidadosamente cultivado na escola primaria. O professor explique o texto dos canticos, de modo que os alumnos cantem com enten-

dimento e expressão.

A distribuição dos canticos é conforme os tempos e festas do anno ecclesiastico. O ensino dos canticos sacros começará regularmente com o II anno do curso elementar.

2º LINGUA PORTUGUEZA

Depois da religião, o dom da fala é o maior bem de cada individuo e de toda a sociedade. A lingua portugueza é, por isso, depois do ensino da religião, a disciplina de maior importancia na escola primaria.

Cada lição tem de offerecer ao alumno occasião para sperfeiçoar se na lingua materna tanto oralmen-

te como por escripto.

Em todas as materias e lições o professor deverá: 1º. explicar as palavras desconhecidas ou menos familiares;

2º dar occasião ao alumno para exprimir o m

seus pensamentos verbal e graphicamente;

3º limitar quando possivel o numero de perguntas;

4º exigir do alumno uma pronuncia correcta e

expressiva.

O ensino da lingua portugueza desdobra-se nos seguintes ramos na escola primaria:

a) leitura, b) grammatica, c) orthographia, d) lições de cousas, e) composição, f) calligraphia.

a) LEITURA

A leitura no I anno do curso elementar ensina aos alumnos a distinguir as letras, a pronuncial-as e a reunir os sons representados por essas letras para

former syllabas, palavras e phrases. O II anno do curso elementar por uma leitura corrente torna os alumnos aptos para ler de modo preciso, facil, claro e com a sufficiente rapidez, uma successão de phrases ligadas pelo sentido, pronunciando correctamente as palavras, sem as estropear e repetir, fazendo ouvir com exactidão os sons e as sy llabas, e observando as pausas e as ligações confor me a harmonia.

A leitura expressiva, que faz parte do programma dos cursos medio e complementar, consiste em accentuar perfeitamente, pelas entonações, inflexões e movimentos da voz, as differentes vistas do espirito e os diversos sentimentos do escriptor.

Em cada semana hão de ser tratados dois trechos de leitura, dos quaes, mensalmente, dois em prosa e um em verso formarão a leitura explicada (statarisches Lesen). O mesmo vale para o curso medio e complementar.

b) GRAMMATICA

O professor deverá facilitar e amenizar a seus alumnos o estudo da grammatica; é indispensavel que ensine a seus discipulos as principaes regras da grammatica, não, porém, por este processo rotineiro e não intelligente que, á força de penosas repetições, faz penetrar na memoria das creanças, e por bem ou por mal, as formulas abstractas e incomprehensiveis. Substitua, por isso, as definições abstratas por explicações faceis e claras, e procure por meio de numerosos exercícios despertar nos alumnos o gosto pelo estudo da propria lingua; desenvolva-lhes o raciocinio e habitue os a pouco e pouco a exprimir seus pensamentos com clareza e correcção.

c) ORTHOGRAPHIA

«A orthographia, cousa que o alumno precisa possuir mechanicamente, como resultado de uma educação que a automatize; e isto só se póde obter fazendo com que o alumno escreva certo, cada palavra, desde a !* vez que escreve. Por isso é indispensavel que o professor prepare o exercicio de modo que nenhum erro seja commettido. Um erro no dictado deve ser considerado uma falta do professor.» M. Bomfim.

d) LIÇÕES DE COUSAS

As lições de cousas devem ser consideradas como a base e a alma de todo o ensino elementar. Elle trata no I anno do curso elementar dos objectos familiares aos alumnos, afim de ratificar-lhes as noções conhecidas e obter novas por um ensino correcto e methodico. Em cada lição deverão formar os alumnos 6 a 8 phrases pequenas, as quaes, pelas repetições continuas, fiquem inteiramente propriedade do alumno. Estas phrases constituirão as composições para o II anno do curso elementar.

e) COMPOSIÇÃO

O professor deve esforçar-se para que os alumnos adquiram um bom estylo. O bom estylo não só consiste na elocução, que é a perfeita manifestação dos pensamentos por meio da palavra falada, como ainda na redacção, que é a perfeita manifestação dos pensamentos mediante a palavra escripta. Por isso, o professor não deixará de fazer diariamente variados exercicios de estylo. O assumpto para as composições será tirado de qualquer materia do ensino, como tambem de factos e occurrencias da vida do alumno. Merecerão especial attenção para o curso complementar elaborações de cartas, endereços; etc., tanto familiares como commerciaes, assim como requerimentos, circulares, recibos, letras e as principaes noções sobre a escripturação mercantil.

O ensino methodico de composição começa no curso medio. De quinze em quinze dias o alumno ha de apresentar uma composição, elaborada num caderno apropriado. No curso complementar, uma das horas marcadas para calligraphia pode servir para passar a limpo a composição.

f) CALLIGRAPHIA

O ensino da calligraphia deve ser pratico e racional, de modo que se não dê aos discipulos sinão exercicios uteis e convenientemente explicados. Nas lições de calligraphia o professor observe os seguintes pontos:

- Desenvolver a letra, que deve ser exercitada á vista de todos os alumnos no quadro negro.
- 2. Decompor a letra em suas partes, dandolhes os nomes apropriados.
- Verificar por meio de perguntas si o alumno comprehendeu a explicação,
 - 4. Vigiar sobre a posição da penna, do cader-

no e do corpo do menino, assim como sobre o asseio na escripta e nos cadernos.

5. Corrigir no quadro negro, á vista de todos os alumnos, os erros encontrados na escripta dos mesmos.

A calligraphia se fará no curso elementar em cadernos com linhas duplas; nos outros cursos, os cadernos terão linhas simples.

No primeiro anno do curso elementar o ensino da calligraphia corre annexo á materia do I livro de leitura. No segundo semestre os alumnos começam a escrever em cadernos as letras minusculas, conforme a serie seguinte: i, u, iu, n, m, r, v.

me a serie seguinte: i, u, iu, n, m, r, v.
t, l, b, h, k, j, y, p, 1, 4, 7.
o, a, p, g, q, c, c, e, 0, 6, 9.
s, f, z, x, 2, 3, 5, 8.

II ANNO DO CURSO ELEMENTAR

i, u, n, m, r, v, 1
t, l, b, h, k, j, y, p 4, 7, 0.
o, a, d, g, q, c, o, e, é, ê, ã, 6, 9.
s, f, z, x, r, 2, 3, 5, 8.
br, vr, fr; O. Q, C, G, E.
V, U, Y, J, Z,
I. T, F, P, B, R.
H, K, D. S, L.
N, M, A, X.

A distribuição para os outros cursos é a mesma, accrescentando-se para o curso medio palavras e pequenas phrases; para o curso complementar, phrases e trechos faceis.

3. ARIHMETICA

Ao estudo da arithmetica applicam se as mesmas regras particulares a que sujeitam-se os outros, e que decorrem dos methodos didacticos. O ensino deve ser intuitivo, raciocinado, pratico, methodico e graduado, e exposto com clareza.

4. GEOMETRIA

O ensino da geometria tem uma importancia dupla: 1º cultivar o intellecto dos alumnos; 2º darlhes conhecimentos e habilitações valiosos para a vida pratica. Por isso, o ensino da geometria na escola primaria tem o fim de proporcionar ao alumno o conhecimento das principaes figuras e corpos geometricos.

a) Pela intuição distinguir a differença das formas e conhecer suas qualidades caracteristicas.

b) Represental as pelo desenho.

c) Medir e calculal as.

A materia é distribuida por dois annos. No I anno do curso complementar se tratará dos principaes planos e no II anno dos principaes corpos.

5. HISTORIA UNIVERSAL

Curso complementar

6. HISTORIA DO BRASIL

II anno: Explicação dos feriados nacionaes. Curso medio: a) Historia da cidade de Petropolis; b) Factos principaes da historia do Brasil. Curso complementar: Historia do Brasil.

7. GEOGRAPHIA

II anno: Estudo completo da topographia da escola e da cidade de Petropolis. O Estado do Rio de Janeiro.

Curso medio: O Brasil e mappa mundi. Curso complementar: a) geographia physica e politica.

a) Geographia physica e politica

I. Estudo detalhado da geographia do Brasil. Traçar mappas_do Brasil contendo:

1º. seus rios principaes, incluindo os que servem de limite entre os Estados, figurados por pequenos traços sinuosos.

2º. suas serras principaes, figuradas por peque-

3°. quaesquer outros accidentes physicos por meio de nomes.

 Estudo nos mappas dos tres continentes e sua divisão.

Paizes, capitaes, rios, montanhas mais importantes das 5 partes do mundo.

Desenho cartographico pelos alumnos.

b) Cosmographia

1º. Universo em geral: universo e firmamento: astros, estrellas, sol e systema solar; grandes planetas, extensão do universo.

2º. Configuração e movimento da terra; dia e noite, estações, movimentos e phases da lua, eclipses. 3º. Circulos e zonas, meridianos, equador, parallelos; tropicos e circulos polares; horizonte; pontos cardeaes e collateraes.

8. HISTORIA NATURAL

Curso medio e complementar. Os tres reinos da natureza, descripções de certas plantas, animaes, mineraes.

9. PHYSICA E CHIMICA

Curso complementar.

10. DESENHO

O ensino methodico de desenho começa com o curso medio com os traçados a mão livre.

11. CANTO

No curso elementar o professor ensinará cantos faceis alguns dos quaes sejam religiosos.

Os cursos medio e complementar incumbir-se-ão dos cantos religiosos na egreja, durante as missas collegiaes, e dos canticos escolares e patrioticos, nas festas escolares.

12. GYMNASTICA

Exercicios de gymnastica sueca.

DISTRIBUIÇÃO DAS MATERIAS DO ENSINO

CURSO ELEMENTAR

Io ANNO

1 RELIGIÃO

Livro adoptado: Pequena Hist. Sagrada, por F. B. H. (Nota: Os numeros indicam o thema semanal)

1	O signal da cruz a comme
2	De Deus
3	Deus em tres pessôas
	e 5 Creação do mundo.
	Lição 1
б	Os anjos. Lição 2

7 O anjo da guarda 8 O primeiro homem. Lição 3, 1

9 A primeira mulher. O paraiso. Lição 3; 3, 2.
 10 e 11 O primeiro pecca-

do. Lição 4.

12 Cain e Abel. Lição 5.13 O diluvio. Lição 6.

14 Os dez mandamentos15 Os tres primeiros mandamentos

16 Os outros sete mandamentos

Novo Testamento

17 Annunciação do nasci-

mento de Jesus. Lição 2.

18 Nascimento de Jesus. Adoração dos pastores. Lição 4.

19 Os magos do Oriente. Lição 6.

20 Fuga para o Egypto.
Lição 7.
21 Jesus no templo. Li-

ção 8. 22 As bodas da Caná. Li-

ção 11. 23 O joven de Naim. Li-

ção 13. 24 Jesus amigo das crian-

ças. Lição 20. 25 Jesus aplaca a tempes-

tade. Lição 14.
26 Instituição do Sacr. da

 26 Instituição do Sacr. da Eucharistia. Lição 23.
 27 Jesus no horto de Geth-

sémani. Lição 24.

28 Jesus é açoitado e coroado de espinhos. Lição 27; 3.

29 Jesus carrega sua cruz. Lição 29; 1.

30 Jesus é crucificado. Lição 29; 2.

31 Resurreição de Jesus. Lição 32.

32 A ascensão de Jesus.

Lição .34. 33 a 40 Preparação para a confissão.

2 LINGUA PORTUGUEZA

A - LEITURA

Livro adoptado: «Primeiro Livro de Leitura», editado pelos professores da Escola Gratuita S. José. 1 e 2 Introducção 3 i, u. 4 a, o. 5 e. 6 v, n. 7 m, 1. 8 f, j. 9 s, r. 10 z. 11 e 12 Ditongos 13 t, d. 14 p. b. 15 ê 16 ce, ci, ca, co, cu; ç. 17 ge, gi, ga, go, gu. 18 gue, gui, que, qui. 19 h, ch. 20 k, y. 21 ol, el, ul, il, al; er, ir, ur, ar, or; 11, nn. 22. is, us, es, as, os; oz,

az, uz, iz, ez; mm, pp.

23 x (som de ch, ss, z, ks); cc. 24 en, an, on, un, in; am, om, um, em, im; rr. am, om, um, em, im; ão, am. ã, ãe. 27 õe. nh, lh; O, Q, C, G. br, pr; V, U. Y. gr, cr; J, I, K. dr, tr, fr; P, B, R. 28 29 30 31 vr, bl, pl; T, F, S. gl, cl, fl; L, D, Z. 32 33 34 ns, th, ph; A, N, M. 35 pt, ct; H, X, E. 36 Os passarinhos. A familia. 37 A escola. Os macacos. 38 O periquito. Cuida na ordem. O beija-flôr. O ninho.

39 O beija-flôr. O ninho. 40 O gato. Quem lhe sabe o nome.

B - LIÇÃO DE COISAS

D - LIÇAO	DL COISAS
1 e 2 Material escolar: pe- dra, lapis, livro.	17 O padeiro 18 O açougueiro
3 e 4 A sala da escola: paredes, soalho, tecto, porta, janella, bancos, quadro negro, cadeira do professor.	19 O carpinteiro 20 O ferreiro 21 O pedreiro 22 A carroça e o carro 23 O bonde e o trem
 5 A egreja 6 Objectos da egreja 7 O cemiterio 8 Construcção duma casa 9 Divisão interior da casa 10 e 11 Objectos em casa 12 A familia. Occupação dos paes 	24 O navio 25 Os passarinhos 26 O tico-tico 27 O periquito 28 O beija-flôr 29 O gallo e a gallinha 30 A pomba 31 O gato 32 O cão
13 Deveres dos filhos 14 Empregados da casa 15 O alfaiate 16 O sapateiro	33 O burro e o cavallo 34 Os macacos 35 A abelha 36 A borboleta

3 — ARITHMETICA

0 111(11	
Livro adoptado: Arithmetica para as ecolas primarias, por F. B. H. — Ia parte. 1 — 10 Conhecimento dos	23 Exercicios, pag, 9 24 Exercicios, pag. 10 25 Exercicios, pag. 11 26 Exercicios, pag. 12
numeros 1 a 10, pag. 1, 2.	27 Exercicios sobre os nu meros 1 até 20, pag. 1'
11 e 12 Sommar 1, pag. 3.	28 Exercicios, pags. 18, 19
13 e 14 Subtrahir 1, pag. 3. 15 Sommar 2, pag. 4	29 Decompôr os numeros pag. 20
16 Subtrahir 2, pag. 4 17 Sommar 3, pag. 5 18 Subtrahir 3, pag. 5 19 Sommar 4 e 5, pag. 6	30 — 35 Sommar e sub trahir, passando o re sultado de 10, pags 20 — 22
20 Subtrahir 4 e 5, pag. 6 21 Exercicios, pag. 7 22 Exercicios, pag. 8	35 — 38 Multiplicar e di vidir. Taboada de 2 pags. 23 e 24

— 23 —

4 — CANTO

a) Canticos religiosos: 1 Neste dia 2 Ave, coração divino 3 Pae bemdito 4 Divina Eucharistia b) Modinhas: 1 Re-piu-piu	 2 Meu bom pae 3 O cavallinho 4 Antoninho o descuidado 5 Lá vem a musica 6 Achei um relogio 7 Recordações
	LIGRAPHIA

1 Semestre	5 b, h. 6 k, j.
Nas ardosias, conforme as lições da leitura	7 y, p. 8 4, 7.
IIº Semestre	9 0, 0. 10 a, d . 11 g, q.
Em cadernos de linhas du- plas, com lapis de pau	12 c, ç. 13 e. 14 ã.
1 i, u.	15 6, 9.
2 n, m. 3 r, v.	17 z, x.
4 t, I.	18 r, 2, 3, 5, 8.

II ANNO

1. RELIGIÃO

A — HISTORIA SAGRADA	2 Os anjos. Lição 2
Livro adoptado: «Pequena	3 Creação do homem. Li cão 3
historia sagrada», por F. B. H.	4 O peccado dos primeiro homens. Lição 4
Antigo Testamento	5 Cain e Abel. Lição 5 6 O diluvio. Lição 6
1 Creação do mundo. Li- ção 1	7 Sacrificio de Noé. Li ção 7

8 A torre de Babel. Limento de Jesus. Lição 8 ção 2 9 Vocação de Abrahão. Li-21 Visitação de Maria. Lição 9 ção 3 10 Genio pacifico de Abra-hão. Lição 10 22 Nascimento de Jesus. Licão 4 11 Hospitalidade de Abra-23 Apresentação de Jesus no templo. Lição 5 hão. Lição 11 12 A prova de Abrahão. Os magos do Oriente, Lição 12 Lição 6 13 José é vendido por seus 25 Fuga para o Egypto. Liirmãos. Lição 13 ção 7 14 José em casa de Puti-26 Jesus no templo entre phar e na prisão. Lios doutores. Lição 8 ção 14 A ultima ceia. Lição 22 15 José na côrte de Pha-28 Instituição do Sacr. da raó. Lição 15 Eucharistia. Lição 23 Primeira viagem dos ir-mãos de José ao Egy-Jesus no horto de Geth-sémani. Lição 24 pto. Lição 16 30 Prisão de Jesus. 17 Segunda viagem dos irção 25 31 Jesus em casa de Caimãos de José ao Egyphaz. Pedro nega a Jesus tres vezes. Lipto. Lição 17 18 Viagem de Jacob para o Egypto. Lição 18 ção 26 Morte de Jacob e José 32 Jesus perante Pilatos. Lição 27 19 Morusen ell man 33 Ecce Homo. Lição 28 Novo Testamento 34 Jesus é crucificado. Lição 29

19 Annunciação do nascimento de S. João. Lição 1 20 Annunciação do nasci-

B - CATECISMO

Livro adoptado: II Catecismo da Doutrina Chris-

1 Do nome de christão. Lição preliminar

2 Do signal da cruz. Lição preliminar

36 A ascensão de Jesus. Li-

Lição 32

ção 34

Resurreição de Jesus.

3 Da doutrina christan. Lição preliminar,

		- 25	<u> </u>	
_i-	4	Do Credo (em geral)		do: a) Da Egreja. Li-
_i-	5	Ia parte; lição 1 Do primeiro artigo do	20	ção 8 b) Do Papa. Lição 8
Is.	6	Credo. Lição 2 Da Ss. Trindade. Lição 3	21	c) Dos Bispos. Commu- nhão dos santos. Li-
us	7 8	Dos anjos Lição 4, § 1 Dos anjos maus e dos	.22	ção 8 Do decimo artigo do
te.		anjos bons. Lição 4, § 1	23	
_i-	10	Do homem. Lição 4, § 2 Do peccado dos primei-	24	gos do Credo. Lição 9 Da Penitencia. IVa Par-
re		ros homens. Lição 4,	25	
22	11	Do segundo artigo do Credo. Lição 5	26	cia. § 1 Do arrependimento. § 2
da 3	12	Do terceiro artigo do Credo. Lição 5	27	Do arrependimento per- feito e imperfeito. § 2
h-	13	Do quarto artigo do Credo. Lição 6	28 29	Do proposito. § 2 Da confissão. § 3
_1-	14	Do quinto artigo do Credo. Lição 6	30	Do modo de se confes- sar. § 4
ai-	15	Do sexto artigo do Credo. Lição 6		Da absolvição e da sa- tisfação. § 5 -
_1=	16	Do setimo artigo do Credo. a) do juizo uni-	32 33	Das Indulgencias. § 6 Das especies de indul-
28	17	versal Lição 7 b) do juizo particular.	34	gencias. § 6 Do Padre nosso. IIa
_i	18	Lição 7 Do oitavo artigo do	35	Parte. Lição 2 Das 7 petições do Pa-
15.	19	Credo. Lição 7 Do nono artigo do Cre-	36	dre nosso. Lição 2 Da Ave Maria. Lição 3
_i-	1	2 LINGUA PO	ORT	UGUEZA
		A - L	EITU	URA

Livro adoptado: «Segundo Livro de Leitura», edita-do pelos professores da Escola Gratuita S. José. 1 Deus. Quem fez o mun-do (poesia). nº 1 e 2

- 2 Deus está em toda a parte. O curioso. nº 4 e 5
- 3 A chuva. Deus sabe tudo (poesia). nº 7 e 3

4 O bom tempo. O levantar. nº 8 e 13

5 A familia. A familia modelo (poesia). nº 15 e 16

6 Na casa paterna. A mãe. nº 14 e 17

7 Minha mãe (poesia). Os bons meninos. nº 18 e 19.

8 O amor a Deus, a nossos paes. O avô e o netinho. nº 21 e 22

9 Anniversario do pae. (poesia). A fome é a melhor cozinheira. nº 20 e 23

10 Moda antiga e moda nova. Bôa lição. nº 25 e 26.

11 Prece (poesia). Para a escola. nº 27 e 30.

12 Chegar á hora na escola. Sou sempre reprehendido. nº 31 e 33

13 Ave Maria (poesia) As criadas preguiçosas. nº 28 e 34

14 Os meninos devem ser applicados. A vinha. nº 35 e 37

15 A cigarra e a formiga (poesia). A noz. nº 36 e 38

16 Aproveitar o tempo. O campo. nº 39 e 40

17 Paulo (poesia). A desobediencia punida. nº 12 e 41

18 A gallinha e o pintinho. O ninho. nº 42 e 44 19 Meu gatinho (poesia). Chiquinho «o mexe-mexe». nº 43 e 45

20 O leão e o rato. O leão grato. nº 46 e 47

21 A pequena pada de pão. Dizer obrigado. nº 48 e 49

22 A verdadeira riqueza. O miocol e o gira-sol (poesia). nº 50 e 6

23 Amor á verdade. O lobo. nº 51 e 52

24 O carvalho. A briga (poesia). nº 53 e 65

25 Probidade. O macaco imprudente. nº 54 e 55

26 Os tres salteadores. O pobre (poesia). nº 56 e 83

27 A fonte. A menina curiosa. nº 57 e 58

28 O echo. A pomba e a formiga (poesia). nº 59 e 86

29 Um bom caracter. A violeta. nº 60 e 61

30 O nabo. Saber pedir. nº 62 e 63

31 A contenda. A orphan e a folha (poesia). 11º 66 e 90

32 A gallinha. O ouro. no 64 e 67

33 O anjo da guarda. O grande peixe. nº 68 e

34 Os tres amigos. O livro da natureza (poesia). nº 70 e 97

35 Esperteza de um rati-

nho. O queijo, o rato e o gato. nº 72 e 73 36 O menino das balas. O lobo e a cegonha. nº 74 e 75

37 A pera. Um menino roubando. nº 77 e 78 38 O cavallo roubado. O ladrão do porco. nº 79 e 80

39 Offensa e perdão. Os bichos também sentem. nº 89 e 91

B - GRAMMATICA

Livro adoptado: Lições praticas de Grammatica e Orthographia, para as Escolas Primarias, por Jorge Deister.

1 Introducção. Grammatica, orthographia. Lição 1 A

2 Som, letra, alphabeto. Lição 1 B

3 vogaes, consoantes. Lição 2 B

4 Ditongos. Lição 3 B 5 Syllabas. Lição 4 B

6 Substantivo, Lição 2 A 7 Substantivo. Lição 3 A

8 Genero. Lição 5 A 9 Uso do artigo. Lição 6 A

10 Adjectivo. Lição 9 A
 11 Concordancia de adjectivo com seu substantivo em genero. Lição 12 A

12 Numero. Lição 14 13 Formação do plural. Lição 15

14 Concordancia do adjectivo com seu substantivo em numero. Lição 16
 15 Plural dos nomes termi-

nados em r, z. Lição 17

16 Plural dos nomes terminados em m. Lição 18

17 Plural dos nomes terminados em *al*, *ol*, *ul*. Lição 19

18 Plural dos nomes terminados em il. Lição 20

19 Plural dos nomes terminados em el. Lição 21

20 Plural dos nomes terminados em ão. Lição 22

21 Nomes terminados em ão que formam o plural em ãos. Lição 23

22 Nomes terminados em ão que formam o plural em ães. Lição 24

23 Verbo, infinitivo, conjugação. Lição 26

24 e 25 Primeira Conjugação. Os 3 tempos principaes. Pronome pessoal. Lição 27

26 e 27 Segunda Conjugação. Lição 29

28 e 29 Terceira Conjugação. Lição 31 C — ORTHOGRAPHIA

30 e 31 Conjugação do verbo ter. Lição 33

32 e 33 Conjugação do verbo ser, Lição 35

34 e 35 Conjugação do ver-bo estár. Lição 37
 36 e 37 Sujeito, Predicado,

Ponto final. Lição 39

Extrahida das lições do Iº livro de leitura

1 Palavras contendo ce, ci.

Palavras contendo ce, ci.
Pag. '20
2 co, ca, cu. Pag. 21
3 c. Pag. 22
4 ge, gi. Pag. 23
5 ga, go, gu. Pag. 24
6 gue, gui. Pap. 25
7 que, qui. Pag. 26
8 qua, quo. Pag. 26
9 Palavras com h inicial.
Pag. 27 Pag. 27

10 Palavras contendo ch. Pag. 28

11 Palavras contendo x=ch Pag. 34

12 Palavras contendo x=ss Pag. 34

13 Palavras contendo x=z Pag. 35

14 Palavras contendo x=ks Pag. 35

15 Palavras com en, an, on, in, un. Pag. 36

16 Palavras com am, em, im, om, um. Pag. 37

17 Palavras com ã, ão, am. Pag. 38

18 Palavras com ãe, õe. Pag. 39

19 Palavras contendo Il, nn. Pag. 40

20 Palavras contendo mm, pp. Pag. 41

21 Palavras contendo cc, rr. Pag. 42

22 Palavras contendo ss. Pag. 43

Palavras contendo lh. Pag. 43 e 44

24. Palavras contendo p, b. Pag. 18 e 19

Palavras contendo pr. Pag. 44 e 45

26 Palavras contendo bl, pl. Pag. 49 e 50

Palavras contendo t, d. Pag. 16 e 17

28 Palavras contendo dr, tr. Pag. 47 e 48

29 Palayras contendo cr. Pag. 46

30 Palavras contendo gl, cl. Pag. 50

31 Palavras contendo fr, vr. Pag. 48 e 49

32 Palavras contendo fl. Pag. 51

33 Palavras contendo ns. Pag. 51

Palavras contendo th. Pag. 52

35 Palavras contenço Pag. 52

36 Palavras contendo pt. 37 Palavras contendo Pag. 53 Pag. 53

D - LIÇÃO DE COISAS

Os	numeros	são	trechos	do
	IIº livro			

- 1 A casa paterna. A casa. Nº 9
- 2 A janella. Nº 10
- 3 O relogio. Nº 11 4 e 5 O pão. Nº 24
- 6 A escola. No 29
- 7 A sahida da escola. No 32
- 8 e 9 O arco-iris. No 71
- 10 A vacca. No 99
- 11 O carneiro. Nº 100
- 12 O cão. Nº 101
- 13 O gato. No 102
- 14 O rato. Nº 104
- 15 O morcego. No 105
- 16 A gallinha e o gallo. Nº 106

- 17 O pato. No 107
- 18 A andorinha. No 108
- 19 e 20 O pardal ou o tico-tico. Nº 109
- 21 As abelhas. No 110
- 22 As formigas. No 111
- 23 O bicho da seda. Nº 113 24 O vagalume. Nº 114
- 25 e 26 Os animaes. Nº 98
- 27 A arvore e a flôr. Nº 115
- 28 e 29 Os metaes. Nº 116
- 30 O corpo humano. A cabeça. Nº 117
- Os olhos. No 118
- 32 Os dentes. Nº 119
- 33 Os braços. Nº 120
- 34 As pernas. No 122 35 e 36 Os cinco sentidos. Nº 125

3 — ARITHMETICA

Livro adoptado: Arithmetica para as escolas primarias, Ila parte, por F. B. H.

- 1 Conhecimento dos numeros 1 a 30. Taboada de 2
- 2 Conhecimento dos numeros 1 a 50. Dividir por 2, sem resto
- 3 Conhecimento dos numeros 1 a 70. Dividir por 2, com resto
- 4 Conhecimento dos numeros 1 a 100. Exercicios pag. 5 e 6. Taboada de 3
- 5 Repetição nas tabellas: pag. 6. Dividir por 3, sem resto
- 6 Sommar e subtrahir passando o resultado ás dezenas. Introducção nas tabellas, pag. 6 e 7. No 1 e 2 Dividir por 3, com resto

7 Pag. 7. No 3 e 4. Taboada de 4

8 Pag. 8. Dividir por 4, sem resto

9 Pag. 9. Dividir por 4, com resto

10 Pag. 10. Taboada de 5. Dividir por 5, sem resto

11 Pag. 11. Dividir por 5, com resto

12 Repetição nas tabellas: pag. 11. Taboada de 6

13 Formação de series: pag. 12. Dividir por 6, sem resto

14 Exercicios com numeros complexos, pag. 13. Dividir por 6, com resto

15 Dezenas e unidades: pag. 14. Taboada de 7

16 Sommar e subtrahir dezenas puras, pag. 15 e 16. Dividir por 7, sem

17 Sommar e subtrahir dezenas e unidades com dezenas puras, pag. 16 e 17. Dividir por 7, com resto

18 Sommar e subtrahir dezenas puras com dezenas e unidades, pag. 17 e 18. Taboada de 8

19 Sommar e subtrahir dezenas e unidades com dezenas e unidades, não passando o resultado a nova dezena, pag. 18 e 19. Dividir por 8, sem resto

20 O resultado attinge a nova dezena, pag. 19, nº 17. Dividir por 8, com resto

21 O resultado passa a nova dezena, pag. 19, no 18; pag. 20, no 19. Taboada de 9

22 Pag. 20, nº 20 e 21. Dividir por 9

23 Taboada de 10. Repetição das taboadas, pag. 29

24 Divisão sem resto, pag. 30

25 Continuação, pag. 31

26 Divisão com resto: Introducção, pag. 32

27 Continuação, pag. 33

28 Divisão com resto, pag. 34

30 Exercicios, pag, 36

31 Repetição, pag. 37

32 Exercicios com numeros complexos, pag. 38

33 Continuação, pag. 39

34 Continuação, pag. 40

5 a 40 As quatro operações, oralmente e de fórma escripta

4 - GEOGRAPHIA

- 1 Sala da escola. Reproducção graphica
- 2 Repartição do tempo 3 Os pontos cardeaes

4 Noções dos accidentes geographicos, conforme o panorama de Hirt. Terra, planicie, baixada, planalto, collina, monte, serra, volcão, deserto

5 Mar, costa, ilha, cabo, pharol, bahia, porto, lago, lagôa ou tanque

- 6 Rio, nascente, embocadura, leito, margem direita e esquerda, afconfluencia, fluente, navegar rio-acima e rio - abaixo, cachoeira, cascata
- 7 O edificio escolar.
- 8 Mappa da cidade: ruas centraes (reproducção graphica)
- 9 Praças principaes e os monumentos
- 10 Egrejas e collegios
- 11 Edificios publicos
- 12 Rios
- 13 Quarteirões
- 14 Fundação da cidade
- 15 Occupação dos habitantes de Petropolis 16 Governo e policia
- 17 Agua, illuminação, matadouro, fabricas

- 18 Correio, telegrapho, telephone, bonds
- 19 e 20 Municipio de Petropolis: os 5 districtos
- 21 Estrada de ferro: Petropolis-Rio (reproducção graphica)
- 22 e 23 A cidade «Rio de Janeiro»
- 24 A bahia do Rio de Janeiro e suas ilhas (reproducção graphica)
- 25 Commercio do Rio de Janeiro
- 26 O Estado do Rio de Janeiro
- 27 Limites do Estado do Rio de Janeiro
- 28 Ilhas e cabos do Rio de Janeiro
- 29 Serras do Rio de Janeiro (reprod. graph.)
- 30 Rios principaes e lagos (reproducção graphica)
- 31 e 32 Cidades principaes
- 33 Estradas de ferro e de rodagem
- 34 e 35 Producções principaes: café, canna de assucar, arroz, sal, etc.
- 36 Governo do Estado

5 - CANTO

- a) Canticos religiosos: Livro adoptado: «Cantate»
- 1 Jesus é meu amor 2 Virgem dolorosa
- 3 Fazei de hosannas retumbar
- 4 Oh! anjos celestes
- 5 Espirito divino

— 32 **—**

6 Com minha mãe 7 Eu vos adoro 8 Oh! Maria concebida 9 Oh! Senhora, sê Pastora 10 Para as pobres almas

b) Modinhas e canticos pa-trioticos: Livros adopta-dos: Modinhas brasileiras.

e Cancioneiro

1 A familia modelo

2 A capella

3 Oração para a noite

4 Sol poente

5 A borboleta

6 A varzea

7 O setteiro

8 Ferias

6 — CALLIGRAPHIA

Em ca	dernos de	linhas	du-	18	2,	3, 5	, 8.
	plas			19		Q.	
1 i, 1	4.			20			
') n	177			21			
3 r,	V.			22			
4 t.	1.			23	V,	U.	
5 b.	h.			24	Y,].	
3 r, 4 t, 5 b, 6 k, 7 y, 8 4,	i.			25		100	
7 v.	D.			26	I,	T.	
8 4	7.			27	F.	P.	
9 0,	0.			28	В.		
10 a,	d			29	R.		
11 g,	a.			30	H.	K.	
12 c,	d.				D.		
13 e	3.					L.	
14 ā					N.		
15 б,					M.		
16 s,	f.				A.		
17 %	Y				X.		
17 z,	λ.			30	41		

CURSO MEDIO

III ANNO

1. RELIGIÃO

A-HISTORIA SAGRADA

Livro adoptado: Pequena hist. sagr., por F. B. H.

Antigo Testamento

- 1 Creação do mundo. Lição 1
- 2 Os anjos. Creação do homem. Lição 2 e 3
- 3 O peccado do primeiro homem. Cain e Abel.
- Lição 4 e 5 4 O diluvio. Sacrificio de Noé. Lição 6 e 7
- 5 A torre de Babel. Vocação de Abrahão. Lição 8 e 9
- 6 Genio pacifico de Abrahão. Hospitalidade de Abrahão. Lição 10 e 11
- 7 A prova de Abrahão. Lição 12
- 8 José é vendido por seus irmãos. José em casa de Putiphar e na pri-38 são. Lição 13 e 14

- 9 José na côrte de Pharaó. Primeira viagem dos irmãos de José ao Egypto. Lição 15 e 16
- 10 Segunda viagem dos irmãos de José ao Egypto. Viagem de Jacob para o Egypto. Morte de Jacob e José. Lição 17 e 18
- 11 Nascimento e salvação de Moysés. Lição 19
- 12 Vocação de Moysés. Lição 20
- 13 As dez pragas do Egypto. Lição 21
- 14 O cordeiro pascal e a sahida do Egypto. Lição 22
- 15 A passagem pelo Mar Vermelho. Lição 23
- 16 Os milagres no deserto. Lição 24
- 17 Promulgação dos dez mandamentos. Lição 25
- 18 Os Judeus, povo escolhido para conservar a fé no Redemptor. Lição 26

B - CATECISMO Novo Testamento 19 São João, precursor de Livro adoptado: IIIº Cate-1 Jesus. Lição 9 cismo Diocesano 20 Baptismo de Jesus. Li-1 Da Oração em geral. Ha ção 10 parte, perg. 1, 2, e 35 21 As bodas de Caná. Li-Da Oração em geral, ção 11 perg. 4, 5, 9, 10 e 11, 22 Cura de um paralytico em Capharnaúm. Da Oração em geral, perg. 14, 15, 16 e 17 A devoção da Via Sacra, 2 ção 12 23 O joven de Naim. Lipag. 295, perg. 116 e ção 13 117 24 Jesus aplaca a tempes-5 A devoção do Rosario, tade. Lição 14 perg. 118, 119 e 1202 25 A multiplicação 6 Dos mandamentos de Deus em geral. IIIa parte, perg. 2 a 8 2 pães. Lição 15 26 A promessa do SS. Sacramento. Lição 16 7 Do I mandamento; perg. lesus ensina seus discipulos a orar. Lição 17 9, 15, 16, 17 e 18 28 O filho prodigo. Lição Da veneração dos san-2 tos; perg. 22, 23 e 24 18 Do II mandamento; pergunta, 27, 28 e 29 29 O rico avarento e o pobre Lazaro. Lição 19 10 Do II mandamento; per-30 Jesus, amigo das crian-ças. Lição 20 gunta 30, 31, 33 e 34 Do III mandamento; 31 Entrada solemne de Je-11 perg. 35, 36, 37, 38 sus em Jerusalém. Lie 39 ção 21 12 Do III mandamento;L 32 As sete ultimas palavras perg. 41, 42, 43 e 44 Do IV mandamento; de Jesus. Lição 30 33 A lançada no peito de perg. 45, 46 e 47

14 Do IV mandamento;
perg. 53, 54, 58 e 59

15 Do V mandamento; per Jesus. Seu enterro. Lição 31 34 Jesus institúe o Sacramento da Penitencia. gunta 61 a 65, 73 Lição 33 16 Do VI mandamento; 35 A ascensão de Jesus. perg. 74, 75 e 76 17 Do VII mandamento; perg. 78, 79, 81 a 84 Lição 34 36 Vinda do Espirito Santo. Lição 35

__ 35 __

18 Do VII mandamento; pergunta 89 a 94	27 Do peccado, perg. 165
e to Da VIII mandamento:	28 Do peccado, perg. 171
perg. 100, 101, 96, 14 97 e 98	29 Da presença real de J C. na Eucharistia. IV
il, perg. 999, 95 e 102	parte, perg. 84 a 88
1 21 Do IX mandamento, pergunta 103 a 106	30 Perg. 89 a 95 31 Perg. 96 a 100
a, 22 Do X mandamento, pergunta 107, 108 e 110	32 Da Înstituição e dos ef- feitos da Eucharistia perg. 101 a 107
23 Dos mandamentos da O, Egreja, perg. 112 a 116	33 Perg. 110 a 114 34 Disposições para bem
2024 Do I mandamento da	commungar, perg. 115
le Egreja, perg. 117, 120 la a 124	a 120 35 Perg. 123 a 126
25 Do II e III mand. da g. Egreja, perg. 127, 130, 131, 134	36 Do modo de commun- gar, perg. 127 a 135
n-26 Do IV mandamento da	37 Do santo sacrificio da Missa, perg. 136 a 139
Egreja, perg. 136, 137, 154, 155, 156	141 38 Perg. 142 a 146
er- 34 2 LINGUA PC	RTUGUEZA
38 — LEITURA	Nº 6. Deus (poesia)
Livro adoptado: Terceiro de leitura, editado	4 As moscas e as aranhas. No 7. As perolas ou a
pelos professores da Es- cola Gratuita S. José	providencia. Nº 8 5 O rico e o pobre. Nº
1 Com Deus começo. No	9. Hymno ao Senhor (poesia). No 4
1. Aproveitar o tempo (poesia). No 26	6 Confiança em Deus. Nº 10. Santa Ignez. Nº 11
o; 2 Deus está presente em toda a parte. Nº 3. O	7 Os mensageiros da mor- te. Nº 13. O gallo e
pastorzinho. Nº 5 Presumpção castigada.	a perola (poesia). Nº 12

8 A Egreja. No 14. bom pastor. No 15

9 A escola. Nº 17. Natal (poesia). No 16

10 Deveres de uma bôa alumna. Nº 18. O asseio. Nº 19

11 Minha cara irman. No 21. Meu presado irmão. Nº 22

12 Dois dialogos. No 24. O semeador (poesia). No 23

13 Carta do pequeno Alfredo a seu tio. Nº 25. Profissões, artes e officios. Nº 27

14 Amor a patría. Nº 28. Meu Brasil (poesia). Nº 154

15 A economia. No 30. A

grande pereira. Nº 31 16 O jogo rouba-nos o tempo, o dinheiro e a consciencia. Nº 32. O menino desobediennte (poesia). No 33

17 O canario. Nº 34. Bôa lição. Nº 35

18 Os musicos da cidade de Bremen. Nº 36

19 Não quero. Nº 37. O mentiroso. Nº 39

20 A calumnia. No 40. O descuidado (poesia). No 43

21 O rachador de lenha e o nadador. Nº 41. A caixinha milagrosa. No

22 Estar contente com a

sua sorte. No 44. lenhador (poesia). No 46

23 A raposa e as uvas. No 45. A ira vencida. No 47

24 O sacco de terra. Nº 49, Achei um relogio (poesia). No 50

25 Os sapatos. Nº 51. Heroismo admiravel. No 53

26 Thereza, No 54, A borboleta (poesia). No 52

27 A perna de pau. Nº 56. Os pecegos. Nº 58

28 Honrae pae e mãe. No 67. Minha mãe (poesia). No 66

29 Bôa conta. Nº 68. O pontapé. Nº 70

30 Therezinha e Mariquinhas. Nº 71. A esmola do pobre (poesia). No 57

32 Parabola dos sete vimes. Nº 57. Deveres para com os paes. Nº 63

32 Meu queridissimo pae. Nº 64. Minha querida mãe. Nº 65

33 Joãozinho e Ritinha. Nº

34 A casa. No 59. O sonho (poesia). Nº 76

35 A sala. No 60. O jardim. No 62

36 Regras de civilidade. Nº 79. O meu dever (poesia). Nº 78

B - GRAMMATICA

Livro adoptado: Lições praticas de Grammatica e Orthographia, para as escolas primarias, por J. C. D.

1 Introducção. Lição 1 2 Substantivo. Lição 2 3 Substantivo. Lição 3

4 Substantivos derivados de substantivos. Lição

5 Genero. Lição 5

6 Uso do artigo. Lição 6

7 Subst. commum e proprio. Lição 7

8 Subst. commum e proprio. Lição 8 9 Adjectivo. Lição 9

10 Formação do adjectivo. Lição 10

11 Formação do feminino. Lição 11

12 Concordancia do adjectivo em genero. Licão 12

13 Adjectivos que não mudam no feminino. Lição 13

14 Numero. Lição 14

15 Formação do plural. Lição 15

16 Concordancia do adjet. em numero. Lição 16

17 Pluraes irregulares. Lição 17

18 Plural dos nomes terminados em m, Lição 18 19 em al, ol, ul. Lição 19

20 em il. Lição 20 21 Plural dos nomes

21 Plural dos nomes terminados em *el*. Lição 21

22 em ão accentuado. Licão 22

23 Plural em *ãos* e *ães.* Lição 23

24 Grau dos adjectivos. Lição 24

25 Grau dos adjectivos. Lição 25

26 Verbo. Lição 26

27 Primeira Conjugação (tempos principaes).

28 Primeira Conjugação Lição 28 e appendice

29 Segunda Conjugação, Lição 29

30 Segunda Conjugação. Lição 30 e appendice

31 Terceira Conjugação. Lição 31

32 Terceira Conjugação. Lição 32 e appendice

33 O verbo ter. Lição 33
 34 O verbo ter. Lição 34
 e appendice

35 O verbo ser. Lição 35

36 O verbo ser. Lição 36 e appendice

37 O verbo estar. Lição 37

38 O verbo *estar*. Lição 38 e appendice

39 A proposição simples. Lição 39

40 Pontuação. Lição 40

C - ORTHOGRAPHIA

1 Som, letra, alphabeto. Lição 1

e consoantes. 2 Vogaes Lição 2 3 Ditongos. Lição 3

4 Syllabas; partição. Lição 4

5 Syllaba tonica. Lição 5 6 e 7 Prosodia e graphia de vogaes e ditongos. Accentuação: ó, ô, o. Lição 6 e 7

8 é, ê, e. Lição 8 9 Ditongo ei. Lição 9

10 O ditongo ai, ae. Lição

11 O ditongo éo, eu. Li-

ção 11 12 O ditongo oe, oi. Lição 12

13 O' ditongo ou, au. Li-

ção 13 14 O ditongo ia, io. Lição 14

15 Consoantes homorganicas: b, p. Lição 15

16 Consoantes homorganicas: d, t. Lição 16

17 Consoantes homorganicas: g, c. Lição 17

18 Consoantes de 2 sons: c, q. Lição 18

19 Consoantes de 2 sons: c, ç. Lição 19

20 Consoantes de 2 sons: g, gu. Lição 20

21 Consoantes de 2 sons; g, j. Lição 21

22 s com som natural. Lição 22

23 s'com som de z. Li-ção 23

24 Grupos consonantaes: dr, tr. Lição 24

25 br, pr; bl, pl. Lição 25

26 gr, cr; gl, cl. Lição 26 27 vr, fr, fl. Lição 27 28 lh, nh. Lição 28

29 As nasaes: no corpo da palavra. Lição 29

30 As nasaes: mb, mp, mm. Lição 30

31 As nasaes no fim da dicção. Lição 31

32 h consoante muda. Lição 32

33 Letras homophonas: ch e não x. Lição 33

Letras homophonas: x e não ch. Lição 34

35 x tem o valor de c, ks. Lição 35

36 x tem o som de z, s reversivo. Lição 36

37 Consoantes dobradas: Il. Lição 37

dobr.: rr. Consoantes Lição 38

Consoantes dobr .: Lição 39

40 Uso da maiuscula ini-cial. Lição 40

3 - ARITHMETICA

Livro adoptado: Arithmetica para as escolas primarias, por F. B. H. IIIa parte.

1 Formação dos numeros, pag. 54 e 55

2 Exercicios sobre os numeros de 1 até 200

a) Sommar dezenas puras com dezenas puras

b) Subtrahir dezenas puras de dezenas puras

c) Sommar dezenas e unidades com dezenas pu-

d) Subtrrahir dezenas puras de dezenas e unidades, pag. 3 a 6.

3 Addição (Formula escripta), pag. 56 e 57 4 Multiplicar e dividir por

2. Taboada de 12, pag 7 a 9

5 Subtracção (Formula es-

cripta), pags. 62 e 63 6 e 7 a) Subtrahir dezenas é unidades de dezenas e unidades, attingindo o resultado a dezena pura.

b) Sommar dezenas e unidades com dezenas e unidades, não passando o resultado a dezena

c) Subtrahir dezenas e unidades de dezenas e unidades, não passando o resultado a dezena

d) Sommar dezenas e unidades com dezenas e unidades, attingindo o result. a dezena pura

e) O resultado passa a dezena: subtrahir dezenas e unidades de dezenas puras; sommar dezenas e unidades com dezenas e unidades; subtrahir dezenas e unidades de dezenas e unidades, pags. 10 a 13

8 Multiplicação (Formula escripta), pag. 67

9 Multiplicar e dividir por 3. Taboada de 13, pag. 14 a 16

10 Divisão (Formula escripta), pag. 71 e 72

11 Exercicios sobre os numeros de 1 até 1000. Sommar e subtrahir centenas puras, pag. 17 a 19

12 Addição (Formula escripta), pag. 58

13 Multiplicar e dividir por 4. Taboada de 14, pag. 20 a 22

14 Subtracção (Formula escripta), pag. 64

15 a) Sommar a centenas puras: dezenas e unidades; unidades; centenas e unidades

 b) Reduzir os numeros a dezenas puras

- c) O resultado não passa uma centena nova: Sommar cent. e dez. com dez. puras; subtrahir dez. de cent. e dezenas; sommar cent., dez. e unidades com dezenas puras; subtrahir centenas puras de cent., dez. e unidades; sommar cent. e dez. com dezenas e unidades, pags. 23 a 26
- 16 Multiplicação (Formula escripta), pag, 68, 69
- 17 Multiplicar e dividir por 5. Taboada de 15, pag. 27 a 29
- 18 Divisão (Formula escripta), pag. 73, Nº 1
- 19 a) Subtrahir dezenas e unidades de centenas e dezenas
 - b) Sommar centenas, dezenas e unidades com dezenas e unidades
 - c) Subtrahir dezenas e unidades de centenas, dezenas e unidades
 - d) o resultado attinge a dezena, pag. 30 a 32
- 20 Multiplicar e dividir por 6. Taboada de 16, pag. 33 a 35
- 21 Addição (Formula escripta), pag, 59, 60
- 22 a) Sommar centenas, de-

- zenas e unidades com dezenas e unidades
- b) Subtrahir dezenas e unidades de centenas, dezenas e unidades
- c) Sommar centenas e dezenas com dezenas, pag. 36 a 38
- 23 Subtracção (Formula escripta), pag. 65
- 24 Multiplicar e dividir por 7. Taboada de 17, pag. 39 a 41
- 25 Multiplicação (Formula escripta), pag. 69, № 2 a 4
- 26 a) Sommar centenas, dezenas e unidades com centenas e dezenas
 - b) Sommar centenas e dezenas puras com centenas, dezenas e unid
 - c) Completar numeros a centenas puras, pag 42 e 43
- 27 Divisão (Formula es cripta), pag. 73, No. 2 a 4
- 28 Multiplicar e dividir por 8. Taboada de 18, pag 44 e 45
- 29 Addição (Formula es cripta), pag. 61
- 30 Sommar centenas, dezenas e unidades condezenas e unidades pag. 46 e 47
- 31 Subtracção (Formula es cripta), pag. 66
- 32 a) Subtrahir de centenas

puras: unidades; dezenas puras.

b) Subtrahir de centenas e unidades: unidades

c) Subtrahir dezenas de centenas e dezenas

d) Subtrahir de centenas, dezenas e unidades: dezenas puras

33 Multiplicação (Formula escripta), pag. 69, 5, etc. a pag. 70 34 a) Subtrahir de cente-

nas e dezenas: dezenas e unidades

b) Subtrahir de centenas,

dezenas e unidades: dezenas e unidades, pag. 50 e 51

35 Divisão (Formula escripta), pag. 73, 5 e 74, 6 a 10

36 Multiplicar e dividir por 9. Taboada de 19, pag. 52 e 53

37 Divisão (Forma escripta), pag. 74, 10, etc., 75

38 a 40 Repetição das 4 operações, pag. 76 a

4 — HISTORIA DO BRASIL

- 1 e 2 Cabral
- 3 e 4 Dos indigenas do Brasil

- 5 e 6 Mem de Sá 7 e 8 Brasil, colonia 9 e 10 As 7 missões
- 11 e 12 Mudança para Rio 13 e 14 Volta de D. João
- para Europa 15 e 16 D. Pedro, Principe
- Regente
- 17 e 18 O grito de Ypiranga
- 19 e 20 A independencia 21 e 22 D. Pedro Iº imperador
- 23 Abdicação

- 24 A menoridade
- 25 e 26 Reinado de D. Pedro IIº
- 27 e 28 Guerra do Paraguay
- 29 Abolição do trafico de africanos
- 30 e 31 A liberdade de todos os escravos
- 32 e 33 A jornada de 15 de Novembro
- 34 A la presidencia
- 35 A revolução federalista e da armada
- 36 A IIa presidencia
- 37 A III^a e IV^a presidencia
- 38 As ultimas presidencias

5 — GEOGRAPHIA

1 Brasil. Limites e extensão rahyba (reprod. gra-2 Os estados do Brasil phica) 20 Pernambuco com suas capitaes (reprodu-3 O systema das Guyanas cção graphica) 21 Alagôas e Sergipe (ree a Serra das Vertentes. Reproducção graproducção graph.) 22 Bahia (reprod. graph.) phica 4 Serra do Mar e a Ser-23 Espirito Santo e Rio de ra do Espinhaço. Re-Janeiro (reprod. graproducção graphica 5 Ilhas; ilhas fluviaes phica) 24 Districto Federal e a ci-6 Cabos, estuarios, bahias 7 e 8 O rio Amazonas (redade do Rio de Janeiro (reprod. graphica) producção graphica) 25 São Paulo (reprod. gra-9 e 10 Os rios orientaes phica) (reproducção graphica) 26 Paraná e Santa Catha-11 e 12 Os rios platinos rina (reprod. graph.) (reproducção graph.) 27 Rio Gr. do Sul (reprod. 13 Os lagos graphica) 14 O estado de Amazonas 28 Goyaz (reprod. graph.) 29 Minas Geraes (reprod. (reprod. graphica) Nota: De cada um dos graphica) Estados: limites, cida-30 Matto Grosso e Acre des principaes, rios na-(reprod. graphica) 31 O sol, a lua e a terra vegaveis, montanhas, estradas de ferro, pro-32 Movimentos da terra; dia e noite; 4 estações 33 Orientação: Os pontos ducções naturaes, industria 15 Pará (reprod. graph.) cardeaes, horizonte, ro-16 Maranhão (reprod. grasa dos ventos (reprod. graphica), bussola phica) 34 a 40 Reproducção gra-17 Piauhy (reprod. graph.) 18 Ceará (reprod. graph.) phica do mappa do 19 Rio Gr. do Norte e Pa-Brasil

6 — HISTORIA NATURAL

Os numeros são os trechos do IIIº livro de leitura 1 As plantas. No 80

2 A rosa. Nº 82 3 O cravo. Nº 83 4 mandioca Nº 84 - 43 -

5 O feijão. Nº 85 6 O café. Nº 86 7 A canna de assucar. No 8 O milho. Nº 89 9 O arroz. No 90 10 As batatas. No 91 11 O algodão. Nº 92 12 O tabaco. Nº 93 13 A Victoria Regia. Nº 94 14 A borracha. No 95 15 Animaes. O cão. Nº 96 16 O gato. Nº 97 17 O cavallo. Nº 100 18 A anta. Nº 101 19 O tamanduá-bandeira. Nº 102 20 Os roedores. No 103

3

C

1-

1-

1.

1.

e

'a

1; 38

S

d.

0

21 O castor. Nº 104 22 O sapo. Nº 105 23 Os macacos. Nº 107 24 O canario. Nº 108 25 O pavão. Nº 109 26 A aguia. Nº 111 27 O papagaio. Nº 112 28 As formigas. No 113 29 As abelhas. No 114 30 Os peixes. No 115 31 Os mineraes. Nº 116 32 O ouro. Nº 117 33 O ferro. Nº 118 34 A balança. Nº 122 35 O barometro. Nº 130 36 O thermometro. Nº 131 37 A trovoada. Nº 127 38 O para-raios. Nº 128

7 — THEORIA MUSICAL

Rudimentos da theoria musical. Pauta. Caracteres musicaes: figuras ,pausas. Compassos. Leitura das notas em clave de sol. Entoação da escala diatonica, cada alumno de per si e em côro. Dos intervallos da IIa até Va. Exercicios de solfejo sobre esses intervallos.

8 - CANTO

- a) Canticos religiosos: Livro adoptado: Cantate
- 1 Meu Jesus crucificado
- 2 Dos céos Rainha
- 3 Veni Creator
- 4 O salutaris
- 5 Tantum ergo
- 6 Oh meu Jesus
- 7 Salve, salve
- 8 Coração santo

- 9 Maria, Mãe do bom conselho
- 10 Sois, oh! Virgem bella 11 José, feliz esposo
- 12 Queremos Deus
- 13 Nossa terra baptizada
- b) Modinhas e canticos patrioticos: Livros adoptados: Modinhas brasileiras e Cancioneiro

_ 44 _

1 O tropeiro	7 Adoração da Cruz			
2 A felicidade	8 O orvalho			
3 A primavera	9 Cantico das crianças			
4 Ave Maria	10 Hymno da mocidade			
5 A rosa e o beija-flôr	11 Meus 8 annos			
6 Deus	12 A filha do pescador			

9 — CALLIGRAPHIA

Em cadernos de linha	s sim- 1	8 r,	2.		
ples		9 e :	20 3,	5,	8.
1 i, u.	2				
2 n, m.	2	2 C.			
3 r, v.	2	3 G.			
4 t, 1.	2	4 E.			
5 b, h		11 O, 12 C. 13 G. 14 E. 15 V,	U.		
1 i, u. 2 n, m. 3 r, v. 4 t, l. 5 b, h. 6 k, j. 7 y, p. 8 4, 7. 9 0, o.	2	6 Y,	J.		
7 y, p.	2	7 Z.			
7 y, p. 8 4, 7.	2	.8 1,	T.		
9 0, o.		9 F.	P.		
10 a, d. 11 g, q. 12 c, ç. 13 e.	3	8 I, 9 F. 0 B.			
11 g, q.	3	1 R.			
11 g, q. 12 c, ç. 13 e. 14 ā.	3	2 H	, K.		
13 e.		3 D.			
14 ā.		4 S,	L.		
15 6, 9.	3	5 N,	M.		
16 s, f.	3	6 A.			
17 z, x.	3	7 X.			

10 — DESENHO

Representação de objectos simples: ameixa, corrente, oculos, ovo, colher, folha oval, roda, mostrador, molduras, caderno, enveloppe, Janella, porta, chapéo de papel, papagaio, cumieira, placa, machado, faca, ferradura, torquez, tesoura.

11 — GYMNASTICA

Exercícios de gymnastica sueca

CURSO COMPLEMENTAR

Io ANNO

RELIGIÃO

A — HISTORIA SAGRADA

Antigo Testamento

1 Creação do mundo. Os anjos. Lição 1 e 2

2 Creação do homem. O peccados dos primeiros homens. Cain e Abel. Lição 3. 4 e 5

Lição 3, 4 e 5 3 O diluvio. Sacrificio de Noé. Filhos de Noé. A torre de Babel. Lição 6, 7 e 8

4 Vocação de Abrão. Genio pacifico de Abrão. Sacrificio de Melchisedech. A alliança de Deus com Abrão. Lição 9, 10 e 11

5 Hospitalidade de Abrahão. Sua intercessão. Destruição de Sodóma Gomorrha. Lição 12 e 13

6 A prova de Abrahão. O casamento de Isaac. Morte de Abrahão. Lição 14 e 15

7 Esaú e Jacob. Fuga de Jacob para a Mesopotamia. Lição 16 e 17

8 Volta de Jacob. Morte de Isaac. José é vendido por seus irmãos. Lição 18 e 19

9 José em casa de Putiphar e na prisão. José na côrte de Pharaó. Lição 20 e 21

10 Primeira viagem dos irmãos de José ao Egypto. Segunda viagem dos irmãos de José ao Egypto. Lição 22 e 23

11 Viagem de Jacob para o Egypto. Morte de Jacob e José. O santo homem Job. Lição 24 e 25

12 Nascimento e salvação de Moysés. Vocação de Moysés. Lição 26 e 27

13 As dez pragas do Egypto. O cordeiro pascal e a sahida do Egypto. Lição 28 e 29

14 A passagem pelo Mar Vermelho. Os milagres по deserto. Lição 30 e 31

15 A promulgação dos dez mandamentos. O bezerro de ouro. Lição 32 e '33

16 O tabernaculo. Sacerdotes e Levitas. Lição 34 e 35

17 Os sacrificios. O sabbado, as festas e os tempos santificados. Lição 36 e 37

18 Os exploradores. Castigo de Deus no deserto. Vara de Aarão. Lição 38 e 39

19 O propheta Balaam. Ultimas exhortações e morte de Moysés. Lição 40 e 41

Novo Testamento

20 Annunciação do nascimento de S. João, de Jesus. Visitação de Maria. Lição 1, 2 e 3

21 Nascimento de São João, de Jesus. Apresentação de Jesus no templo. Lição 4, 5 e 6

22 Os Magos do Oriente. Fuga para o Egypto. Jesus no templo entre os doutores. Lição 7, 8 e 9

23 São João, precursor de Jesus. Baptismo de JeJesus. Jesus é tentado pelo demonio. Lição 10, 11 e 12

24 Testemunhos de S. João. Os primeiros discipulos de Jesus. As bodas de Caná. Lição 13, 14 e

25 Jesus expulsa os vendilhões do templo. Jesus e Nicodemos. Lição 16 e 17

26 Jesus e João Baptista. Jesus e a Samaritana. Lição 18 e 19

27 Jesus cura o filho dum official régio. Jesus na synagoga de Nazareth. Milagres de Jesus em Capharnaum. Lição 20, 21 e 22

28 A pesca milagrosa. Cura de um paralytico em Capharnaum. Vocação de Matheus. Lição 23, 24 e 25

29 Jesus cura um homem enfermo ha 38 annos. Eleição dos doze apostolos. Lição 26 e 27

30 e 31 O sermão da montanha. Lição 28

32 Jesus cura um leproso e o servo dum centurião pagão. O joven de Naim. A mensagem de João Baptista Lição 29, 30 e 31

33 A mulher penitente. Sermão á beira do lago. Lição 32 e 33 I 34 Sermão á beira do lago. lesus aplaca a tempestade. Lição 33, II, III, e 34

35 A filha de Jairo e a mulher enferma. O endemoninhado cégo e mudo. Lição 35 e 36

36 Missão dos apostolos. Morte de São João Ba-ptista. Lição 37 e 38

37 Primeira multiplicação dos pães. Promessa do Ss. Sacramento. Lição 39 e 40

B - CATECISMO

Livro adoptado: III Catecismo da doutrina christã

- 1 e 2 Dos sacramentos em geral. IVa parte. Lição 1, § 1
- 4 e 5 Da graça. § '2 6 Dos sacramentos que imprimem caracter. § 3
- 7 Do baptismo natureza e effeitos. Lição 2, § 1
- 8 e 9 Ministro e rito do sacramento do baptis-
- mo, § 2 e 3 10 e 11 Necessidade do baptismo. Deveres dos que se baptizam. Nome e padrinhos, § 4 e 5
- 12 e 13 Do chrisma ou confirmação. Lição 3

- 14 e 15 Da eucharistia ou communhão. Presença real de Jesus. Lição 4, § 1
- 16 Da instituição e dos effeitos da Eucharistia. 8 2
- 17 Disposições para bem commungar. § 3
- 19 e 20 Essencia, instituição e fins da Missa. Lição 5, § 1
- 21 Modo de ouvir Missa. Lição 5, § 2
- 22 e 23 Partes da Penitencia em geral. Lição 6, \$ 1
- 24 Necessidade. Disposições § 2
- 25 e 26 Exame da consciencia. § 3
- 27 e 28 Contrição. § 4
- 29 Proposito. § 5
- 30 Confissão. § 6
- 31 Modo de confessar-se. Sacrilegio. Confissão geral. § 7 e 8
- 32 e 33 Absolvição. Satisfação. § 9 e 10
- 34 Indulgencias. § 11
- 35 Extrema uncção. Lição 7 36 Da ordem. Lição 8
- 37 Do matrimonio: natureza, ministro, rito, disposições. Lição 9, § 1 e 2
- 38 Condições e impedimentos. § 3

2 - LINGUA PORTUGUEZA

A — LEITURA

Livro adoptado: «Quarto livro de leitura», editado pelos professores da Escola Gratuita S. José

1 Os passarinhos. Nº 3

2 Passaro captivo (poesia). Nº 118

3 O philosopho e a criança. N° 6

4 Efficacia da oração (poesia), Nº 9

5 Não posso, Não quero e Vou experimentar. Nº

6 O urso preto, o urso branco e o homem (poesia). Nº 33

7 O grumete. No 10

8 O travesso (poesia). No 43

9 O filho do negro. Nº 11. Foi bem feito. Nº 12

10 Anhangá (poesia). No

11 A filha do pharoleiro. Nº 15

12 O leão e o rato (poesia). Nº 17

13 Deves amar e honrar a teus paes. Nº 18. A prece. Nº 20

14 Um ponta-pé heroico. Nº
27

15 Para o anniversario do pae (poesia). Nº 23

16 Si Deus quizer. Nº 30

17 A perdiz e o jaó (poesia). Nº 26

18 Abou e seu cavallo. Nº 32

19 O lobo e o cordeiro (poesia). Nº 39

20 A capellinha da Piedade. Nº 34

21 Os vizinhos. No 36

22 O grillo, a toupeira e o gallo (poesia). Nº 45

23 A' fronteira. Nº 38

24 O ninho e a cobra (poesia). No 125

25 A pomba do Manoel. Nº 49

26 A tempestade (poesia). No 54

27 Candinho e Manduca. Nº 51

28 Canção do tamoyo (poesia). Nº 81

29 O filho prodigo. Nº 53

30 O vagalume (poesia). No 134

31 A' porta do paraiso. Nº 60

32 Rasto de sangue(poesia). No 113

33 Imperio do homem sobre a natureza. Nº 63

34 O aerostato (poesia). Nº 146

35 Uma historia qualquer. Nº 68

36 As laranjeiras (poesia). Nº 107

37 Berço e feretro. Nº 66

38 A' bandeira (poesia). No

39 A caminho de casa. No 40 Proverbios

B - GRAMMATICA

Livro adoptado: Novo Manual da lingua portugueza. Curso preparatorio

1 Lição preliminar

2 Nome. Lição 1

3 Genero. Lição 2 4 Numero. Lição 3

5 Pluraes irregulares. ção 4

6 Pluraes irregulares. Lição 5

7 Gráu. Lição 6

8 Artigo. Lição 7 9 Adjectivo. Lição 8

1 0Feminino dos adjectivos. Licão 9

11 Plural dos adjectivos. Lição 10

12 Gráu dos adjectivos. Licão 11

13 Adjectivos determinativos. Lição 12

14 Continuação. Lição 13

15 Pronome. Lição 14 16 Continuação. Lição 15

17 Continuação. Lição 16

18 Verbo. Lição 17

19 Modos, tempos. Lição 18

20 Verbo ser. Lição 19 21 Verbo ter. Lição 20 22 Verbo haver. Lição 21 23 Verbo estar. Lição 22

24 As tres conjugações. Lição 23

25 Verbo amar. Lição 24

26 Verbo dever. Lição 25 27 Verbo partir. Lição 26

28 Complementos do verbo. Lição 27

29 Verbos irregulares. ção 28

30 Continuação. Lição 29

31 Participio. Lição 30

32 Palavras invariaveis. Lição 31

33 Analyse grammatical. Lição 32

34 A proposição. Lição 33

35 Continuação. Lição 34 36 Principaes e Subordinadas. Lição 35

37 Phrase. Lição 36

C - ORTHOGRAPHIA

1 a 3 Vogaes, consoantes, ditongos; prosodia e graphia dos mesmos. Accentuação graphica.

4 a 6 Difficuldades orthographicas na conjugação dos verbos regulares: c, q; g, gu; g, j; c, ç.

7 m, n, nasaes

8 ão, ões

9 lh, nh

10 gu, qu

11 rr, 11

12 c, s

13 ç, ss

14 s, z, x

15 ch, x

que se assemelham na 16 h pronuncia 17 letras mudas: ct, cç, 29 palavras que se escrevem mn, pt. de duas maneiras 18 ce, sse, -se. 30 Palavras compostas 19 a-se, asse 31 Sobre os verbos irregu-20 em, en lares 21 es, ex 32 Palavras primitivas, deri-22 con, com vadas; affixos, forma-23 dis, des ção de familias de pa-24 sc lavras 33 e 34 Divisão syllabica 25 ph, th 26 y 35 e 36 A pontuação e em-27 ção, ssão, cção, são. prego da inicial maius-28 palavras homonymas ou cula

3 - ARITHMETICA

Livro adoptado: Arithmetica, por F. B. H. IVa parte.

1 Introducção: Metro, decimetro, centimetro; O inteiro, decimo, cente-

simo, pag. 3 a 5 2 Metro, decimetro, centimetro, millimetro. O inteiro, decimo, centesimo, millesimo, pag. 6 a 8

3 Resumo. Multiplicar e dividir por 11, pag. 9 e 10

4 e 5 Addição das fracções decimaes, pag. 11 a

6 e 7 Subtracção das fracções decimaes. Multiplicar e dividir por 12, pag. 15 a 20

8 e 9 Multiplicação das fracções decimaes. Multiplicar e dividir por 13, pag. 21 a 26 10, 11 e 12 Divisão das

fracções decimaes. Multiplicar e dividir por 14, pag. 27 a 33

13 e 14 Fracções ordinarias,

pag, 34 a 37 15 a 16 Reducção de numeros inteiros e de numeros mixtos á fracção impropria e viceversa. Multiplicar e dividir por 15, pag. 38 a 41

17 e 18 Transformação das fracções. Divisibilidade dos numeros e simplificação das fracções, pag. 42 a 45 - 19 e 20 Numeros primos. Minimo multiplo commum. Multiplicar e dividir por 16, pag. 45 a 48

21 Addições das fracções,

pag. 49 a 52 22 e 23 Procurar o denominador commum e sommar, pag. 52 a 56

24 e 25 Subtracção das fracções. Multiplicar e dividir por 17, pag. 57

26 Por escripto. Multiplicar e dividir por 18, pag. 62 a 65

27 Multiplicação das fracções. Multiplicar uma fracção por numero inteiro, pag. 66 a 69

28 Continuação. Multiplicar um numero inteiro por fracção, pag. 69 a 72

29 e 30 Multiplicar uma fracção por outra frafracção e por numero mixto, pag. 72 a 75

31 Multiplicar e dividir por 19, pag. 91. Divisão duma fracção por numero inteiro, pag. 76 e 77

32 Continuação, pag. 78 a

33 Divisão de numero inteiro ou fracção por uma fracção, pag. 80 e 81

34 Divisão duma fracção por um numero mixto ou numero mixto por outro numero mixto, pag. 81 a 84

35 Repetição, pag. 84 e 85

36 Repetição, pag. 86

37 Transformar fracções ordinarias em fracções decimaes, pag. 87

28 Transformar fracções decimaes em fracções ordinarias, pag. 88 e 89 39 Numeros complexos

4 — GEOMETRIA

Livro adoptado: Geometria 13 e 14 Rectangulo e Quapratica para as escolas primarias, por F. B. H.

1 e 2 Noções preliminares

3 e 4 Posição das linhas 5 e 6 Medida das linhas

7 e 8 Dos angulos

9 e 10 A superficie em geral; quadrilateros

11 e 12 Ó metro quadrado

drado

15 e 16 Rhomboide e Rhombo

17 e 18 Triangulo

19 e 20 Trapezio

21 e 22 Polygono regular

23 e 24 Trapezoide e Polvgono irregular

25 e 26 O circulo: linhas

27 e 28 Area do circulo 29 e 30 Sector e Segmento 31 e 32 Corôa Circular 33 e 34 Ellipse e Oval

5 - HISTORIA DO BRASIL

buco. A revolução em 1 O descobrimento Portugal 2 Os indigenas. As primei-19 A regencia de D. Pedro ras explorações 3 As capitanias hereditarias 20 A independencia 21 As tropas portuguezas no Brasil. Confedera-4 O primeiro Governador Geral ção do Equador 5 O segundo e o terceiro Governador Geral 22 As guerras do Sul e a independencia do Uruquarto Governador Geral. A dualidade de 23 O declinio do primeiro governo. O quinto Governador Geral reinado 24 A regencia 7 O sexto Governador Ge-25 A revolução do Rio Gr. do Sul. A maioridade. ral 8 A primeira invasão hol-26 O novo regimen. A palandeza cificação do Rio Gran-9 A segunda invasão holde do Sul landeza 27 A revolução praieira. A 10 Expulsão dos hollandezes do Brasil guerra contra a Argentina 11 Estorvos ao desenvolvi-28 A questão ingleza. A mento da colonia guerra contra a Repu-12 Exploração do interior 13 Novas expedições franceblica Oriental 29 e 30 A guerra do Pazas contra o Brasil. A raguay conspiração de Tira-31 Administração e progresdentes 14 Luctas no Sul com os 32 A questão religiosa hespanhoes 33 O abolicionismo. A pro-14 Progressos do Brasil paganda republicana neste periodo 16 A vinda da familia real 34 A proclamação da Republica 17 As guerras no Sul 18 A revolução de Pernam-35 O Governo Provisorio

36 A primeira presidencia 37 A revolução federalista e da armada

38 A segunda presidencia 39 A terceira e a quarta 40 As ultimas presidencias

6 - GEOGRAPHIA

1 America do Sul. Limites e extensão.

2 Os paizes da America do Sul e suas capitaes 3 Lhanos, Selvas, Pampas

4 e 5 Montanhas do Brasil (reprod. graph.)

6 e 7 As cordilheiras dos Andes. Volcões. Terremotos (reprod. graph.)

8 Ilhas. Archipelagos. Peninsulas da America do

9 Cabos, mares, golfos, bahias

10 Os rios: Magdalena, Orenoco, Oyapoc (reprou. graphica)

12 Rios orientaes do Brasil (reprod. graphica) 13 Rios platinos do Brasil

(reprod. graphica) 14 Estreitos e lagos

15 e 16 Repetição da Geographia do Brasil (reprod. graphica do mappa do Brasil)

17 A Republica Argentina (reprod. graphia)

18 Colombia e Perú (reprod. graphica)

19 Bolivia, Venezuela, Guyanas (reprod. graphica)

20 Chile, Equador, Para-guay (reprod. graph.)

21 e 22 Uruguay (reprod. graph. do mappa da America do Sul)

23 America do Norte e Central. Limites, extensão

24 Os paizes e suas capitaes 25 Montanhas. Volcões (reprod, graph.)

26 e 27 Ilhas, archipelagos, peninsulas

28 e 29 Cabos, mares, gol-

fos, bahias, estreitos 30 e 31 Rios (reprod. graphica)

32 Lagos (reprod. graph.) 33 Clima, fauna, mineraes 34 Dominio do Canadá (re-

prod. graph.)

35 Estados Unidos (reproa. graphica)

36 Mexico (reprod. graph.) 37 America Central (reprod.

graphica)

38 a 40 Reproducção graphica da America do Norte e Central

7 — HISTORIA NATURAL

Trechos tirados do IV livro de leitura

1 A mangueira. Nº 102 2 O abacateiro. Nº 103

3 A jaboticabeira. Nº 104 4 A pitangueira. Nº 105 5 O sapotizeiro. Nº 106 6 As fructeiras do Brasil. Nº 101 7 Os inimigos dos fructos. No 108 8 Riquezas naturaes Brasil. No 90 9 O esquilo. Nº 110 10 A tartaruga. No 111 11 O cão. Nº 112 12 A baleia. Nº 114 13 O bugio. Nº 115 14 Os felinos brasileiros. Nº 15 O beija-flôr. No 120 16 O João de barro. Nº 121 17 Os tangarás. Nº 123 18 O urubú. Nº 124 19 A giboia e a anaconda. Nº 127

22 O tubarão. No 131 23 Bicho de cesto ou de canastro. Nº 135 24 O esqueleto e os musculos 25 O olho 26 O ouvido 27 Orgão do olfato, paladar, tacto 28 A pelle e sua conservacão 29 O sangue e vasos sanguinarios 30 Orgãos respiratorios e sua conservação 31 Molestias contagiosas 32 Transmissão de doenças

21 A cobra cascavel. No 129

pelas moscas. Nº 136 33 A pedreira. Nº 92 34 a 36 Estados physicos dos corpos. Nº 140

8 - THEORIA MUSICAL

Revisão da materia do curso medio. Tonalidades e modos. Intervallos de IIa até VIIIa. Do ponto de augmento, das quialteras e syncopes. Accidentes. Andamentos. Recapitulação do solfejo da-

20 A mussurana. No 128

do e ampliado com os intervallos de IIa até VIIIa em tom de dó. Tons relativos. Termos e signaes de expressão. Accordes. Notas de ornamentação. Solfejo em dó, sol e fá

9 - CANTO

- a) Canticos religiosos: Livro adoptado: «Cantate»
 1 Bom Jesus, a vossos pés
- 2 Vinde guarda fervorosa 3 Jesus divino esposo
- 4 Minha alma

— 55 —

5 Oh! vós que um allivio 1 O escravo 2 Meu canto de morte 6 Salve Mãe immaculada 7 Tudo darei 3 A floreira 4 Hymno de saudação 8 Louvemos Maria 5 Hymno ao Brasil 9 Oh! Virgem pura 6 O guerrilheiro 10 Meu Anjo da Guarda 11 Ladainha a São José 7 Remar, remar 12 Oh! Francisco 13 A ti, Santo portentoso 8 O pescador 9 Oração da manhan 10 Hymno nacional brasib) Modinhas e canticos paleiro 11 Hymno da Independentrioticos: Livros adoptados: Modinhas brasileiras cia 12 Hymno da Bandeira e Cancioneiro 10 — CALLIGRAPHIA a exactidão duma fa-1 i, u. Factura tura 2 n, m. Factura 3 r, v, 1. Recibo de or-18 r, 2. Aviso de pagamento 19 3, 5, 8. Renuncia dum denado emprego 4 t, 1. Proverbios 5 b, h. Recibo de aluguel 20 Alphabeto. Proverbios 21 O, Q 22 C. Carta branca de casa 6 k, j. Recibo de juros 7 y, p. Recibo de pagamen-23 G. Annuncio de venda 24 E. Proverbios 25 V, U. Annuncio de comto á conta 8 4, 7. Proverbios pra 26 Y, J. Pedido dum em-9 0, o. Reconhecimento duma divida prego 10 a, d. Letra promissoria 11 g, q. Attestado 12 c, ç. Proverbios 13 e. Carta pedindo um ca-28 I,T. Proverbios 29 F, P. 30 B. Annuncio dum objecto perdido 31 R. Annuncio dum objecto talogo 14 a. Carta recusando uma achado 32 H, K. Proverbios remessa 15 6, 9. Pedido duma cer-33 D. Aviso de recepção 34 S. L. Ordem para patidão de baptismo gar uma quantia 35 N, M. Carta de caução 16 s, f. Proverbios 17 z, x. Pedido de verificar

36 A. Proverbios37 X. Telegramma

38 e 39 Requerimentos 40 Proverbios

11 - DESENHO

Representação de folhas, mas, azas, ladrilhos. borboletas, peixes, plu-

12 - GYMNASTICA

Exercicios de gymnastica sueca

IIº ANNO

1 - RELIGIÃO

A — HISTORIA SAGRADA

Serie A

Livro adoptado: Historia sagrada do Antigo e Novo Testamento, para as Escolas Brasileiras, por F. B. H.

Antigo Testamento

Entrada de Josué na terra promettida. Lição 42
 Os juizes. Gedeão. Li-

ção 43 3 Samsão, Ruth, Lição

3 Samsão. Ruth. Lição, 44 e 45

4 Heli e Samuel. Lição 46 5 Saul, primeiro rei de Israel. A reprovação de Saul. A eleição de David. Lição 47 e 48 6 David vence a Golias. Odio de Saul. Magnanimidade de David. Li-

ção 49 e 50 7 Morte de Saul. Principio do reinado de David. David, o rei piedoso. Lição 51 e 52

8 Crime e arrependimento de David. Revolta e castigo de Absalão. Lição 53 e 54

9 Prophecias de David sobre o Redemptor. Licão 55

10 Ultimas exhortações de David. Sua morte. Lição 56

11 Oração e sabedoria de Salomão. Lição 57

e 12 Construcção e dedicação - do templo. Lição 58 - 13 Gloria e morte de Salomão. Divisão do reino. Lição 59 e 60

14 Jeroboão. O propheta Elias. Lição 61 e 62

15 O sacrificio de Elias. Licão 63

16 Apparição de Deus no monte Horeb. Lição 64

17 A vinha de Naboth. Elevação de Elias ao céo. Lição 65 e 66

18 Milagres de Eliseu. Lição 67

propheta Jonas. O fim do reino de Israel. Lição 68 e 69

Novo Testamento

20 A Cananéa. Cura do surdo mudo. Segunda multiplicação dos pães. Promessa do Primado a São Pedro. Lição 41, 42 e 43

21 Transfiguração de sesus. Jesus paga o imposto do templo. Jesus recommenda a humildade e acautela do escandalo. Lição 44, 45 e 46

22 Missão dos 72 discipulos. Parabola do bom Samaritano. Martha e Maria. Lição 47, 48 e

23 Jesus na festa dos Tabernaculos em Jerusalém. O cego de nascimento. Jesus, o bom

pastor. Lição 50, 51 e 52

24 Jesus ensina seus discipulos a orar. Maximas acerca da imitação de Christo. Jesus na festa da dedicação do templo, em Jerusalém. Lição 53, 54 e 55

25 Jesus em casa de um phariseu. Parabola da ovelha e da drachma perdidas. O filho prodigo. Lição 56, 57 e 58

26 O administrador infiel. O rico avarento e o pobre Lazaro. A parabola do servo cruel. Lição 59, 60 e 61

27 Resurreição de Lazaro. Os dez leprosos. Parabola do phariseu e do publicano. Lição 62, 63 e 64

28 Jesus, amigo das crianças. O moço rico. Os trabalhadores na vinha. Licão 65, 66 e 67

29 Ultima viagem de Jesus a Jerusalém. Jesus em casa de Zacheu. Jesus é ungido por Maria Magdalena. Lição 68, 69 e 70

Historia da Egreja 'de Christo

30 Eleição do apostolo Mathias. Vinda do Espirito Santo. Lição 1 e 2 31 O paralytico de nascimento. Vida santa dos primeiros christãos. Ananias e Saphira. Lição 3 e 4

32 Os apostolos no carcere e diante do synhedrio. Santo Estevam, primeiro martyr. Lição 5 e 6

- 33 Grande perseguição contra a Egreja. O sacramento da Confirmação. O ministro da rainha da Ethiopia. Lição 7 e 8
- 34 A conversão de Saulo. Viagem apostolica de São Pedro. Lição 9 e
- 35 Baptismo do centurião Cornelio. São Pedro em prisão. Lição 11 e 12
- 36 Primeira missão de São Paulo. Lição 13
- 37 Concilio de Jerusalém. Lição 14

Serie B

Antigo Testamento

- 1 O piedoso Tobias. Lição 70
- 2 Viagem de Tobias; o moço. Lição 71
- 3 O rei Roboão e seus successores. Lição 72
- 4 O propheta Isaias. Lição 73
- 5 Judith. Lição 74

- 6 O propheta Jeremias. Fim do reino de Judá. Lição 75
- 7 O propheta Ezequiel. Lição 76
- 8 Daniel e seus amigos. Lição 77
- 9 A casta Susana. Lição 78
- 10 O sonho de Nabuchodonosor. Os tres jovens na fornalha ardente. Licão 79 e 80
- 11 O impio rei Balthasar. O idolo Belo e o Dra-
- gão. Lição 81 e 82 12 Daniel na cova dos leões. Prophecias de Daniel. Lição 83 e 84
- 13 Os Judeus voltam do captiveiro. Lição 85
- 14 Esther. Lição 86
- 15 Heliodoro tenta roubar o thesouro do templo. Martyrio de Eleazar. Lição 87.
- 16 Martyrio dos irmãos Machabeus. Lição 88
- 17 O sacerdote Mattatias. Morte de Antiocho. Lição 89
- 18 Judas Machabeu. Lição 90
- 19 Ultimos tempos antes de Christo. Lição 91

Novo Testamento

20 Entrada solemne de Jesus em Jerusalém. A figueira sem fructos. A efficacia da fé. Lição 71, 72 e 73

21 O banquete nupcial. A moeda do tributo. O maximo mandamento. Lição 74, 75 e 76

22 Maldição sobre os phariseus e Jerusalém. A offferta da viuva. Prophecia sobre a destruição de Jerusalém e o fim do mundo. Lição 77, 78 e 79

23 Parabola das dez virgens. Parabola dos talentos. O juizo final. Lição 80, 81 e 82

24 Judas e o Conselho dos Judeus. A ultima ceia. O lava-pés. L¹ção 83, 84 e 85

25 Instituição do Sacr. da Eucharistia. Jesus prediz a traição de Judas e a negação de Pedro. Jesus se despede de seus discipulos. Lição 86, 87 e 88

26 Oração sacerdotal de Jesus. Jesus no horto de Gethsémani. Prisão de Jesus. Lição 89, 90 e 91

27 Jesus em casa de Annaz
e Caiphas. Pedro nega a Jesus por tres vezes. Jesus perante Pilatos e Herodes. Jesus
e Barrabas. Flagellação e coroação de espinhos. Lição 92, 93
e 94

28 Ecce Homo. Jesus é cru-

cificado. As sete ultimas palavras de Jesus. Lição 95, 96 e 97

29 A lançada no peito de Jesus. Seu enterro. Resurreição de Jesus. Apparição de Jesus a Maria Magdalena e ás outras mulheres. Lição 98, 99 e 100

30 Apparição de Jesus aos dois discipulos em Emmaus. Jesus apparece duas vezes a seus discipulos no Cenaculo. Apparição de Jesus perto do lago de Tiberias e na montanua de Galiléa. A ascensão de Jesus. Lição 101, 102, 103 e 104

Historia da Egreja de Christo

31 Segunda e terceira viagem apostolica de São Paulo. Lição 15 e 16

32 Prisão de São Paulo. Historia ulterior dos apostolos. Morte de Maria Ss. Lição 17, 18 e 19

33 Inimigos externos e internos da Egreja. Lição 20 e 21

34 A Egreja e os povos barbaros. O patrimonio de São Pedro. Lição 22 e 23

35 A Egreja e o Oriente.

As ordens religiosas. Lição 24 e 25 36 A Egreja e a reforma. Lição 26 37 A Egreja e o Brasil. Lição 27

38 A Revolução Franceza e suas consequencias. Tempos recentes Lição 28 e 29

B — CATECISMO Serie A

- 1 Do signal da s. cruz. Lição 1. (Introd.)
- 2 Deus e o Homem. Lição 2
- 3 Unidade e Trindade de Deus. Lição 3
- 4 Incarnação, paixão e resurreição do Filho de Deus. Lição 4
- 5 Da vinda de J. Ch. no fim do mundo e dos dois juizos. Lição 5
- 6 Da doutrina christan. Lição 6
- 7 e 8 Das virtudes theologaes. Lição 7
- 9 Do symbolo dos Apostolos. Lição 1 (Iª parte)
 10 Do Iº artigo. De Deus
- 10 Do Iº artigo. De Deus Padre da creação. Lição 2, 1
- 11 Dos Anjos. Lição 2, § 2 12 Do Homem. Lição 2, § 3
- 13 Do IIº artigo do Symbolo. Lição 3
- 14 Do IIIº artigo do Symbolo. Lição 4

- 15 Do IVº artigo do Symbolo. Lição 5
- 16 Do Vo e VIo artigos do Symbolo. Lição 6 e 7
- 17 Do VIIº e VIIIº artigos do Symbolo. Lição 8 e 9
- 18 Da Egreja em geral Li-
- ção 10, § 1 19 e 20 Da Egreja cath. e de seus caracteres. § 2
- 21 Da Egreja docente e discente. § 3
- 22 Do Papa e dos Bispos. § 4
- 23 Da Communhão dos Santos. § 5
- 24 e 25 Dos que são excluidos da communhão dos Santos. § 6
- 26 Dos tres ultimos artigos do Symbolo. Lição 11
- 27 e 28 Dos mandamentos de Deus em geral e do Iº mandamento da lei de Deus. Lição 1 e 2, IIIª parte
- 29 Do H° e III° mandamentos da lei de Deus. Lição 3 e 4
- 30 Do IVº mandamento da lei de Deus. Lição 5
- 31 Do Vº mandamento da lei de Deus. Lição 6
- 32 Do VIº e VIIº mandamentos da lei de Deus. Lição 7 e 8
- 33 Dos tres ultimos mandamentos da lei de Deus. Lição 9

34 Dos mandamentos da Egreja em geral e do Iº mandamento. Lição 10 e 11

35 e 36 Dos IIº, IIIº e IVº mandamentos. Lição 12 e 13

37 Do Vº mandamento. Do peccado. Lição 14 e 15
 38 Dos conselhos evangeli-

Serie B

cos. Lição 16

1 Da oração em geral. Li-

ção 1 (IIa parte)
2 a 4 Da oração dominical e da saudação angelica. Lição 2 a 4

5 Da invocação dos Santos. Lição 5

6 Dos sacramentos em geral. Natureza. Lição 1, § 1 (IVa parte)

7 Da graça. Dos sacr. que

imprimem caracter. Lição 1, § 2 e 3

8 e 9 Do baptismo. Lição 2

10 e 11 Do chrisma ou confirmação. Lição 3

12 a 14 Da Eucharistia ou Communhão. Lição 4

15 e 16 Do santo sacrificio da Missa. Lição 5

17 a 26 Da penitencia ou confissão. Lição 6

27 Da extrema uncção. Lição 7

28 Da ordem. Lição 8

29 a 31 Do matrimonio. Lição 9

32 e 33 Das virtudes principaes, etc. Lição 1 a 3 (Va parte)

34 Dos dons do Espirito Santo. Lição 2

35 Das bemaventuranças evangelicas. Lição 3

35 a 38 Das obras de misericordia, etc. Lição 4

2 — LINGUA PORTUGUEZA

A - LEITURA

Livro adoptado: Quarto livro de leitura, editado pelos professores da Escola Gratuita São José
1 O verdadeiro patriota. No

2 2 Idéa de Deus (poesia).

No 4

3 Amor filial. No 5

4 Orações (poesia). Nº 7

5 O pequeno heróe. Nº 14

6 O homem e a cobra (poesia). No 13

7 Dois quadros. No 16

8 Sou christão (poesia). Nº 19

9 A palavra. Nº 22

10 A macaca e o burro (poesia). Nº 29

11 A morte de Christo. Nº

12 A guerra. Nº 28

13 O burro politicão (poesia). No 31

14 O capital. No 42

15 O macaco vestido (poesia). No 52

16 A esmola. Nº 44. Amor da patria. Nº 55

17 A tempestade (poesia). Nº 54

18 A coisa mais forte. No

19 Infancia e velhice (poesia). Nº 65

20 O sentimento religioso. Nº 56

21 Imperio do homem sobre a natureza. Nº 63

22 A annunciação (poesia). Nº 69

23 Reforma social. No 71. Resolução de um moço. Nº 72

24 Ave Maria (poesia). No 75

25 As «Ave Marias». Nº 74 26 A recolhida: No 76. Religião e patria. Nº 78

27 A alegria (poesia). Nº 77

28 Navio em perigo. Nº 82 29 Canção do tamoyo (poesia). No 81

30 O trabalho. No 79. Resposta apologetica. No

31 Meu bouquet. (poesia). Nº 83

32 Primeira communhão. Nº 85

33 O desterro de um pobre velho (poesia). No 199

34 O Posto Central da Assistencia no Rio. Nº 87

35 Canto do gaúcho (poesia). No 192

36 Historia de um livro. Nº 88

37 Anchieta, o apostolo do Brasil (poesia). No 195

38 O cholerico abandonado sobrevivente. Nº 210

B — GRAMMATICA

Livro adoptado: Novo Manual da Lingua portugueza. Curso medio

1 Noções preliminares

2 Nome ou substantivo. Genero. Lição 1 e 2

3 Numero. Lição 3 e 4

4 Gráu dos nomes. Lição 5

5 Artigo. Lição 6 6 Adjectivo. Lição 7

7 Feminino dos adjectivos qualificativos. Lição 8

8 Gráu dos adjectivos qualificativos. Lição 9

9 Concordancia do adjectivo qualificativo. Lição 10

10 Adjectivos determinati-

vos. Lição 11 e 12 11 e 12 Pronome. Lição 13, 14 e 15

13 Verbo, modo e tempos.

Lição 16 e 17

14 Verbo ter. Lição 18 15 Verbo haver. Lição 19

16 Verbo ser. Lição 20

17 Verbo estar. Lição 21

— 63 —

8 pp 18 As tres conjugações. Lição 22 9 ss 19 Verbo amar. Lição 23 10 rr 20 Verbo bater. Lição 24 11 tt 21 Verbo partir. Lição 25 12 11 13 mm, nn 22 Observações sobre alguns verbos. Lição 26 23 e 24 Irregularidades. Li-14 s, c, ss, ç 15 s, z, x 16 ch, x ção 27 e 28 25 Formação e 17 h emprego dos tempos. Lição 29 18 Letras mudas 19 x, ks 26 Verbos. Lição 30 27 a 29 Verbos irregulares.
Lição 31 a 33
30 Complementos. Lição 34 20 sc 21 ph 22 v 81 a 33 Especies de verbos. 23 th Lição 35 a 37 24 ção, ssão, cção, são 34 Participio. Lição 38 25 Palavras compostas 35 Adverbios e Preposição. 26 Palavras que se asseme-Lição 39 lham na pronuncia 36 Conjunção e interjeição. 27 Palavras de orthographia Licão 40 irregular 37 Analyse lexica. Lição 41 28 Abreviações 29 Do modo de dividir as **ORTHOGRAPHIA** palayras 30 Do emprego da letra maiuscula · 1 a 4 Regras geraes 5 ões, ãos, ães 31 Nomes proprios contendo difficuldades 6 cc

3 - ARITHMETICA

Livro adoptado: Arithmetica, por F. B. H., Va parte

1 a 4 Regra de tres; Introducção. Nº 1 a 8
5 a 9 Regra de tres sim-

ples directa. No 9 a 18

7 ff, gg

10 a 12 Regra de tres simples inversa. Nº 19 a 23

32 a 36 Exercicios

13 a 14 Regra de tres composta. Nº 24 a 26

15 Regra de juros; pro-

curar juros. Nº 27 a

16 Procurar a taxa. No 29 e 30

17 e 18 Procurar o capital e o tempo. No 31 a 36

19 e 20 Regra de descon-to. Nº 37 a 40

21 a 24 Regra de proporção. Nº 41 a 47 25 e 26 Regra de mistura.

No 48 a 52

27 e 28 Regra de liga. N 53 a 56

29 Cambio. Nº 57

30 a 38 Problemas mixtos. Nº 58 a 70

4 - GEOMETRIA

Livro adoptado: Geometria pratica para uso das escolas primarias, por F. B. H.

- 1 a 3 Raiz quadrada. Repetir: Noções preliminares, posição e medida das linhas. Dos angulos
- A a 7 Theorema de Pithagoras. Repetir: triangulo rectangular
- 8 a 11 O cubo. Repetir: Quadrilateros, rectangulo e quadrado

12 a 14 O prisma. Repetir: Rhomboide e Rhombo

- 15 a 18 O cylindro. Repetir: O circulo (linhas, area, sector segmento)
- 19 a 21 A pyramide. Repetir: O triangulo
- 22 a 24 O cone. Repetir:
- Polygono regular 25 a 27 Pyramides truncadas. Repetir: trapezoide e polygono irregu-
- 28 a 32 A esphera. Repetir: Corôa circular, ellipse e oval

5 — GEOGRAPHIA

- 1 Universo, firmamento, astros, estrellas
- 2 Sol, systema solar, grandes planetas
- 3 Extensão do universo, configuração da terra
- 4 Movimentos da terra, dia e noite
- 5 Estações. Movimentos e phases da lua
- 6 Eclipse. Meridiano, equador, parallelos
- 7 Tropicos e circulos polares, zonas
- 8 Horizonte. Pontos cardeaes. Orientação. Bus-

sola (Producção graphica da rosa dos ventos)

9 Accidentes geographicos: Orographia, planicies, ilhas, littoral

10 Grandes divisões naturaes. Rio: nascente, foz, cachoeira

porto, -11 Oceano, golfo, movimento do mar, correntes maritin as, fundo do mar, aguas marinhas.

12 Climas, raças humanas 13 e 14 Repetição da geographia do Brasil

15 Repetição da geographia da America do Sui

16 e 17 Repetição da geographia da America Central e do Norte

18 Europa: Limites, mares, golfos

19 Estreitos, ilhas, archipelagos, peninsulas

20 Isthmos, cabos, montanhas

21 Rios e lagos 22 e 23 Divisão politica da Europa: Paizes, capitaes, cidades principaes, fórma de gover-

24 e 25 Reproducção graphica do mappa da Europa

26 Asia: Limites, mares, golfos, estreitos,

27 Ilhas, peninsulas, isth-mos, cabos

28 Montanhas, volcões.

29 Rios e lagos

30 Divisão politica da Asia: Paizes, capitaes, cida-des principaes, fórma de governo (reprod. graphica)

31 Africa: Limites, golfos, estreitos, ilhas

32 Cabos, montanhas, volcões.

33 Rios, lagos, desertos

34 Divisão política da Africa: Paizes, capitaes, cidades principaes, fórma de governo (reproducção graphica)

35 Oceania: Partes, mares, golfos, estreitos

36 Peninsulas, cabos, montanhas, rios, divisão politica (reprod. graphica)

6 — HISTORIA UNIVERSAL

♥ e 2 O Egypto e a civi-lização Egypcia 3 e 4 Os Phenicios

5 e 6 A Grecia 7 Alexandre Magno

8 e 9 Roma

10 e 11 Perseguição dos christãos

Clovis

13 e 14 Mahomet

15 Carlos Magno

16 A primeira Cruzada

17 e 18 Inventos no fim da edade media 19 e 20 Descobrimentos maritimos Colombo

22 e 23 A reforma

24 e 25 O seculo XVII, seus principaes successos e sua civilização

26 e 27 O seculo XVIII, seus principaes succes-

sos e sua civilização 28 e 29 A revolução na França

32 e 33 A formação e a independencia dos Estados Unidos da Ame-

rica do Norte 34 e 35 A formação e a independencia das- colonias ibero-americanas

36 e 37 O seculo XIX. Seus principaes succes-

sos e sua civilização 38 a 40 A guerra européa de 1914

7 — HISTORIA NATURAL

Trechos tirados do IVº livro de leitura

1 A videira 2 O chá

3 O cacáu 4 Os vegetaes. No 97

5 A floresta virgem, No 99

6 A flora brasileira, No 100

7 O urso 8 A raposa

9 O morcego

10 O camelo

11 A giraffa 12 O avestruz

13 O pato

14 A coruja 15 O crocodilo

16 Reino animal

17 As aves

18 Os ninhos e o instincto

de seus constructores Nº 119

19 e 20 As serpentes. No 126

21 Os peixes. No 130

22 O polvo. No 132

23 e 24 Preceitos de hygiene para a conservação da saúde

25 As pedreiras. Nº 91 26 e 27 O ferro. Nº 93

28 O cobre. No 94

29 e 30 A agua. Nº 95 31 As salinas do Brasil. No

32 Historia natural. Nº 89

33 O carbono. Nº 158 34 O phosphoro. Nº 159

35 O gaz de illuminação. Nº 160

36 O sabão. Nº 161

37 O vidro. Nº 163-

	8-P	HYSICA
1	Gravidade. Fio de pru- mo. Nivel dos pedrei-	20 Neblina, nuvem, chuva, neve, saraiva
	ros	21 Pressão do vapor
- 2	Alavanca: a, de braços	22 Machina a vapor
	iguaes	23 Corpos luminosos. Cor-
3	b) de braços desiguaes;	pos opacos. Propaga-
	c) de um braço	ção da luz
4	Balança. Balança decimal	24 Reflexão da luz
5	Roldanas	25 Espelho plano
	Vasos communicantes .	26 Espelho espherico. Es-
7	Pressão do ar	pelho concavo
8	Barometro	27 Refracção
9	Bomba aspirante	28 Lentes
10	Bomba premente	29 Arco-iris
	Bomba de incendio	30 Iman
12	Movimento vibratorio.	31 Bussola
	Transmissão do movi-	32 Electrização pelo atrito 33 Conductores
	mento vibratorio	34 Descarga electrica.
13	Velocidade e reflexão	Electricidade das tem-
	do som	pestades pestades
14	Calor	35 Para-raio
15	Dilatação do calor	36 Electricidade dynamica
16	Thermometro	37 Corrente electrica
	Vento	38 Electromagnetismo
	Aerostato	39 Telegrapho
19	Orvalho. Geada	40 Telephone
		- V

9 — THEORIA MUSICAL

E CANTO

Revisão da materia do cur so medio e complementar

10 — CALLIGRAPHIA

- 1 Endereço. i, u. 2 Participação. n, m.
- 3 Informação. r, v, 1. 4 Proverbios. t. l.

		-	
5	Convite. b, h.	3	Carta reversal. G.
6	Resposta, k, j.	4 5	Proverbios. E.
7	Recibo. y, p.	5	Desculpa. V, U.
8	Proverbios. 4, 7.	6	Procuração. Y, s.
9	Felicitação. 0, o.	7	Annuncios. Z.
10	Resposta. a, d.	8	Proverbios. I, T.
11		9	Pesame. F, P.
12	Proverbios. c, ç.	10	Resposta. B.
13	Encommenda. e.	11	Annuncio. R.
14	Resposta. ã,	12	Proverbios. H, K.
15	Attestado. 6, 9.	13	
16	Proverbios. s, f.	1.4	Requerimento. S, L.
17	Pedido. z, x.	15	Ordem para pagamen-
18	Resposta. r, 2.	190	to. N, M.
19	Cessão. 2, 5, 8.	16	Proverbios. A.
20	Proverbios	17	e 18 Telegramma. X.
1	Pedido. O, Q.		Caução
2	Resposta. C.	20	Proverbios

11 — DESENHO

Representação de caixa, livro, vaso de flôres, terrina, chicara, compoteira, fructeira, cantaro, pote, vasos differentes, copos, garrafa, mezas, banco, cadeira, armario, janella meio aberta, fogão, sino,

candieiro, lampada, lanterna, concha, concha do caracol, escaravelhos, animaes empalhados, botão de flôres, flôres. Fructas: ameixa, maçan, pera, cebola, abobora, uva, noz, pinho, etc.

12 — GYMNASTICA

Exercicios de gymnastica sueca

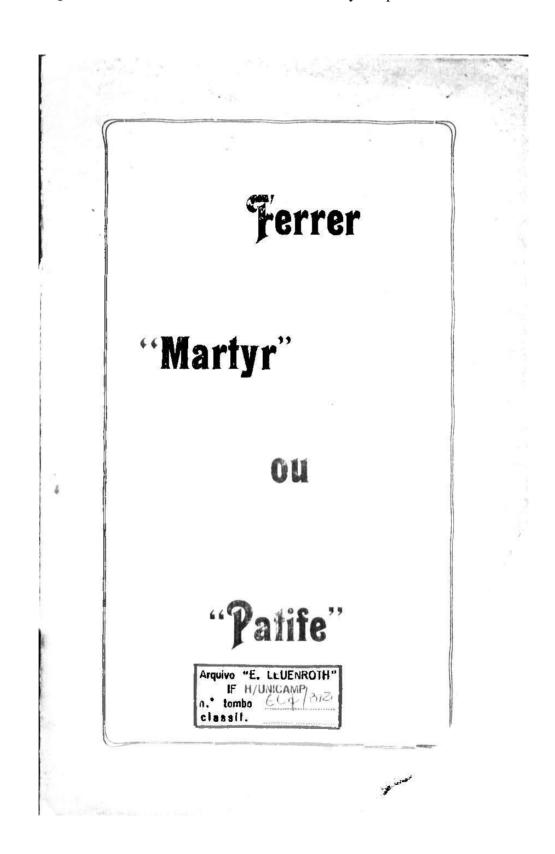


INDICE

REGULAMENTO	H° anno
Cap. I Da Escola e seu fim	Religião
Do regimen esco-	CURSO MEDIO
lar 6 Cap. VI Das reuniões dos professores . 10 Cap. VII Da bibliothe- ca 10 Cap. VIII Disposições geraes 11 Cap. IX Do ensino . 12 DISTRIBUIÇÃO DAS MA- TERIAS DO ENSINO	Religião
CURSO ELEMENTAR	CURSO COMPLE- MENTAR
Io anno	*
	I° anno
Religião 20 Lingua portugueza 21 Arithmetica 22 Canto 23 Calligraphia 23	Religião 45 Lingua portugueza 48 Arithmetica 50 Geometria 51

11		-	IND	ICE		
Historia do Bras	sil .	50005	52	Lingua portugueza .	v	61
Geographia .		23	53	Arithmetica		63
Historia natural			53	Geometria		64
Theoria musical	848		54	Geographia		64
Canto		•	54	Historia universal .		65
Calligraphia .		*1	55	Historia natural .		66
Desenho			56	Physica		67
			56	Theoria musical .		67
				Canto		67
II ann	10			Calligraphia		67
				Desenho		68
Religião		72	56	Gymnastica		68

ANEXO B: Quatro horas entre os anarchistas. Ferrer: martyr ou patife





Quatro horas entre os anarchistas

Ferrer "martyr" ou "patife"?

Si vissem agora minha mesa ficariam horrorizados. Estão ahi: H. Malatesta: Programma socialista-anarchista-revolucionario; — José Lopes Montenegro: Noções de Sociologia; — Enrico Malatesta: A Anarchia; — A Confissão, I. distribuição gratuita do Grupo Dramatico Anti-Clerical, edição 10.000 ex.; — Ferrer; — A Voz do Trabalhador (anarchista) etc.

São lembranças que acabo de trazer da sessão effectuada hoje, 12 de Ontubro, no Centro Operario 1. de Maio, de Petropolis, em «sigual de energico protesto, contra o brutal attentado á liberdade do pensamento humano, executado na pessoa de Francisco Ferrere, como diz o manifesto que faz parte da collecção supra. Santo Deus! Frei Pedro virou anarchista? Acalmem-se, senhores. Tive occasião de dizer a reunião anar-

chista que os protestos vigorosos em todo o mundo contra o fuzilamento de Ferrer, se deram... porque o patife não valia a carga de chumbo que levou!

- Disse mesmo ?

Disse textualmente, citando assim um episodio que se déra em Unlistein (Austria).

Coma foi tudo isso? Conte Pois, não, visto que posso fazel-o com a penna e deixar des-

cansar a garganta melo rouca.

Foi antehoutem a noite que men confrade Frei Paulo me trouxe o manifesto anarchista. As phrases do costumo: Mataram Ferrer porque a verdade por elle espalbada destrua a mentica convencional

mantida pelos hipocriptas (sic) clericaes e legalistas, Olhei para Frei Paulo. Entendemo-nos. Devig-se fazer algo para não abandonar o terreno, sem combate, aos anarchistas. Pedi que não falasse a ninguem a não ser aos Superlores e, approvada nossa idéa por estes, tomámos hoje o bond para Alto da Serra, n. 1258, local da reuniño.

Houve algum alvoroco na sala, como sonhe depois pelo unico migo jornalista a quem linha pedido assistir para servir de testeman

Olé! dois frades no bond... Caramba! O bond pára... Elles se aproximam da nossa sala... Olhem ahi!... Bombas! Elles sebem! Elles vem cá!...

Os dois frades, effectivamente, subiram. Precipitaram-se quasi

todos ás janellas e á porta.

O sr. Presidente está? Desojava fular com elle. Não está, não senhor. Isto é, elle deve vir. Esperarei.

Offereceram-me uma cadeira numa salinha proxima e, mais tarde, até um copo de cerveja que, embora parcresse bastante burgueza, não acceitei.

Um rapaz foi chamar o presidente. Outros agruparam se, não faltando - soube-o por testemunhas - quem tramasse alguma *boacontra os frades. Lamentaram que estes; vendo a pouca concorrencia que houve a princípio, tivessem uma má impressão da força dos anarchistas.

Veiu o presidente que, gentilmente, attenden a nosso pedido de

assistir á reunião.

Um dos oradores do Rio poz-se a men lado, desdobrando a Lanterna, jornal anticlerical panlista, tão commodamente diante de mim que satisfiz-lhe a vontade, lendo-o juntamente com elle.

Já são quasi 41.2, sr. Não são nada pontuaes, disse eu a

um dos presentes.

E' sempre assim; marca-se ás 4 para concear ás 5 ou 6.

Pelizmente, porém, os 3 oradores anarchistas que tinham subido do Rio não tiveram tempo a perder e dirigiram-se á mesa para começarem.

O presidente do Centro Operario abriu a sessão com algumas referencias ao egrande martyr Ferrere, dando a palavra ao sr. Gecilio Villar, um dos redactores ou e que sei eu? ecollaboradores d'A Voz do Trabalhadore.

Lamentou a pou a concorrencia e disse que la ser breve, mes-

mo porque conhecia a questão muito superficialmente.

O sr. Villar é mocinho ainda, de felções decididas, mesmo sympathico. Pena é que, em vez de estudar as questões imparcial e fundamente, entoasse as melodias muito gastas de Jiordano Bruno, Galilei etc. e fizesse os lonvores da escola moderna, que dizia já estabelecida em São Paulo, em Minas, no Rio etc.

Não sei si o incommodei com minha presença ou, mais ainda, quando comecei a tomar notas, mas dizem-me que se mostrou um tun-

to nervoso. Oxida elle lute um dia nas fileiras catholicas!

O 2. crador, sr. José Elias da Silva, salientou-se no meio dos operarios pela applicação com que se dedica á leitura. Disse-se satisfejto por ver dois sacerdotes, frente a frente, diante de seus inimigos,e tratou longamente da escola moderna, isto é, unarchica, de Ferrer, louvando-lhe as maximas. Fez sua profissão de -arcligioso- dizendo que tiaha sido catholico na infançia.

Tambem o 3. ocador, sr. Leal Jr. o mais cloquente e, na linguagem, o mais violento, referiuse aos dois representantes da Egreja Catholica, reujas doutrinas seu espirito de revoltado rebatia, e nos quaces via có homens eguaces a elles. Quiz um credo mais avançado, lexplicou a semana sangrenta de Barcelona como rebellião contra os Mauras, que linaram os filhos do lar para servicem os interesses dos capitalistas, dos pateões de minus e os de Marrocos, chamandosos de sanguesagas daquillo que produz o proletariado

Embora dissesse: Não precisamos atacar religiões nom systemas philosophicos — affirmasse peremptorfamente: A Egreja calau , deus ao trabalho de atacada e do distribuir avulsos auticlericaes, em paramhr contra a confissão, Houss autes tabla feito e mesmo car Potrosalis, as sala onde os rejudificados portuguezes de remáram para fasteram seu actual governo, mas um membro da directoria do Centro

Republicano, allegando haver republicanos catholicos que não queria offender, mandou retirar os avulsos das cadeiras, e o sr. Leal Jr., bastante contrariado, retirouse, indo para Alto da Serra, onde teve o aborrecimento de ver entre os seus ouvintes dois frades.

Contou de sua vida que também elle, antigamente, era catholico, -tendo encontrado toda a satisfação no invisticismo, e que sens paes

ainda hoje o são.

Como seus predecessores, teve não poucas phrases, ao lado de muitas falsas, que cada um pode subscrever: A verdade deve-se dizer Não ha documento mais authentico do clara e pura como ella é. que a historia. . Contra factos não ha argumentos.

Tendo falado com vigor rhetorico, teve uma forte salva de palmas. Ainda não terminara esta - cram cerca de 6 horas - quando já

estava eu de pé:

Sr. presidente, peço a palavra.

- Pois não, cada um póde falar - responden-me este.

- Aqui não ha presidente - aparteou o ultimo orador anarchista, o sr. Leal,

- Pois então - respondi, dirigindo-me á sala, peço a palayra gos sys. todos.

Estavam de accordo e fui á mesa.

Não quererão os leitores que lhes conte tim-tim por tim-tim tudo, visto que falci cerca de uma hora, constantemente interrompido por apartes, de um, de dois ou mais ao mesmo tempo.

A verdade deve-se dizer clara e pura como ella é : Lembram-

se destas palayras do orador que me precedeu?

Sim, en o disse responden o sr. Leal. Pois, então, srs., yamos a ella. Quanto no 1. orador pouco tenho que dizer visto que elle mesmo confesson textualmente: «Conheço

a questão muito superficialmente,

Os dois outros confessaram que, antigamente, eram catholicos; o ultimo nte salientou que, em menino, ajudara a Missa e encentrara toda a satisfação na Religião Catholica, no mysticismo , como elle se exprimia. Ora, si elles já uma vez mudaram de opinião, abandonando sua le, tenho um pouquinho de esperança, que, sabende da verda le clara e pura como ella é , mudom mais uma vez. Foram endeusados hoje, Ferrer e sua escela. Vamos ver o que

ambos são, pois contra factos não ha argumentos e não ha docu-

mento mais authentico do que a historia .

Francisco Ferrer, de coja vida ainda mão foi contado nada hoje, nascen em 10 de Janeiro de 1859, em Abella, 15 kilometros ao norte de Harcelona.

> Isto é indifferente aparteou um dos anarchistas.

Não a mim, que quero por os pontos nos i i.

Foi educado piedosamente (o ultimo orador confirmon-o com a cabeça), mas entregue, aos 13 annos de edade, a um patrão atheu, em Barcelona, que em vez de ensinar-lhe bem seu officio, corrompeu-o. Aos 20 annos, Ferrer fez-se empregado na estrada de ferro. Em 1885 entrou

na loja amgonica Feridad, de Barcelona. Em 19 de Setembro de 1896, Francisco Ferrer tomou parte na revolução do general Villacampa, e, dominada esta, o heroc, sempre yalente, fugiu para Paris, onde abrin - não sei si isto lhes mercea o titu-lo de martyr ou si tem algum heroismo - uma bodega de vinho, atá que mais tarde se fizesse secretario do conjurado hespanhol Ruiz Zorilla.

Os ses, que tanto ouviram endensar Ferrer, quererão sabor em que se fundam seus titules honroses; não lhes será, portante, indiffe-

rente ouvir algo do chefo do familia...

Ferrer, o heroe da triste figura, a tal ponto fratou sua mulher que esta, em juizo, declaron ter sido toda a sua vida, ao lodo, de Perrer um martyrio incessante, e que elle lhe tirara todas as suas filhac' a altima logo depois do mascimento.

A mulher pediu-lhe de joelhos que lhe dissesse onde estavam as filhinhas e a pequena de peito ninda. Elle negou-se, e a pobre, em excesso de desespero, deu-lhe 5 tiros. Foi condemnada a um anno de prisão, mas logo indultada. O gríminoso, perante a opinião publica, não foi a mulher, do qual se divorciara, mas o marido tyrango.

A primeira criança que lhe nuscera, Ferrer mandára ainda bapti-

zar; foram pagãos, porém, suas filhas Paz, Luz, Sol, e seu filho Riezo. Em 26 de Março de 1890, Ferrer entreu para o Gr. . Oriente, onde subiu a alto gran, e em cujas listas figura expressamente como anarchista. O Gr. . Or. . confiou-lie a cadeira do hespanhol nos cursos commerciaes, om 1899, 1900 e 1901 até que Ferrer herdeiro duma grande fortuna, nac quizesse mais o trabalho de professor de linguas.

Ah! capitulo interessante. Os srs. operarios a pensar que elle era

operario.

- Ninguem de nós disse isso - aparteou um dos anarchistas. Não o disseram, é verdade. Mas vejam aqui (levantei um dos

manifestos de sobre a mesa.) Queiram ler:

*Centro Operario 1º de Maio : Julgam os operarios tão ingennos que tivessem apparecido, sabendo que Ferrer, longe de ser um delles, era um capitalista e millionario, um destes capitalistas hoje tão atacados?

Vamos ver como o heroe adquiriu cen oiro. Elle estava vendo e cubicando os bens duma rica e piedosa senhora de Paris, Maos Ernestina

Meunier. Como entrar un posse de bens alheios ?

A senhora Meunier tinha uma companheira e amiga intima. Mene Bonnard Ferrer, occultando que estava casado, fez-lhe a corte e conseguin que cila se casasse com elle - subem onde? - numa loja maçonica, onde den sua palavra de houra de estar livre! Que heroe!

Aproximou-se então, fingindo-se piedoso, deMus Mennier, conseguindo que ella lhe desse 16000 francos annuaes para a fundação dum asy-

lo de orphãos (de crianças de peito.) Sabem o que fez Ferreg?

Fidou com tudo para si mesmo! Deixou cahir os 16.000 francos attituaca na propria bolsa, gaziando-os para suga escolas modernas, onde ensinava o uso da bomba e do punhal enveneundos.

O martyr, a heroe, a nobre chefe de familia, roubanda!

Não é tudo. Mass Meunier fel-o seu herdeiro. Só a casa de Paris que lhe deixou, na rua des Petites Eenries, fol orgada em 3 a 1 milhões Entito ella o deve ter apreciado, si llio deixon tanto - inter-

rompeu o sr. Leal.

Sim, porque foi enganada. Ferrer fingiu-se pledoso e devoto, para ganhar-life a herança, pois não ha a menor duvida sobre os sentimentos de Mass. Mensier, que ainda no testamento delsou. 3,000 francos para missas por sua alma e pela de sua mãe. Ferrer a seguir s

muximus O fim justifien os melos!-

Não acabon ainda este espitulo do capitalista Ferrer. Mec. Meu-nier deixava d sua companheira Mec. Bonnard, esposa de Ferrer, 160.000 francos. Perrer, on vez de dur esta somina a sua mulher-, deuthe deglies (apollees) de uma industria hespanhola, mas até desta gene rosidade elle, em breve, se acrependou. Tiron-lh'as, sem nunca ceder a suas instancias, de restituir-lhe o dinheiro. Só ha pouco ninda hontem um joraal publicou a sentença o tribunal condemnou os herdoiros de Ferrer a pagarem a Mas, Bonnard os 100,000 francos com os respectivos juras. Els sen herael

O grarrande Ferrer, allan, uao se contentava com duas mu-

theres, Procuron Boledad Villafranca, farendo a sua amante

1sto não posso censurar aparteou um dos annechistas. Mas co alm, e o ar. também consurará que sen giorioso Forver, vivendo orlicipescamente com Soledad, tratasse tão infamemento a propria mumer, a deixassa quasi morrer ii mingua, com dels filhos unturnes, a proprin filha que conve trabalhando numa labrica de bla witon om Paris.

Pela 2º vez, Forrer foi promitte pela policia è priso.

Eu tambem jă estive na cadeia algumas vezes — interompeume o sr. Leal.

- Pois faço votos muitos sinceros por que o sr. nunca mais vol-

te para lá.

Querem saber porque Ferrer novamente foi procurado pela policia? Imaginem. Um joven par quer realizar seu casamento. Ha alegria em toda a parte. Os parentes e amigos o cercam. E outros, muitos outros ainda ha, pois estes jovens são o rei da Hespanha e ama princeza da Inglaterra. Subito estaca o prestito nupcial. Bombas de dynamite explodem. O sangue tinge a veste alva da rainha. 190 victimas, entre as quaes 40 mortos.

Sabem quem foi o assassino? Foi o discipulo e secretario de Ferrer. Não ha que admirar que a policia prendesse também o mestre e patrão, aquelle que não só a seu secretario, mas em todas as suas 121 escolas modernas ensinava e recommendava o uso das bombas de dyna-

mite envenenadas.

E logo, logo, começou um movimento para soltar Ferrer. Sabem donde partiu? De uma Loja Maç. . O Irm. . . Orateur da loja de Auvers o

diz em seu relatorio de 1906-1907 :

A loja instituiu um comité a favor de Ferrer. O comité constituiu-se fora da maconaria, formando um grupo grande, composto de todos os elementos anticlericaes. Fizeram-se reuniões em todas as secções da cidade; mandaram circular, nas diversas associações, abaixo-assignados, para exigirem a liberdade de Ferrer. As listas foram enviadas no defensor; ao rei da Hespanha uma petição.»

A policia, por falta de documentos de todo sufficientes, soltou Ferrer. Chegamos á Semuna sangrenta de Barcelona, pela qual Ferrer foi fuzilado, pois não o foi, embora o affirmassem os srs. oradores que me precederam, por suas escolas modernas, aiuda que por suas doutri-

nas perversas merecesse serio castigo.

Sabem o que foi a Semana de Barcelona de 26-31 de Julho de 1909? Ah! isso pão vos disseram os outros oradores! Os auarchistas e revolucionarios cortaram o telegrapho, fizeram voar tribos ferroviarios e poutes, lançaram bombas, incendiaram e destruiram cerca de 80 egrejas, escolas, conventos, orpanantos etc., massacraram sacerdotes, freiras, cidadãos. Cuspiram imagens; espetaram em paus os corpos mutilados de suas victimas, percorrendo com elles as ruas de Barcelona.

Conhecem, meus srs., o Asylo de N. S. do Amparo, de Petropolis? Talvez um ou outro de vós tenha lá uma filhinha, uma sobrinha. Pois imaginem. Nem diante de tal casa de caridade recuaram, em Barcelona, as hordas revolucionarias; deshonraram as Irmans e as proprias menores. Foi preciso que o Governador Geral da Catalunha, o general Santiago, reunisse 3 regimentos de cavallaria, 3 regimentos de infanteria e 8 companhias da guarda civil, para que cufrentassem os revolucionarios deshumanos que atiraram loncamente das janellas e varandas, dos telhados e atraz das barricadas. Os militares saudados pela população quaes salvadores de vida, porfim dominaram o campo, encontrando innumeras victimas, 80 egrojas e conventos etc. destruidos, erejuizos materlaes do cerca de 25.000.300\$000, uma das maiores bibliothecas da Hespanha, a de Esclapios, destruida.

Alguns dos principaes cabeças do movimente anarchista foram

logo presos e fuzilados.

Ferrer fugira. Porque fugira elle, 878., 8i era innocente?

Preuderam-n'o, emfim, apresentande-o ao tribunal militar, que—cultimo orador, que disse ter estado maquelle tempo na Hespanha, m'o confirmará—offerece, na Hespanha, maiores garantias contra influercias politicas e pessones, do que o civil.

Ferrer rejeitou um defensor, mas o tribunal deu-lhe, para de

sor, um capitão conhecido por suas idéas avancadas, que se esforcou

bastante para fazer absolver seu correligionario.

Ferrer, como todos os accusados, teve o direito de recusar aquelle de seus 7 juizes (1 coronel e 6 capitaes) que lhe parceesse suspeito. Elle poude propor quantas testemunhas quizesse, que o tribunal mandava ouvir em presença do accusado.

Apresentarum-se as testemunhas contra Ferrer.

Foram as jesuitas! interrompeu-me o presidente do

tro Operario 1.º de Maio.

Essa é bóa, meus srs., essa é de força! Imaginem! Os jesuitas massacrados pelos companheiros de Ferrer levantaram-se dos tumulos para irem depór contra elle! E' de força!

Biram-se e bateram palmas.

- Ninguem viu Ferrer nos successos de Barcelona!

- As testemunhas dizem o contrario. Disseram que Ferrer, em pessoa, dera a orientação a seguir aos revoltosos, - que exigira de outros a proclamação da republica, - que foraceu armas que foi visto á frente de um dos grupos de rebellados, que exigira do aleaide de Premia a proclamação da republica, e que, em Sola (Casola) deu normas directas para a revolução.

Testemunhas falsas!

Porque depôem contra vosso heroe?

Pois, ouçam: elle proprio depõe. Cahiu nas mãos da policia uma

de suas circulares, onde, entre outras coisas, diz:

· Na hora da revolução que se aproxima, passae por cima desta hurquezia infame e seus programmas ridiculos. Antes de construir, e preciso derenhar tudo o equalal-o ao ebão... Matae, quando a ne-cessidade o exigie... Abolição de todas as leis existentes. Esputsão e anniquilamento de todas as communidades religiosas. Dissolução dos vargos publicos, do exercito e da marinha. Derrubamento das egrejas, Confiscação do baneo e dos bens de todos os empregados civis é militares. Prisão dos empregados, até que se tenham justificado ou que forem fuzilados... Viva a revolução!... E o programma do momento. Depois virá a repartição dos vi-

veres, das casas, a destruição de quarteirões miserareis e de cidades inteiras que são anti-hygienicas ou sem arte, seguira a distribuição das terras e a saneção do povo para todos os aetos da revolução . . .

· Lutemos até convenermos a todos que o exercito e o clera são

os braços do capitalismo...

Estamos convencidos de que no dia em que cahirem, á mesma hora, as cabegas da familia real e dos ministros, e que desmoronarem os calificios onde estão, havera tal panico que, com facilidade, nossos amigos se apoderarão dos edificios publicos e organização a assemblea

revolucionaria. *)

Não houve, pois nenhuma injustiça on leviandade na condemna-ção do accusado. A sentença foi confirmada polo Auditor Geral da Catalunha, pelo Capitão General e Commandante do 4.º exercito, pelo Suprema Tribunal de Guerra e Murinha, composto de 10 generaes, 3 almirantes e 1 con altores-juridico-nellitares, e, finalmente, pelo Conselho de Minietros,

E o Alfonso renceionario ...

Pelo rel, sim; e sube porque? O se, que diz ter estudo un Hespanha, por occusião dostes acontecimentos, devia sabel-o. A Constltulção da Hespanha não permitte ao Rei indultar um condemnado, si ma mediante petição apresentada pelo minésterio.

O Gr.: Oriente, pela 2.º vez, remexen Mecca e breez para conseur a libertação de seu queridinho propagandista contrehico Ferrer ricigiusse us 500 lojas filiadas, adulterando a verdade, que, segundo ontade do ultimo orador, contei clara e pura tal qual ella é .

N o chegnel a les todo o programma...

E o que lez a Egreja, hoje aqui tão atacada? O Summo Pontifice dirigiu-se ao governo da Hespanha para conseguir o indulto, de Ferrer.

- Depois de elle morto! - riu-se ironico o presidente do Centro

Operario.

O sr. ousa atribuir ao Papa papel tão ridiculo ? E' signal que não tem idéa dos factos e que acredita piamente o que sua imprensa anarchista e anticlerical lhe apresenta. Quem precizamente, por iniciativa propria, se dirigiu ao Papa, foi um hespaubol; o Cardeal Merry del Val. O Papa consentiu que se dirigisse a Madrid. Elle o fez, obten-

do resposta negativa.

È si lhe restar uma duvidasinha ainda, veja bem donde veiu todo o movimento a favor do anarchista Ferrer. Da Hespanha? Qual o que! Procure na Bibliotheca Nacional do Rio, os jornaes daquellas semanas. Verá que na Hespanha tudo estava tranquillo, mas que o movimento, artificial, veiu de fora, do Gr.: Oriente: que soube cercar-se de todos os elementos anticlericaes e enganar a opinião publica.

Mas ninguem tem o direito de condemnar alguem à .norte! Um tem. Um: Christo condemna os transgressores de sen decalogo não só á morte temporal, mas á eterna.

Então Christo é ... (não ouso transcrever). Tremi de indiganção; e dirigi-me á assembléa:

Foi proferida aqui uma blasphemia, como jamais a ouvi. Por vosso presidente, srs.! E' grave. Não posso permanecer n'uma sala onde se proferem blasphemias. O sr. ha de retiral-a já e já!

O presidente do Centro Operario murmurou algumas explicações. Estão ouvindo, srs. - prosegui. - Elle está retractando o que disse. O sr. presidente está retirando a blasphemia. Neste caso já continuo.

Atacaram hoje, repetidas vezes, a Egreja Catholica e seus ministros. Pois, ses, vojam por si, quem é que faz mais pelo operariado: a

Egroja on os anarchistas.

Lá esta assentado men confrade Frei Panlo, que todos os dias, ensina vossos filhos na escola gratuita que dirige. Nesta e na outra que temos em Petropolis, mais de 500 meninos. As Trmans de S. Cafliarina ensinam centenas de meninas. Cratuitamente. Onde estão as escolas que os ses, anarchistas fundaram e mantôm?

Ah! nós não temos dinheiro!

Eu e meus confrades tampouco. Mas nós batemos ás portas dos ricos a pedil-o pelos filhos dos pobres, e para isso, parece, que também a vossos olhos os ricos ainda servem . . .

E mais, srs. Os anarchistas vos pregam, levianamente, a greve. Ora, apparecon elles para conseguir-vos um novo emprego quando demittidos? Elles nunca foram vistos nos escriptorios dos patrões, para falarem por vós, emquanto mais de um dos vossos camaradas deve sua readmissão na fabrica a meus confrados no sacerdocio.

Os anarchistas que vos cachem os ouvidos de escola moderna, a

ensinar o assassinato, ao menos mantêm algum orphanato?...

Ahi vae sermão... Palta só a confissão sinda.

Sim, sr., a confissão. Prove-me o sr. que ninguem precisa confessar-se, o deixal-o-ci também de fazer. Ainda hoje me confessei, Fil-o na semana passada, como o laço todas as semanas. Mãos á obra! Apparecam os argumentos ! . . Fale ! . . .

Isso de Deus a religião o facommoda? Ora, ses! Sem Deus os hamens matar-se-ium pela mulher mais bonita on alé por uma simples

maçan. Sabem quem o disso? O genial Napoleão!

Napoleáo não o grando aparteou o sr. Leal. Não foi phi-

losopho.

Ora, men caro sel Uma vez zomba de todos os systemas philosophicos, outra vez reclama a philosophia! E quanto a Deus von ac erescentar-lhe uma pulavra de seu Voltafre, dirigida por este a un"

migos que zombavam de Deus: Calem-se, pelo menos até terem sahido meus criados; não quero ser estrangulado por elles na proxima noite.

O sr. Leal levantou-se e fez uns passos para a porta, dizendo-me:
Está bom. O sr. sáe vencedor porque não me deixa tempo
para a replica. Tenho de descer com meus camaradas para o Rio. Póde,
pois, continuar a dizer o que bem entender.

- Neste caso, quem já está com a palavra é o sr. Fico aqui as-

sentado á sua frente.

Assentei-me no primeiro banco e, d'ahi a mementos, por minha vez comecci os apartes.

Ferrer, meus srs., não teve defesa. E' uma das mentiras da

imprensa - começou o antagonista.

Pois ha uma prova muito convincente, — interrompi-o. — O sr., apresentado como conhecedor da Hespanha, não deve ignorar a queda do ministerio Maura, a que seguiu o liberal, quer dizer, o inimigo mais encarniçado do velho chefe dos conservadores. Ora, uma vez no poder, os liberaes procuraram tudo para humilhar os conservadores que reinavam durante os successos de Barcelona, e não teriam deixado passar uma occasião tão esplendida, como teria sido a descoberta de frandes ou injustiças no processo Ferrer. Mas não acharam nada a censurar, a não ser uma unica coisa. Sabe o que foi? Que Maura foi demasiadamente indulgente com Ferrer!

Mas o l'uzilamento de l'errer não deixa de ser um assassinato que o sr. como catholico não póde approvar. Não e nunca licito matar

alguem.

Sim, sr., póde ser licito.

Não póde - retorquiu o unarchista.

Ora, o sc. me responda sinceramente. O que fará, si, ao sahir desta sala, for repentinamente atacado na rua por alguem que se lhe opponha com o punhal ou o rewolver? Deixar-se-ia matar?

Não, sr.

Prostraria morto o aggressor, para salvar-se?

Naturalmente.

Pois, foi o que fez Maura.

Não ha compuração.

Ha, sim. O sr. está de accordo que é licito, em ultimo caso, matar em defesa propria. Ora, o que o individuo póde, também a sociedade póde.

Mas Maura não foi atacado por Ferrer.

Ora, Maura, em legitima defesa da sociedade que elle representava, agiu contra quem era uma das causas principaes de multas mortes, do incendio de 80 egrejas, conventos etc., e...

As discussões generalizavam-se, tomando parte muitos anarchisias Forum de um a outro assumpte, saltando em um momento do

polo norte ao sul.

Não acceito nenhuma autoridade exclamou o orador.

Não apoiado! interrompi-o. Ha muita coisa que o sr. acredita piamente pela autoridade de outros.

Não, sr. Creio só o que comprehendo.

Qual o que ! Ao dizer-lhe son professor, na infancia, que certa letra se chamava ¿ o sr. não profestou, mas deu-lhe plena fé, respeitando-lhe a autoridade.

E' porque ginda "ão tinha juizo, mas hoje... Não, sr. Si não tivesse tido juizo, o professor mada lhe podia ter unsimado. Mais ninda hoje o sr. acrodita muita colsa pela sutoridado de outros.

Ah I isso não !

laso sim. Quando hoje regressar no Rlo, tranquillizar-se-ù ela autoridade do chefe do trem, a quem talvez nem slouer conhece creditară piamente que elle attendora às curvas dos trilhos, que não erară a velocidade do comboio, e que não o levará contra outro.

E' ou não acceitar a autoridade d'um outro, d'um housem aliás fallaz e fraco ? . . .

— Mas o sr. não póde negar — disse-me o sr. Leal — que, durante seculos, a confissão só serviu para seduzir, para a compuista de

heranças ...

- E o sr. ousa julgar sem conhecimento de causa? O sr. não se confessa; como quer sabor o que na confissão se passa? Appello para o testemunho de todos os que se confessam, sra. Apparecam! Digam o que sabem!

Não disserum nada.

Mas pao; o presidente do Centro Operarie, julgára ter feito um achado valioso e apostrophou-me:
- E então, Idelina?

- Muito bem, vamos a Idalina! Pensa o sr. que são os catholicos que têm de fugir da discussão? Vamos. Sahe como foi o facto, a calumnia? Foi esta: «O P. Stefani fez mal á Idalina em Junho de 1907. Foi ou não foi assim que disseram?
 - Foi, sim.

- Pois bem. O P. Stefani, nesta data estava na Italia. Como podia fazer mal a uma menina em S. Paulo ? . . .

Vamos ao 2º ponto. Sua imprensa, lá a Lanterna que de luz não

tem nada, affirmou.

- A Lanterna é uma luz verdadeira.

- Sim, como uma velasinha ao lado do sol rutilante. Vamos ao caso. Sua imprensa affirmon que depois, Idalina fora morta pelo V. Faustino Consoni, director do estabelecimento. — Como o P. Faustino Consoni podia matal-a si elle estava muito longe, na Fazenda S. Martinho!
- Mas Idalina ainda não appareceu! E isso o admira ? Quer saber onde ella está ? Pergunte ao presidente de seu congresso anarchista no Rio, o sr. Edgard Leueuroth; pergunte aos irmãos Stamato; elles poderão informal-o perfeitamente onde esta Idalina.

O presidente do Centro Operario não gostou desta réplica e le-

vantou o ultimo numero da E poca :

Pois lein aqui : Padre assassino».

Effectivamente, o jornal, em letras garrafaca, trazia casa e outras epigraphes ainda mais revoltantes.

- E leso o surprehende ? repliquei, · Um padre assassino já houve no tempo de Christo; chamaya-se Judas. Os bons ficam, os máns. .. E quanto no nosso rempo, parece não ter ouvido, nos discurson anteriores, que ainda hoje lin gente que deixa o catholicismo para facer-se anarchista. . . leso não admira.

O ar, José Elias du Bilva (o 2º orador) quiz levar a discussão a

outro terreno e parguntou-me :

O sr. sahe o que escreveu Kropotkine ?

Ah ! o sr. fala do anarchista, o principe rasso Kropotkine! Estou as ordens.

Sim, russo. E len também (não me lembro, si dissa Mackay, ou outro escriptor anarchista) ?

Ou prefere que lhe cite algumas fontes? Bakunine, Fucker, o geographo Eliseo Reclus, Netschajew? . . .

Du lhe repito novamente: catou de accordo com o operariado no que diz respeito à sun triste situação, da qual devem sahir o para o que conservaroi o melhor possivel, mas divirjo absolutamente de suas idéas que acho pessimas

Sao muito hons.

NÃO, er., não vão. Alfás, os ers. me consideram inimigo, cor tissuram on sous discursos, o que uno affirmavel de mim quasti pessura, mas sim que seu filmige declarado de suas Ah! tambem nós não somos inimigos de sua pessoa! Não o deixámos entrar aqui? Não o ouvimos quando nos atacou?

Tanto melhor. Desejo muito vivamente que, com a sua grande

actividade, um dia estejam do lado catholico.

– Alī ! isso nāo !

E o sr. Silva, que parece o mais calmo e quem mais se instruiu na literatura socialista-anarchica, passon a uma prelecção sobre o Estado futuro, depois da transformação violenta e sangrenta que quer que lhe preceda.

Como en lhe disse repliquei - lamento não termos, em protecção do operariado, uma legislação social. As condições dos operarios são más, em parte pessimas, mas para melhoral-as não devem

recorrer á violéncia.

Vae mais depressa. Os outros meios não servem.

Pois, en lhe digo com a maior sinceridade - interrompen o anarchista, tenho o genio pacato, tranquillo. Mas, no dia, em que rebentar a revolução, para a transformação violenta de toda essa sociedade, en, armado, estarei na frente... O sr. Leal levantou-se :

- Faltam 15 minutos para 8 horas. Temos de retirar-nos porque é a ultimo trem.

Extendi-lhes a mão, a todos tres :

Como disse, srs. Amigo de suas pessoas, mas inimigo de suas ideas que são pessimas. Oxalá as mudem em tempo! Faço votos que o sr. dirigi-me ao amarchista Leal volte a ser o que ainda hoje são seus paes, que o sr. trata de reaccionarios. Croia que, voltando, daria grande satisfação a sua velha mãe. 1)

Elles desceram. São tão rains? Creio que não. Elles têm um ideal, embora false. Fazem sacrificios por elle, o que não se póde dizor de todos aquelles que têm um ideal bom. Ficarum nessa noite, coitados. sem jantar, para poderem responder a um sacerdote que lhes hostiliza françamente as idéas anarchistas.

Tivesse en que falar-lhes sósinho, tratal-os-ia com a maio, hondade e compaixão. Onde elles porém, se apresentavam não só seduzidos mas também seductores de operarios, pouco instruidos, não houve ontro recurso, sinao enfrental-os com energia.

Estou convencido que, embora errando, elles são mais ou menos sincoros. E, infelizmente, quasi todos os dias confirmam-se em suas maximas, graças ao desprezo com que se trata a questão social, descuidando uma boa legislação operaria que lhes de garantias pessoaes e hygienicas e que os faça confiar com razão em um futuro mais risonho.

Ah! si, em vez de falar nos anarchistas, pudesse um dia dirigirme a uma reunião de patrões de fabricas, industrialistas, legisladores e outros influentes : desvendar um pouco o véu que occulta tanta miseria! mostrar-lhes a situação real!...

So depois da reunião descripta en soube que os oradores unarchistinham subido com a intenção de fundar nesse dia mesmo uma de suna *escolas modernas*. Queixaram-se que, *por causa do frade*, tiveram que adiar a fundação, e brometteram voltar para effectuar um grande meeting ao ar livre, deixando a fundação da escola Ferrer опти свид оссинійо,

¹⁾ Creio que os ment anlagonistas, lendo a descripção supra, em tudo contarão sua authenticidade, podendo apenas dizer que não e completa aluda, o que explicação na exiguidade do espaço de que disponho e que já foi excedido.

Sabem o que quer dizer escola moderna? Releiam a transcripção, na pagina 6 da circular de Ferrer, que ahi bem explica o que

pretende ensinar a infancia.

Para não assustar a gente — escreve Ferrer, em 1901, a um seu amigo — e para evitar a intervenção do governo, chamo minhas escolas de modernas, em vez de anarchistas. Minha propaganda tem por fim, confesso-o francamente, educar nestas escolas anarchistas convencidos. Meu desejo é preparar a revolução. Por emquanto temos de contentar-nos em plantar nos cerebros da mocidade a idéa de transformação violenta. Ella deverá aprender, que contra a policia e a tortura ha um só meio : a bomba ou o veneno.

tura ha um só meio : a bomba ou o veneno.

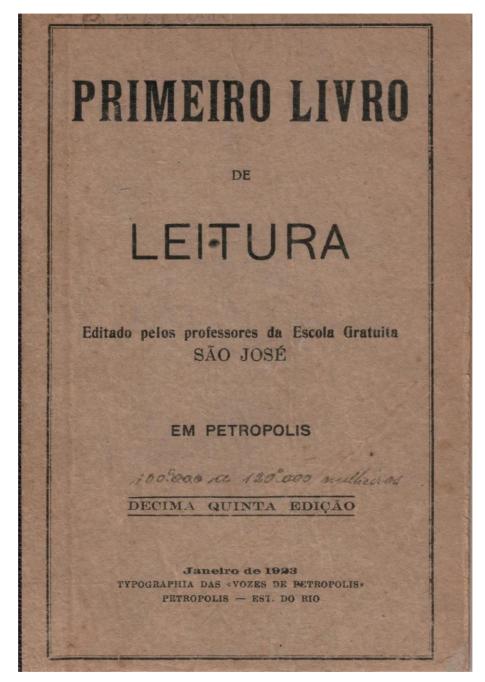
E esta escola moderna, já funccionando no Rio, em S. Paulo, e em Minas, devia ser fundada, a 12 de Outubro de 1913, tambem em Petropolis! Graças a Deus que por emquanto isso não foi feito.

Oxalá surjam, para evital-o tambem no futuro, defensores mais autorizados e mais potentes do que a fraca voz dum simples religioso!

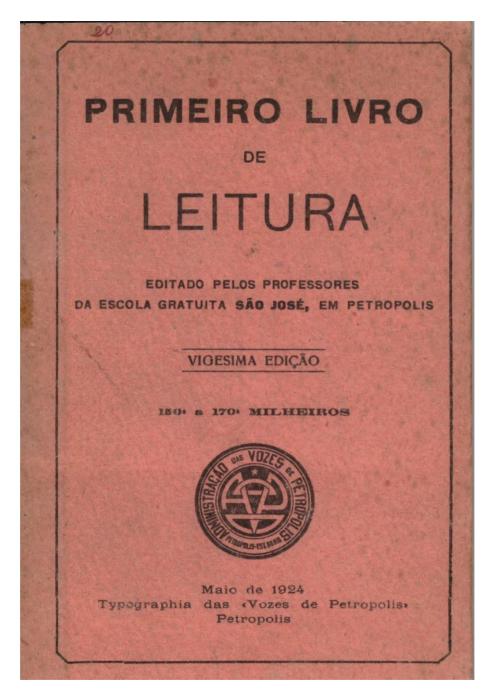
Frei Pedro Sinzig, O. F. M.



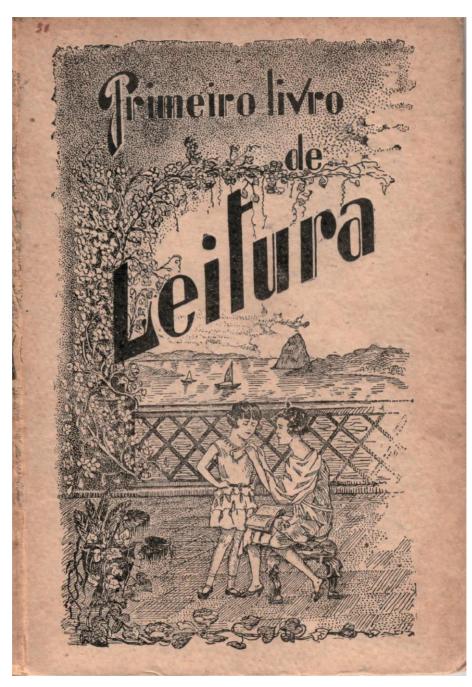
ANEXO C: Capas dos *Livros de Leitura* das edições posteriores encontradas



Capa do Primeiro Livro de Leitura, de 1923, 15.ª edição



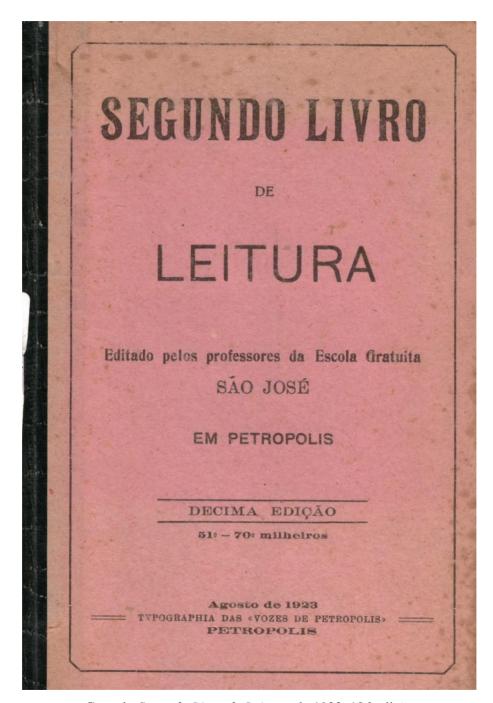
Capa do Primeiro Livro de Leitura, de 1924, 20.ª edição



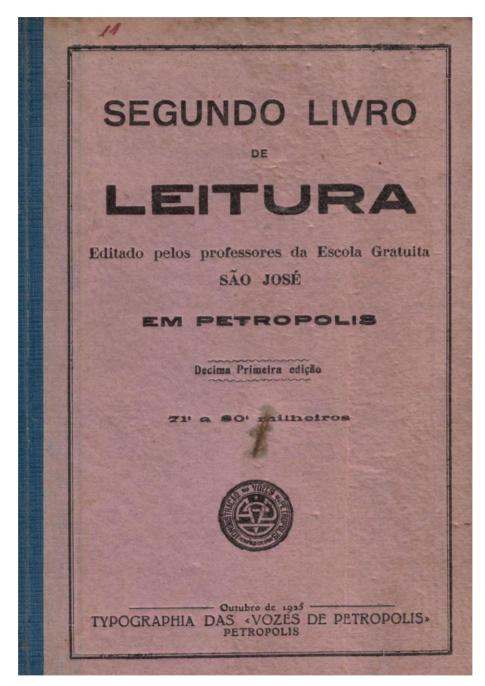
Capa do *Primeiro Livro de Leitura*, de 1932, 31.ª edição



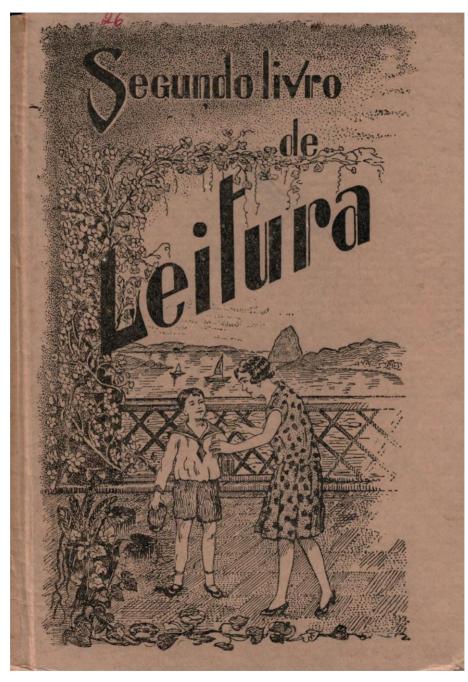
Capa do Primeiro Livro de Leitura, de 1955, 51.ª edição



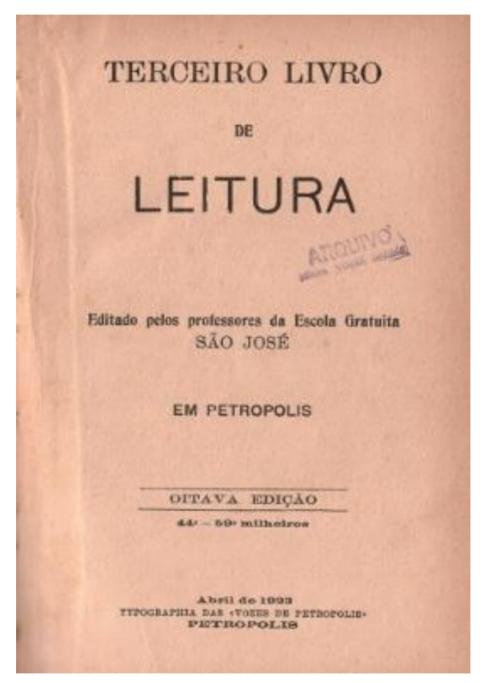
Capa do Segundo Livro de Leitura, de 1923, 10.ª edição



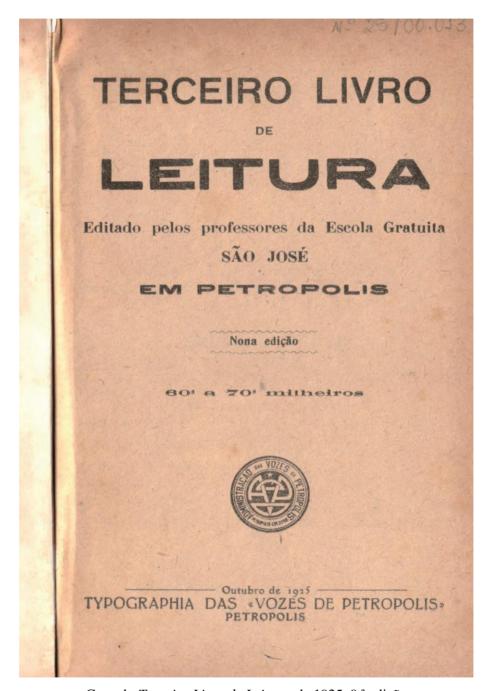
Capa do Segundo Livro de Leitura, de 1925, 11.ª edição



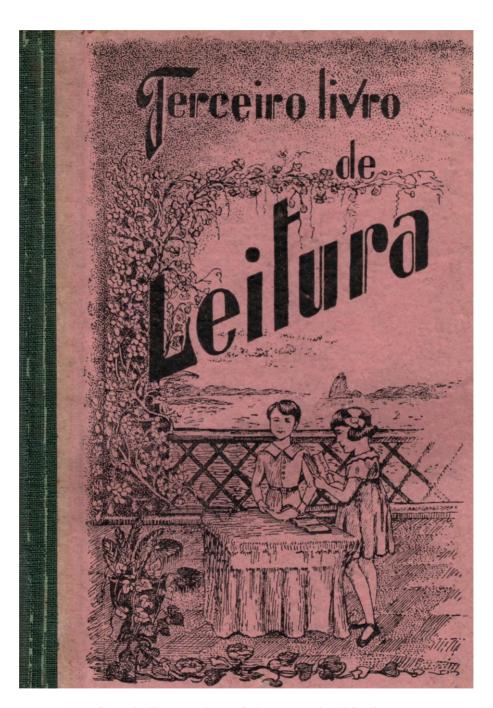
Capa do Segundo Livro de Leitura, s.d., 26.ª edição



Capa do Terceiro Livro de Leitura, de 1923, 8.ª edição



Capa do Terceiro Livro de Leitura, de 1925, 9.ª edição



Capa do Terceiro Livro de Leitura, s.d., 15.ª edição

QUARTO LIYRO

DE

LEITURA

Editado pelos professores da Escola Gratuita SÃO JOSÉ

EM PETROPOLIS



TIPOGRAFIA DAS «VOZES DE PETROPOLIS»
PETROPOLIS

Capa do Quarto Livro de Leitura, s.d. 10.ª edição

APÊNDICE

APÊNDICE A: Levantamento dos títulos e dos autores do *Quarto Livro de Leitura*

TEXTO	TÍTULO	AUTOR	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
1°	O verdadeiro patriota	R. P. Alves Fonseca	Breves textos	7-8
2.°	Fim moral do homem	D. J. Gonçalves Magalhães	Breves textos	8-9
3.°	Deus e o homem	D. J. Gonçalves Magalhães	Breves textos	9-10
4.°	Amor filial	Sylvio Pellico	Breves textos	11-13
5°	Recomendações à mocidade	Reidick Goscaya	Breves textos	13-16
6°	Orações	Casimiro J. M. de Abreu	Breves textos	16-17
7.°	O homem e a cobra	Costa e Silva	Breves textos	20-22
8°	O urso preto, o urso branco e o homem	Costa e Silva	Breves textos	60
9.°	O filho do negro	G. Stern	Breves textos	22-23
10.°	Ave Maria	Aristides Werneck	Breves textos	24-25
11°	Não vos inquieteis	C. H. Gaspari	Breves textos	31-32
12.°	Deves amar e honrar a teus pais	J. Fr. M.	Breves textos	32-33
13.°	Sou cristão	Pe. A. A. L. S. J.	Breves textos	33-34
14°	A palavra	José de Alencar	Breves textos	40-42
15.°	O toque das 'Ave Marias'	José de Alencar	Breves textos	141-142
16°	A recolhida	José de Alencar	Breves textos	143
17.°	Para o aniversário natalício do pai	Frei Pedro Sinzig	Breves textos	42-43
18°	A morte de Cristo	Ferreira Vianna	Breves textos	43-45
19.°	Combate	Mendes Leal	Breves textos	45-47
20°	Ano novo	Américo José Rodrigues	Breves textos	47-48

ТЕХТО	TÍTULO	AUTOR	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
21.°	O carnaval	Américo José Rodrigues	Breves textos	159
22°	Um pontapé heroico	Aidyli	Breves textos	48-53
23.°	A guerra	Monsenhor Pinto de Campos	Breves textos	53-54
24.°	O burro politicão	Joaquim José Teixeira	Breves textos	57
25.°	A capelinha da piedade	Cônego Francisco Bernardino de Souza	Breves textos	61-63
26.°	O lobo e o cordeiro	Malhão	Breves textos	65-66
27.°	Deus	José Maria Latino Coelho	Breves textos	66-67
28.°	O capital	Maurício Block	Breves textos	68-70
29.°	Ave Maria	I. Pereira da Silva	Breves textos	70-71
30.°	O grilo, a toupeira e o galo	Antonio Diniz	Breves textos	72
31.°	A lua é a imagem da vida	Frederico Jacobs	Breves textos	73-74
32.°	A anunciação	L. N. Fagundes Varella	Breves textos	74-75
33.°	Infância e velhice	L. N. Fagundes Varella	Breves textos	80-81
34.°	O vagalume	L. N. Fagundes Varella	Breves textos	242-243
35.°	A superioridade do homem	G. Jost	Breves textos	75-78
36.°	No cemitério	Jonathas Serrano	Breves textos	78
37.°	Ave, Brasil!	Jonathas Serrano	Breves textos	324
38.°	Um festim	João Henrique Eliot	Breves textos	78-80
39.°	Berço e féretro	Frederico Luiz Wickert	Breves textos	81-83
40.°	A lagarta e outros animais	Romão Francisco Crey	Breves textos	83-84
41.°	Paisagem	Bernardo Guimarães	Breves textos	84
42.°	As crianças	Osório Duque Estrada	Breves textos	86
43.°	O macaco vestido	Joaquim José Teixeira	Breves textos	90-91

ТЕХТО	TÍTULO	AUTOR	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
44.°	Deus não permite que Dele zombem	Augusto Pohlmann	Breves textos	91-92
45.°	O macaco declamando	Bocage	Breves textos	94
46.°	O filho pródigo	D. Antonio da Costa	Breves textos	94-97
47.°	A tempestade	Xavier Palmerim	Breves textos	97-99
48.°	Deus faz tudo bem	O. B. Espindola	Breves textos	99-102
49.°	Amor da pátria	Alves Mendes	Breves textos	102-103
50.°	O sentimento religioso	Alves Mendes	Breves textos	103-104
51.°	A vida da inocência	Alves Mendes	Breves textos	105
52.°	Filantropia e amor	J. J. Rodrigues de Bastos	Breves textos	105-106
53.°	A justiça	Fr. Heitor Pinto	Breves textos	110-111
54.°	Crepúsculo matinal	М. Т.	Breves textos	111-112
55.°	A esperança	X. Rodrigues Cordeiro	Breves textos	116-117
56.°	Pensamentos e máximas	José Agostinho	Breves textos	118-119
57.°	Meditação	Jonathas Serrano	Breves textos	123-124
58.°	A arte militar na Idade Média	Jonathas Serrano	Breves textos	409-410
59.°	Natal	Coelho Netto	Breves textos	125-126
60.°	O pão	Guerra Junqueiro	Breves textos	126-127
61.°	Imprecações	Conde de Affonso Celso	Breves textos	131-132
62.°	A indiferença	Conde de Affonso Celso	Breves textos	140-141
63.°	Livros	Conde de Affonso Celso	Breves textos	142
64.°	A alegria	Conde de Affonso Celso	Breves textos	143-144
65.°	Primeira comunhão	Conde de Affonso Celso	Breves textos	155-158
66.°	Riquezas naturais do Brasil	Conde de Affonso Celso	Breves textos	170-172
67.°	A floresta virgem	Conde de Affonso Celso	Breves textos	187-191

ТЕХТО	TÍTULO	AUTOR	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
68.°	A baía do Rio de Janeiro	Conde de Affonso Celso	Breves textos	294-296
69.°	A cachoeira de Paulo Afonso	Conde de Affonso Celso	Breves textos	309-311
70.°	Anhangá	Conde de Affonso Celso	Breves textos	315-317
71.°	A retirada de Laguna	Conde de Affonso Celso	Breves textos	379-382
72.°	Tide	Carlos W. Armstrong	Breves textos	132-139
73.°	Pátria e Religião	Alexandre Herculano	Breves textos	144-145
74.°	A caminho de casa	D. Fernando Mac	Breves textos	145-149
75.°	Simplicidade de Germano	G. Redondo	Breves textos	153-155
76.°	História Natural	Lindolpho Pombo	Breves textos	169-170
77.°	A tomada de Curuzu	Lindolpho Pombo	Breves textos	376-378
78.°	As pedreiras	D. Saffray	Breves textos	172-174
79.°	A pedreira	Aluísio de Azevedo	Breves textos	174-177
80.°	O ferro	De Bovet	Breves textos	177-179
81.°	O cobre	Penna	Breves textos	179-181
82.°	A água	Dalila Junqueira Gomes	Breves textos	181-183
83.°	Cair das folhas	Vicente de Carvalho	Breves textos	186-187
84.°	A flora brasileira	V. de Porto Seguro	Breves textos	191-192
85.°	Ponte de lianas	Mello Moraes Filho	Breves textos	192-193
86.°	As fruteiras	J. S. Tavares	Breves textos	193-194
87.°	A mangueira	J. S. Tavares	Breves textos	194-196
88.°	O abacateiro	J. S. Tavares	Breves textos	196-197
89.°	A jaboticabeira (sic)	J. S. Tavares	Breves textos	198-199
90.°	A pitangueira	J. S. Tavares	Breves textos	199-201
91.°	O sapozeiro (sic)	J. S. Tavares	Breves textos	201-202

TEXTO	TÍTULO	AUTOR	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
92.°	Os inimigos dos frutos	J. S. Tavares	Breves textos	203-205
93.°	Os vagalumes	J. S. Tavares	Breves textos	241-242
94.°	Juiz de Fora	J. S. Tavares	Breves textos	296-298
95.°	Reino animal	Alfredo Clemente Pinto	Breves textos	205-207
96.°	O esquilo	Alfredo Clemente Pinto	Breves textos	208-209
97.°	A tartaruga	Alfredo Clemente Pinto	Breves textos	209-210
98.°	O cão	Alfredo Gomes	Breves textos	210-212
99.°	Rastro de sangue	Joaquim Serra	Breves textos	212-213
100.°	As aves	J. Gaume	Breves textos	219-222
101.°	Os ninhos e o instinto dos seus construtores	J. Gaume	Breves textos	222-225
102.°	Os peixes	J. Gaume	Breves textos	238-240
103.°	As reduções dos índios no Paraguai	J. Gaume	Breves textos	336-338
104.°	As catacumbas	J. Gaume	Breves textos	402-403
105.°	O beija-flor	J. E. Teschauer	Breves textos	235-237
106.°	O joão-de-barro	J. E. Teschauer	Breves textos	227-229
107.°	O urubu	J. E. Teschauer	Breves textos	232-233
108.°	O sabiá	Horácio Nunes	Breves textos	229-230
109.°	Os tangarás	Graciliano de Azambuja	Breves textos	230-231
110.°	O ninho e a cobra	Alberto de Oliveira	Breves textos	230-231
111.°	A jiboia e a anaconda	Carlos Martins	Breves textos	234-236
112.°	A cobra de cascavel	Carlos Martins	Breves textos	237-238
113.°	O tubarão	Carlos Martins	Breves textos	240-241
114.°	A mussurana (sic)	José Johanny	Breves textos	236-237

ТЕХТО	TÍTULO	AUTOR	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
115.°	Transmissão de doenças pelas moscas	A. Redondo	Breves textos	244-247
116.°	A abelha e a formiga	João Ribeiro	Breves textos	248-249
117.°	A execução de Tiradentes	João Ribeiro	Breves textos	361-363
118.°	Preceitos de higiene para a conservação da saúde	Abilio Cesar Borges	Breves textos	249-251
119.°	A física, seu objeto, distinção entre ela e a química	Abilio Cesar Borges	Breves textos	252-253
120.°	A luz	Abilio Cesar Borges	Breves textos	257-259
121.°	As cores dos corpos	Abilio Cesar Borges	Breves textos	260-261
122.°	A acústica, o som, o eco	Abilio Cesar Borges	Breves textos	264-267
123.°	A eletricidade	Abilio Cesar Borges	Breves textos	273-275
124.°	A química, seu objeto, corpos simples e compostos	Abilio Cesar Borges	Breves textos	278-280
125.°	O carbono	Abilio Cesar Borges	Breves textos	280-282
126.°	O fósforo	Abilio Cesar Borges	Breves textos	282-284
127.°	O sabão	Abilio Cesar Borges	Breves textos	287-288
128.°	O vidro	Abilio Cesar Borges	Breves textos	288-291
129.°	José Bonifácio de Andrada e Silva	Abilio Cesar Borges	Breves textos	365-368
130.°	Casimiro de Abreu	Abilio Cesar Borges	Breves textos	383-384
131.°	A máquina a vapor	Trindade Coelho	Breves textos	254-256
132.°	O balão	Trindade Coelho	Breves textos	261-262
133.°	A luz elétrica	Trindade Coelho	Breves textos	275-276
134.°	O telefone	Trindade Coelho	Breves textos	276-277
135.°	O trem de ferro	Batista Cepellos	Breves textos	256-257
136.°	O aerostato	Araujo Porto Alegre	Breves textos	262-263

ТЕХТО	TÍTULO	AUTOR	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
137.°	O raio e o para-raio	Penna	Breves textos	268-271
138.°	Os fogos de Sant'Elmo e as auroras polares	Penna	Breves textos	271-272
139.°	O gaz (sic) de iluminação	Émile Desbeaux	Breves textos	284-286
140.°	Tijuca	Dr. A. de Menezes S. J.	Breves textos	292-293
141.°	Estado do Rio Grande do Sul	P. Ambrosio Schupp, S. J	Breves textos	298-299
142.°	A volta da primavera	Castilho	Breves textos	300
143.°	Panorama do Interior – Minas	Bernardo Guimarães	Breves textos	301-302
144.°	Ipiranga	Bernardo Guimarães	Breves textos	368-370
145.°	Descrição do sítio da serra de Ibiapaba	P. Antonio Vieira	Breves textos	302-303
146.°	A ilha dos nheengaíbas na boca do Amazonas	P. Antonio Vieira	Breves textos	311-312
147.°	Hino à bandeira	Olavo Bilac	Breves textos	303-304
148.°	Descrição do rio Amazonas	Frei Caetano Brandão	Breves textos	304-306
149.°	As sete quedas	Galvão Junior	Breves textos	306-308
150.°	A torrente	Alberto d'Oliveira	Breves textos	308-309
151.°	A pororoca	Hosannah de Oliveira	Breves textos	313-315
152.°	O rio Aquidauana	Visconde de Taunay	Breves textos	317-320
153.°	José Maurício Nunes Garcia	Visconde de Taunay	Breves textos	386-389
154.°	De Buenos-Ayres a Valparaíso	Mons. Vicente Lustosa	Breves textos	320-323
155.°	O exilado	Antonio Feijó	Breves textos	323
156.°	O desterro de um pobre velho	Gonçalves Dias	Breves textos	328-329
157.°	A história	Maria D. Monteiro de Oliveira	Breves textos	332
158.°	Vasco da Gama e Cabral	Mont'Alverne	Breves textos	332-333

ТЕХТО	TÍTULO	AUTOR	TIPOS DE TEXTO	PÁGINA
159.°	Os indígenas no Brasil	Estácio de Sá e Menezes	Breves textos	333-336
160.°	Martim Affonso de Souza	Mattoso Maia	Breves textos	338-343
161.°	A descoberta das minas no Brasil	Oliveira Martins	Breves textos	343-347
162.°	Roberio Dias	Fernandes Pinheiro	Breves textos	346-347
163.°	Canto do gaúcho	Sampaio	Breves textos	348-349
164.°	Ararigboia	F. de Azevedo Silva	Breves textos	349-352
165.°	Os jesuítas no Brasil	J. Norberto Souza e Silva	Breves textos	352-354
166.°	Anchieta, o apóstolo do Brasil	José de Souza Lima Junior	Breves textos	354-355
167.°	O quilombo dos palmares	Ignácio Accioli	Breves textos	356-359
168.°	A chegada da família real ao Brasil	P. Raphael Galanti	Breves textos	363-365
169.°	Sagração e coroação de D. Pedro II	General Abreu e Silva	Breves textos	370-372
170.°	Frei Francisco do Monte Alverne	Pinheiro Chagas	Breves textos	372-373
171.°	Duque de Caxias	Pinheiro Chagas	Breves textos	374-375
172.°	A bandeira	Maria de Lima	Breves textos	373-374
173.°	Qualidades morais de Duque de Caxias	Alencar de Araripe	Breves textos	375-376
174.°	D. Antônio, de Macedo Costa	Mons. A. de Macedo Costa	Breves textos	382-383
175.°	Hino ao dia treze de maio	Carmo Gama	Breves textos	384-385
176.°	Marechal Deodoro	Luiz Murat	Breves textos	389-390
177.°	Marechal Floriano	Alcindo Guanabara	Breves textos	391-393
178.°	Capitão Antonio d'Alincourt Sabo de Oliveira	Alcindo Guanabara	Breves textos	393-394
179.°	A descoberta do fogo grego	Francisco de Lins	Breves textos	408-409